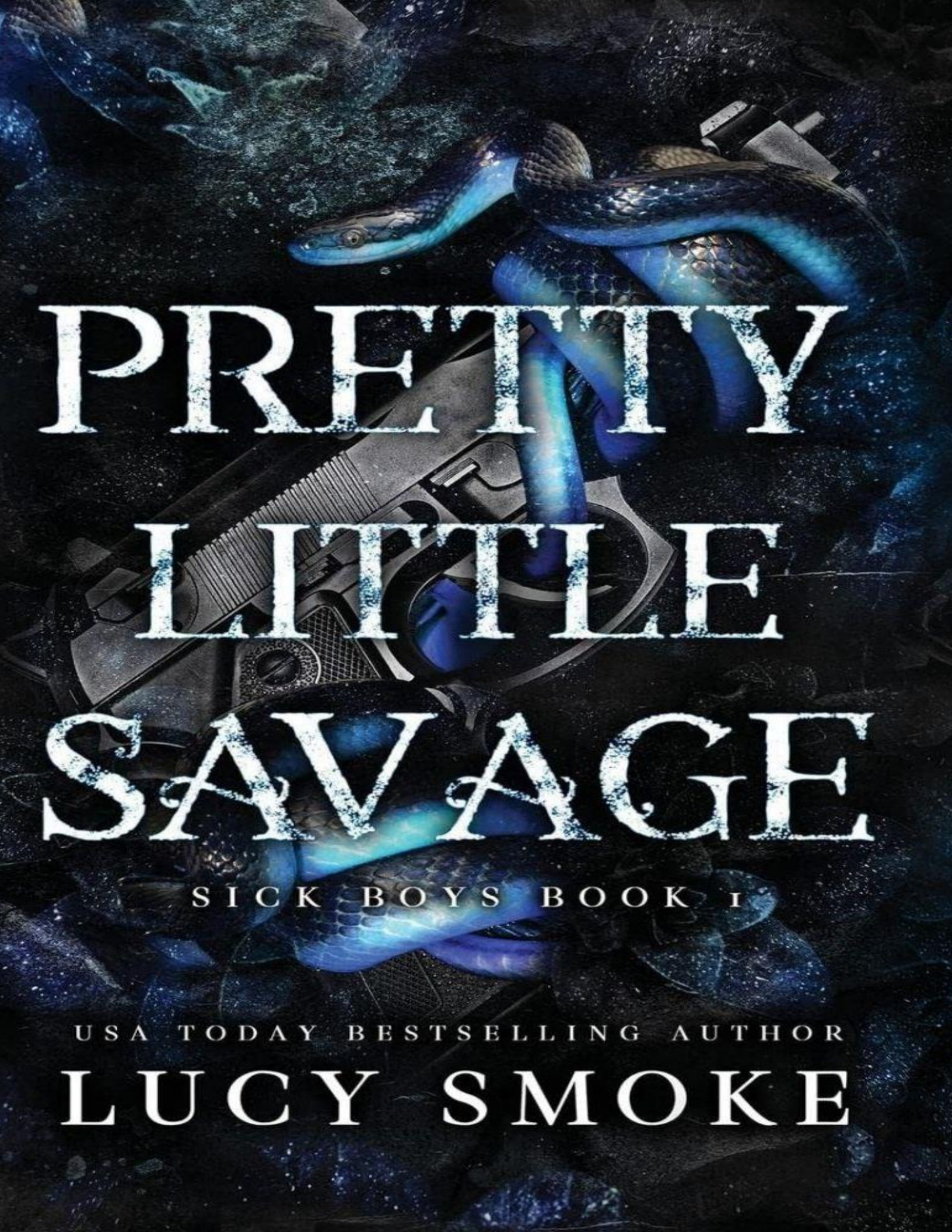
PRETTY
LITTLE
SAVAGE
SICK BOYS BOOK 1
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
LUCY SMOKE

# PRETTY LITTLE SAVAGE

Sick Boys

*livro um*

Lucy Smoke

# SINOPSE

**Regra nº 1:** não irrite os Sick Boys

*Eles são cruéis. Imprudentes. Impossivelmente fodidos.*

Os **Sick Boys** se alimentam da ordem que criam. Eles governam a Eastpoint University assim como suas famílias o fizeram por décadas. Mas seu poder não para por aí. Os três são herdeiros de algumas das maiores fortunas do mundo, e por trás desse tipo de riqueza está um submundo da corrupção.

Na superfície, eles são príncipes perfeitos e ele é seu rei. Mas por baixo de tudo, eles estão cheios de sangue, mentiras e segredos. Com todas as suas conexões, eles têm o poder de esmagar qualquer um que fique em seu caminho. Mas só porque eles são tão distorcidos quanto eu, não significa que vou dar-lhes um passe livre.

Porque eu, **Avalon Manning**, não me curvo a ninguém e vivo para quebrar a porra das regras.

**** Este é um romance Dark MF - Inimigos para amantes – Universitários. ****

**** Observação: este livro é rotulado como "dark" por um motivo. Se você é sensível ou facilmente desencorajado por assuntos e ações que são comuns no romance "dark," leve isso em consideração e leia com responsabilidade. ****

# NOTA DA AUTORA

Olá, pessoa incrível que pegou este livro!

Obrigado por ler *Pretty Little Savage*. Eu só queria que você - a pessoa com ótimo gosto para livros - soubesse que eu amei e odiei escrever este livro. Reescrevi o início mais vezes do que posso contar - e quero dizer isso literalmente. Perdi a conta quando cheguei aos dois dígitos. Mas agora está feito e está em suas mãos. Antes de iniciarmos a jornada de Avalon, no entanto, eu queria dar um aviso rápido.

Sick Boys não é uma série para pessoas que não conseguem lidar com um pouco de escuridão. Tanto nosso herói quanto nossa heroína têm defeitos muito humanos e ambos verão muito derramamento de sangue e dor antes do final desta série. Não considero este livro um romance agressivo, embora você possa ver algumas semelhanças. Por causa de minha própria experiência no passado com bullying, optei por não rotular nenhum de meus trabalhos atuais ou potenciais como romance de bullying. O que direi é que este é um romance de MF em idade universitária, jovem adulto, inimigos pra amantes.

***Este livro trata de alguns temas mais sombrios. Se você é sensível ou ofendido por qualquer um desses temas comuns em romances sombrios ou se é facilmente desencadeado, este livro pode não ser a melhor opção para você. Por favor, mantenha isso em mente e leia com responsabilidade.***

“Se você não espera nada de ninguém, nunca se decepciona.”

**Silvia Plath**, *The Bell Jar.*

# PRÓLOGO

## Avalon

Eu coloco meu pé no acelerador e acelero. O ponteiro oscilante do velocímetro salta para cima e avança lentamente, mas com segurança, chegando à marca de 100 km e além. Os faróis iluminam a estrada escura do interior. Quanto mais eu fico olhando, mais difícil é ver, até que percebo que não é que a estrada é difícil de ver, eu que estou chorando.

Soluçando, na verdade. Soluços fortes e agitados destroem meu corpo enquanto as lágrimas escorrem dos meus olhos. Elas escorregam pelo meu rosto, coisinhas sujas, deixando-me com um gosto salgado na boca que é tingido de um fio metálico. Lágrimas e sangue. Como? Porque mordi o lábio com tanta força que posso sentir onde a pele se rompeu e o sangue escorre da ferida para a minha língua.

"Foda-se ele..." Eu sussurro. Eu levanto meu punho do volante e o abaixo com força. Forte o suficiente para enviar um ricochete de dor pelo meu braço. "Foda-se *eles*," eu corrijo, porque não foi apenas Dean Carter. Foram todos eles. Todos por um e um por todos. Eles o apoiariam, eu não tinha dúvidas. Então foda-se todos eles. "Foda-se eles. *Foda-se eles. FODA-SE. ELES."* Eu grito até meus pulmões doerem.

Isso dói. Porra, tudo dói. A pior dor imaginável. Como ser destruída e deixada ofegante, em uma pilha de lixo. Isso é essencialmente o que ele fez. Nunca na minha vida eu tinha deixado alguém me fazer sentir como se eu fosse tão suja e nojenta quanto minha mãe - nem mesmo a própria cadela. Mas ele fez isso. E por que me sinto assim? Porque eu fui e fiquei estúpida. Oh, eu disse a mim mesma que estava sendo inteligente, mas no segundo que desisti, no exato momento em que abri minhas pernas, no fundo, eu sabia. Eu me levantei e bebi o suco de vadia idiota que ele estava distribuindo.

*Isso era óbvio?* Eu me pergunto. *Eu simplesmente não tinha visto os sinais?* Não achei que fosse possível para uma garota como eu ser impressionada, mas não sou estúpida o suficiente para acreditar que isso não tem qualquer relação com a traição que sinto agora. *Deus, eu não consigo* respirar!

O sexo foi incrível. Foi sujo e podre e, por alguma porra de razão, quando eu estava em seus braços, eu não era Avalon Manning, a garota do lado errado dos trilhos. Eu apenas era eu, sem todas as merdas do passado para arruiná-la. E ele era apenas um cara - tão irritante quanto podia ser, tão controlador e tão idiota quanto - de quem eu gostava.

Gostava - como no tempo passado. Porque, o fato é que não estou apaixonada por ele. Amá-lo seria arruinar tudo o que sou. Porque eu não sou uma garota que ama. Eu sou uma garota que destrói, e oh, Dean não sabe ainda, mas ele cometeu um dos maiores erros de sua vida comigo. A cobra de ira pura e não filtrada se liberta e desliza para cima e ao redor da minha garganta. Isso embaça minha realidade quando eu tiro meu pé do acelerador e simplesmente deixo o carro roubado acontecer.

Eventualmente, o Mustang para lentamente no meio da estrada. Escuridão na minha frente e escuridão atrás - muito parecida com meu passado e como meu provável futuro.

Aqui estou eu... sentada em um carro roubado no meio do nada com sangue e lágrimas no meu rosto. Eu rio. É engraçado pra caralho. Estupidamente engraçado.

Dou uma risada tão alta, longa e forte que meu estômago começa a ter cãibras. Sinto algo solto em meu cérebro. Como se o que estivesse me mantendo semiconsciente tivesse estourado e quebrado. A barreira se foi agora e isso. Sinto. Fodida. Satisfação.

Meus olhos deslizam para o lado e eu alcanço o cinto de segurança quando eles pousam no porta-luvas. Eu me solto, movendo-me lentamente como se meus membros tivessem mente própria. Eu pressiono o botão e ele abre. Meus dedos encontram o cabo da arma que eu vi escondida aqui na primeira vez que andei neste carro. É fácil pegá-la - fácil demais - e, embora a arma pareça pesada em minhas

mãos, parece certa também. Eu a levanto e aponto para o para-brisa. Eu imagino os caras. Um por um. Parados em uma linha em frente aos dois feixes de luz que emanam dos faróis do Mustang.

*O que eu faria se tivesse a chance de matá-los? Eu poderia fazer isso? Poderia puxar o gatilho?*

Agora, eu sinto que seria muito fácil explodir não apenas o dele, mas a porra de cada um de seus cérebros - porque se não fosse pelos outros dois, eu poderia nunca ter conhecido Dean Carter em primeiro lugar. Meu dedo encontra o gatilho em questão e o suaviza, mas não o pressiono. Em vez disso, abaixo a arma e, após um momento, coloco a arma de volta no porta-luvas, fecho-o e prendo o cinto de segurança de volta no lugar.

Não, eu não vou matá-los. Eu tenho coisas melhores planejadas para eles. Coisas mais torturantes. O que vou fazer, porém, é voltar. Não para Eastpoint, mas para o lugar onde tudo começou. Muitas pessoas na minha vida parecem pensar que têm poder sobre mim e tudo começa aí.

Primeiro o passado. Então o presente. Só então posso finalmente enfrentar a porra do futuro.

Regras para viver. Para olhar para frente, tenho que voltar. Só uma vez. Só desta vez. Eu coloco meu pé de volta no acelerador e desta vez, quando eu piso, eu sei exatamente para onde estou indo.

Esses meninos - aqueles idiotas doentios, deturpados, nojentos e pervertidos - pensam que podem entrar na minha vida e me arrastar para a carnificina do inferno. O que eles ainda não perceberam, porém, é que nasci lá e sei exatamente como não apenas sobreviver, mas também como crescer.

# 1

## Dean

***16 anos de idade...***

O dinheiro é a arma definitiva. Dinheiro e poder. O que muitas pessoas não sabem é que toda riqueza está manchada de sangue. O verdadeiro poder não vem sem corrupção. As pessoas lutam, sangram e morrem por dinheiro e poder. Não importa quem você seja ou de onde venha, é o único fator inegável do futuro e do que ele contém. Porque dinheiro é poder e poder é sangue. E eu quero os dois.

Um líquido vermelho quente escorre da minha narina direita enquanto ofego, meu peito subindo e descendo. Meu pai está de lado, seus olhos frios observando. Sempre assistindo e esperando, porra - ou para eu provar a mim mesmo seu fracasso ou seu herdeiro. Só existe uma escolha. Recuso-me a ser o primeiro, então devo ser o segundo.

Tomando o pescoço do outro homem em minhas mãos, meus músculos se contraem em meus bíceps enquanto eu bato seu rosto no chão de concreto. Uma, duas, três vezes, até que ele tosse um gemido sob minhas mãos, a dor que ele deve estar sentindo faz do barulho uma imitação quebrada do que deveria ser um som longo e difícil. Só quando isso atinge meus ouvidos, eu o liberto e dou um passo para trás. Eu não vacilo quando ele tosse de novo e, desta vez, o sangue jorra de seus lábios, caindo no topo dos meus sapatos novos. Branco respingado de sangue. Esse parece ser o símbolo da minha família - de todas as famílias de Eastpoint.

Ao lado, Braxton e Abel estão ao lado de seus pais, seus rostos inexpressivos. Eles também enfrentarão suas provações em breve. Esta, porém, é minha. Eu conheço as exigências horríveis e as expectativas de mim como o futuro líder dos herdeiros de Eastpoint desde que eu era criança. Não vou falhar e não vou vacilar.

Um dente pousa ao lado do meu pé enquanto o homem no chão estala e geme, sua dor é uma coisa visceral que posso praticamente sentir. Uma parte de mim se pergunta se eu deveria gostar tanto quanto gosto. Outra parte de mim realmente não dá a mínima.

"Dean." Essa única palavra de meu pai me diz que é hora. É hora de parar de brincar com minha presa. É hora de acabar com isso. Descendo, eu levanto o homem pela frente de sua camisa já rasgada. Se é estranho para alguém na vizinhança que um jovem de dezesseis anos possa ser muito maior ou mais forte do que um homem adulto, ninguém - muito menos o próprio homem - dá conta disso.

"Você sabe o que queremos," declaro. "Tudo o que você precisa fazer para impedir isso é nos dar."

O homem balança a cabeça. "Eu não..."

*Nunca o deixe negar.* A primeira coisa que meu pai me ensinou ao lidar com traidores. Obtenha sua confissão e depois mate-os. Sem chances de mentir. Sem chances de agarrar a lasca de suas vidas que possuíamos e arrancá-la de volta. Mostre nada além de completa falta de misericórdia. Eu bato meu punho em seu rosto e sinto a cartilagem quebrando contra meus dedos. Sangue novo escorre livremente de seu nariz, de onde apenas gotejou do meu. O homem que choramingava em meus punhos só conseguiu acertar um golpe, mas posso dizer que esse único golpe irritou meu pai.

Estou fazendo tudo certo. Eu não mostro hesitação. Eu esmurro o homem com meus punhos até que o suor goteja na minha testa e desliza pelo meu rosto. Eu deixei sangue cobrir meus dedos e manchar minhas roupas. Ainda assim, posso sentir sua desaprovação irradiando do outro lado da sala.

Não preciso olhar para ele agora para saber que seus braços estão cruzados sobre o peito e seu olhar morto está me penetrando.

"Por favor," o homem engasga, suas mãos agarrando meus ombros enquanto ele tenta colocar seus pés debaixo dele mais uma vez.

Eu chuto seu joelho e o jogo no chão. "Basta dizer as palavras," eu ordeno.

Ele choraminga novamente enquanto eu aperto meu pé em sua virilha e pressiono para baixo. *Duro.*

"Eu sinto muito!" Ele explode, lágrimas escorrendo de seus olhos. "Me desculpe! Me desculpe! Ok? Você quer me ouvir dizer isso. Eu vou! Eles me ofereceram tanto dinheiro. Eu não p-pude... não foi porque eu não sou leal. Eu sou! Juro! Estou trabalhando para você. Sempre trabalho para você. Estou dobrando para você - trarei qualquer informação que você quiser."

Eu olho por cima do meu ombro. Nicholas Carter acena com a cabeça uma vez. Não há nada que este homem tenha que desejemos. Chegando para trás, toco o metal frio da arma presa ao coldre na parte inferior das minhas costas. Assim que o homem vê, ele se arrasta para trás, olhando de um lado para o outro como se alguém aqui pudesse ou mesmo fosse ajudá-lo. Uma parte de mim quer olhar para Braxton e Abel - quero saber suas reações. Mas eu não olho. Assim que eu fizer algo assim, sei que não vou conseguir olhá-los. Posso desfrutar um pouco da violência. Eu posso ansiar por algo para suprimir a raiva dentro de mim. Mas eu particularmente não quero ver o que eles pensam de mim como um assassino.

*É para isso que nascemos,* digo a mim mesmo. As palavras são um eco das de meu pai. Vivemos o estilo de vida dos ricos e poderosos e precisamos pagar por isso. Esta é a nossa restituição. Para que nunca esqueçamos que estamos no topo por um motivo. Não para se tornar o caos, mas para governá-lo e controlá-lo.

Dou um passo à frente e coloco a arma na testa do homem. Seus gritos e apelos são como ruído branco em meus ouvidos. Não existem palavras claras. Nada compreensível. Apenas estático. Respiro fundo e, sem pensar duas vezes, puxo o gatilho.

# 2

## Avalon

***14 anos de idade...***

O trailer cheira a merda quando acordo. Com mofo nas paredes e insetos rastejando pelo carpete verde, isso sempre acontece. Eu me levanto e me troco para a escola. Os roncos suaves de Patricia saem da sala de estar enquanto escovo os dentes e o cabelo e me apresso com a rotina matinal. Algumas pessoas olham para mim e acham que eu seria como qualquer outro adolescente, mais do que feliz em faltar às aulas ou parar de fazer o dever de casa. Mas eu não sou. Eu não me importo com a escola. Eu farei qualquer coisa para sair deste inferno e para longe *dela*.

Patricia é como uma boneca quebrada. Seu rosto rachou ou afundou. Sua pele marcada pela idade e pelo excesso de sexo e drogas. Mãe ou não, ela está morta por dentro. Um cadáver em decomposição que simplesmente não sabe como parar. Nunca acreditei em Deus um dia em minha vida, não importa o que os fanáticos religiosos pregam na escola - e sempre há uma horda deles aqui no Sul, frequentadores de igreja bem-intencionados que querem salvar a todos - mas às vezes, eu oro que Ele vai mandar um raio, um furacão, *algo* para derrubá-la. Mas isso nunca acontece.

Outros filhos tiveram mães que pelo menos tentaram. Claro, elas falharam. Talvez tenham sido más. Talvez tenham batido em seus filhos, mas pelo menos reconheceram que tinham um.. Às vezes, me pergunto se Patricia ainda se lembra de que deu à luz outro ser humano. É meio difícil conciliar a mulher deitada esticada em nosso futon com os seios pendurados para fora e fedendo como o vômito e a bebida da noite anterior com a ideia tradicional de maternidade.

Eu paro dentro do cômodo principal do trailer, e o cheiro de vômito e poeira se acumulando na minha frente me faz torcer o nariz em nojo. Ela obviamente nunca

conseguiu voltar para seu quarto quando tropeçou na noite anterior. Sua mão emaciada está pendurada na beirada do futon, seus dedos roçando em uma das muitas garrafas de bebida que estão espalhadas pelo chão. Uma película de poeira branca cobre a velha mesa de centro cheia de cicatrizes.

Uma carranca se forma no meu rosto. *Onde diabos ela conseguiu dinheiro para cocaína?*

Eu marcho pela sala de estar e chuto sua mão, sem me importar se machuca ou deixa um hematoma. Ela faria o mesmo comigo se nossas situações fossem invertidas. Na verdade, ela faria pior. “Ei!” Eu me inclino e estalo meus dedos na frente de seu rosto. “Acorde.”

Um gemido baixo deixa seus lábios entreabertos secos enquanto seu ronco para e suas pálpebras se abrem um pouquinho. “Avalon?”

Minha carranca se aprofunda. “Levante-se. Eu tenho que ir para a escola.”

Ela nem mesmo acena com a mão enquanto a levanta e a deixa cair de volta em um gesto inútil. “Então vá.”

Eu cerro meus punhos e chuto sua mão novamente. “Não,” eu rosno. “Você tem que vir à minha escola hoje. Temos reuniões de pais e professores. Eu falei sobre isso na semana passada.” Não necessariamente a quero lá, mas também não quero que a escola investigue por que minha mãe não atendeu nenhuma ligação ou por que ela não apareceu em reuniões agendadas como a que temos hoje. Porque ela está muito ocupada brincando, ficando bêbada, ou se drogado como o inferno.

Ela murmura algo baixinho que não consigo ouvir e se afasta de mim. “Bem, estou fodidamente cansada,” diz ela alto o suficiente para eu ouvir. “Talvez se *alguém* tivesse se oferecido para me ajudar na noite passada, eu não estaria tão exausta. Mas não, uma de nós tem que manter um telhado sobre nossas cabeças.” Está claro quem esse *alguém* deveria ser.

Eu resisto à vontade de puxá-la pelos cabelos e socar seus dentes, mas não faço por pouco. “Eu não vou foder seus amigos por dinheiro,” eu digo com os dentes cerrados.

Ela apenas muda de posição. “Você vai, eventualmente, Ava. Continue lutando, mas você nasceu para ser como eu.” Suas palavras são insensíveis, não porque sejam ditas com algum escárnio ou maldade intencional, mas porque são muito definitivas. Como se a ideia de eu transar com algum homem velho e fedorento por drogas ou dinheiro fosse simplesmente inevitável.

“Você é uma vadia,” eu estalo, me virando e indo em direção à porta da frente. Não adianta, porra. Ela não vai se levantar e não vai à reunião.

Por puro rancor, bato a porta de tela atrás de mim e saboreio ver a rachadura desbotada que está lá há muito tempo cair um pouco mais. Espero que o barulho tenha soado como agulhas em seus ouvidos. A vadia egoísta.

“Avalon, você parece bem, pequenina.” No meio dos degraus de concreto da frente, todo o meu corpo congela com a voz infelizmente familiar.

Eu olho o homem que falou enquanto abre a porta de um Cadillac modelo mais antigo que eu vi muitas vezes e sai. “O que você quer?” Eu pergunto bruscamente, sem realmente me importar se não estou mostrando respeito por ele.

Roger Murphy é um dos maiores traficantes de Plexton e vi seu rosto feio - todo inchado e vermelho com bigode e barba crescidos - com muita frequência no trailer de minha mãe. Ela pode alegar que não é nada mais do que uma stripper para os policiais que a prendem de vez em quando, mas eu sei a verdade. Não tem como ela pagar as merdas de Roger com o que ganha no clube.

Roger sorri enquanto se afasta do Cadillac que está estacionado na grama. “Só passei para ver sua mãe,” diz ele. Sua barriga balança enquanto ele se move, todo o seu meio arredondado como uma mulher grávida. Ele está acumulando a mesma podridão sob a pele, assim como Patricia. Seus dentes estão rachados e amarelados com o tempo e as drogas. Seu cabelo, desgrenhado e flácido. E quando ele se

aproxima, posso sentir o doce odor metálico que me dá uma resposta à minha pergunta anterior não formulada. Bem, pelo menos agora eu sei onde ela conseguiu a cocaína.

"Ela está dormindo," eu afirmo.

Ele passa a mão suja pela barba desgrenhada, os dedos gordos se prendem nos cachos e se soltam um instante depois. "Bem, isso é muito ruim. Porque você vê, eu vim buscar o pagamento da minha última... entrega para ela."

O medo afunda em minhas entranhas, torcendo algo nojento e afiado em meu abdômen e fazendo-o sangrar por dentro. "Ela está lá dentro," digo sem inflexão, "acorde-a se quiser. Eu não me importo." Eu termino meu caminho descendo os degraus de concreto e dou passos lentos e medidos em direção ao final da garagem. "Eu tenho que ir para a escola."

*Não olhe para ele*, digo a mim mesma. *Continue caminhando.*

A mão de Roger se estende e agarra meu braço enquanto me movo para passar por ele. Meu corpo fica rígido. A raiva escoa dos meus poros. Ele está me tocando. Fodidamente me tocando e eu não gosto disso. Eu olho para baixo, onde sua mão repousa contra o meu bíceps. "Na verdade," ele começa, "acho que deveríamos ir acordá-la juntos, não é? Quero ter certeza de que meu outro pagamento está em dia."

Tento arrancar meu braço de seu aperto e, quando não consigo soltar seu aperto, algo elétrico se move através de mim - uma sensação de ferroada. *Medo.* Eu empurro para baixo. Empurrando-o profundamente nos recônditos da minha alma e pisoteando até a submissão. *Sou Avalon Manning,* digo a mim mesma. *Não tenho medo de nada e de ninguém.* Não importa se as palavras são uma mentira, elas fazem minhas costas se endireitarem e meus nervos parem de saltar sob minha pele. "Não, eu não vou," eu digo com os dentes cerrados. "E eu não tenho nenhum dinheiro. Patricia sim. Pegue com ela."

Ele me olha por um momento. "Você sabe, pequenina," ele diz, seus dedos ficando frouxos no meu braço. "Eu nunca conheci outra criança que fala sobre sua

mãe assim. Você está bem crescida, não é? Você está agindo totalmente feminina agora. Me dizendo o que fazer e essas merdas. Só as cadelas que fazem isso são aquelas que chupam meu pau."

Eu faço uma careta de desgosto. *Isso nunca serei eu,* eu acho.

"Quantos anos você tem mesmo?" Ele pergunta.

"Quatorze." Muito jovem pra caralho para seus velhos olhos estarem olhando para mim do jeito que ele está.

Ele usa sua mão livre para mais uma vez acariciar sua barba enquanto ele cantarola em sua garganta. Não quero nada mais do que me afastar dele, mas não sou estúpida o suficiente para pensar que ele não afrouxou o aperto de propósito. Ele está esperando por algo. Ele está esperando que eu faça exatamente o que eu quero fazer? Me arrancar de suas mãos e correr? A porta de tela atrás de mim range ao ser aberta. Contra minha vontade, o alívio se derrama em mim. Esperança. Patricia é uma mãe de merda, mas se ela estiver aqui, talvez ela se certifique de que ele não me force a voltar para dentro.

Eu olho para trás, mas seu olhar não está em mim. Está em Roger e seus olhos estão vivos com algo grotesco. De repente, meu alívio se reduz a nada junto com minha esperança. Ela não está aqui para me salvar. Ela está aqui pelo que ele pode dar a ela. E se ele oferecesse drogas suficientes, ela provavelmente me ofereceria como um peru gordo no Dia de Ação de Graças. É uma maravilha que ela ainda não tenha forçado o assunto. O nojo me açoita.

"Roger?" A voz de Patricia é um ronronar repulsivo, mas, finalmente, a mão de Roger se afasta completamente de mim e sou capaz de afastar a vontade de arrancar seus olhos com minhas unhas opacas até que nem mesmo registro mais. "Você tem o que eu preciso?"

Roger me olha mais uma vez e desliza sua língua gorda ao longo de seu lábio inferior antes de levantar o olhar para encontrar o dela. "Sim, querida," diz ele, avançando. "Eu tenho tudo que você precisa."

“Avalon.” Eu paro quando minha mãe chama meu nome e olho para trás. “Chega de rastejar pela janela. Se você vier para casa esta noite, use a porta da frente. Se você quebrar a janela, você está pagando por isso.”

Passar pela porta da frente e a ver em toda a sua glória nojenta e nua, ela quer dizer, enquanto Roger ou um de seus amigos enfia em sua boceta seca. Em resposta, eu me viro e continuo andando. Mas, mesmo quando Roger entra no trailer e a porta se fecha atrás dele e de Patricia, meu coração ainda bate rápido, uma melodia instável em meu peito. O medo é a presença de impotência, e para garotas como eu, sem a merda de uma pessoa que se importe se vive ou morre, está sempre presente.

Eu odeio isso. Eu odeio isso com cada fibra do meu ser. Isso faz algo sinistro e nojento coçar em minhas entranhas. Uma ira diferente de qualquer outra. Isso me dá vontade de entrar no trailer de Patricia, pegar uma das facas do bloco da cozinha e cortar a garganta de Roger quando ele cheira um fio de cocaína do vidro sujo da mesinha de centro. Essa não é exatamente a imagem que uma garota de quatorze anos deve carregar consigo. Não é algo que deveria fazê-la sorrir, mas eu sorrio.

Por aqui, Roger é um negociante. Ele tem as drogas. Ele tem o dinheiro. Ele tem autoridade.

Eu não tenho absolutamente nada.

Mas mesmo na morte, ele e eu somos iguais. Rico. Pobre. Homem. Mulher. Não importa.

Cerrando minha mão em punho, minhas unhas cavam na carne da palma da minha mão. Espero o momento em que minhas unhas rompam a pele e o sangue coagule em minha mão. Eu sinto a dor. Eu a sugo e deixo que ela se misture às outras sensações que se espalham pelo meu corpo. As batidas do meu coração diminuem. O formigamento da raiva entorpecente recua para as profundezas mais escuras da minha mente.

Eu menti. Eu a odeio. Eu a odeio. Eu a odeio. EU. A. ODEIO.

E odeio o fato de odiar ainda mais. Porque as crianças não devem odiar seus pais, e os pais não devem ameaçar prostituir seus filhos. Há tanto ódio dentro de mim que está me queimando de dentro para fora. É quando eu percebo que já estou tão perto de ser igual a Patricia. Estou à beira do sem retorno. Um deslize e eu vou cair no buraco escuro que ela provavelmente caiu anos atrás, antes mesmo de me ter, e dez anos a partir de agora, ou estarei morta ou ainda estarei aqui nesta porra de cidade, dormindo naquele maldito trailer. Exceto então, terei meu próprio filho de um homem de quem nem me lembrarei.

A bile cobre minha garganta quando eu paro na beira da rua, o ônibus escolar amarelo brilhante passando pela estrada e virando para baixo até fazer uma curva em torno da minha parada. A imagem de mim mesma é tão real em minha mente. E embora eu não me pareça em nada com Patricia, só posso vê-la em tudo que posso fazer. Meu coração começa a disparar.

Eu não posso me permitir. Lágrimas quentes queimam no fundo dos meus olhos e eu as sugo de volta, me recusando a deixá-las cair. Recusando-me a ser fraca como ela. Nunca vou deixar um homem como Roger Murphy me tocar novamente sem minha permissão. Se ele tentar, vou matá-lo. É simples assim.

# 3

## Avalon

***4 anos depois...***

A raiva bate na minha corrente sanguínea enquanto eu bato as portas da frente do prédio da escola. Alimentada por uma dose saudável de *oh porra, inferno, não* e *que porra essa vadia estava pensando*, eu pisei entre os alunos que se reuniram contra os armários do corredor principal da Plexton High School.

“Ei, Ava, se importa se eu parar na sua esquina hoje à noite para alguma ação individual?” Alguém grita quando eu passo.

Eu lanço meu feliz dedo médio para ele e continuo andando. “Desculpe, você deve ser mais alto para andar no Expresso Avalon,” eu respondo, deixando cair o dedo e segurando minha mão bem acima da altura do idiota. “Oh, e um pau - tem que ter um desses também.”

“Foda-se!”

“Vá se foder,” eu exclamo de volta. “Porque eu com certeza não vou fazer isso, seu idiota.”

A porra do cara rosna para mim, mas eu o ignoro e continuo, pronta para a destruição.

Parando apenas dentro do refeitório, meus olhos examinam a sala, parando quando vejo meu alvo. Eu estalo meu pescoço. Isso está prestes a ficar mais feio do que um dos dias de farra da minha mãe.

“Parece que a prostituta fez sua entrada.” O comentário vem de uma loira de cabelos curtos sentada na ponta da mesa em que meus olhos estão fixos. Meu alvo. Eu marcho em sua direção e vadia burra que ela é, sorri quando eu paro na frente

dela. Eu nem mesmo dou a ela a chance de reagir ou ver meu punho chegando. Em um segundo ela está sentada lá, sua atitude presunçosa fazendo sua maquiagem estalar enquanto ela inclina a cabeça para mim e no próximo, meu punho está voando em direção ao seu rosto.

"Sua vadia!" Seu grito de choque e horror é como música para meus ouvidos quando ela cai da cadeira e se apoia em suas mãos e bunda. Uma onda atravessa a sala e toda a conversa para quando os olhos se voltam para mim. Estou acostumada a ser o centro das atenções indesejadas. Patricia fodeu o suficiente com os pais dessas crianças para me tornar uma pessoa indesejada. Tem sido assim em todas as escolas. Em um dia normal, eu não dou a mínima. O que eles pensam de mim não importa. Hoje, dou ainda menos merda do que normalmente. Por quê? Porque quando estou chateada, tendo a esquecer que não há ninguém nesta maldita escola - e ninguém nesta cidade esquecida por Deus também - que dá a mínima para mim.

"O que diabos você pensa que está fazendo?" Brooke exige enquanto se arrasta para trás enquanto permanece no chão.

Todos na mesa da cadela se levantam ao mesmo tempo. Dois caras do time de futebol avançam como se para me impedir. Eu não hesito. Eu pego a coisa mais próxima - um livro descansando na borda ao lado da mochila de alguém - e uso para silenciar a boceta gritando comigo do chão. Eu bato em sua garganta, cortando-a e empurrando meu pé em seu estômago.

"Você está realmente tão chocada em me ver, Brooke?" Eu inclino minha cabeça para o lado e olho para ela enquanto ela engasga. "Quero dizer, você praticamente implorou por isso."

"Que porra..." ela interrompe, tossindo, mas eu entendo a essência do que ela está tentando dizer.

"Oh, mas você fez," eu digo, pressionando para baixo com a sola do meu sapato quando chego em seu rosto. "Você geralmente é a Senhorita Princesa no topo, mas desta vez, você ficou bem baixo e adivinhe - aqui embaixo na sujeira? Eu sou a Rainha Vadia."

Ela rosna, esfregando a mão contra a garganta enquanto ela tenta aliviar o dano que eu fiz com o livro. Não vai funcionar. E vou foder com ela muito mais antes de terminarmos. Normalmente, eu não dou a mínima para o que as pessoas dizem. Importar dá a eles poder. Mas há um ponto em que a indiferença é superada pelo puro desrespeito.

Agora, se seus boatos mesquinhos tivessem se mantido na porra da escola, então talvez - talvez - eu pudesse ter deixado passar e ignorado. Mas eles não fizeram. Ela levou sua bunda patricinha até a porra da minha vizinhança - trailers sujos, prostitutas, cocaína e tudo - e espalhou essa merda lá. Eu não sei como ela fez isso porque olhando-a, eu não acho que ela teria coragem. Mas a memória de um dos asseclas de Roger parando no trailer da minha mãe ontem à noite perguntando sobre meus preços faz meu sangue ferver novamente.

Brooke não sabe ainda, mas ela assinou a porra de um mandado para levar um chute na bunda e estou mais do que pronta para entregar.

“Ouça, vadia,” eu sibilo, largando o livro. Eu me inclino para frente, envolvo minha mão em torno de sua garganta e aperto. “Você cometeu um grande erro ao vir atrás de mim.”

Ela ofega nas minhas mãos, estendendo as mãos fracas enquanto alguém vem por trás de mim e envolve seus braços em volta da minha cintura em uma tentativa vã de me arrastar para longe. Parece que os jogadores de futebol finalmente decidiram que chega. Sim, como se eu fosse deixar isso acontecer. Já chega quando eu digo que chega. Eu bato minha cabeça para trás e pego o idiota de surpresa. Os braços em volta da minha cintura caem quase instantaneamente quando um grunhido masculino soa nas minhas costas e surpresa, surpresa, porra, ele não me toca novamente.

Minha raiva óbvia não parece deter a garota em minhas mãos, no entanto. “Você não é nada além de lixo,” ela cospe para mim. “Assim como sua mãe prostituta. Agora todo mundo sabe.”

Eu rolo meus olhos. Patricia não é uma prostituta. Não pela definição tradicional. Ela não se vende por dinheiro. Não. Ela gosta de drogas. Ela não fica chapada tanto quanto gosta de se ferrar. Cocaína. Heroína. Êxtase. Você escolhe, ela tentou em um ponto ou outro.

"Entenda bem os fatos," digo com os dentes cerrados. "Minha mãe não é uma prostituta - apenas uma viciada. E você não é nada além de uma vadiazinha triste cujo namorado não conseguia se manter nas calças." Eu termino um pouco antes de bater meu punho em seu rosto mais uma vez. Algo se quebra sob meus dedos e uma onda de sangue quente jorra. A visão é linda pra caralho.

"Então você *o fodeu*!" Ela grita a plenos pulmões, ao mesmo tempo em que leva a mão ao rosto para impedir o ataque de sangue e muco. "Eu sabia!"

"Não por falta de tentativa," eu digo, dando um passo para trás, "mas para sua informação, não. Eu não tocaria no seu namorado se ele fosse o último homem na Terra. Não gostaria de pegar aquela síndrome da boceta frígida que ele recebe de você."

Ela engasga de indignação, o som nasal enquanto luta para se levantar antes de apontar um dedo ensanguentado na minha direção. "Não importa agora," ela zomba enquanto o sangue goteja sobre seus lábios. "Você está acabada. Meus pais vão te processar por tudo..."

Eu gargalho alto. *Puta merda.* Eu sabia que estúpido podia ser engraçado, mas isso aí é ouro puro da comédia. Ela para no meio da frase quando me inclino e pressiono minhas mãos no meu estômago. "Você pode tentar, porra." Eu continuo a rir com as palavras. Não tenho duas porras de centavos para esfregar e essa vadia pensou que poderia me processar? É mais do que risível. É ridículo.

"Eu irei!" Ela grita. "Você pensou que os malditos rumores eram ruins? Eu vou *te arruinar."*

Ela? Arruinar-me? *Tarde demais,* eu penso de forma sarcástica. "Não tenho medo da porra dos seus rumores," digo. "Eles são irritantes. Isso é tudo. Mas você e

esses boatos têm algumas coisas em comum - ambos são falsos e ambos circulam por aí."

"Você..." ela engasga, parando e olhando por cima do meu ombro enquanto sua boca se curva em um sorriso presunçoso, embora o sangue ainda flua livremente de suas narinas.

Eu me viro, olhando para trás para ver por que ela parou. *Bem, merda.*

A Diretora Delaney está bem atrás de mim, seus braços finos cruzados sobre o peito enquanto ela me dá seu olhar mortal. É pior do que o que eu tinha visto ontem - provavelmente porque eu tinha visto ontem e ela não esperava que eu fodesse tudo de novo tão cedo. Então, novamente, eu não esperava voltar para casa e receber uma proposta foda de um dos traficantes da cidade, então... Acho que nós duas tivemos surpresas infelizes esta semana. "Avalon Manning," a voz da Diretora Delaney ecoa pelo refeitório, alta até mesmo para os meus próprios ouvidos - provavelmente porque está quase mortalmente silencioso, exceto pela respiração nasalada de Brooke e as palavras da Diretora.

Ela me encara e eu a encaro de volta, sem me preocupar em baixar os olhos ou parecer nem um pouco arrependida. Nós duas sabemos que estou. Quando parece que ela não tem mais nada a dizer, ou talvez esteja muito chocada com minha exibição para pensar em algo adequado, eu levanto minha mão em saudação e lanço-lhe um sorriso. "Bom dia, Diretora Delaney."

Seus olhos me examinam antes de ir para a garota atrás de mim. "Você está bem, Brooke?" Ela pergunta.

Uma fungada soa da cadela nas minhas costas e eu não posso deixar de sentir meu sorriso crescer. Aposto que até fingir que fungou vai doer com o nariz quebrado que ela agora ostenta. "Não, Diretora Delaney," Brooke chora. "Avalon me atacou! Olha para a minha cara!"

"Awww, não se preocupe, princesa," eu digo sarcasticamente. "Eu prometo que minha plástica no nariz foi muito melhor do que a última. E esta não custou nada ao

seu pai. Foi por conta da casa." Eu me viro e olho para trás, centrando-a com meu olhar frio. "Da próxima vez, porém, você não terá tanta sorte." A boca de Brooke se fecha.

A Diretora Delaney fecha os olhos antes de reabri-los e focar sua atenção em mim. "Meu escritório," ela range para fora. "Agora."

Eu encolho os ombros e volto por onde vim. Quinze minutos depois, a Diretora Delaney invade seu escritório, seus olhos me procurando. Assim que ela vê que eu, de fato, segui suas instruções, ela se acalma um pouco para se virar e fechar a porta atrás de si sem batê-la.

"Eu disse que nunca mais queria vê-la aqui novamente, Avalon," ela diz depois de um momento de silêncio.

Eu cruzo minhas pernas no tornozelo antes de cruzar minhas mãos sobre meu estômago. "Então, você disse." E para ser honesta, eu também não queria estar aqui novamente. A vida é cheia de pequenas surpresas divertidas.

Há um músculo sob o olho da Diretora Delaney que salta quando ela está brava. Eu vejo como ele pulsa. Ela é uma mulher bonita, eu admito - músculos dos olhos contraídos e tudo. Esbelta, com um belo tom de pele verde-oliva e olhos amendoados. Ela é inteligente e justa. Em todas as escolas que frequentei nos últimos quatro anos - cinco no total - ela tem sido minha Diretora favorita até agora. Ela realmente parece que dá a mínima. Se eu fosse me sentir mal por alguma coisa, embora eu realmente não me sinta, seria por dar a ela mais trabalho.

"Então por que?" Ela pergunta enquanto alcança sua mesa e pega sua bola antiestresse da superfície, apertando-a com força. Essa bola de estresse e eu vimos muitos desses episódios juntos - geralmente depois de fazer algo divertido, mas um pouco psicótico, como alguns de meus quase amigos gostam de me dizer. Eles não são amigos de verdade, apenas pessoas com quem saio até que eu finalmente foda tudo e vá para a próxima escola.

“Diga-me, por que motivo você quebrou o nariz daquela garota no refeitório da escola menos de *vinte e quatro horas* após nosso último encontro?” A bola antiestresse bate contra o interior da palma da mão, projetando-se entre os dedos.

“Provavelmente porque você conhece aquela vozinha dentro da sua cabeça que te diz para não fazer algo?” Seus olhos se estreitam e eu sorrio. “Sim, a minha faz o oposto. Me diz 'vá em frente, vadia'.”

“Isso é sobre o boato?” Ela pergunta. Claro, ela ouviu sobre isso. Eu não respondo. Ela me encara por mais um momento antes de fechar os olhos e respirar lentamente. Dentro e fora. Dentro e fora. Quase me sinto mal por ela. Quase. “Avalon, você sabe que boatos são apenas boatos. Eles não podem te machucar.”

É aí que ela está errada. Verdade seja dita, Brooke precisou que o traseiro fosse chutado por um tempo. Ela está zangada comigo desde que cheguei. Tampões usados no meu armário. Livros escolares roubados e devolvidos com merdas escritas no interior. Lição de casa roubada. Eu não sou idiota. No primeiro dia, o namorado dela deu em cima de mim, e em vez de culpar o traidor e mentiroso filho da puta, ela escolheu me culpar. O que isso diz sobre o fodido poder feminino? Mas essa última façanha foi o fim de tudo para mim. Delaney não achava que rumores poderiam machucar? Nah. Eles poderiam fazer muito pior.

Se os filhos da puta do meu bairro pensam que uma garota está à venda - algo que eu trabalhei duro para garantir que eles soubessem que não era o meu caso - então a merda não acaba bem quando descobrem que ela não está. Eu não sou uma provocadora de pau, mas ela ameaçando me transformar em uma colocou uma garota como eu em perigo, e isso não iria funcionar.

“Eu disse ontem que essa escola era sua última chance, e eu não estava brincando,” ela finalmente consegue falar. “Não há nenhum outro lugar para onde você possa ir. Não há nenhuma outra escola no distrito que aceita você - especialmente com seu histórico.” Ela aperta a bola de estresse um pouco mais, ficando em silêncio por um momento. Bem, não posso dizer que não esperava isso. Fecho meus olhos e suspiro, esperando a declaração final. “Você é tão inteligente,

Avalon," ela diz, parecendo cansada. Eu sei que ela está. Eu também sei que ela está se odiando pelo que está prestes a dizer. Eu não a culpo - ela é boa em seu trabalho. Mas este é o fim da linha para mim. Eu soube assim que tomei minha decisão. Eu aceito. "Você está sem opções." Suas palavras vêm com uma certa relutância em seu tom, mas quase imediatamente após elas vem uma resposta de uma voz desconhecida e inesperada.

Tanto a Diretora Delaney quanto eu pulamos quando a porta de seu escritório se abre. "Talvez eu possa ajudar com isso." Nós nos viramos, em uníssono, em direção a uma mulher alta com sapatos de salto alto vermelhos e um terninho branco imaculado quando ela entra na porta. A secretária da diretora Delaney, Sra. Blevins, paira atrás dela.

"Sinto muito, Diretora Delaney," a Sra. Blevins estala assim que ela percebe que estou lá. "E-eu saí e não sabia que você tinha uma aluna aqui. Houve uma comoção..."

"Está tudo bem, Sra. Blevins," diz a Diretora Delaney, levantando a mão que não está esmagando a bola antiestresse. "E sim, tenho a comoção bem sob controle." Ela me lança um olhar.

A mulher de branco ri e todos os nossos olhos se voltam para ela. "Eu suspeito que sua *comoção* tenha algo a ver com esta jovem bem aqui, Diretora Delaney," ela diz, arqueando uma sobrancelha enquanto eu franzo a testa em sua direção. "Estou certa?"

"Infelizmente," a Diretora Delaney responde com um suspiro. "E eu sinto muito, mas eu preciso terminar isso, Srta...?"

"Bairns," diz a mulher, estendendo a mão perfeitamente manicurada.

"Bem, Sra. Bairns, sinto muito se tínhamos algum tipo de compromisso hoje, mas como você pode ver, estou com uma aluna e receio que estarei ocupada por pelo menos mais algumas horas." Os olhos da Diretora Delaney olham para mim enquanto ela pega a palma da mão estendida da mulher, mantendo sua bola antiestresse em sua mão livre.

“Na verdade,” diz Bairns, “não acho que isso seja necessário. Sou uma recrutadora da Universidade Eastpoint e vim falar com você sobre uma aluna sua em que nosso programa de matrícula dupla tem grande interesse. Também acredito que vim na hora certa. Não seria a Sra. Avalon Manning, seria?”

“Não esperávamos você até a próxima semana,” diz a Diretora Delaney, sem se preocupar em mascarar sua surpresa. Eu lanço um olhar confuso para ela, mas ela está muito focada na mulher para ver.

A Sra. Bairns sorri. “Eu estava na área.”

“O que diabos está acontecendo?” Eu exijo, descruzando meus tornozelos enquanto me levanto e encaro as duas.

A Diretora Delaney solta a mão da mulher e faz um barulho que parece um rosnado suspeito. Não preciso olhar para ela para saber que ela está me encarando - posso sentir a queimação na pele, mas não me importo. Eu mantenho meu olhar fixo na mulher de branco.

“O que está acontecendo, Avalon, é que você está sendo recrutada,” ela responde. “A partir da próxima semana, gostaria de matriculá-la na Eastpoint University.” Abro a boca, mas ela me vence. “Eastpoint oferece uma oportunidade única onde alunos selecionados que ainda não concluíram o ensino médio podem se inscrever e receber créditos para um futuro diploma e esses mesmos créditos contarão para o seu diploma do ensino médio.” Ela sorri para mim, mas minha cabeça está em um turbilhão de 'que merda.' “Já que este é o seu último semestre...” ela faz uma pausa, olhando para a Diretora Delaney como se para confirmar e a Diretora Delaney acena com a cabeça em retorno, “Você só precisará frequentar o curso por um semestre inteiro, mas a Eastpoint espera que, depois de receber seu diploma, você esteja disposta a ficar e continuar seus estudos conosco”

Abro a boca, mas ela pula na frente. “E se você está preocupada com seus pais, não precisa se preocupar. Acabei de vir da casa da sua mãe. Ela já assinou o acordo.”

Meu queixo cai. Não consigo imaginar esta mulher - em suas roupas brancas imaculadas - pisando nem um centímetro na 'casa da minha mãe'. Ela tinha visto as listras de lixo e sujeira de quase uma polegada de espessura na porta de tela rachada? Ou talvez tenha sentido o cheiro de vômito e maconha de alguns dias atrás no ar viciado do trailer? E ainda assim, ela veio aqui para tentar me *recrutar*? Eu sabia que era inteligente, mas isso era suspeito pra caralho.

"Ava?" O tom hesitante da diretora Delaney me traz de volta.

Eu balanço minha cabeça. "Você não pode estar falando sério."

"Ah, estou falando sério, Avalon," responde Bairns. "Eastpoint é uma escola de elite e só recrutamos aqueles que são elegíveis para os nossos programas."

Eu gesticulo para minha pessoa. "Então, obviamente, houve algum engano," eu digo. "Eu não sou elite de *nada*. Algo que você saberia se tivesse estado na minha casa como diz que fez."

A Sra. Bairns sorri maliciosamente enquanto olha para mim do alto de seus saltos Eu cerro meus dentes. Um sorriso afetado como aquele me faz querer dar um soco em alguma coisa. De novo. "Eu acho que você descobrirá que, em um lugar como Eastpoint, elite significa mais do que de onde você vem. Elite se refere à onde você está indo. Todos que recrutamos estão indo para um lugar muito melhor do que qualquer outro lugar que já estiveram."

"Isso ainda não explica por que você quer me recrutar," eu digo, estreitando meus olhos. "Eu não posso nem pagar a faculdade." E não faz sentido uma faculdade tentar me recrutar. Meu histórico nas escolas não está nem perto de ser bom. Fui expulsa de quatro escolas - cinco, se contarmos aquela em que estou atualmente. Não sou exatamente a porra do material de recrutamento de elite e sei disso.

"Eastpoint se concentra no que é importante," diz Bairns com um sorriso astuto. Sua ambiguidade não é cativante. "E como você está sendo recrutada, deve entender que estamos lhe oferecendo uma vaga com bolsa de estudos. Todos os alunos do programa recebem o mesmo pacote. Você vem para Eastpoint, mantém suas notas no

nível que estão agora, e provavelmente também receberá uma bolsa de estudos secundária para continuar seus estudos conosco."

Eu bufo. "Bem, obrigado, mas não, obrigado," eu digo. "Eu tenho um plano."

"Na verdade, temo que você não tenha depois de hoje, Ava." As palavras da Diretora Delaney são água gelada espirrando na minha cabeça, me lembrando porque estou neste escritório, para começar. "Com tudo o que aconteceu hoje, tenho que tomar medidas executivas."

Medida executiva que significa expulsão. *Porra.*

"Mais do que isso," ela continua, "você está diante de uma possível acusação de agressão. Os pais de Brooke não ficarão felizes com o que aconteceu hoje."

Eu sabia disso e esta manhã estava preparada para isso. Agora, porém, com a conversa dessa mulher sobre faculdade e diplomas - lembro-me do motivo pelo qual mantive minhas notas tão altas. Eu quero dar o fora daqui, e pelo jeito que o sorriso da mulher se alarga, ela sabe disso.

"Acredito que posso lidar com os pais da aluna," diz Bairns, me chocando.

"Lidar com eles?" Eu levanto uma sobrancelha para ela.

Ela encolhe os ombros. "Eastpoint - e portanto *eu* -*está* disposta a fazer o que for preciso para levá-la à nossa escola, Avalon. Se for preciso um pouco de dinheiro, então é o que é necessário. Garanto a você, tirei minhas pupilas de situações piores." A Sra. Bairns se curva e encontra meus olhos. Eu não me afasto ou franzo a testa. Eu simplesmente fico olhando e espero, sabendo que ela ainda não acabou. "Então, isso levanta a questão, qual será a sua escolha?"

Escolha? Com a maneira como ela está falando, ela não está realmente me deixando muito uma escolha. A resposta é bastante aparente. É Eastpoint University, detenção juvenil ou provavelmente prisão.

Então é, Eastpoint.

# 4

## Avalon

***2 semanas depois...***

Bem-vindo a Vila-Dos-Ricos. População de 1%, seus descendentes diabólicos e agora eu. Dizer que não estou exatamente muito feliz é um eufemismo. No segundo que eu olho para a Eastpoint University, eu sei que vou odiar isso aqui. Os edifícios parecem minicastelos. Tijolos empilhados. Telhados pontiagudos. Arcadas altas. Há até uma torre do relógio e estátuas colocadas em várias posições ao redor do campus enquanto passamos pelos portões de ferro.

"Os semestres da faculdade começam um pouco mais tarde do que você está acostumada, mas organizei para que suas aulas comecem na segunda-feira, então você terá o fim de semana para dar uma olhada no campus e se acomodar," anuncia a Sra. Bairns, quebrando a porra do silêncio abençoado que eu desfrutei nas últimas duas horas - porque ela levou quase oito para calar a boca enquanto tagarelava sobre Eastpoint isso e Eastpoint aquilo. "Não tenho dúvidas de que você vai se atualizar rapidamente, especialmente com seu histórico escolar." Ela dá uma risadinha. "Devo deixar você saber, no entanto, existem apenas algumas regras que devemos cobrir antes de chegarmos ao dormitório."

"Claro que há," murmuro, acenando com a mão para que ela continue com isso. Decidirei mais tarde se as seguirei ou não. No que me diz respeito, existem apenas minhas regras pessoais que realmente precisam ser seguidas. Todo o resto é mera sugestão.

"Como sou sua patrocinadora oficial, espera-se que você mantenha contato comigo durante as aulas. Você tem dezoito anos, então tem bastante liberdade que alguns dos alunos mais jovens com matrícula dupla não têm. No entanto, você

precisará se encontrar comigo pelo menos uma ou duas vezes durante o semestre, apenas para que eu possa ter certeza de que você está acompanhando seus estudos e podemos conversar sobre seus planos para o futuro - como você faria com uma conselheira em sua última escola," diz ela.

Um bocejo estica meu queixo enquanto viro minha cabeça em direção à janela para observar a paisagem que passa. "Espera-se que você tenha um bom desempenho acadêmico," ela continua. "Mas depois de dar uma olhada em suas transcrições, eu determinei que você não precisa de tutores extras. Se você estava tirando esse tipo de nota nas aulas de AP[1], você se acomodará muito bem aqui."

Eu resisto à vontade de revirar os olhos. As aulas de AP só parecem difíceis por causa da carga de trabalho. O curso em si não é necessariamente difícil. Nada é se você não tiver nada melhor para fazer. Não há necessidade dela parecer tão impressionada.

"Como você ficará no mesmo dormitório que os demais alunos dos programas de matrícula dupla e de bolsas de estudo, saiba que, embora o dormitório em si seja misto, seu andar é só de mulheres. Isso significa que você pode receber amigos em seu quarto, mas nenhum rapaz poderá passar a noite lá."

*Vi isso chegando,* eu acho. Não que fosse exatamente um problema. Nunca confiei em um cara o suficiente para deixá-lo passar a noite. Na verdade, também não estou ansiosa para dividir um quarto. A ideia de tentar fechar meus olhos a poucos metros de um estranho faz meu joelho começar a pular. Meu horário de sono está prestes a ficar todo fodido.

"Fora isso, as coisas serão simples. Isso não é como o ensino médio. Não haverá brigas permitidas. Nem com sua colega de quarto ou com qualquer outra pessoa no

[1] Abreviação de "Advanced Placement," referindo-se a um curso de nível universitário nos EUA com um teste padronizado no final para avaliar quanto foi aprendido e oferecer crédito universitário

campus. Enquanto eu admiro sua... err... paixão, se eu fosse você, Eu tentaria acalmá-la o máximo possível enquanto você estiver aqui."

Eu corto meus olhos em sua direção e estreito-os quando vejo o quão forte ela agarra o volante. Tanto que a pele esticada sobre suas mãos está rapidamente ficando pálida.

"Paixão," repito a palavra com uma risada silenciosa. "*É assim* que você está chamando?"

"Eu quero dizer isso, Avalon," ela diz enquanto gira o carro em torno da lateral de um prédio que possui janelas altas e painéis de cores escuras. A Sra. Bairns gira sua cabeça em minha direção e seus olhos perfuram os meus, me fazendo sentar mais reta. "Você foi recrutada e, portanto, é claro, queremos você aqui, mas não se engane - se você fizer as mesmas escolhas que fez em suas escolas anteriores, realmente não haverá nenhum outro lugar para você ir. Eastpoint é sua última opção e estou feliz que você decidiu aceitá-la, mas existem regras a serem seguidas e a violência no campus não será tolerada. É o fim da linha."

*Fim da linha, hein?* Não sei por que, mas parece bom para mim. Gosto de estar na ponta de uma corda. Faz tudo parecer um pouco perigoso. Meu batimento cardíaco acelera. O suor se acumula sob meus braços e no centro de minhas palmas. Um desejo escuro floresce em meu peito. O tempo contra Brooke em Plexton tinha restringido um pouco, mas desde então, comecei a sentir a necessidade de causar um pouco de caos, talvez no mesmo dia que Roger deixou claro que ele não estava acima de foder um dos filhos de seus clientes - não tinha desaparecido.

Meu olhar se afasta da Sra. Bairns. "Sim," eu digo distraidamente enquanto deixo minha mente vagar. "Eu entendo. Não se preocupe. Ninguém fode comigo e eu não vou foder com eles."

Quando ela não responde imediatamente às minhas palavras, eu olho em sua direção e franzo a testa. Seus músculos não se afrouxaram. Na verdade, com a maneira como suas mãos ainda estão segurando o volante para salvar sua vida, isso me faz pensar que minhas palavras a deixaram mais nervosa do que qualquer outra

coisa. Penso em dizer outra coisa, mas não tenho mais nada a oferecer. Em vez disso, volto a me concentrar no prédio à nossa frente enquanto o carro desacelera até parar.

*Dormitório Havers.*

De todos os outros prédios do campus, o Dormitório Havers é o menos intocado, o menos esteticamente agradável. Na verdade, parece um rejeito arquitetônico. Ou apenas muito malconservado. O telhado inclina-se tanto que faz com que todo o edifício pareça estar inclinado para um novo ângulo. As janelas estão sujas e a calçada em frente a elas - ao contrário do que eu vi durante todo o caminho pelo resto do campus - está crivada de rachaduras. A grama está alta ao redor da fachada do dormitório e a placa ao lado das portas da frente está tão suja que é quase impossível de ler.

Não importa. Ainda parece melhor do que o trailer de merda em que cresci. Sigo a Sra. Bairns e espero um tanto impacientemente enquanto passamos pelo processo de atribuição de meu quarto, chave e carteira de estudante. Eu meio que ouço enquanto ela explica a bolsa de estudante para comida e outras necessidades, que podem ser compradas usando meu cartão de identificação.

No momento em que finalmente subimos os degraus para o meu andar - sem elevador sofisticado para as crianças do programa, eu noto - estou pronta para pular da minha pele. Eu preciso sair para correr ou algo assim. Eu preciso de um pouco de liberação. Meus dedos batem em um ritmo contra minha coxa enquanto caminho atrás da mulher que me trouxe aqui.

“Aqui estamos,” diz Bairns quando paramos em frente a uma porta branca lisa com pintura descascando no canto superior direito. A responsável pelo dormitório - ou seja, a mulher que provavelmente foi informada sobre mim e que deveria ficar de olho - desliza o olhar por cima do ombro e examina meu formulário. Eu arqueio uma sobrancelha e inclino minha cabeça, olhando de volta para ela. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, no entanto, um telefone celular toca e a Sra. Bairns pula enquanto ela rapidamente recupera a fonte do ruído de sua bolsa e olha para a tela. “Vou ter que deixá-la com a Sra. Lowery, Avalon,” anuncia a Sra. Bairns. “Eu tenho

que atender isso." Ela desliza para atender o telefone, mas não o coloca no ouvido imediatamente, enquanto ela se apressa no resto de sua explicação para mim. "Ela fará com que você seja apresentada a sua colega de quarto. Se você tiver qualquer problema, anotei o endereço do meu escritório e meu número de telefone em seus papéis."

Eu dou a ela um aceno de cabeça e vejo enquanto ela corre de volta para o corredor, seus saltos batendo fortemente contra os azulejos que parecem vinil desgastados. A Sra. Lowery não me lança outro olhar enquanto dá um passo à frente e bate na porta. Depois de um momento, ela se abre para revelar uma garota baixa e magra com cabelo roxo desbotado. Ela franze a testa quando me vê.

"Boa tarde, Rylie, esta é Avalon, sua nova colega de quarto." Sra. Lowery gesticula de volta para mim. "Avalon, esta é Rylie."

Meus braços estão começando a doer enquanto continuo parada ali segurando minhas coisas, então, quando parece que a garota não vai se mover tão cedo, eu rolo meus olhos e, sem dizer uma palavra, me arrasto para frente e empurro meu caminho passando por ela para o quarto. Eu deixo cair minha merda no final da cama desfeita que é obviamente destinada a mim e me viro. A garota - Rylie - continua a me olhar carrancuda antes de baixar os olhos e me escanear da cabeça aos pés. Já estou acostumada a isso - ser vista como uma ameaça. Agradeço o fato dela reconhecer isso quando retribuo o favor. Eu sei o que Bairns está tentando fazer, me colocar com uma garota com um passado semelhante e esperar que fiquemos amigas, e parece que sua outra vítima está tão entusiasmada com a ideia quanto eu.

Rylie é ainda mais magra do que eu. Parece que um vento forte pode quebrá-la ao meio. As olheiras alinham-se na parte inferior de seus olhos e contrastam diretamente com sua pele pálida e cabelo cor de lavanda claro que obviamente precisa de outra pintura, suas raízes escuras aparecendo. Nada de viagens caras ao salão para essa garota. Se não estivesse claro o suficiente sobre o dormitório em que ela está e o fato de que ela está prestes a me pegar como colega de quarto, o short surrado cortado e a camiseta enorme da banda dos anos 80 que parece algum tipo de rejeitada

de brechó bastariam. Quando parece que ela terminou sua leitura de mim, eu levanto uma sobrancelha em desafio e espero. Seus olhos castanhos reviram em sua cabeça enquanto ela gira e pega uma bolsa carteiro que eu não tinha visto pendurada na parte de trás da porta.

"Maravilhoso," ela diz sem inflexão. "Só não toque na minha merda e ficaremos bem. Eu tenho que ir para a aula. Até mais tarde."

Eu sorrio atrás dela enquanto ela praticamente corre para fora do quarto. "Garota legal," eu comento secamente para ninguém em particular antes de voltar para minhas coisas.

Pego uma das minhas malas e abro o zíper, pegando uma trouxa de roupas, me preparando para começar o processo de desempacotamento. Enquanto faço isso, espero sentir a presença da Sra. Lowery desaparecer, mas quando começo a tirar as roupas da mochila, continuo a sentir seu olhar vigilante nas minhas costas e isso está começando a me irritar.

Levantando de volta, eu me viro e encontro seu olhar fixo. "Tem algo a dizer?" Eu pergunto.

Seu olhar endurece e em um movimento que parece vagamente como um de proteção, ela cruza os braços sobre o peito amplo e me encara. "Tenho certeza de que a Sra. Bairns a avisou, Sra. Manning," diz ela lentamente, "mas sinto que também devo estender minha própria palavra de aviso."

Eu inclino minha cabeça para o lado e espero. Pela expressão em seu rosto - os lábios torcidos e as fendas estreitas de seus olhos - ela espera que eu responda. O silêncio enerva muita gente e é claro, ela também não gosta muito. Eu pisco lentamente e continuo esperando ela falar. Não tenho um relógio para cronometrar com precisão quanto tempo leva, mas parece que vários longos minutos se passaram antes que ela finalmente falasse novamente.

"A Eastpoint University é uma instituição antiga e respeitada, Sra. Manning," ela começa. "E você faria bem em lembrar que está aqui pela graça dos fundadores e

suas famílias, que pagam por suas mensalidades, hospedagem e alimentação. É do seu interesse manter a cabeça baixa e a boca fechada sobre qualquer coisa que você pode fazer, ver ou ouvir aqui. Está entendido?"

Lutar contra o sorriso que ameaça curvar meus lábios para cima é difícil. *Palavra de aviso, de fato.* "Claro, Sra. Lowery," digo a ela.

Ela continua a me examinar como se estivesse tentando descascar as camadas da minha pele e ver dentro da minha cabeça. O que acontece com a minha cabeça, porém, é que ninguém tem a chave desse lugar além de mim. Não vou deixar uma vadia com um aviso na língua sequer olhar para dentro, o que ela pudesse ver chocaria e horrorizaria suas sensibilidades delicadas. E muito possivelmente a mandaria correndo direto para a Sra. Bairns, exigindo que eu seja internada e mantida longe do público geral, cumpridor da lei e não fodido.

Ela se vira para ir embora, mas para e olha para trás por cima do ombro. "Bem-vinda à Eastpoint University, Avalon." Por alguma razão, parece mais uma ameaça do que uma recepção real, e isso está bom para mim. Eu lido com ameaças da mesma forma que lido com tudo em minha vida - do meu jeito selvagem.

# 5

## Avalon

Levo o cigarro aos lábios e inalo enquanto a fumaça sobe. Vários alunos passam, carrancudos em minha direção. Eu ignoro os olhares e me concentro no que está bem na minha frente. Essa merda é a única coisa que me mantém relaxada agora, quando o que eu realmente quero fazer é algo perigoso. Meu pé bate inquieto contra a calçada enquanto eu olho para uma garota que se atreve a zombar em minha direção enquanto ela passa. Como se eu estivesse abaixo dela.

A hierarquia deste lugar está bem definida. Não é preciso ser um gênio para descobrir quem está por cima. Suas roupas de marca, sem manchas, dizem tudo. Os cintos Gucci e as bolsas Chanel marcam os alunos que os usam como acima da média - suas atitudes e como eles se portam fazem o resto. Eles pensam que são invencíveis porque têm riqueza e a riqueza vem com poder. Eu sorrio para eles enquanto deixo a cinza da ponta do meu cigarro cair onde pode. Dentro da minha cabeça, uma batida começa.

Depois, há aqueles como eu. Crianças do programa e alunos bolsistas. Eles afundam em jaquetas velhas e jeans rasgados que estão puídos pelo uso, não pela moda. Eu também os vejo, por mais que eles não queiram.

Este lugar é uma merda. Odeio admitir, mas houve uma pequena parte de mim no caminho até aqui que contemplou a ideia de um novo começo, uma mudança de personalidade. Parece que não importa aonde eu vá, porém, parecer fraca de alguma forma não é uma escolha. A necessidade de causar um pouco de destruição pressiona meu pulso como um maldito estrangulamento, eu quero ir embora.

Eu forço meus pensamentos para outra coisa - tentando, mesmo que apenas por um breve período, distrair o funcionamento interno mais sombrio de minha própria mente.

*Bem a tempo também,* penso, quando uma sombra cai na minha frente. “O que diabos você pensa que está fazendo?” Dispara uma voz vagamente familiar.

Levantando minha cabeça lentamente, encontro um par de olhos verdes castanhos brilhantes. Minha colega de quarto. “Não estou fazendo nada,” digo, recostando-me, fingindo relaxamento quando tudo que sinto é qualquer coisa menos isso. “Só curtindo. Observando a paisagem.” Dou outra tragada no cigarro antes de apagá-lo na bela calçada de tijolos brancos. Uma mancha escura marca a área, deixando uma cicatriz. Eu jogo a bituca em uma lata de lixo próxima.

Ela balança a cabeça. “Não, quero dizer com isso,” ela aponta para a marca preta que eu deixei no chão. “Marcando seu território? O que você é, uma vadia?”

Eu encolho os ombros, lançando um olhar para trás para as passarelas circundantes enquanto mais e mais alunos saem de seus respectivos edifícios e fazem o seu caminho através do campus. “Eu tinha um desejo ardente por nicotina.”

“Bem, não,” ela responde laconicamente. “Largue o hábito. Vai te matar de qualquer maneira.”

Eu fico imóvel e olho para ela novamente. “Que porra isso te interessa?” Eu digo com uma sobrancelha arqueada.

Em vez de me responder imediatamente, ela parece finalmente perceber quantas pessoas estão nos observando. Seus ombros se contraem, levantando enquanto ela tenta afundar no corpo muito magro - sério, seu metabolismo deve estar alto. “Venha comigo,” diz ela de repente, dando um passo para trás.

Eu fico olhando para ela com um interesse confuso, embora divertido. Quando fica claro para ela que não vou me levantar e fazer o que ela diz, ela se abaixa, agarrando meu pulso e me puxando. Normalmente, eu quebraria o rosto de alguém apenas por me tocar, mas fico curiosa. Então, eu a deixo me arrastar atrás dela,

interessada em ver o que ela vai fazer ou dizer, quando viramos uma esquina e ela me empurra para uma alcova secreta para que fiquemos isoladas dos olhos curiosos.

"Escute," ela diz, girando de volta para mim assim que se certifica de que estamos sozinhas. "Normalmente, eu não daria a mínima e apenas deixaria você aprender da maneira mais difícil, mas você é minha colega de quarto e..."

Eu rio, interrompendo-a. "O que quer que você vá dizer, você pode guardar isso," eu zombo. "Não me faça nenhum favor só porque ficamos presas morando no mesmo quarto juntas."

Ela faz uma careta para mim, mostrando dentes brancos surpreendentemente retos. "Acredite em mim, não estou fazendo isso por você," ela responde. "É por mim. Colegas de quarto em Havers não são trocados. Somos alunos do programa. Nós apenas temos que lidar com isso - aconteça o que acontecer. O que significa que se você tiver problemas, estarei presa na mira. Eu não me importo com você, porra. Estou fazendo isso por mim," ela repete.

"Bem, então," eu digo com falsa seriedade. "Por favor, prossiga." Eu gesticulo para que ela continue, ganhando outro olhar penetrante de chicote.

Rylie balança a cabeça, as ondas de seu cabelo roxo deslizando sobre seus ombros. "Você não pode fumar no campus. Ou beber. Ou causar problemas. Faça o que quiser fora do campus, mas a menos que tenha permissão, mantenha essa merda longe de Eastpoint."

Eu aceno com a mão. "Se você está preocupada com a senhora do dormitório, não faça isso. Ela não pode fazer merda fora..."

"Eu não estou falando sobre Lowery," ela interrompe com um rosnado frustrado. "Jesus, você realmente não entende, não é?"

Eu estalo meu pescoço e dou a ela toda a minha atenção. "Aparentemente não," eu digo com uma enunciação cuidadosa. "Por que você não soletra para mim?"

Rylie me encara. Nossos olhos se encontram e se fixam, e eu espero. Essa era uma daquelas coisas que pessoas como nós faziam. Você enfrenta um monstro e espera para ver qual de vocês quebra primeiro. *Dica.* Eu nunca quebro primeiro.

Finalmente, ela desvia o olhar com os dentes cerrados. “Escute,” ela diz novamente, desta vez em um tom mais calmo, embora não menos frustrado. “Eu não estou tentando ser uma idiota.”

Eu bufo. “Poderia ter me enganado. Na primeira vez que nos encontramos, achei que você queria me reduzir no tamanho certo. Não que eu deixasse você fazer, é claro, mas você tem o rosto de cadela em repouso perpétuo sob controle, com certeza.”

Os cílios de Rylie piscam enquanto ela me encara com o canto do olho. Ela solta um suspiro rápido. “Isso foi para mostrar a Lowery,” ela retruca. “Não sei se você já percebeu, mas ela não dá a mínima para os alunos do dormitório. Ela está lá para nos manter na linha e nada mais. Ela é um cão de guarda, não uma amiga.”

Eu percebi, mas não digo nada, esperando, em vez disso, que ela continue.

“Eastpoint é uma universidade privada,” diz ela após um momento, “e as famílias que a administram têm interesse nela. Eles aceitam apenas a elite da elite.” Ela faz uma pausa, olhando para mim completamente mais uma vez. “Você entendeu?”

Eu franzo a testa. Nada disso é uma informação nova. Já ouvi tudo de Bairns, mas vindo de Rylie, soa menos como uma jogada de marketing e mais como uma intimidação perturbadora. “Eu entendo que somos casos de caridade.” Eu encolho os ombros. “Algo para amortizar seus impostos ou fazer com que pareçam bem se eles estiverem prontos para qualquer promoção ou eleição. Por que isso importa?”

“Não somos casos de caridade,” diz Rylie. “Somos recrutamentos.”

“Sim,” respondo categoricamente, “para a universidade. O quê? Isso significa que seus filhos ricos são burros demais para manter suas notas altas e precisam de filhos pobres e espertos para impulsionar sua inteligência geral?”

Rylie inala e depois solta um suspiro. “Não, fomos recrutados para vir aqui e ter aulas com as crianças da elite porque, depois que todos nos formarmos, teremos uma oportunidade.”

“Que tipo de oportunidade?”

“O tipo de trabalho para as pessoas mais ricas do mundo,” diz ela. “Eles recrutaram pessoas como nós por um motivo, e não apenas por causa de nossas origens. Muitos de nós no programa não temos para onde ir, é verdade, mas também não somos burros. Não sei por que você está aqui, mas logo você perceberá que todos no programa foram selecionados por um motivo.”

Zombando, dou um passo para trás. Eu só posso imaginar qual é a razão para me querer. Seja qual for o caso, porém, não vou me curvar e me esforçar para atender às necessidades e desejos deles. Não importa o que eles esperem, eu não sigo ninguém cegamente. “Sim, eles podem se foder,” eu admito. “Estou aqui pela educação e porque, sim, você tem razão, de outra forma não tenho para onde ir, mas não estou aqui para trabalhar para ninguém.”

Eu me viro para ir e Rylie estende a mão mais uma vez, agarrando meu braço. Fazendo uma pausa, eu olho para trás e dou a sua mão um olhar penetrante. “Tudo bem,” diz ela. “Você pode fazer isso quando sair, mas enquanto estiver aqui, você tem que respeitar a autoridade deles.”

O canto dos meus lábios se curva. “Eu não vi nenhuma figura de autoridade lá fora,” eu aponto. “Não há razão...”

“Só porque você não os viu, não significa que eles não viram você,” diz ela, me interrompendo. “Os Sick Boys[2] sabem de tudo e se acharem que você os está desrespeitando, você vai se arrepender. Acredite em mim.”

“Os o que?” Eu rio enquanto afasto sua mão do meu braço. “Qualquer um que anda por aí se autodenominado 'Sick Boys' é provavelmente apenas um bando de

[2] Garotos doentes.

babacas mauricinhos brincando de ser durões. Eu posso lidar com paus assim qualquer dia."

Rylie suspira. "Eles não se autodenominam Sick Boys," diz ela. "Todo mundo faz. Porque eles são doentes. Eles são cruéis. A última vez que alguém entrou em sua lista de merda, ele deixou a universidade e não teve notícias desde então. Eles podem fazer as pessoas desaparecerem."

"O que?" Meu sorriso desaparece.

Rylie dá um passo para trás, movendo-se como se estivesse prestes a sair. "Eles não são apenas pessoas normais," diz ela. "Eles são os mais ricos dos ricos e se você acha que eles não têm ligações com algumas pessoas más, você está errada. Quase todos os ricos deste país são corruptos de uma forma ou de outra. Essas pessoas não são diferentes. Se você for como eu, um quarto compartilhado em um dormitório decadente é provavelmente um dos melhores lugares em que você já morou. Se você não quer perder isso, se não quer perder sua liberdade, você será inteligente. Mantenha a cabeça baixa e não os irrite."

# 6

## Avalon

*Manter minha cabeça baixa e não os irritar?* O que há com as pessoas pensando que podem me dizer o que fazer? As palavras de Rylie ainda estão filtrando na minha cabeça dias depois. Eu sinto meus lábios se curvarem enquanto coloco minha mochila no ombro e caminho pelo campus para minha primeira aula oficial, atraindo olhares curiosos. *Não os irrite?* É ridículo. Quem quer que sejam esses meninos ricos, eles deveriam ser avisados para não *me* irritarem. Porque tenho certeza que, ao contrário deles, eu sou o tipo psicopata que dá um pulo durante a noite e eles acordam com a casa em chamas.

Assim que entro na sala que parece um auditório, sinto olhos em mim. Nova garota. Nova escola. A mesma merda de sempre. Eu paro e contemplo onde sentar.

Estranhamente, embora a maior parte da classe já tenha sido preenchida, no fundo da sala há uma fileira inteira vazia. Uma fileira que olha para o resto. Por mais que eu goste da ideia de me sentar acima dessas pessoas e observá-las, gosto ainda mais da ideia de poder ficar de costas para a parede. Não hesito, dou dois passos de cada vez até chegar à fileira de carteiras e deslizo para o assento da extremidade, jogando minha mochila no espaço vazio ao meu lado para garantir que, se alguém pensar em se juntar a mim, receberá a mensagem. A mensagem é: não perturbe.

Eu coloco meus dedos embaixo do meu queixo e bocejo. Faz apenas três dias desde que cheguei a Eastpoint, mas ainda estou me acostumando com o arranjo de quarto. No trailer, eu apenas me trancava no meu quarto, enfiava uma trava de porta que roubei da escola embaixo da madeira e ligava o rádio de merda que eu mantinha no canto do meu quarto antes de cochilar por algumas horas de cada vez. Com outra pessoa no quarto, no entanto, o sono se tornou um filho da puta esquivo.

Enquanto espero a professora chegar, deixo meus olhos fecharem e escuto a agitação dos outros alunos na sala de aula comigo. O som de sussurros atingiu meus ouvidos, fazendo-os abrir de interesse quando percebo que estão falando sobre mim. Eu suspiro. As coisas nunca mudam.

*...acho que ela está fazendo...*

*...nova, ela não tem ideia...*

*...mal posso esperar para ver o que eles farão...*

A porta se abre e os sussurros morrem. Não a desaceleração natural normal da conversa que anuncia a entrada do professor e o início da aula. Não, em vez disso, vai de uma fofoca irritantemente alta e quase óbvia para um silêncio mortal. Meus olhos se abrem. A professora chegou, mas por algum motivo, tenho a sensação de que o silêncio mortal agora perpetrando a sala não é por causa dela, mas dos dois rapazes que entram imediatamente atrás dela.

Sem dizer uma palavra, a mulher alta que presumo ser a instrutora sobe ao pódio e começa a descarregar silenciosamente suas coisas da bolsa ao lado dela. Eu sinto a sensação de formigamento da consciência de alguém - o tipo de sensação que você tem quando sabe que alguém está olhando. Meu olhar segue os dois caras que vieram atrás da professora quando eles param na parte inferior das escadas que levam até as carteiras, inclinando a cabeça para trás enquanto olham para cima e seus olhos encontram os meus.

Eu levanto uma sobrancelha e me sento em meu assento. A sala parece prender a respiração coletiva quando os dois começam a se mover. Curiosa, eu sigo a trilha que eles fazem pela sala, observando enquanto as garotas os olham com olhos lascivos e os rapazes evitam olhar diretamente para eles ou olham com expressões de adoração. Como se esses dois não fossem meros alunos, mas deuses que nos agraciaram com sua presença.

O mais alto dos dois homens se afasta, deixando seu amigo assumir a liderança. No entanto, há algo nele que me deixa inquieto. Em todas as aparências, ele parece

um atleta totalmente americano - olhos cinza avelã brilhantes, mandíbula esculpida e até mesmo um pequeno cacho de cabelo escuro na testa. Talvez ele tenha enganado muitas pessoas com sua arrogância casual e seu meio sorriso fácil ao ignorar a atenção, mas não a mim. Reconheço uma selvageria em seus movimentos. Como? Bem, o caos leva ao caos, certo?

Não é difícil ver a selvageria em outra pessoa quando você a vê no espelho todos os dias.

Eles estão no meio da escada quando eu olho para o homem na frente. Embora ele seja um pouco mais baixo do que o atleta, e apesar do fato de não ter o toque de violência descontrolada como seu amigo, ele tem uma intensidade semelhante. Em vez do Sr. All-American[3], porém, ele parece mais um Deus do Rock saído diretamente das telas de cinema. Seu corpo se move como o de uma pantera ágil, seus olhos azuis oceânicos me perfuram com sua cuidadosa consideração. A parte de cima de seu cabelo é mais comprida, um loiro brilhante, mas quando ele para na minha frente, percebo que o resto de seu cabelo é um pouco mais escuro por baixo.

Minha cabeça cai sobre meus ombros quando eles param na última fileira. *Minha* fileira. Bem na minha frente. Antes que ele diga uma palavra maldita, eu sei o que está por vir. Eu realmente esperava que isso pudesse ser evitado, mas parece que isso não vai acontecer. Já estive em muitas escolas para ignorar o fato de que esses dois são claramente importantes - é simplesmente a maneira como todos na sala reagem à presença deles.

*Os Sick Boys?* Eu me pergunto distraidamente quando encontro o olhar do homem. *Possivelmente.* Acho que estou prestes a descobrir.

Os lábios do líder se contraem, um canto se transforma em um sorriso malicioso. “Você deve ser nova,” diz ele.

---

[3] All American é uma série de televisão americana de drama esportivo, A série é inspirada na vida do jogador profissional de futebol americano Spencer Paysinger, com Daniel Ezra no papel principal.

Eu sorrio de volta e não digo uma palavra, deixando-o fazer suas próprias suposições em um silêncio absoluto, só porque eu sei que isso geralmente irrita as pessoas.

Ele franze a testa quando, depois de mais alguns momentos, eu ainda não falo - o que, é claro, só serve para fazer meu sorriso crescer. Seus olhos voam por cima do ombro para seu amigo, que encolhe os ombros, e então o líder está olhando para mim. Ele bufa um suspiro. “Tudo bem,” diz ele. “Então, lição um. Esta é a nossa fileira. Ninguém mais se senta aqui, a menos que permitimos.” Ele bate com a mão na mesa. “A menos que você seja meu sabor da semana, você não está convidada. Levante-se e saia. Agora.”

Eu me mexo, ficando mais confortável em meu assento. “Acho que não,” digo. “Estou confortável exatamente onde estou, e não vejo seu nome em nenhum lugar do assento que atualmente reside sob a minha bunda.” Um arrepio desliza pela minha espinha e antes que eu possa parar aquele pequeno sussurro de caos no fundo da minha mente, eu deixo escapar minhas próximas palavras. “Mas você é bem-vindo para tentar *me fazer sair*.”

Os olhos azuis se arregalam e, atrás dele, o All-American ri. “Você tem um desejo de morte?” O líder pergunta, tirando a mão da mesa na minha frente.

Eu me inclino para trás e cruzo os braços sobre o peito antes de encolher os ombros. “Não particularmente.”

Ele fica em silêncio e eu aproveito o adiamento como uma chance de olhar ao redor e avaliar como os outros na sala estão reagindo. A professora continua virada, obviamente tentando o seu melhor para agir como se nada estivesse acontecendo. Isso me deixa curiosa para saber quem esses caras realmente são, se ela está tão disposta a ignorar o que faria um professor do ensino médio gritando para nós sentarmos e nos prepararmos para a aula. A Sra. Bairns estava certa, certamente não é um colégio, mas estou sentindo que também não é uma universidade normal. Todos os outros na sala não estão observando tão sutilmente a troca. Alguns com olhares preocupados. Outros com expressões que só poderiam ser descritas como sanguinárias.

*Que interessante...*

Eu volto minha atenção para o assunto em questão - ou melhor, os homens em questão. “Escute,” digo, acenando com a mão na direção geral, “você pode sentar-se na extremidade oposta desta fileira, mas não há como eu me mover. Se você queria este assento, deveria ter chegado aqui primeiro.”

A mão do líder pousa de volta na mesa, com mais força dessa vez e ele se inclina para perto - muito mais perto do que antes. Eu ainda fico parada, forçando meu corpo a não reagir. “Vou te dar uma última chance de fugir sem se machucar,” diz ele, sua voz sombria e baixa. “Você deveria ser grata. Nós nunca damos uma segunda chance, e talvez depois que você reconhecer seu lugar, eu possa lhe mostrar um melhor, hein? Talvez você realmente receba um desses convites se jogar suas cartas da maneira certa.”

Eu deixei meus olhos percorrerem seu corpo. Ele é gostoso, não há como negar isso. É óbvio, pela maneira como sua camiseta se estende sobre seus ombros e peitorais, que ele tem um tipo de músculo forte. Ele tem corpo de nadador e provavelmente tem uma cintura afilada com um daqueles Vs sexy pra caralho que fazem as mulheres enlouquecerem. Mas eu não estaria onde estou ou quem sou se deixasse todo cara com um tanquinho me dizer o que fazer. Se ele acha que eu quero ser o seu *sabor da semana* a qualquer momento, então ele tem outra coisa vindo.

“Diga-me uma coisa,” eu me divirto. “Sua bunda está com ciúme de toda a merda que sai da sua boca?”

Seu rosto ligeiramente atordoado se transforma em uma alegria diabólica. “Bem, nós temos a porra de uma espertinha, não é?”

“Oh, querido.” Eu balancei minha cabeça. “Não sou uma espertinha. Sou uma profissional habilidosa e treinada para dizer o óbvio. E é óbvio que você acha que vou me levantar e me mexer só porque você me mandou. Só que não vou, eu não te conheço e cheguei aqui primeiro. Portanto, minha bunda vai ficar bem onde eu plantei. Se você tiver um problema com isso, pode conversar com alguém que tem uma merda para dar. Aqui está uma dica: Não sou eu.”

O cara mais alto ri, o som tão alto e estrondoso que faz várias garotas na sala pularem. Até a professora, embora eu note que ela ainda está de costas. Negação plausível. Eu balanço minha cabeça novamente. Os adultos são tão maricas. O líder se aproxima, batendo a outra mão nas costas da minha cadeira enquanto se inclina sobre mim, aquele sorriso dele ainda no lugar, apesar do meu insulto.

"Já faz um tempo que não sou desafiado dessa maneira," ele admite. "Você está me excitando, princesa."

Eu faço uma carranca, mostrando meus dentes. "Não me chame de porra de princesa."

"Aww, você não gosta do apelido?" Ele pergunta, sorrindo. "Isso é o que você é, certo? A Princesa Pobre? Uma de nossas novas alunas do programa, certo? Bem, deixe-me dizer uma coisa, *princesa*." Eu enrolo meus lábios para trás ainda mais quando ele enfatiza o apelido desagradável apenas para ser um idiota. "A única razão pela qual você está aqui é por causa de famílias como a minha. Nós trouxemos você aqui e podemos mandá-la de volta para qualquer gueto do qual você rastejou para fora. Nós detemos o poder e você não tem nada que não lhe demos, porra. Entendeu? Agora levante essa bunda linda, mas não se preocupe, desta vez não vou pedir para você se mexer. Vou apenas deslizar para baixo de você e deixá-la montar meu pau enquanto aprendemos sobre estatísticas, certo? Suas boas-vindas pessoais dos Reis da merda do Castelo de Eastpoint."

Meus olhos se voltam para o homem atrás dele e considero minhas opções. Minha língua desliza ao longo da frente dos meus dentes lentamente antes de sair e lamber meu lábio inferior. Os olhos do líder seguem o movimento. Na verdade, só há uma maneira de lidar com caras como esse.

Estendendo a mão para a frente, enrolo meus dedos no tecido macio de algodão da camiseta do líder. Seus olhos se arregalam um pouco, mas ele não resiste enquanto eu uso minha mão para arrastá-lo para mais perto.

"Você quer que eu monte seu pau?" Eu pergunto, mantendo minha voz baixa - logo abaixo de um sussurro, então ele tem que se inclinar apenas para me ouvir. "Você

quer que eu te foda? Coloque minha boceta em seu pau e deslize para baixo até que eu lhe dê um gostinho do céu?"

Posso sentir mais do que ver seu sorriso. "Sim, princesa." Uma nota rouca entra em sua voz - excitação. "Eu quero que você me mostre o que uma garota como você pode fazer."

"Você tem certeza disso?" Eu me contenho, levantando meu peito até que meus lábios estejam a apenas um fio de cabelo dos dele. "Você realmente quer descobrir o que uma garota como eu pode fazer?"

"Foda-se..." Ele sibila a palavra entre os dentes. "Sim, eu quero, porra."

Eu não posso evitar meu sorriso. Ele estica meus lábios e quando os separo para falar novamente, posso sentir onde sua boca roça a minha. "Bem, isso é muito ruim," eu sussurro. "Porque eu não fodo idiotas desesperados." Com isso, eu me levanto da cadeira e o empurro para trás com tanta força que, se não fosse por seu amigo o pegando no último segundo, ele teria caído de bunda. "E tenha cuidado com o que você pede. Uma garota como eu pode causar a porra de uma série de problemas. Eu disse uma vez e vou dizer de novo, eu não te conheço e eu não me importo. Você fica fora do meu caminho e eu ficarei fora do seu."

O silêncio se estende entre nós quando eu encontro tanto o olhar dele quanto o de seu amigo - embora seu amigo pareça menos zangado e mais divertido. Efeito estranho, mas seu óbvio prazer faz meu foco de atenção e minha cautela estreitar. Eu mudo de pé, cerrando meu punho enquanto me preparo para uma explosão. Se eu for mandada de volta para Plexton hoje, então é o que é - mas eu não vou deixar nenhum filho da puta rico pensar que tem o melhor de mim e certamente não por causa de uma cadeira idiota.

A resposta do líder começa com uma risada lenta. Uma que reverbera por seu peito e sai pela boca. Ele esvazia seu estômago com o som quando coloca a palma da mão em seu abdômen e continua a rir. Estar em uma sala quase silenciosa, ouvindo uma risada maníaca, faz meus antebraços se arrepiarem. A antecipação me fez lamber os dentes mais uma vez, cerrando os punhos ao lado do corpo.

“Oh, você não tem ideia do que fez, não é, princesa?” O líder diz através de sua risada. “Absolutamente nenhuma.”

Eu encolho os ombros, mas não digo uma palavra.

“Qual o seu nome?” Ele pergunta.

“Não é da sua conta, porra,” eu estalo. Ele não me deu o dele. De jeito nenhum eu iria oferecer o meu primeiro.

Isso não tira o sorriso malicioso de seu rosto, no entanto. Isso só o faz balançar a cabeça. “Não importa. Vamos descobrir. A partir de agora, porém, princesa, você está na porra do bloqueio.”

Antes que eu possa perguntar do que diabos ele está falando, o líder se vira para o resto da classe e aponta para eles. “Todo mundo ouviu isso?” Ele pergunta. “Esta cadela está no bloqueio. Vocês sabem o que isso significa.” Todos os olhos se arregalam e, um a um, cada aluno se vira e fica de frente. Como se de repente todos tivessem encontrado interesse no que quer que a professora ainda esteja escrevendo no quadro.

Meus dedos tamborilam contra a borda da mesa enquanto o líder gira de volta para me encarar. “Não se preocupe, princesa,” diz ele com aquele sorriso eternamente irritante, deixando cair o braço para trás. “Você pode ficar com este assento hoje e pelo resto do tempo, se quiser.”

“Ótimo,” eu respondo. “Muito obrigado por sua generosidade.”

“Você ficará grata por muito mais do que isso quando terminarmos com você.”

Eu estreito meus olhos para ele. “Faça o seu pior, porra,” eu desafio.

Ele aponta para mim. “Isso nós faremos, princesa,” ele responde. “Isso nós vamos, porra. Vejo você mais tarde.”

Eu não me importo com uma resposta quando ele se vira e se afasta. Seu amigo apenas balança a cabeça e corre atrás dele enquanto os dois saem da sala de aula. Eu me acomodo de volta na minha cadeira quando a aula finalmente começa. A

irritação começa a se formar e a coceira na parte de trás do meu pescoço volta com força total.

# 7

## Dean

“Eu coloquei uma nova cadela no bloqueio,” são as primeiras palavras que saem da boca de Abel.

Eu levanto minha cabeça para longe do meu telefone assim que Braxton se joga no assento ao meu lado. “Você deveria ter visto ela também, cara,” diz ele. “Ela é gostosa. Abel queria totalmente transar com ela.”

“Ainda quero,” Abel concorda. “Eu imagino ter uma boca assim em volta do meu pau e...” Ele se abaixa por baixo da mesa e não é preciso ser um gênio do caralho para descobrir que ele está ajustando seu pau.

Eu tiro meus olhos deles e volto ao que estava fazendo antes de eles aparecerem. Brax e Abel podem fingir, mesmo que apenas momentaneamente, que são estudantes universitários normais, mas eu sei que não. É apenas uma questão de tempo até que os rivais dos velhos voltem os olhos em nossa direção... se é que ainda não o fizeram. Eu faço uma carranca quando uma mensagem de texto chega.

“A atitude, cara,” diz Braxton, me distraindo. “Você deveria ter vindo para a aula para ver, porra. Ela é um pequeno foguete.”

“Acha que ela vai gostar de ser compartilhada?” Abel pergunta.

Braxton ri. “Se você conseguir que ela abra as pernas,” ele responde. “Inferno, eu adoraria ser apenas uma mosca na parede se você ficar sozinho com ela. Ela iria massacrar você.”

“Ela pode tentar,” diz Abel, coçando o lado da mandíbula. “Eu gostaria de vê-la tentar me derrubar. Ela é o tipo de garota que vai fazer você trabalhar para isso, eu aposto.”

Eu viro meu olhar para eles, mas a tela do meu telefone acende, chamando minha atenção de volta. Uma olhada no nome no topo e eu o desligo e coloco ao lado. “Os outros sabem sobre o bloqueio?” Eu pergunto.

“Anunciei ali mesmo na aula,” diz Abel. “A notícia se espalhará. Ela será uma pária em algumas horas ou menos.”

“Qual é o nome da garota?”

Abel encolhe os ombros. “Não sei. Ela não disse. Tenho certeza de que ela é nova e está em um dos programas.”

“Ela estará em Havers então,” eu digo com um aceno de cabeça. “Faça o que você precisa.”

“Vou convidá-la para a festa neste fim de semana,” Brax anuncia. “Acha que ela virá?”

Abel gargalha, parecendo muito mais divertido do que eu já o ouvi há algum tempo. “Ela irá se quiser sair do bloqueio.”

“Eu não sei, cara.” Braxton se inclina para trás e estica suas longas pernas traseiras sob a mesa, esbarrando em mim. “Ela me parece o tipo que não se importaria muito com o bloqueio.”

“Bem, independentemente dela querer vir ou não, se você a está convidando, certifique-se de que ela venha. Não podemos deixar que as pessoas pensem que têm uma escolha quando exigimos sua atenção,” diz Abel.

“Oh, deixar bem claro,” Brax responde com um sorriso malicioso. “E aposto mil com você que ela vai lutar contra isso.”

Abel pega seu telefone. “Você está ferrado,” diz ele, batendo de leve. “Pronto. Mil na mão. É muito pouco, mas somos nós dois, filho da puta.” Brax apenas ri. “O que, não acha que vou ganhar?” Ele desafia.

Brax não tem chance de responder. “Eu não me importo com o que você faz com ela,” eu digo, interrompendo-os com um aceno de cabeça. “Se ela ameaçar o equilíbrio - ou nossa porra de autoridade - trate-a como achar melhor.”

“E se não pudermos lidar com ela?” Abel pergunta, deslizando o telefone de volta no bolso.

Eu arqueio minha sobrancelha para isso. “Você realmente acha que não pode?”

Ele revira os olhos. “Claro que não. Só estou dizendo... e se?”

Eu sorrio e coloco a mão sob meu queixo para apoiar meu pescoço. “Então serei eu quem fodidamente lidarei com ela, e não se engane, Abel.” Eu me viro e incluo Braxton na minha visão também. “Não serei tão bom quanto vocês dois. Então, é melhor vocês se divertirem com a garota antes de eu pegá-la.” Eu me levanto da mesa, empurrando minha cadeira para trás enquanto pego minha bolsa. “Convide-a para a festa,” digo a eles. “E eu vou me certificar de que ela seja bastante avisada.”

# 8

## Avalon

“Você está louca, porra?”

Tiro o óculos de sol dos olhos e olho para a figura que paira sobre mim enquanto estou deitada no gramado da frente do dormitório. “É bom ver você também, Ry.” Eu digo distraidamente antes de deslizá-lo de volta sobre meus olhos e espalhar de volta. “Mas realmente precisamos parar de nos encontrar assim. Você pode se mexer? Você está bloqueando o sol.”

Em outro segundo, seus dedos roçam minha têmpora enquanto ela arranca meus óculos de sol dos meus olhos. “Você tem que estar absolutamente louca,” ela continua, segurando-os acima da minha cabeça enquanto me encara. “Fodidamente insana. Não há nenhuma outra razão para você irritar o pior dos piores apenas um dia depois que eu disse especificamente para você não o fazer!”

Eu suspiro antes de chutar seus pés, fazendo com que suas pernas desabem debaixo dela e vejo como ela cai na grama ao meu lado. Pegando os óculos de sol caídos, eu os coloco de volta sobre meus olhos.

“Se você tem algo importante a dizer, diga ou vá se foder,” digo em meio a um bocejo. “Você está arruinando meu bom humor.”

Surpreendentemente, Rylie não pula e grita comigo ou tenta me bater. Ela permanece deitada no chão e joga um braço sobre o rosto para bloquear os raios de sol brilhantes. “O que diabos eu fiz para merecer isso?” Ela murmura. “Quem eu matei em uma vida passada? Eles foram realmente tão importantes para eu receber este castigo divino?” Não estou acostumada com as pessoas se referindo à minha presença como um castigo, mas ainda assim, seu drama me faz rir. Quando o faço, recebo um olhar sombrio enquanto ela levanta o antebraço do rosto e rosna para mim. “Estou

falando sério," ela retruca. "Se eles mudassem as pessoas no dormitório Havers, eu fodidamente pediria uma transferência agora por sua causa."

Eu encolho os ombros. "Não sei do que você está falando, mas parece um problema 'seu' e não tanto um problema de 'meu'. Portanto, eu realmente não dou a mínima."

"Você está em bloqueio," diz ela.

Franzindo a testa, eu me levanto nos cotovelos e olho em sua direção. "O que diabos isso quer dizer, afinal?"

"Significa que você está banida," ela bufa. "Ninguém tem permissão para falar com você. Ninguém tem permissão para chegar perto de você. E agora, todos sabem que a garota que rejeitou e tentou humilhar Abel Frazier é *minha* colega de quarto."

*Ahhh*, eu entendi. *Suicídio social. Ou melhor, homicídio social cortesia de um filho da puta sem nada melhor para fazer. Ah, bem. Sugar para chupar*[4]*, eu acho.* "Tenho certeza que você vai ficar bem," eu ofereço apaziguadoramente, embora eu esteja meio que gostando dos grunhidos de irritação vindo dela. Procurando distraidamente por minha bolsa, eu alcanço e encontro a garrafa que eu armazenei lá mais cedo. Eu tomo um gole e, em seguida, jogo em seu caminho. "Aqui, isso pode ajudar."

Com o rosto desprovido de qualquer emoção, ela se senta, abre a tampa da garrafa de água e a leva aos lábios. Um gole depois, seus olhos se arregalam e ela vomita cada gota que ainda tem na boca na grama, ofegando enquanto olha do plástico amassado para mim. "Isto é porra de vodka!" Ela grita.

Eu levanto um ombro e o deixo cair enquanto pego a garrafa de volta. "Você parecia que precisava de algo para ajudá-la a relaxar," eu digo com um sorriso.

"Você está realmente despreocupada com o que está acontecendo com você?" Ela parece chocada. "Está *mesmo*?"

---

[4] No original: Sucked to suck é uma frase usada em simpatia ou em sarcasmo para responder a uma pessoa ou situação com infortúnio. Quando você faz algo que faz com que você falhe ou algo ruim aconteça.

Enfio a garrafa agora tampada na minha bolsa e fico de pé. “A grande questão,” digo incisivamente, “é por que você parece se importar?”

As bochechas de Rylie se contraem e ela luta para se levantar também. O desejo de não estar em uma posição inferior está arraigado nela tanto quanto está comigo. “Eu não me importo,” diz ela com os dentes cerrados, “mas o que quer que aconteça agora vai cair sobre mim.”

Eu rolo meus olhos e deslizo meus braços pelas alças da minha mochila. “Não se preocupe com isso,” eu digo, sorrindo novamente quando ela rosna para mim. “Sério. Quanto mais você se importa com o que quer que o filho da puta um e o filho da puta dois fazem, mais poder você dá a eles.”

Seus olhos se arregalam e seu queixo cai. “Você acabou de chamar Abel Frazier e Braxton Smalls de... filhos da puta?” Ela pergunta, espantada.

Eu encolho os ombros. “Eu chamo como é.”

Ela balança a cabeça violentamente. “Eles são...”

Eu a cortei, irritada. Eu só posso imaginar quais seriam suas próximas palavras. “Apenas garotos,” eu atiro, “e eles não têm ideia de como o mundo real funciona. Eles não sujam as mãos. Eles provavelmente nunca tiveram que fazer suas próprias camas por dia na vida. Eles são lindos príncipes que não têm ideia de como é lutar e ganhar a vida.”

O pensamento desperta uma raiva ainda mais profunda dentro de mim. Eu avanço até estar em seu rosto.

“Então, foda-se se eles pensam que podem simplesmente exigir algo e esperam que eu dê a eles. Eu não sou a cadela de ninguém.” Eu respiro fundo. “E eu não sei sobre você, mas eles não ganharam a porra do meu respeito e eu serei amaldiçoada se eu o distribuísse como um doce grátis. Já existe o suficiente que este mundo espera tirar de mim.”

Ela fica boquiaberta para mim, mas eu disse o que disse e não vou voltar atrás. É a verdade.

Deixando-a para trás no gramado, eu me viro e ando em direção à frente do dormitório, passando meu cartão junto ao leitor enquanto abro a porta e me movo em direção às escadas. Eu deixo minha merda cair no quarto, chutando-a debaixo da cama enquanto pego minha carteira, chaves e telefone celular, colocando tudo em meus bolsos e sutiã enquanto pego a porta antes mesmo que ela feche totalmente, e a tranco atrás de mim no meu caminho de volta para fora.

Meus pés atingem o pavimento e vou para o escritório da Sra. Bairns. Em todo o campus, é claro. Ele *iria* ser no edifício mais distante. A caminhada, porém, é longa o suficiente para acalmar a coceira que ainda persiste em mim. Eu realmente preciso bater em alguém ou mergulhar no penhasco - algo para me impedir de ser muito perigosa. Foi fácil livrar-se desse sentimento em Plexton. Sexo às vezes funcionava. Assim como entrar em uma briga com um estranho aleatório. Assim como roubar a bicicleta suja do meu vizinho e pilotá-la pela lama do leito do riacho local, chegando o mais perto possível da borda da ravina sem realmente cair.

Onde algumas pessoas evitam o perigo, acho que não apenas gosto, mas *preciso* dele. É a corrida pela sobrevivência, pura e simples. Todo mundo é viciado - minha mãe, os alunos aqui em Eastpoint e até eu. Onde eles gostam de drogas e dinheiro, eu anseio pelo caos. E se eu não cuidar dessa fome logo, não será bom para ninguém, muito menos para mim.

Atravesso o gramado do campus, onde vários grupos de alunos se espalham sob o sol. Alguns estão estudando, outros apenas curtindo o bom tempo. Quase todos erguem os olhos quando eu passo. Seus olhares queimam minha pele. Em resposta, começo uma corrida leve e acelero o ritmo.

Assim que chego às portas da frente do prédio que abriga o escritório da Sra. Bairns, a porta é aberta por dentro e eu desvio para a direita, evitando por pouco ser atingida. Uma figura escura emerge, alta o suficiente para que eu tenha que esticar minha cabeça para trás para encontrar seus olhos.

Eu espero. Expectante. Mas, em vez de um pedido de desculpas, seus lábios se curvam em um sorriso falso, não exatamente um sorriso e, no entanto... ao mesmo

tempo, parece que ele está rindo de mim e eu não gosto disso. Ele encontra meus olhos com seu próprio olhar. Olhos da cor de mel escuro derretido, como ouro polido se tivesse sido misturado com chocolate - ou teria sido, se não fosse o toque de cobre ali. Eu o encaro.

"Então?" Eu estalo.

Ele arqueia uma sobrancelha escura e forte. "Então o que?" Ele pergunta.

Meus pelos levantam e, por mais que eu tente, empurrá-los de volta para baixo, eles permanecem levantados. A necessidade de foder algo bate contra o interior do meu crânio e eu empurro para baixo, mas por pouco. "Você vai se desculpar para que eu possa seguir meu caminho?" Eu pergunto.

"Você pode ir quando quiser, porra. Eu não estou te impedindo."

Eu rolo meus olhos, viro e agarro a porta, abrindo-a. "Idiota," murmuro enquanto deslizo para dentro. Quando a porta se fecha atrás de mim, uma risada profunda do homem volta para mim e faz algo se desenrolar no meu estômago. Eu cerro meus dentes e continuo andando.

Felizmente, este prédio - ao contrário do dormitório - está equipado com um elevador. Eu ignoro a garota que praticamente salta do pequeno espaço no segundo que eu entro e aperto meu dedo no botão para me levar para o andar correto. Segundos depois, o elevador apita e as portas se abrem para revelar um longo corredor de azulejos.

Virando minha cabeça de um lado para o outro, eu dou o primeiro passo para fora do elevador e examino meus arredores. Com um assobio baixo, eu marcho para frente. Não sou especialista em merdas caras - a coisa mais cara que já tive é provavelmente o meu celular - e ele tem alguns anos, comprado no mercado com uma tela já quebrada. Este corredor, porém, posso dizer que é caro. É bem iluminado - iluminando os ladrilhos de mármore branco sob os pés. Um lado da área é coberto por uma fileira de janelas que se estendem até o teto e o outro exibe grandes retratos de velhos brancos em várias formas de roupas antiquadas, todas formais.

É interessante ver gerações de idiotas ricos alinhados um por um. Tenho certeza de que Rylie está certa sobre os ricos serem corruptos. Eu me pergunto se algum desses homens já matou por seu dinheiro quando estava vivo. Meu palpite é que sim. Todo mundo mata - morar com Patricia me ensinou isso. Às vezes, é a morte de sonhos infantis e às vezes é apenas a porra de um corpo. O resultado final é o mesmo. Morte e desespero.

Desconfortável com a direção de meus próprios pensamentos, pressiono meus lábios e avanço, alcançando o final do corredor e encontro o escritório da Sra. Bairns. Parando do lado de fora da porta ligeiramente rachada, bato uma vez e coloco minha cabeça para dentro. O rosto familiar da Sra. Bairns se volta para mim.

“Avalon,” diz ela, oferecendo-me um sorriso. “Entre.”

Eu empurro a porta ainda mais, entrando no escritório luxuoso. Inferno, o lugar é maior do que o meu dormitório. Não parece muito justo, já que eu tenho que dividir ele e morar lá, e ela só tem que estar aqui provavelmente oito horas por dia ou mais, mas eu mantenho minha boca fechada.

“Você tem sido uma garota ocupada,” disse Bairns assim que minha bunda pousou no assento diante dela.

“Sim?” *Ela já sabe sobre os malditos idiotas da aula?* Eu me perguntei silenciosamente.

“Sim.” Ela acena com a cabeça, abrindo uma gaveta e enfiando a mão dentro. Eu observo enquanto ela retira um arquivo. “Você acabou de se mudar há poucos dias, mas já está em suas primeiras aulas. Como estão indo?”

Meu corpo relaxa automaticamente, mas apenas ligeiramente. “Elas estão indo bem.”

Seus olhos se erguem para encontrar os meus brevemente enquanto ela segura o arquivo e o abre. “Sem problemas?” Ela pergunta. “Você está fazendo amigos?”

Eu bufo. Quando eu não respondo, sua cabeça levanta novamente e ela se inclina para mim com curiosidade. “Você não me trouxe aqui para fazer amigos,” eu

digo. “Você me trouxe aqui para aumentar suas estatísticas e para ficar bem vista nos recibos de impostos da faculdade.”

Sua cabeça já está balançando antes mesmo de eu terminar de falar. “Isso não é verdade, Avalon. Você foi trazida aqui por causa de seu potencial.”

“Minhas notas?” Eu zombo. “Elas são boas, mas nada vai apagar minha ficha criminal, Sra. B.”

O rosto da Sra. Bairns se transforma, seu sorriso crescendo quente, mesmo quando um brilho entra em seus olhos. Ela levanta os braços e apoia os cotovelos na mesa, apoiando o queixo nos dedos curvados. “E se pudesse, então?” Ela pergunta.

“O que?” Eu franzo a testa.

“E se a sua ficha criminal pudesse apenas,” ela levanta uma das mãos para esticar os dedos, “desaparecer.” A Sra. Bairns olha para mim por um momento, esperando por alguma reação, mas quando ela não consegue, ela se inclina para frente. “Podemos fazer isso acontecer, sabe?”

*Aqui está.* Eu respiro fundo e a deixo ver o olhar impressionado em meus olhos. *Sobre o que Rylie me avisou. Ela estava certa pra caralho.* Eu inclino minha coluna contra o encosto da cadeira, cruzo os braços e espero.

A Sra. Bairns deve entender isso como sua deixa para continuar, porque ela se acomoda e sorri para mim quando começa a falar. “E se eu dissesse que, quando você terminar seus créditos do ensino médio aqui, podemos transferi-la como caloura?” Ela pergunta. “Você poderia ir para a faculdade aqui, uma universidade de muito prestígio.”

“Tenho certeza de que não posso pagar,” eu digo inexpressiva.

“Não agora,” ela concorda. “Mas com bolsas de estudo e...”

“Apenas me diga qual é a pegadinha,” eu digo, interrompendo-a.

“Sem pegadinhas, Avalon,” ela diz, seu tom sério quando ela alcança o outro lado da mesa e coloca a mão na minha frente. Eu olho de volta para o rosto dela. “É

uma grande oportunidade. Sim, claro, a universidade se beneficiará com alunos que apresentem a média geral de testes e notas e, se você aceitar a bolsa, deverá terminar os quatro anos. Nossa taxa de retenção é muito importante para nós."

Não estou impressionada. Na verdade, quanto mais ela fala, mais eu sinto coceira - como se milhares de formiguinhas estivessem rastejando em minha pele. É nojento "O que mais?" Eu estalo, coçando minha nuca. Eu não quero nada mais do que me levantar e sair desta sala, mas ao mesmo tempo quero que ela seja honesta pra caralho. Que ela se abra e me diga o que diabos eles realmente querem de mim. Ninguém dá esmolas. Isso não é real. As pessoas sempre querem algo em troca.

Ela pisca como se estivesse surpresa com meu tom, mas eu realmente não dou a mínima. Aqui está ela, falando como é grande essa oportunidade, mas tudo que posso ver são cordas. Cordas penduradas no teto, envolvendo seus braços e pernas e puxando seus movimentos. Eu me pergunto se eles estão amarrados com tanta força que cortaram a circulação em seu cérebro - talvez isso explicasse por que ela parece pensar que sou idiota. Eu gosto da Sra. Bairns, bem, o suficiente, mas está claro que ela é apenas mais um fantoche de merda. E eu odeio pessoas que deixam outros ditarem seus movimentos.

"Bem, depois que você se formar, adoraríamos oferecer-lhe um cargo em uma de nossas muitas empresas de benfeitores generosos..."

É isso. Terminei. "Não." Eu me levanto. "Acho que isso encerra esta reunião. Obrigado pela oferta, Sra. B, mas estou bem. Eu não preciso de um emprego."

O choque cobre seu rosto. "E quanto a bolsa?"

Eu encolho os ombros e sigo para a porta. "Vou descobrir quando chegar lá."

"Avalon!" O arranhar de sua cadeira atrás de mim me diz que ela não está pronta para esta conversa acabar. Eu estou, entretanto. Seus dedos circundam meu braço enquanto ela me puxa para parar. Parando no meu caminho, eu viro minha cabeça e olho para onde ela está tocando antes de olhar incisivamente de volta para ela. Ela rapidamente percebe e me solta. "Você tem que pensar sobre isso," ela insiste. "É do

seu futuro que estamos falando. Você realmente quer voltar para casa depois de terminar seus créditos do ensino médio?" Fendas profundas começam a se formar entre suas sobrancelhas.

"Por que não?" Eu pergunto.

Ela respira fundo. "Avalon, você é inteligente," ela diz. "Você é melhor do que aquele lugar."

Oh, mas é aí que ela está errada. Ver a mim mesma como melhor de repente me transforma em alguém como os idiotas da classe - Abel Frazier. Ou até mesmo o cara que se recusou a se desculpar depois de quase me derrubar mais cedo. Quando você começa a se ver acima de todo mundo, começa a pensar que é um deus, e eu não sou a porra de um deus. Na verdade, sou um demônio.

"Obrigado novamente pela oferta," eu digo com um aceno de cabeça enquanto alcanço a maçaneta. "Mas eu cumpri meu dever - eu me encontrei com você. Disse que minhas aulas estavam bem. Estamos bem."

Eu saio para o corredor, não tão surpresa quando ela escolhe me seguir. "Pelo menos pense nisso," ela pressiona, seus saltos clicando contra os ladrilhos. Ela continua me seguindo todo o caminho de volta para o elevador, me dizendo que essa será uma grande oportunidade, e durante todo o caminho, tudo que posso pensar é que realmente preciso de algo relaxante depois de um dia como hoje.

As portas do elevador se abrem e eu entro, me virando enquanto ela bate a mão nas portas para mantê-las abertas, seus olhos implorando. "Por favor, apenas me prometa isso."

Eu franzo a testa com sua reação curiosa enquanto pressiono o botão para o andar de baixo. "Claro, Sra. B, vou pensar sobre isso," minto, mas quando as portas se fecham, tudo que consigo pensar é em seu desespero.

Pessoas desesperadas muitas vezes estão dispostas a abandonar tudo e qualquer coisa para conseguir o que desejam. O que mais me irrita, porém, é o fato

de que não consigo identificar exatamente por que a Sra. Bairns me quer aqui. O frenesi. A intensidade de seu apelo.

Que porra de escola concordei em vir?

# 9

## Dean

Eu sei quem ela é, e Abel está certo. Ela não é apenas uma garota do programa com uma atitude ruim, mas também tem um corpo feito para foder. Ela esconde sob camisetas e jeans ásperos, mas não é fácil esconder peitos e uma bunda assim. Também é óbvio que ela não tem ideia de quem qualquer um de nós é. Caso contrário, ela nunca teria esperado um pedido de desculpas de mim. Eu rio sombriamente com o mero lembrete. Aqueles olhos frios e cortantes. Aquela boca de foda-me.

*Pobre criatura.* Eu a vejo entrando no prédio onde meu pai e os outros chefes de família mantêm seus escritórios quando se dignam a entrar no campus. Seu pequeno "idiota" murmurado pouco antes de a porta se fechar atrás de sua bunda me diverte mais do que qualquer coisa há um tempo. Coçando o lado do meu queixo, sinto meus lábios puxarem para cima.

Normalmente não me envolvo em jogos como os que Brax e Abel jogam. Enquanto eu a vejo ir embora, o balanço de sua bunda chama minha atenção. Mesmo de costas, sua coluna permanece reta e rígida - desafiadora. Para um homem como eu, ela não é nada além de tentação absoluta. Ela é um desafio e não sinto necessidade de conquistar algo há um bom tempo - não quando tudo já está à minha disposição. Quase tudo de qualquer maneira.

Eu franzo o cenho com o lembrete, virando e descendo os degraus da frente do prédio, e corro em direção ao estacionamento. Meu telefone apita assim que eu alcanço o SUV e o puxo, como se eu tivesse convocado a vadia das profundezas do purgatório, o nome de Kate Coleman pisca na minha tela. Excluo sua última mensagem e o resto junto com as mensagens de voz que não me preocupei em olhar. Ela fez sua cama e vou fazê-la se arrepender. *Em breve*, eu prometo a mim mesmo.

Logo a porra da cama dela estará pegando fogo e eu não terei que lidar com Luc Kincaid também.

Rolo a tela para baixo até meu e-mail e depois até meu acesso aos arquivos dos alunos. Em segundos, tenho uma imagem da garota do prédio de escritórios e um arquivo em nome de Avalon Manning baixado para o meu telefone. A lista de suas escolas anteriores tem quase uma página inteira com os detalhes de cada transferência nas páginas seguintes. Solto um assobio lento enquanto abro a porta do SUV e entro, colocando a chave na ignição. Alguém foi uma garota muito má. Cinco escolas. Numerosas referências. Suspensões por brigas, atrasos, fumar maconha. Eu ri. Cara, as escolas públicas ficam tão perturbadas com a merda mais estúpida.

Meu telefone toca assim que saio do estacionamento e atendo.

"Ei," a voz de Abel é filtrada pelos alto-falantes. "Eu tenho a festa organizada. Eli está de serviço na porta e o resto está pegando as garotas. Você conseguiu alguma coisa?"

"Sim. Peguei o arquivo dela e encontrei a garota."

"Você fez?" Ele parece animado. "O que você achou?"

"Acho que estou tratando desse caso como um caso pessoal," digo.

"Foda-se, cara!" Mas a leveza de seu tom não se dispersa. Meu telefone toca novamente e eu congelo quando olho para a nova chamada em espera. Um número bloqueado. E apenas um número bloqueado liga para meu celular.

"Tenho que ir." Não espero uma resposta antes de pressionar o botão encerrar e passar o dedo na cor verde. "Dean," eu atendo a nova chamada.

"Armazém 14. Sexta-feira. Meia-noite. Não se atrase." A linha fica muda.

*Foda-se*.

Minhas mãos apertam o volante e meu pulso acelera. Meus pulmões se expandem quando respiro fundo. O telefonema só pode significar uma coisa. Temos um trabalho de merda a fazer.

# 10

## Avalon

Um bocejo estica minha boca. Droga, estou tão cansada. Eu posso sentir os grãos de sono individuais ainda persistindo, embora eu esteja acordada por horas. As palavras na minha frente se borram no esquecimento até que tudo que eu posso ver são linhas escuras nas páginas do meu livro.

Murmuro uma maldição baixinho e tento esfregar mais vida em meus olhos.

“Avalon Manning?” Eu olho para cima quando alguém se senta na minha frente.

Eu examino a garota diante de mim, reorientando meu olhar enquanto endireito minha espinha. Olhos escuros, cabelo loiro, roupas bonitas e uma atitude que grita 'Eu não me importo com o que você pensa.'

“Depende de quem está perguntando,” eu digo.

Um cartão bate na mesa e ela bate as unhas pintadas de vermelho sobre ele. “Isto é para você.” A garota desliza em minha direção.

Eu nem mesmo tenho energia mental para olhar para o que quer que ela esteja tentando me dar. Em vez disso, respiro fundo e pego minha bolsa, enfiando meus livros e coisas dentro dela enquanto me levanto da cadeira. Achei que a biblioteca seria um bom lugar para fazer alguma merda, mas aparentemente não é. “Não, obrigado.” Eu luto contra um bocejo enquanto termino de embalar.

Se ela está surpresa com minha falta de interesse, ela não demonstra. Na verdade, parece que ela não dá a mínima para que eu esteja lá. “Não vai acontecer,” ela responde. “Esta é uma ordem. Você estará na Casa Frazier esta noite. A festa começa às nove. Chegue tarde ou chegue cedo. Eu realmente não me importo. Mas você estará lá.”

“Altamente improvável,” eu digo. “Eu não recebo ordens.”

“É dos herdeiros de Eastpoint,” afirma ela.

“Você quer dizer os Sick Boys?” Eu pergunto, esclarecendo. Ela acena com a cabeça e isso só solidifica minha resposta. “Bem, então,” eu digo, puxando uma caneta da minha bolsa e pegando o convite. Eu rabisco uma mensagem e deslizo de volta para a garota. “Você pode dizer a eles que esta é a minha resposta.” Deixo o convite na mesa e vou para a saída.

Quando saio para a calçada, outro bocejo me pega desprevenida. Esfregando a mão pelo rosto, inclino a cabeça para cima até que estou olhando para a camada de nuvens pairando sobre os edifícios. Esta semana inteira foi uma batalha. Os Sick Boys. O ajuste. Tentar dormir com uma estranha virtual no mesmo quarto - impossível. Sinto-me constantemente observada, como um peixe em um tanque ou um inseto sob um microscópio. Isso só torna meus desejos internos ainda piores.

Eu arrasto minha bunda morta e cansada de volta para o dormitório, e algum tipo de merda de divindade deve estar olhando para mim favoravelmente, porque pela primeira vez, Rylie não está aqui. O que só pode significar uma coisa para mim. Sem pensar duas vezes, deixo cair minha bolsa, fecho as cortinas, tranco a porta e rastejo para debaixo das cobertas da minha cama. *Apenas algumas horas*, eu prometo a mim mesma. Meus olhos se fecham por conta própria e agora que estou sozinha, caio na porra do melhor sono que tive em dias.

Apesar de estar cansada, no entanto, tenho o sono leve - anos morando com Patricia e sua série de namorados viciados irritantemente persistentes me deixaram atenta. Quando a fechadura da porta se solta, meus olhos se abrem e eu me sento no momento em que Rylie entra com um envelope quadrado na mão. “Ei,” ela diz, “isso estava aparecendo por baixo da porta. Tem o seu nome nele.”

Ela o joga no final da minha cama e depois vai para a mesa. Do canto dos meus olhos, eu a observo enquanto ela descarrega seus livros junto com um laptop de alta qualidade. Isso é uma coisa que notei sobre ela - enquanto o resto de sua merda é velha e muitas vezes quebrada ou desgastada - ela tem um laptop explosivo. Estou

curiosa para saber o porquê disso, mas garotas como nós sabem de uma coisa, se é que sabemos de alguma coisa, bisbilhotar é proibido. O que quer que ela faça, desde que não me afete - é problema dela.

Eu levanto o cartão e um silvo de irritação escapa pelos meus dentes quando eu percebo o que é. A mesma merda de convite que a garota da biblioteca tentou me dar. Curiosamente, porém, a nota que escrevi nele se foi. Então, não é exatamente o mesmo. É um novo convite.

A curiosidade me fez abrir o envelope e puxar o cartão de seu confinamento.

*Você está convidada para a Casa Frazier.*

*1400 Eastpoint Avenue.*

*21h.*

Percebo que, quando Rylie abre o laptop na mesa, ela mantém o olhar grudado na tela e, mais especificamente, longe de mim. Eu sorrio.

“Você sabe o que é isso, não é?” Eu pergunto, acenando o cartão em sua direção.

“Não.” O pequeno estalo que ela faz ao dizer a palavra é tudo o que preciso.

“Mentirosa.” Eu rio, balançando a cabeça e jogando o cartão e seu envelope na lata de lixo próxima. “Não importa, de qualquer maneira. Eu não vou.”

Seus dedos ainda estão contra o teclado e ela morde o lábio inferior com força, como se estivesse tentando se convencer a não dizer o que está pensando. Eu começo uma contagem regressiva mental na minha cabeça:

*Cinco...*

*Quatro...*

*Três...*

*Dois...*

Assim que o último número passa pela minha mente, ela vira o corpo na minha direção. “Você vai tornar isso muito pior para você se não for e acabar logo com isso,” ela retruca.

“Acabar com o quê?” Eu pergunto inocentemente.

Seus olhos se estreitam. “Você vai se meter em tantos problemas, porra,” ela diz em vez de responder.

“Bom,” eu respondo. “Isso é definitivamente algo em que me sobressaio e faz muito tempo que não tomo uma boa dose de problemas.” Talvez provar que não posso ser controlada por esses Sick Boys me dê aquela descarga de adrenalina que estou desejando.

“Sim, bem, talvez seja divertido para você, mas não para mim. Tento evitar problemas quando surge no meu caminho.”

“Você tenta?” Eu digo, mais do que um pequeno toque de sarcasmo em meu tom.

Antes que ela tenha a chance de responder, meu estômago ronca, interrompendo tudo o que ela possa ter dito, e eu tomo isso como minha deixa para encerrar esta conversa. Tiro as cobertas e pego meus sapatos. Está escuro lá fora agora e uma olhada no meu telefone me diz que o refeitório já fechou há muito tempo. A única coisa que resta a fazer é ir ao posto de gasolina na rua e torcer por um sanduíche pré-embalado barato, ainda não velho, uma iguaria da minha cidade natal.

“Eu volto mais tarde,” eu grito enquanto pego minhas chaves e as coloco no bolso.

Já estou na metade do caminho para fora da porta quando ouço sua resposta murmurada. “Não é provável.”

Eu paro no corredor, olhando para trás. Eu me pergunto se ela realmente acha que vou à festa idiota deles. *Porque a chance de isso acontecer é zero. Pelo menos, não por vontade própria.*

Meu estômago ronca novamente, fazendo um barulho desconfortável de choramingar, e eu saio correndo do prédio. O sinal de néon vermelho e branco do posto de gasolina aparece minutos depois, enquanto eu pego o ritmo. *Cachorro-quente*, eu acho. Eu realmente poderia ir para a porra de um cachorro-quente em vez de um sanduíche.

Ao longe, o motor de um carro ronca e uma forte mistura de rap e rock de alto-falantes antigos soa. Ele fica cada vez mais perto até que um Mustang conversível vermelho acelera e entra no estacionamento do posto de gasolina no momento em que chego à calçada em frente a ele. Eu congelo quando as portas se abrem e três figuras familiares emergem.

Com a capota abaixada, é fácil vê-los, e faço uma pausa. O motorista não é outro senão o líder - Abel Frazier - o cara da minha classe, e descendo do banco de trás, seu amigo imensamente alto salta para o lado do carro - seus sapatos batem forte no chão enquanto ele salta um pouco sobre os pés. Mas eles não são o único motivo da minha pausa. Ao contrário dos outros dois, que simplesmente se arrastaram pela lateral do veículo, a porta do passageiro se abre e um pé com uma longa bota atinge o solo.

*Eu deveria saber que ele seria amigo dos idiotas...*

A cabeça de Abel se vira e ele para, os olhos fixos em mim por um breve momento antes de seus lábios se abrirem em um sorriso. “Bem, bem, bem, se não é nossa princesa.”

Eu cruzo meus braços sobre meu peito. “Bem, bem, bem,” eu respondo, “se não é o estúpido e o mais estúpido. Oh olhe, você trouxe um amigo. Deixe-me adivinhar, o nome dele é o mais idiota?”

Ele ri disso. “Você recebeu o convite para nossa pequena festa esta noite?” Ele pergunta.

Eu saio do meio-fio e dou a volta na parte de trás do carro deles enquanto caminho para a porta da frente do posto de gasolina. “Claro que sim,” eu respondo. “Espero que tenha gostado da minha resposta.”

Quando chego às portas do posto, olho para cima e encontro os olhos do idiota que quase me bateu com uma porta no início daquela semana. Eles são escuros e vigilantes. Quase predatórios. Se Abel responde, não ouço. Estou muito focada na expressão desse cara. Seu sorriso é pequeno, mas foda-se se isso não envia arrepios na minha espinha.

Eu empurro esses filhos da puta para baixo e ignoro a forma como meu estômago aperta, agarrando a maçaneta da porta e puxando-a com força demais quando entro na loja.

Eu mal estou dentro por cinco minutos, examinando a seção de chips ensacados quando eles me seguem. O atendente dá uma olhada em sua entrada - três idiotas de ombros largos em roupas que provavelmente custam mais do que seu salário semanal - e sai correndo para trás, dizendo-lhes para tocarem a campainha quando estiverem prontos para o pagamento.

Eu resmungo e pego um saco de batatas fritas – sabor creme de leite e cebola - e me dirijo à fileira de portas da geladeira para pegar uma bebida. Passos soam à direita e à esquerda de mim enquanto abro uma porta e pego um refrigerante. Uma mão bate no vidro e eu recuo quando ele fecha.

Com uma carranca, eu me volto para a fonte da minha irritação. “Algum problema?” Eu pergunto, inclinando minha cabeça para encontrar seus olhos.

Abel me encara com um sorriso, então apoia o ombro contra a porta que eu estava parada na frente, cruzando os braços sobre o peito. “Só queria me apresentar, *Avalon Manning*,” diz ele. “Sabe, já que agora tenho o seu nome, mas você não tem o meu.”

Meus olhos foram para o lado onde seus amigos, particularmente aquele que me faz sentir presa sob um microscópio - estão. “Eu não dou a mínima para quem

você é," declaro. "Conhecido ou não, você é apenas mais um idiota que pensa que pode se safar de tudo e qualquer coisa só porque seu pai tem dinheiro."

Eu me viro para ir embora e, no segundo seguinte, o saco de batatas fritas na minha mão cai do meu alcance quando sou repentinamente agarrada e empurrada contra o vidro frio de uma das portas da geladeira. Suas mãos caem em cada lado da minha cabeça. "Meu nome é Abel," ele diz enquanto se inclina para mim, sorrindo. "Frazier."

"Eu nunca disse que não sabia o seu nome," respondo friamente. "Eu simplesmente não me importo."

Ele arqueia uma sobrancelha. "Você deve se importar," ele responde. "Uma vadia inteligente faria."

"Bem, agora, acho que ambos estabelecemos que não sou necessariamente inteligente," eu começo, dando-lhe um sorriso enquanto alcanço seus ombros, deslizando minhas mãos sobre eles antes de puxar para baixo e trazer meu joelho bem entre suas pernas. Seus olhos se arregalam e ele cai para o lado, segurando seu lixo e tossindo de dor. "Eu sou um gênio do caralho," eu termino antes de levantar minha cabeça para olhar os outros dois.

O mais alto recua e ri. Sinto meus músculos ficarem tensos com o som, mas ele não faz nada para ajudar o amigo. Em vez disso, ele enxuga os dedos sob os olhos, olhando para o amigo com um aceno de cabeça, depois me dá uma piscadela antes de se mover para ajudar a levantar Abel. "Leve-o de volta para o carro, Brax," ordena o terceiro e último membro do pelotão.

"Vamos cara," diz Brax, levantando Abel com um braço em volta de seu ombro. Ele dá outra olhada em mim antes de sair, balançando a cabeça para frente e para trás mais uma vez. "Você é um problema, garotinha." Embora as palavras sejam um insulto, vindo dele, elas soam mais como um anúncio animado, especialmente quando ele acrescenta "Acho que gosto," no final antes de se virar e puxar o amigo para fora. Por algum motivo, tenho a sensação de que ele gosta do meu tipo de problema favorito e aposto que também gosta dele. Que pena que ele é um babaca rico com gosto de

merda para amigos e eu sou uma aluna do programa do lado errado dos trilhos - se as coisas fossem diferentes, poderíamos ter sido amigos.

Assim que eles saem pela porta e eu fico sozinha com o último cara, eu afasto esse pensamento e encaro o terceiro homem. Por vários longos momentos, nenhum de nós disse nada. Sua sobrancelha esquerda se levanta enquanto ele lentamente abaixa o olhar, arrastando aqueles olhos afiados para baixo sobre a minha camiseta surrada e jeans rasgados.

“Avalon Manning,” afirma ele, dando um passo à frente. Eu endureço, empurrando minhas costas ainda mais contra a porta enquanto observo cada movimento seu. Calculando o que ele fará a seguir. Ele me surpreende quando levanta o olhar para encontrar o meu e me dá o sorriso mais deslumbrante que eu já vi, cheio de intensidade predatória que me faz morder a língua para não babar. Se eu fosse qualquer outra garota, provavelmente teria caído de joelhos com um sorriso daqueles. É fascinante. É perigoso. Faz meu sangue bombear.

Mas eu não sou qualquer outra garota. Eu sou Avalon Fodida Manning e não caio de joelhos por ninguém, especialmente por um idiota que parece estar acostumado a ter mulheres se atirando nele. “Eu sei muito sobre você,” diz ele, quebrando o silêncio.

“Sim?” Minha respiração é liberada do meu peito quando eu encontro seu olhar, deslizando pelos meus dentes em um silvo silencioso.

“Dezoito anos. De Plexton, Geórgia. Sem pai. Mãe drogada. Expulsa de cinco escolas...”

“Quatro,” eu interrompo.

Ele arqueia uma sobrancelha. “Considerando que você teria sido expulsa de sua última escola antes que nossa recrutadora a encontrasse, seriam cinco.”

Eu encolho os ombros. “Você estaria errado. Eu nunca fui tecnicamente expulsa. Eu saí voluntariamente.”

“Você saiu, entretanto?” Ele desafia. “Ou você estava sem opções?”

Eu murmuro, o som vibrando em meu peito. “Hummm,” eu digo. “Eu gostaria de saber.”

Ele se aproxima e o som de plástico sendo esmagado sob as botas chega aos meus ouvidos enquanto ele chuta o saco de batatas fritas para fora do caminho até que ele esteja a poucos centímetros de mim. Embora ele não seja tão alto quanto Brax, ele é mais largo. Fodidamente enorme. Todo o seu corpo envolve o meu. Um arrepio percorre minha espinha. *Não é nele que estou interessada,* digo a mim mesma, *é a insinuação de perigo que paira sobre ele como uma segunda pele.*

Eu lambo meus lábios repentinamente secos, sem querer chamando sua atenção para lá. Olhos castanhos escuros baixam e olham enquanto minha língua passa de um lado da boca para o outro, deslizando pelo meu lábio inferior. Ficamos assim por vários segundos, o pulso de tensão ricocheteando no espaço entre nós. Eu aperto meus dedos contra o meu jeans, sentindo gotas de suor surgirem no centro da minha palma. A excitação pulsa em um ritmo constante contra o interior da minha caixa torácica.

Eu quero ver o que ele vai fazer, eu percebo. Quero saber por que os outros os chamam de Sick Boys. Eu quero saber o quão fodido eles - ele - podem ser.

E mais importante, *mexer com eles vai me dar o tipo de alta que eu quero?*

Infelizmente, depois de vários segundos de silêncio, ele dá um passo para trás. Decepção rola através de mim. Eu deveria saber melhor. Sick Boys? Ha. Provavelmente são garotinhos brincando de gangsters. Eles provavelmente nunca seguraram uma arma na vida, nunca viram as consequências de uma overdose ou tiveram que ser entrevistados por policiais simplesmente porque viviam no mesmo bairro de lixo que um líder de gangue. Ele desliza para mim um sorriso enquanto se dirige para a frente e antes de sair completamente, ele para na recepção e bate a palma da mão contra a campainha para tocar para o serviço. O som ecoa alto até o teto barato de azulejos.

“Vejo você em breve, Avalon,” ele responde.

Abro a boca para dizer que ele não vai me ver se eu puder evitar, mas ele já está saindo. O atendente deve ter estado observando, porque só quando ele sai da loja o cara volta sorrateiramente para fora. Seus olhos pousam em mim um pouco apreensivos.

“Você está pronta para o pagamento?” Ele pergunta.

Um som de desgosto deixa meus lábios, e eu o ignoro enquanto ando em direção às portas e as empurro abertas. Abel, Brax e o cara com olhos de diabo já estão no Mustang. Ele agarra a porta do lado do motorista e sobe e desce até que suas pernas escorregam para o chão antes de virar a cabeça e encontrar meus olhos enquanto o motor ruge para a vida. Então sua cabeça levanta e ele está olhando para algo além de mim.

Eu não tenho nem uma fração de segundo para perceber o que está acontecendo antes que uma bolsa preta seja jogada sobre minha cabeça, obscurecendo minha visão. Eu reajo violentamente, socando. Meu punho se conecta com o lado de alguém, e tudo que posso sentir são músculos. Em seguida, meus braços são arrastados para trás e rapidamente amarrados com zíper. Jogando meu corpo contra meus atacantes, eu chuto, mas há muitos braços, muitos corpos lutando contra mim. Sou arrancada do chão e o som da porta de um carro se abrindo chega aos meus ouvidos pouco antes de ser jogada no que só posso imaginar ser um banco traseiro largo que cheira levemente a suor e couro. Corpos desconhecidos sobem de cada lado meu, seus braços me prendendo no lugar para me impedir de tentar escapar.

Minha respiração vem em jorros irregulares enquanto eu continuo a resistir e lutar. E embora eu saiba que vou pegar esses filhos da puta de volta por isso, tudo o que posso pensar neste momento é *bem interpretado, Garotos Doentes.*

*Bem jogado, filho da puta.*

# 11

## Avalon

Eu não tenho consciência. Acho que apenas algumas pessoas têm esse luxo e, sim, acho que ter uma bússola moral é um luxo. Quando você está morrendo de fome, exausto e com medo de fechar os olhos por medo do que - ou quem - você encontrará rastejando na cama com você quando acordar, começa a perder o senso do que é certo e errado. Torna-se deformado, distorcido e diferente das visões tradicionais. É claro que os Sick Boys têm um senso distorcido do que é certo e errado, e eu seria uma mentirosa se não dissesse que isso não me interessa nem me deixa curiosa.

Meu coração bate rapidamente no meu peito, o cheiro de suor e bebida e a tensão o transformando em aceleração. Para outra pessoa, esse cheiro pode se assemelhar ao medo, mas para mim, é o lar. É inebriante. É viciante. Isso faz minha adrenalina fluir. Isso faz com que algo escuro dentro de mim se desenrole em meu núcleo. Só falta um pouco de sangue.

“O que Dean quer com uma garota nova, afinal?” Alguém na frente do veículo pergunta.

*Então, seu nome é Dean.* Eu arquivo essa informação. Dean é quem vai pagar por isso. Claro, estou me divertindo e sim, estou mais do que um pouco curiosa sobre seus métodos, mas isso não apaga o fato de que agora tenho que planejar um retorno adequado para esta pequena façanha.

“Não sei,” alguém responde. “Ela está bloqueada, Abel a colocou lá. Ouvi dizer que ela o irritou.”

“Você viu como ele saiu mancando do posto?” Uma terceira voz ao meu lado pergunta. “Eu acho que ela deu uma joelhada nas bolas dele.”

O saco preto na minha cabeça faz com que eu não consiga ver absolutamente nada, mas isso não significa que eu não possa falar. “Eu fiz,” eu digo.

Há um som suave de movimento, como se alguém na frente estivesse se virando para olhar para mim. “Dissemos que você poderia conversar?” Ele exige.

Mesmo com minhas mãos amarradas nas costas, consigo dar de ombros. “Você não disse que eu não podia falar.” Não que uma ordem dessas fosse me impedir de qualquer maneira.

Mantendo-me o mais quieta e sutil possível, eu torço meus pulsos de um lado para o outro, sentindo o plástico duro das amarras. Esses caras não são profissionais - se fossem, teriam me amarrado um pouco mais. Do jeito que está, eles me deixaram espaço suficiente para mover minhas mãos cerca de uma polegada de distância uma da outra, o que significa que provavelmente posso tirar esse lacre. Enquanto estou debatendo sobre fazer isso agora ou esperar, o veículo para abruptamente.

“Tire-a daqui,” o primeiro cara ordena. As portas se abrem e alguém agarra meu braço, me puxando do carro para o pavimento duro. O saco é removido da minha cabeça e eu pisco enquanto observo meu novo ambiente.

Não podemos estar tão longe do campus, simplesmente não havia tempo suficiente no carro para estarmos a mais de dez ou quinze minutos de onde eles me pegaram - mas, quando dou uma olhada em volta, percebo que estamos no meio do nada. Ou pelo menos é o que parece, já que não há outros prédios próximos e tudo é cercado por um bosque denso.

“Bem-vinda à Casa Frazier,” alguém diz, empurrando minhas costas. “Agora, mova-se.”

Dou um passo à frente, olhando para o prédio de três andares diante de mim. Casa é descrever isso suavemente. Este lugar parece um maldito hotel. Longas janelas verticais estendem-se por cada um dos pisos e pilares brancos revestem a frente. Luz dourada se derrama de dentro, assim como música e risos. A festa, ao que parece, está a todo vapor.

A música ressoa do lado de fora e, embora recebamos alguns olhares estranhos enquanto marchamos em meio à multidão de pessoas ao redor da propriedade, ninguém para pra perguntar por que há uma garota sendo conduzida por uma festa algemada com lacre. Começo a me perguntar se isso é, talvez, uma ocorrência regular.

Os caras me conduzem ao redor da lateral da casa, através de uma enorme área dominada por plantas e pedras e para o que parece ser uma nascente natural. Não é, porém, porque as fontes naturais não têm piscinas aquecidas ou banheiras de hidromassagem borbulhando de rochas perfeitamente cortadas. Um assobio baixo sai do meu peito. Esses caras não são apenas ricos, eu percebo, eles são ricos pra caralho.

Garotas com decote baixo, quase biquínis com taças de martini nas mãos - nada de copos Solo vermelhos para essas pessoas - saem da beira da água. Em frente às portas traseiras de vidro, uma pista de dança improvisada foi montada e alto-falantes invisíveis irradiam música pelo gramado dos fundos.

Alguém me empurra para as portas dos fundos, e elas se abrem pouco antes de eu ser empurrada para dentro. Meu Converse de sola fina bate no azulejo branco puro e eu paro e inclino minha cabeça para trás. Um lustre brilhante paira sobre minha cabeça, tilintando quando o ar-condicionado liga e uma onda de ar frio passa pelos meus braços nus. Outra porta na frente da casa é aberta e risos estridentes ecoam em direção aos tetos enormes enquanto os três babacas do posto de gasolina vêm dobrando a esquina.

O lugar está lotado, de cima a baixo. Várias meninas permanecem na cozinha, rindo e estendendo a mão para Abel assim que ele para na porta.

“Abel!” Uma garota grita, quase pulando em seus braços. Parecendo muito menos pálido do que no posto de gasolina depois da primeira rodada comigo, ele sorri para a garota e a levanta até que suas pernas se espalhem e envolvam sua cintura. No próximo segundo, a língua dele está em sua boca e o som de gemidos molhados segue.

Eu franzo os lábios e fico de pé. O plástico em volta dos meus pulsos atinge a pele sob meu polegar enquanto eu deslizo minha mão ainda mais para fora. Abel

finalmente consegue afastar os lábios da garota que está encostando em sua frente. Ele sussurra algo em seu ouvido que a faz rir e a deixa de pé antes de dar um tapa em sua bunda e vê-la se afastar com um olhar faminto em seus olhos.

Brax se move através da enorme quantidade de pessoas convergindo para o espaço agora que os três estão aqui com facilidade, e dois dos caras que me trouxeram se movem para segui-lo. Juntos, eles se aproximam da ilha no centro da cozinha que parece do tamanho do trailer da minha mãe e começam a descarregar os copos e uma garrafa alta de um líquido claro - tequila.

Abel vai até eles, me lançando um olhar feio. Eu sorrio para ele. “Parece que não estraguei completamente a sua noite, digo.

“Não por falta de tentar, porra,” ele rosna enquanto Brax lhe dá uma dose. Ele engole em uma respiração antes de apontar o queixo para o resto das garotas que se demoram, tentando não tão sutilmente chamar sua atenção. “Dê-nos espaço,” ele ordena, e assim, elas o fazem.

Todos ao redor, tanto garotas quanto garotos - exceto pelos dois que ainda estão de pé atrás de mim, os três idiotas que orquestraram esse sequestro e eu - saem da sala. Afasto minha atenção de Brax e Abel e encontro os olhos do homem mais perigoso na sala. Talvez ele seja e talvez não, mas tenho a sensação de que ele é o líder deste batalhão de idiotas. Portanto, é ele quem chama a atenção.

“Então, *Dean*,” digo, enfatizando seu nome. Eu flexiono meus braços. “Importa-se de me dizer por que você achou necessário me trazer aqui? Você *quer* me irritar?”

Um sorriso frio se forma em seu rosto. “Você e eu sabemos que você não está chateada com isso,” diz ele. O sangue em minhas veias congela. Eu sei disso, mas como ele sabe disso? Dean cruza os braços e me encara como se estivesse esperando por algo. Eu não sei o que é e eu espero meu tempo enquanto considero minha resposta.

Meu olhar desliza para os dois caras restantes, mantendo vigília ao meu lado como se eles fossem seguranças em um clube e eles querem ter certeza de que

ninguém pode chegar perto de mim... ou melhor, que eu não irei perto de seus chefes. *Muito ruim para eles,* eu acho. Eles não têm ideia do que uma garotinha como eu pode fazer. Eles obviamente são atletas de algum tipo - futebol, se é que o tamanho deles é válido, mas o tamanho não tem nada a ver com inteligência.

Decido que agora é um momento tão bom quanto qualquer outro para provar isso. Eu torço um braço livre das amarras do lacre, mas seguro o anel de plástico, mantendo minhas duas mãos atrás das costas. Brax olha para cima e se fixa em mim, e minhas costas se endireitam. Um sorriso surge em seus lábios e ele olha para Dean, que balança a cabeça sutilmente. Eu estreito meus olhos, mas como nenhum deles disse outra palavra, eu não interrompo meu plano. A luz verde está piscando e estou sentindo uma mistura inebriante de raiva e ansiedade.

"Então," eu começo casualmente, "qual de vocês realmente colocou o saco na minha cabeça e me amarrou com lacre?" Eu pergunto aos guarda-costas. "Foi um de vocês ou um dos outros?" Se a sorte estiver do meu lado, será um ou ambos.

Eles se entreolham e, em seguida, com um encolher de ombros que determina o quão pouco eles me consideram uma ameaça, aquele que responde certo. "Nós fizemos," diz ele. "Ordens são ordens."

Eu sorrio. *Ahhh, doce senhora da sorte. Afinal, ela me ama.* "Sem problemas. Só queria ter certeza antes de fazer isso."

Eles franzem a testa e olham para baixo. "Fazer o que?" O da esquerda pergunta apenas uma fração de segundo antes de eu colocar minhas mãos em volta da minha frente e dar um soco no rosto dele antes de me virar, agarrando a nuca de seu amigo e abaixando assim que eu levanto meu joelho. Ouço um ruído abafado na minha perna e sou empurrada para longe.

"Foda-se!"

"Cadela!"

Eu rio, dando um passo para longe deles e em direção ao bloco do açougue. Abel, Brax e Dean, todos os três não movem um músculo enquanto me observam dar

a volta na ilha e pegar uma das facas. Talvez se eu estivesse mais chateada e menos divertida, eles teriam mais motivos para se preocupar, mas agora, estou mais curiosa do que qualquer outra coisa. É muito difícil chegar a esse ponto perigoso. Eu uso uma mais afiada para cortar o lacre restante e solto o plástico no balcão antes de pegar uma das doses e engoli-la.

O fogo incandescente desce pela minha garganta. Não é tão bom sem o limão e o sal, mas ainda... não é ruim. “Ahhh,” digo com um suspiro. “Isso é uma merda de primeira.”

Brax sorri e toma sua própria dose antes de empurrar outra para mim. Desta vez, ele me entrega um limão cortado e um saleiro. “Você vai ficar para a festa, então?” Ele pergunta.

“Nah.” Eu despejo sal na minha mão, lambo e tomo a dose. O limão entra na minha boca enquanto bato o copo de volta no balcão antes de me virar e caminhar para a porta. “Mas obrigado pela diversão.”

Ao passar, uma mão forte agarra meu braço. “Você não vai embora, Avalon.” As palavras de Dean deslizam sobre minha pele, fazendo aquela escuridão doentia que infecciona dentro de mim responder. Eu inclino minha cabeça para trás e sorrio.

“Não?” Eu pergunto. “E quem vai me impedir, porra?”

Seus olhos brilham. Escuro e nebuloso com algo desconhecido. A curiosidade me mantém presa. Eu nem me importo que ele esteja me agarrando sem minha permissão. Por agora... de qualquer maneira.

“Ninguém,” diz ele, “mas você vai ficar.”

“Oh? Por que isso?”

Finalmente, ele sorri e me solta. Quase odeio a sensação de sua pele deixando a minha. Ele abre os braços e pega um copo que Brax lhe entrega. Engolindo, o funcionamento de sua garganta me hipnotiza por algum motivo. “Porque você está curiosa,” ele responde.

Com isso, ele acena para os outros. Brax e Abel vão atrás de seus rapazes, aqueles que cometeram o erro de me subestimar e os arrastam para fora da sala. Pouco antes de Dean ir embora, ele se vira e me dá um sorriso. “Aproveite a festa, Avalon.”

# 12

## *Dean*

“Acha que ela vai ficar por aqui?” Braxton pergunta.

Eu honestamente não sei, porra. Ela é selvagem, isso está claro. Um desafio, como eu disse que queria. Ela mandou o primeiro convite de volta com um grande e velho *Foda-se* rabiscado em caneta vermelha. Braxton achou isso absolutamente hilário, mas só me fez querer ela aqui ainda mais. Eu quero que ela veja, o poder que temos. Quero ensinar-lhe várias coisas, a primeira delas é que ninguém pode me dizer não, muito menos um ninguém como ela.

Sentando-me contra a espreguiçadeira em uma das plataformas de pedra ao redor da piscina, eu inclino minha cabeça para trás e olho para o topo da saliência. Um profundo suspiro de irritação passa por mim. O desejo por algo mais, uma distração do que estamos indo para esta noite pulsa em mim.

“Ei, ela veio,” Abel diz, reorientando minha atenção enquanto eu abaixo minha cabeça.

“Só porque forçamos a questão,” eu o lembro. Isso também não é surpreendente.

Uma das líderes de torcida de Eastpoint passa por baixo, lançando olhares de vir aqui para cima em nossa direção. Abel se inclina para frente e dá uma piscadela para ela. Ela ri e vira o rosto, mas eu sei que ela provavelmente estará na cama dele antes do final da noite. Isto é, se ela ainda não o fez. Como o resto de nós, ele tem suas próprias regras - uma das quais é nunca foder a mesma boceta duas vezes.

“Então?” Brax pressiona. “Você nunca me respondeu. Você acha que ela vai ficar por aqui?”

Eu encolho os ombros. “Pode ser.”

“Vamos arrastá-la de volta se ela for embora?” Ele pergunta.

Eu reclino e pego minha cerveja, deixando-a balançar em meus dedos. “Não sei ainda. O que quer que façamos, teremos que ser cuidadosos. Ela é agressiva.”

Abel grunhe em resposta. “Aquela merda no posto foi uma porra de sorte. Eu não sabia que ela iria atacar minhas bolas daquele jeito.”

Uma risada irrompe de Braxton. Ele dá um tapa na mesa entre nós e balança a cabeça para frente e para trás. “Você deveria ter visto a porra do seu rosto, cara,” ele ri. “Você ficou verde vômito!”

Abel dá um soco na lateral dele. “Cale a boca, filho da puta! Como se você tivesse ficado melhor se ela enfiasse suas bolas em sua cavidade corporal.”

“Ela tem pontos delicados,” comento. “Ela não gostou que você a tocou.”

Ele me olha. “Sim, bem, ela não parecia se importar muito quando era você.” Isso é verdade. Meus olhos se estreitam quando a porta dos fundos se abre e o objeto da nossa discussão torna sua presença conhecida. Então ela não foi embora ainda. Eu a observo enquanto ela vira a cabeça, examinando o jardim antes que seu olhar encontre o meu. Meu intestino aperta. Há algo sobre ela que me incomoda no fundo da minha consciência. Não sei o que é, mas é interessante. Também é perigoso. Como ambrosia para a porra da minha necessidade de controle. Eu quero prendê-la e vê-la se contorcer.

“Você ainda está pensando em transar com ela?” Eu me pego perguntando.

A cabeça de Abel vira em minha direção, mas ele não responde imediatamente. Quando o faz, sua voz é contemplativa. “Por quê? Você quer um pedaço?”

Eu tomo um gole da minha cerveja e coloco de volta na mesa. “Pode ser.”

“Você disse que era pessoal agora,” diz ele.

Isso eu fiz, mas isso foi antes do telefonema. O que quer que estivesse para acontecer esta noite, o que quer que aqueles filhos da puta estejam planejando exigir de nós - uma coisa que precisamos saber com certeza é que nossa regra aqui é sólida.

Independentemente de eu a querer ou não, não vou colocar isso ou Abel e Brax em risco. É minha única regra.

Eu espero uma batida e depois outra, observando enquanto ela levanta o queixo para mim em desafio. Eu me pergunto se ela acha que isso a torna menos atraente. Não me movo para dar a ela qualquer tipo de resposta, e ela simplesmente vira a cabeça e desaparece pela lateral da casa. Finalmente, dou minha resposta.

"Tire ela do bloqueio," eu digo. "Eu quero ver o que ela faz. Nós a trouxemos aqui para intimidá-la, mas como você pode ver, isso não está acontecendo, porra."

"Tem certeza que confia nela fora do bloqueio?" Abel pergunta, curioso.

Eu balancei minha cabeça. Eu não confio nessa garota nem um centímetro. "Faça com que Elijah ou Raz a vigiem. Eu quero olhos nela 24 horas por dia, 7 dias por semana."

Abel me olha por mais um momento antes de assentir. "Entendi."

"São onze," Brax anuncia de repente. Eu levanto minha cabeça e a inclino para trás, liberando uma respiração lenta. "Temos que ir logo."

Eu odeio que ele esteja certo. Eu odeio não saber no que estamos entrando esta noite. A festa vai continuar aqui e se não voltarmos em algumas horas, sei que a equipe vai começar a expulsar as pessoas. Não é como se nós ficássemos aqui de qualquer maneira. Todos nós temos roupas e quartos na casa de Abel, mas esta não é a nossa casa. É um palácio de festas. É aqui que flexionamos nosso maldito poder sobre o Eastpoint. É onde recompensamos nossos seguidores mais leais - deixando-os pensar que estão perto de nós. E é onde trazemos lindos ninguéns de Nowheresville e mostramos a verdade. Nós mostramos a elas que temos as chaves do reino e se elas são boas garotinhas, então talvez... apenas porra, talvez... vamos deixá-las olhar para dentro. Mas apenas se elas entrarem na linha - apenas se *ela* ceder à minha autoridade.

Francamente, eu simplesmente não vejo isso acontecendo. Ainda não, de qualquer maneira. O problema com Avalon é que ela realmente não parece dar a

mínima. E caramba, se isso não me irrita e me faz querer foder a bunda dela na parede ao mesmo tempo.

"Dean." O tom de Abel faz meu corpo enrijecer. Raramente ele tem esse tom. Sério não é algo que ele se entrega regularmente. "K.C. às 12 horas."

Eu não olho imediatamente, em vez disso, deixo meus olhos vagarem pela multidão abaixo de nós até encontrar o que ele está falando. Uma raiva gelada espuma em minhas veias e, ao contrário de Avalon Manning, sinto meu verdadeiro demônio subindo à superfície. Para essa vadia, eu não tenho nenhum problema em deixar minha crueldade interior entrar em ação.

"Bem, meninos," eu digo lentamente. "Parece que um pássaro traidor conseguiu entrar na cova dos leões." Eu olho em sua direção, notando suas expressões iguais de frieza e brutalidade. "Vamos brincar um pouco com ele antes de matá-lo."

# 13

## Avalon

Não fico porque me mandaram. Eu fico porque ainda estou com fome pra caralho e não tive a chance de comer desde que os idiotas me tiraram da minha única oportunidade de jantar. Então, depois que eles saem, eu revisto sua cozinha. É o mínimo que eles podem fazer por serem idiotas, e não é como se eles não pudessem pagar por isso.

Agora que os rapazes estão fora do caminho, a cozinha logo se enche de gente. Muitas das garotas de antes voltam, lideradas pela garota loira que praticamente montou no colo de Abel na frente de todos. Elas se posicionam contra a ilha, drinques elegantes nas mãos e conversam, efetivamente me ignorando. Acho que isso significa que ainda estou bloqueada.

Encontro na geladeira um pouco de carne de delicatessen e os acompanhamentos para um belo sanduiche e começo a preparar. Tem uma tonelada de comida na geladeira e nos armários, mas isso é uma festa, e as pessoas parecem um pouco mais preocupadas com a bebida do que com a comida. Que seja. Mais pra mim.

Eu enfio o sanduíche na minha boca e devoro a coisa, arqueando minha sobrancelha enquanto a loira conversando com suas amigas faz uma pausa e zomba em desgosto. Uma de suas amigas pega a garrafa de tequila que Brax havia deixado para trás e começa a servir as doses. A loira continua a me lançar olhares hostis. Mas não é problema meu, porque no segundo que terminar de comer, estou fora daqui.

O sanduíche desaparece e eu dou um tapinha no estômago em apreciação antes de pegar a última dose que uma das garotas serve. “Ei!” Eu bebo sem olhar para ela - sem sal, sem limão. Eu não me importo.

“Obrigada,” eu digo com um sorriso, batendo o copo de volta no balcão enquanto caminho para a porta dos fundos.

“Você não pode fazer isso,” alguém diz atrás de mim.

Com minha mão na maçaneta da porta, eu olho para trás, focando no alto-falante. Claro, é a loira. Ela dá um passo à frente e me olha. “Não?” Eu respondo. “Quem vai me impedir? Você?” Eu me viro para encará-la e cruzo os braços sobre o peito. “Você pode tentar.”

“Você está bloqueada,” ela diz como se isso significasse alguma coisa para mim. Aqui está uma dica - não significa. Mas eu sei que sim para ela e o resto de suas companheiras. Então, descruzo meus braços e dou a ela toda a minha atenção.

Meus lábios se abrem e eu deslizo minha língua entre os dentes, balançando para frente e para trás enquanto a encaro com firmeza. “E?” Eu desafio.

Um rubor sobe para suas bochechas, a raiva aquecendo-as até que mesmo sob a luz fraca, elas parecem rosadas. “Isso significa que você não é nada,” ela cospe de volta. “Você é cascalho sob nossos pés. Você não pertence a este lugar. Eles vão puni-la. Eles vão fazer você desejar nunca ter posto os pés em nosso campus.”

Dou alguns passos para frente e abro um sorriso enquanto vejo uma das garotas atrás dela dar um passo cauteloso para trás. *Garota esperta,* eu acho. Ao contrário de suas amigas. Eu paro a alguns metros de distância e me inclino para frente. Seu olhar encontra o meu e a deixo ver o quão fodidamente indiferente eu me sinto. Quer haja um olhar morto em meus olhos ou não, eu sei que há uma coisa que ela não tem - desdém completo e absoluto. O tipo que deve deixar uma pessoa muito cautelosa. Porque a verdadeira forma de escuridão é a indiferença.

“Eu *pareço* punida para você?” Eu pergunto. “Ou melhor ainda, eu realmente pareço que estou me importando?” Quando ela não responde, dou um único passo mais perto até que nossos seios roçam um no outro. Ela inala profundamente. “Veja, a questão é,” eu digo, mantendo minha voz baixa e regular, “*vocês têm* que seguir todas as suas pequenas ordens. Vocês *escolhem* fazer tudo o que eles mandam. Sabe

o que isso faz de vocês?" Ovelhas. Pequenas ovelhas perdidas. Cordeiras para a porra da matança. Ela estreita os olhos para mim, esperando que eu diga as palavras, mas eu não digo. Em vez disso, espero para ver sua resposta. E não me surpreende nem um pouco.

"Tanto faz," ela finalmente se encaixa, se virando. "É só uma questão de tempo antes que você saia. Os Sick Boys são donos de Eastpoint e se você não se alinhar e fazer o que eles dizem, mais cedo ou mais tarde será mandada de volta para qualquer bordel de onde saiu."

Lá está aquele nome ridículo novamente. Eles ainda não tinham feito nada para me mostrar o quão *doentes* são. Eu estava começando a achar que era apenas um apelido e nada mais. Que não havia substância para esses garotos ricos com questões de atitude e controle.

"Então você não tem nada com que se preocupar." Eu digo, piscando meus cílios, mas também não terminei de falar com ela e ela está sendo rude pra caralho. Eu agarro seu braço e giro suas costas para me encarar. Um grito indignado, como algo que um abutre pode fazer, irrompe de sua garganta. Eu rolo meus olhos e a empurro para longe. O choque cobre suas feições enquanto ela tropeça para trás. Eu sigo. Suas amigas lutam para sair do caminho até que estejamos apenas eu e a vadia. Com suas costas pressionadas contra o balcão e armários, eu chego bem perto - tão perto quanto eu cheguei de Abel naquele dia na aula. Posso sentir o cheiro da tequila em seu hálito.

"Vou te dar o mesmo aviso que dei a eles," eu ofereço. Seus olhos se arregalam quando eu alcanço e toco meus dedos contra sua bochecha enquanto continuo. Se eu quisesse, provavelmente poderia enfiar meus dedos em seus olhos e arrancá-los. Eu poderia envolver minhas mãos em volta do seu pescoço e apertar e eu duvido que qualquer um de seus amigos a salvaria. Em vez disso, eu empurro esses desejos violentos para baixo e me conformo com meu sorriso. Seus membros tremem ao lado dos meus. "Você fica fora do meu caminho e eu ficarei fora do seu."

Sua garganta se move em um gole enquanto eu recuo, deixando-a ir. Ela praticamente cai de alívio. Pelo menos, ela deveria estar aliviada. Ela ainda não me irritou o suficiente para eu realmente mostrar a ela o que posso fazer. Não, estamos apenas começando aqui. Eu rio levemente, me virando e indo para o quintal. “Divirta-se!” Eu grito de volta, entrando no ar úmido da noite.

Eu paro e examino a área próxima. As pessoas se amontoam na pista de dança, esfregando-se umas nas outras em um estupor de embriaguez. Algumas garotas me lançam olhares mordazes. Eu respondo com uma sobrancelha arqueada e um desafio silencioso. Sem surpresa, nenhuma delas me aceitou no desafio tácito.

O vapor sobe da piscina para o ar mais frio enquanto as mulheres de biquíni caem ao lado dela, mergulhando seus delicados dedos do pé dentro enquanto caras próximos com cervejas na mão assistem. Eu viro minha cabeça e congelo quando meu olhar colide com o do idiota que me trouxe aqui. Os olhos escuros de Dean brilham com alguma emoção enigmática. Seja o que for, desperta um pouco da violência persistente em mim e me faz sorrir. Eu tenho que forçar minha cabeça para longe, para não cair naquele olhar e me afogar em sua escuridão. Não tenho certeza de como sei disso, mas tenho essa suspeita ansiosa de que talvez... apenas talvez, eu não estava completamente certa sobre esses meninos. Eles não são meninos, mas homens. E há uma profundidade predatória lá que me diz que devo ter cautela. No mínimo com Dean. De todos eles, ele parece ser a maior ameaça.

O calor da banheira de hidromassagem e da piscina se espalha pelo ar ao meu redor. Quando dou um passo para longe da porta dos fundos, percebo o quão grande esta festa ficou. Existem pessoas em todos os lugares. Na piscina. Na pista de dança. Eu até vejo alguns casais fazendo um pouco mais atrás de um par de palmeiras sombreadas do outro lado do caminho. Eu rolo meus olhos. Isso é mais ou menos o

que eu esperava de uma festa de faculdade. É uma pena que eu vim aqui contra a vontade, caso contrário, poderia ficar para realmente me divertir.

Mas isso está fora de questão. Não confio nesses filhos da puta e não estou com vontade de tentar. Eu virei para a esquerda em direção ao caminho que eu tinha sido conduzida antes, me perguntando o quão longe de uma caminhada de volta ao campus eu deveria esperar. Também estou no meio do caminho quando um braço pesado cai sobre meu ombro.

"Onde você pensa que está indo?" Brax pergunta, se abaixando para que sua cabeça fique próxima à minha.

"De volta ao meu dormitório," eu digo, estendendo a mão para beliscar a parte superior de sua mão e rapidamente removê-la da minha pessoa.

Ele ri, agarrando minha cintura em vez disso e me balançando. "Eu acho que não," diz ele, esfregando-se na minha frente.

Eu arqueio minha sobrancelha enquanto ele balança contra mim ao ritmo da música. "O que *você* está fazendo?" Eu pergunto.

Um sorriso se espalha em seu rosto. "Distraindo você por um momento," ele sussurra quase conspiratoriamente.

"O que..."

"Braxton!" A voz familiar de seu amigo - Dean - interrompe minha próxima pergunta.

Os olhos de Brax se iluminam com malícia. *Eu poderia ter gostado desse cara*, eu acho. Apesar do olhar ligeiramente perturbado em seu rosto que tenho certeza que ninguém mais pode ver. É uma pena que ele esteja do lado errado dessa luta.

"O tempo acabou," diz ele, dando-me uma piscadela. "Seja boa. Faça o seu papel e nós acabaremos com o seu bloqueio."

Eu rolo meus olhos. "Acabe com ele ou não," eu bufo. "Não faz diferença para mim."

Brax olha para mim e seus lábios se contraem. “Engraçado,” ele diz. “Eu acho que você quer dizer isso.”

“Eu quero,” eu respondo.

Ele apenas sorri para mim, então me vira e me empurra para um par de braços à espera. Eu resmungo quando caio contra um peito largo. Lutando, eu empurro contra ele até que posso olhar para cima e ver quem é. Abel.

Ele não olha para baixo, mas em vez disso começa a me conduzir pelo pátio, através da multidão de pessoas até chegarmos a uma plataforma que percebi assim que saí. Onde Dean está como um rei esperando.

“Que porra você pensa que está fazendo?” Eu pergunto enquanto Abel segura minha cintura da mesma forma que Brax fez. Abel não responde enquanto me levanta. Dean me pega e me coloca ao lado dele.

“Não diga uma porra de palavra,” Dean ordena.

“Eu direi o que diabos eu quiser.” As palavras estão fora da minha boca, uma resposta automática, antes mesmo de eu ter a chance de examinar o que está acontecendo.

Dean rosna e até eu tenho que admitir - embora silenciosamente - isso envia um formigamento emocionante pelo meu sistema. Em vez de responder a mim, ele me puxa para mais perto, coloca um braço em volta do meu lado e aumenta seu aperto até que estou rente ao seu lado. A consciência desliza como uma droga inocente. Invisível. Quase imperceptível. E, no entanto, o tempo todo, posso sentir que algo está... errado. Algo não está certo. Eu observo seu rosto. A dureza. A maneira como ele não está olhando para mim. A maneira como ele parece estar me segurando mais como um suporte do que como uma pessoa.

*Curioso,* eu acho. *Muito curioso.*

Pode ser porque ele realmente não me vê como uma pessoa. Isso é totalmente plausível. Já aconteceu muitas vezes para contar. Caras com dinheiro ou caras que pensam que são melhores olham para garotas como eu e assumem. Eles presumem,

por causa da minha formação, que eu não sou nada além de uma prostituta barata, um brinquedo. Uma garota como eu só procura atenção porque não há mais nada que ela possa pagar. Esses caras estão sempre completamente errados e, quando descobrem, é tarde demais para eles.

Então, normalmente, eu jogaria o braço de Dean fora, socaria ele no rosto e iria embora sem pensar duas vezes, mas minha curiosidade me fez ficar exatamente onde estou. Algo me diz que Dean está pensando em algo completamente diferente do que aqueles outros idiotas estariam pensando. Ele não está olhando para mim porque ele não está focado em mim. Sua atenção está em outro lugar e eu sigo a direção de seu olhar até que vejo que a multidão se separou para permitir a passagem de uma única garota e a música caiu para um sussurro.

A garota tem cabelo louro-trigo comprido e fino puxado para trás em um rabo de cavalo desordenado e olhos pintados com delineador escuro que mancha fazendo as fendas finas parecerem maiores. Com seu batom vermelho e olhos estreitos, ela parece uma garota rica tentando parecer mais durona do que realmente é. Eu olho para baixo e noto que Brax e Abel se aproximaram. Eles estão logo abaixo da plataforma, os braços cruzados em uma pose quase idêntica. Eles parecem sentinelas guardando seu rei. Eu não posso deixar de rir silenciosamente com esse pensamento.

Dean aperta meu lado quando sente minha diversão também, como se isso fosse me impedir. Eu bufo, mas mantenho meus lábios fechados, curiosa para ver o que ele está planejando.

Abel fala primeiro, seu tom áspero e zangado. “Que porra você está fazendo aqui, Coleman?” Ele late.

Ela para lentamente diante deles e se enrijece sob os olhares de todos os presentes. Sua cabeça se inclina para trás, mas ela não se abate com o silêncio ou com os olhares. Em vez disso, ela parece se inspirar nisso. Seus ombros se inclinam para trás, ela expõe o pouco peito que tem, seguindo uma sugestão de várias rotinas clássicas de garotas malvadas, e joga o rabo de cavalo sobre um dos ombros antes de cruzar os braços e estender o quadril.

“Vim conversar,” ela responde com um tom igualmente áspero.

“Não temos nada a dizer a um Kincaid. Cai fora,” diz Abel.

Os olhos azuis da garota se estreitam sobre ele, seus lábios se torcendo de uma forma que não a torna exatamente feia, mas pelo menos mostra seu desagrado. Quando sua cabeça levanta e ela me nota, porém, é quando se transforma em algo feio. Um rosnado enrola seus lábios perfeitamente pintados de vermelho. Ela mostra os dentes por um breve momento, olhos delineados com delineador se estreitando em fendas.

É por isso que Dean está me segurando do jeito que está, eu percebo com uma grande quantidade de diversão contínua. Eu olho de volta para ele, observando a expressão de pedra em seu rosto, e decido lhe fazer um pequeno favor. Claro, ele está me irritando, mas mais do que isso, ele me trouxe a um lugar onde eu posso me divertir um pouco e eu sei que antes que a noite acabe, terei um pouco daquela adrenalina que eu ansiava.

Ao invés de simplesmente ficar lá, deixando Dean me segurar do jeito que ele está, eu alcanço e coloco minha palma sobre seu peito. Sua atenção é desviada por um breve momento, olhos brilhantes piscando para mim enquanto eu me engesso contra ele. Eu consigo o que quero no segundo que ela vê.

“Quem diabos é essa?” A garota exige, acenando com a cabeça para mim.

“Ela não é da sua conta,” diz Brax, soando tão divertido quanto eu.

*Ele entende*, eu acho. Ele é louco o suficiente para entender exatamente o que estou tentando fazer sem que ele diga.

Lentamente, eu arrasto uma única unha no centro do peito de Dean, saboreando a forma como seus músculos das costas saltam e enrijecem sob a palma da mão que eu tenho contra sua coluna, logo acima de sua bunda. Não estou exatamente usando um traje sedutor, mas minha camisa é decotada o suficiente para que uma sugestão de decote possa ser vista e se essa garota é o que eu acho que ela é, eu sei que isso a estará deixando completamente louca.

“Eu sou Avalon,” eu digo, dando a ela um sorriso lento e preguiçoso. “Quem é você?”

“Eu sou...”

“Ela não é ninguém,” Dean interrompe, pegando a mão lentamente fazendo seu caminho até a frente de sua calça. Eu rio baixinho quando ele a segura e aperta de forma significativa.

“Você e eu sabemos que isso não é verdade,” afirma a garota. Seus lábios tremem levemente e ela respira fundo antes de desviar o olhar e falar novamente. “Sinto muito. Vim para te dizer...”

“Não importa por que você veio, Kate,” diz Dean. “Eu não dou a mínima. Você é a vadia de Kincaid agora.” A maneira como ele diz Kincaid como uma maldição vil me faz memorizar o nome e enfiá-lo em um canto escuro no fundo da minha mente. Voltarei a isso mais tarde, decido, porque simplesmente sei que significa algo importante. Na verdade, esse Kincaid é definitivamente seu inimigo e o inimigo do meu inimigo é meu amigo - ou assim diz o velho ditado.

“Eu sei que você não quis dizer isso,” diz ela, dando um passo à frente. Ela não vai mais longe. No próximo instante, Abel e Brax fecharam as fileiras e ficaram diante dela, mais perto do que antes e definitivamente bloqueando seu caminho.

Ela solta um suspiro de frustração e ergue o olhar. Um brilho frio e duro nivela meu caminho como se sua posição lá embaixo fosse minha culpa. Então seus olhos se voltaram para o homem da hora. “Que porra é essa, Dean?” Ela diz com os dentes cerrados. “Você realmente vai jogar dessa maneira? Você está tentando se vingar com alguma prostituta barata?”

Eu passo minha língua entre os dentes, segurando-os. A mão de Dean aperta ao meu lado como se ele pudesse sentir a crescente onda de raiva dentro de mim.

“Eu não jogo seus jogos, Kate,” Dean responde preguiçosamente, e um por um, ele tira os dedos da minha cintura e solta minha mão ainda agarrada à dele. Sou sutilmente empurrada para trás enquanto ele se inclina para o lado e estala o pescoço,

como se estivesse fisicamente se preparando para rasgá-la. “Você se transfere para St. Augustine no feriado e aparece na primeira festa do ano novo? Jogada ousada, até para você.”

Sua boca cai aberta. “Não estou jogando,” diz ela.

“Besteira.” Dean bufa. Ele dá um passo à frente e salta da plataforma com a agilidade de uma pantera. Quando ele pousa, ele se endireita, seus ombros se espalhando enquanto ele caminha em direção a ela. Dean dá um sorriso frio, o tipo de sorriso que um homem dá a alguém antes de cortar a garganta. Minhas entranhas praticamente vibram com a maneira como isso me faz sentir. Eu franzo a testa. Eu não gosto disso. Eu não gosto nada disso.

Em uníssono, Brax e Abel dão um passo na direção oposta, deixando-o passar para sua presa. Curiosa, eu mesma me movo para sentar na borda da plataforma, deixando meus pés balançarem enquanto eu observo a série de eventos que se desenrolam na minha frente. É como assistir a um conjunto de atores no palco. Cada um desempenha um papel, e agora, Dean está interpretando um vilão perverso para a donzela desta rica princesa. Posso ver em seus movimentos, ouvir em suas palavras - ele quer machucá-la.

“Você é uma boceta, querida,” ele diz. “Boceta gostosa, vou te dar isso, mas boceta ainda é só boceta. Você não é nada especial, não importa o quanto você queira acreditar que sim.” Sua respiração fica presa com o insulto e suas bochechas escurecem. “Diga-me uma coisa,” ele continua, estendendo a mão e tocando uma mecha de cabelo loiro na altura dos ombros. “Como está Luc Kincaid atualmente? Ele já te fodeu? Você o deixou dar uma boa viagem em meus restos desleixados?”

A música é cortada completamente e nada além do silêncio reina após essa declaração. Não vejo o rosto da garota, mas posso ver quando seus ombros se enrijecem e empurram para trás. “Você é um idiota de merda, Dean Carter,” diz ela bruscamente. “Você acha que eu tive a porra de uma escolha? Nossos pais decidiram sobre a porra da união. Eu não. Eu não tive escolha.”

“Não?” Ele encolhe os ombros distraidamente, virando a cabeça. “Bem, para sua sorte, você tem uma escolha agora, você pode ir embora de boa vontade ou eu posso fazer você ir. Depende de você, Coleman.”

“Não é assim que eu queria que fosse, Dean.” Ela estende a mão para ele e, como uma criança gorda vendo o caminhão de sorvete se aproximando cada vez mais, o movimento tem minha atenção extasiada. Especialmente quando ele agarra a mão dela pouco antes de tocá-lo.

“Kincaid pode ser bom para foder meus restos desleixados, Kate,” ele diz friamente, “mas eu não fodo com uma boceta contaminada.”

Com isso, Dean solta sua mão e se afasta. A música começa novamente e ele tira o telefone do bolso, olhando para a tela com uma carranca antes de olhar para mim. Eu arqueio minha sobrancelha em desafio.

“Dean...” Kate tenta se mover em direção a ele novamente, mas de repente há dois gigantes enormes - dois dos mesmos caras que me trouxeram para este palácio de festas no interior. Ela dá uma olhada para eles, rosna algo sob sua respiração e sai furiosa.

“Certifique-se de que ela vá embora,” Dean ordena. Eles acenam com a cabeça e seguem atrás dela.

“Droga, cara,” Abel diz, soltando um suspiro entre os dentes. “Ela estava fumegante esta noite. Aposto que se você tentasse, poderia ter fodido ela. Foder a noiva de Luc Kincaid poderia irritá-lo.”

Quando ele responde, a cabeça de Dean se inclina para cima e para trás, seu olhar encontrando o meu. “Eu quis dizer o que disse. Eu não fodo uma boceta que não vale a pena.”

Meus lábios se contraem. “O que vamos fazer com ela?” Brax pergunta, percebendo a direção de seu olhar, e eu ainda sentada aqui.

“Oh, não se importem comigo, meninos,” eu digo. Eu me levanto e me alongo, pulando do estrado rochoso. “Eu só vou encontrar um caminho para casa.”

“Oh não, você não vai.” Abel me interrompe, deslizando no meu caminho.

Eu não desacelero. Na verdade, eu continuo até que toda a minha frente esteja contra a dele. “Você vai me impedir, líder?” Eu pergunto.

Olhos azuis se estreitam em mim. “Por que diabos você continua me chamando assim?” Eu encolho os ombros, mas minha falta de resposta parece irritá-lo. Ele rosna e vira a cabeça na direção do amigo. “Nós a trouxemos aqui para lhe dar uma lição,” ele retruca. “Parece que ela não aprendeu.”

“Que lição?” Eu pergunto curiosamente.

Brax ri, mas é Abel quem responde. “Podemos fazer o que quisermos, quando quisermos, princesa,” ele fala, empurrando o peito para frente e me batendo. “Assim como esta noite, você poderia estar andando pela rua, e do nada, você tem um saco na cabeça e está em nosso domínio.”

Eu ri. “É isso que você acha que conseguiu esta noite?” A ideia deles - todos dominadores, embora sejam - tentando me colocar no meu lugar é ridícula. “Mas claro, certo, certo. Diga que eu sigo suas pequenas regras.” Eu agito meus dedos em sua direção. Isso não vai acontecer, porra, mas eles não sabem disso. “O que então?”

“Você precisa continuar respirando,” diz Abel.

“Notícia de última hora, docinho,” eu respondo. “Estou respirando agora, caso você tenha perdido, mas não estou sob seu comando.”

Sua mão se estende e agarra meu pulso. Trazendo-o até o rosto, ele lambe um caminho lento pela minha palma, fazendo minhas sobrancelhas subirem em direção ao meu couro cabeludo. “Isso é para ser sexy?” Eu pergunto inexpressiva.

“Você ainda está aqui, não é?” Ele pergunta.

Antes que eu tenha tempo de formular uma resposta, a voz de Dean late. “Chega,” ele range, cortando seu olhar irritado para Abel. “Solte-a,” ele ordena. “Agora.” Abel solta imediatamente e recua. “Temos coisas mais importantes para lidar.” Dean me encara com um olhar que me desafia a desafiá-lo. Mal sabe esse menino rico, eu adoro um bom desafio.

# 14

## Avalon

É fácil saber quando alguém não está realmente prestando atenção. Eu passei tempo suficiente em aulas chatas do ensino médio para reconhecer quando o foco de uma pessoa não está no que deveria ser, e agora, eu sei que a atenção de Dean Carter, obrigada ex-namorada misteriosa, mas mal-intencionada por esse nome completo. Não está em mim. E quer ele saiba ou não, isso é um erro.

Porque, se ele não estiver me observando com atenção suficiente - e, diabos, mesmo que esteja -, estou com tudo pronto para causar um pequeno estrago simplesmente como vingança por ter me forçado a ir à sua estúpida festa dos Sick Boys.

Talvez ele e seus amigos estejam acostumados a ter todas as suas ordens seguidas. Essa é a única explicação que consigo pensar. É claro que ele quer que eu fique exatamente onde estou até que ele se digne a falar comigo, mas eu não sou o tipo de garota que apenas fica parada e espera que um cara dê a ela uma hora do dia. Não. Eu sou exatamente o oposto.

Então, assim que eu tiver certeza de que ele está mais interessado no que quer que seja que seu amigo Brax está dizendo a ele, eu vou embora. Como um sussurro ao vento.

Ok, não realmente, mas eu acho muito fácil escapar enquanto a música aumenta novamente e os corpos começam a ranger na pista de dança novamente. Como se sentissem um predador em sua mistura, os festeiros se separam para mim, deixando-me passar com bastante facilidade até que eu esteja de volta em casa. *Cordeirinhos bêbados espertos*, eu acho.

Caminho pelo andar inferior da Casa Frazier até chegar à porta da frente. No tempo que estou aqui, mais carros chegaram. Eles se amontoam do lado direito de uma longa entrada de automóveis, um após o outro, até que realmente não haja espaço viável para alguém sair, e é aí que eu a vejo. Curiosamente, há uma segunda entrada de automóveis que se estende pelo lado oposto da casa, mas esta está vazia.

Desconsiderando isso, eu me apoio em um dos pilares da varanda da frente da mansão e olho para a loira enquanto ela faz uma careta de fúria frustrada para o que parece ser uma Mercedes novinha em folha. Um SUV gigante está estacionado a poucos centímetros de seu para-choque. Ela se volta para a casa como se estivesse pronta para voltar e repreender alguém, mas para quando me vê, e não posso deixar de dar uma risadinha.

Ela pode ser rica, mas está claro que ela não é melhor do que eu aos olhos dos Reis que estão organizando esta festa. Eu não posso ajudar, mas gosto disso. Mesmo que eles estejam errados em pensar que sou uma camponesa de sua realeza.

“De que porra você está rindo, vadia?” Ela rosna, avançando.

Eu cruzo meus braços e arqueio uma sobrancelha. “Você,” eu digo, acenando com a cabeça para o passeio quente que ela deixou em favor de vir ficar diante de mim. “E sua situação.”

Seus lindos olhos azuis se estreitam. “Você acha que é especial só porque Dean Carter quer transar com você?” Ela pergunta. “Só porque você é um interesse passageiro?”

Eu rolo meus olhos, mas não a corrijo. “Não particularmente,” eu digo. Não que o Rei dos Reis realmente tenha interesse em mim. Ela não parece perceber ainda, mas eu era apenas uma distração para ela - um aborrecimento. Uma ferramenta e um peão. Não é algo que me deixo ser com muita frequência, mas quando estou de bom humor e posso encontrar alguma diversão como fiz esta noite, não me importo.

“Você não é,” ela diz.

Meu nariz se contorce quando o cheiro de álcool forte, cigarros e vômito me atinge quando a porta da frente se abre e um cara sai tropeçando. Ele olha para nós e resmunga algo para si mesmo, deixando cair uma garrafa de rum na grama enquanto enfia a mão no bolso. Um segundo depois, ele finalmente encontra seu isqueiro e puxa um baseado do bolso de sua camisa de colarinho. Eu balancei minha cabeça. Só para mostrar, não importa onde você esteja, existem degenerados.

“Quer um trago?” Ele pergunta para a garota na escada - Kate. “Parece que você poderia usá-lo.”

Ela zomba dele, então eu falo. “Sim,” eu digo. “Vou levar um.”

Ele encolhe os ombros e o entrega.

O rosto de Kate volta para o meu. “Uau, ele realmente foi e encontrou para si uma puta de primeira classe,” ela diz, nem mesmo se preocupando em mascarar o nojo em seu rosto enquanto eu inalo a erva. É uma merda muito forte também. Já posso sentir minha cabeça ficando mais clara.

“Não sou uma puta,” eu digo, entregando o baseado de volta para o cara enquanto ele se joga na beira da varanda e inclina a cabeça para trás, fechando os olhos e dando outra tragada. “Não de Dean Carter ou de qualquer outra pessoa.”

Kate estreita os olhos em mim antes de subir os degraus de pedra até que ela esteja bem ao meu lado. “É melhor você se cuidar aqui, garota nova,” ela sibila ao passar. “Seus dias estão contados. Dean Carter não é o único com poder.”

Assim que essas palavras são cuspidas em minha direção, ela passa por mim e entra na casa para presumivelmente encontrar o dono do SUV atualmente bloqueando-a. Eu murmuro baixo em minha garganta. “Não é o único com poder, hein?” Eu me pergunto em voz alta. O que essas crianças ricas pensam que sabem sobre o poder? O poder nada mais é do que um jogo. Sexo é sobre poder. Inteligência tem a ver com poder. Inferno, dinheiro também tem a ver com poder. Todo mundo tem algum tipo de poder. Ela só não percebeu ainda.

“Não se preocupe com a Kate,” o cara pendurado contra os degraus dispara, distraindo-me da direção dos meus pensamentos. “Ela só está chateada porque Carter não vai dar mais atenção a ela - não que eu o culpe.”

Eu olho para baixo. “Sim?”

Seus olhos se abrem e ele inclina a cabeça para trás para encontrar o meu olhar. “Você é muito corajosa, no entanto,” ele continua. “Eu meio que gosto disso. Ninguém diz aos herdeiros de Eastpoint 'não'. Quero dizer, claro, eles vão tornar a sua vida um inferno por isso, mas vai ser divertido para mim, pelo menos.”

“Fico feliz em poder servir,” respondo sarcasticamente.

Ele inclina a cabeça para mim com curiosidade, seu olhar me examinando de cima a baixo como se estivesse procurando por algo. Não sei se ele encontra ou não, mas ele fala novamente. “Se eu fosse você tentaria me conformar. Você não parece o tipo, mas pode tornar as coisas mais fáceis para você. Ninguém ignora os Sick Boys.”

Meu globo ocular estremece com esse apelido, mas não comento sobre isso. Em vez disso, inclinando minha cabeça para trás da mesma maneira que ele, pergunto: “Nem mesmo você?”

Ele ri, e o som não é desagradável, apesar da calúnia bêbada em suas palavras. “Nah, cara,” diz ele. “Eu não tenho o tipo de atração que eles têm. Meu pai tem dinheiro, mas não dinheiro de Eastpoint. Eu sei que sou um filho da puta sortudo.”

Eu rolo minha língua dentro da minha bochecha enquanto deixo meus olhos vagarem para a grama. Quando eles acendem a garrafa de rum pela metade que ainda está lá, uma ideia se forma na minha cabeça. Uma ideia lindamente perversa. Meus lábios se curvam.

“Ei,” eu digo, “deixe-me pegar seu isqueiro emprestado.”

As sobrancelhas do cara se erguem, mas ele não diz não. Em vez disso, ele enfia a mão no bolso, recupera a coisa e a entrega com uma inclinação curiosa para a cabeça. Eu desço e pego a garrafa de rum. “Tem um pano à mão?” Eu pergunto, sempre esperançosa.

“Oh, merda,” diz ele, seus olhos se arregalando e limpando a névoa desbotada que é o resultado do licor e da erva em seu sistema. “O que você vai fazer?”

Eu encolho os ombros, sorrindo, mas ainda não estou pronta para entregá-lo. “Pano ou não?” Eu pergunto.

Ele enfia a mão no bolso. “Peguei uma dessas,” diz ele, segurando uma...

Eu rio, arrancando a calcinha de suas mãos. “Eu quero saber?”

Um sorriso ilumina seu rosto e embora eu não o tivesse considerado extremamente atraente de forma alguma, ele não é feio. “Eu me diverti um pouco antes de vir para cá,” ele admite sem timidez. “E não foi em privado, se você entende o que quero dizer. Pensei em tirar isso do caminho, ia jogá-la fora quando chegasse em casa.”

“Claro que você ia, pervertido,” eu digo com uma risada. Enfio um lado da calcinha, graças a Deus, elas não parecem molhadas ou sujas, na parte superior da garrafa, garantindo que a parte inferior do algodão fique bem encharcada antes de sair para o meio do gramado.

“É melhor você voltar atrás de jogar essa coisa,” ele grita enquanto se afasta. “Porque quem você está prestes a irritar vai te matar.”

Um bufo indelicado me deixa enquanto eu ligo o isqueiro e seguro a chama contra a calcinha. Ele acende assim que a porta da frente se abre e um grito rasga o ar. “O que você está fazendo!”

Eu olho para trás com um sorriso. “Estou apenas dando as boas-vindas a uma festa dos Sick Boys,” digo enquanto Kate desce correndo os degraus da frente e leva a bunda em minha direção.

Eu não paro ou hesito, mesmo quando ela está obviamente com a intenção de me derrubar no chão como um linebacker profissional. Eu me viro para a Mercedes que ela estava tentando tirar da garagem e lanço meu coquetel Molotov caseiro. O vidro se estilhaça contra a estrutura de metal e uma explosão de chamas sobe pela lateral do carro, ganhando outro grito ensurdecedor de Kate. Eu rio.

“O que diabos há de *errado* com você!” Seu corpo magro dispara em direção ao seu precioso Mercedes apenas para parar quando ela percebe que não pode tocar em nada. “Oh meu Deus. Oh meu Deus.” Ela se vira e corre para o lado da casa, tropeçando na pressa, os saltos altos afundando no chão. Montes de sujeira e lama a tropeçam quando ela encontra a ponta de uma mangueira ao longo da lateral da mansão gigante e começa a puxá-la em direção ao carro.

“Acho que você não deveria ter me chamado de prostituta, hein?” Eu rio, estou com a barriga cheia, não consigo me conter, rio. Vê-la escorregar e deslizar na terra quando percebe que nem ligou a água... é demais, na verdade. Eu caio no chão e apenas fico lá, olhando para o céu enquanto o fogo assola seu carro. Os pneus estouram com a pressão do calor e todo o quadro tomba para o lado.

Ela tem talvez mais vinte minutos até que o fogo atinja o tanque de gasolina. Eu joguei mais para a frente de qualquer maneira. Xingamentos femininos chegam aos meus ouvidos enquanto a água jorra, atirando em meu rosto e peito antes de rapidamente desviar para o veículo.

“Você é insana!” Ela rosna enquanto tenta apagar o fogo.

Eu me levanto e olho para a minha frente encharcada. Eu nem me importo. Eu puxo minha camiseta para longe do meu estômago, levantando-a e torcendo a água enquanto eu observo meu trabalho.

“Sim,” eu digo, dando-lhe uma piscadela enquanto ela apenas olha para mim. “Você deve se lembrar disso na próxima vez.”

Em seguida, uma voz masculina interrompe. “O que diabos está acontecendo aqui?”

# 15

## Dean

“Ei, onde a garota foi?”

Assim que a pergunta sai da boca de Abel, ouço gritos por cima da música. Nossas cabeças se voltam para a casa quando as portas traseiras são abertas e Eli e Griffin vêm puxando sua bunda para fora da casa. Eli ergue os olhos e chama meu nome. “Carter!” Ele grita, assustando várias pessoas próximas. “Nós temos um maldito problema, cara.” Ele gesticula para que eu o siga de volta para dentro de casa.

Eu saio, indo atrás dele enquanto Braxton e Abel o seguem. “O que diabos está acontecendo?” Eu exijo. Primeiro, a garota se levanta e desaparece e então, eu paro no degrau da frente da casa de Abel.

Como se oprimido por sua necessidade de ser um idiota sarcástico e apontar o óbvio, Abel bufa. “Não importa, encontrei-a.”

“O que diabos ela fez?” Brax pergunta, seu tom cheio de - Deus, eu realmente espero que isso não seja admiração. Não é algo de que preciso agora.

“Você é insana!” Kate diz, seu corpo inteiro tremendo enquanto ela segura a mangueira, ainda espirrando água contra sua Mercedes queimada. Há marcas pretas ao longo de toda a lateral, e pequenos fogos ainda na grama, misturados com...

“Isso é uma garrafa de rum?” Abel pergunta distraidamente.

“Ela fez a porra de um coquetel molotov e jogou no carro de Kate?” Alguém pergunta. Eu não sei quem é. Tudo o que sei é que não é Brax e não é de minha equipe, o que significa que temos muitas fodidas pessoas testemunhando sobre uma vadia que entrou em ação em nossa propriedade sem a nossa palavra e isso é um problema de merda.

“Eli,” eu estalo. “Faça com que todos entrem.”

Sem perder o ritmo, o grande homem se vira e começa a pastorear as pessoas. “Tudo bem, filhos da puta, vocês ouviram o homem. Nada para ver aqui. Voltem para a festa.”

“Awww, cara, vamos, eu quero ver uma briga de gatas!” Alguém grita.

Eu não preciso fazer nada. Brax se vira e rosna. “Você quer morrer, porra?” Ele rosna. “Porque você pode sair de boa vontade ou em um saco de cadáver, sua escolha.”

Ninguém mais diz merda depois disso. Eu olho para o meu relógio. “Temos trinta minutos,” digo. “Temos que resolver isso e sair daqui.”

“Vamos fazer isso,” diz Abel, desaparecendo de volta para dentro de casa.

Eu me viro para Brax. “Você pode...”

Ele ri. “Não,” diz ele, balançando a cabeça. “Você lida com as cadelas. Eu só estou observando.”

“Filho da puta,” murmuro, mas não há razão e não há tempo para discutir. Os olhos de Kate se erguem e ela me olha por cima da cabeça de Avalon.

“Dean,” ela diz, seu lábio inferior tremendo - eu não posso dizer, entretanto, se é raiva ou outra coisa. Para ser honesto, eu realmente não me importo. “Sua vadia psicopata acabou de tentar explodir meu carro!”

A garota se vira, olhando para além de mim e Brax, enquanto examina o quintal. Ela faz uma pausa e sorri. Eu me forço a não me virar e ver para quem ela está sorrindo. “Pena que ela falhou,” comenta Brax. “Isso teria sido um inferno de um show.”

Kate lança para ele um olhar de puro ódio - o que você sabe - era raiva, afinal. “*Faça alguma coisa,*” ela sibila para mim enquanto eu desço para o quintal.

“Pensei ter dito para você ir embora,” digo, pensando sobre os acontecimentos. Um plano se forma em minha mente. Isso pode realmente funcionar para mim. Kate continuará farejando até que Kincaid coloque seu próprio cadeado nela - e não vejo

isso acontecendo tão cedo. Ele vai querer que ela me irrite o máximo possível. Que melhor maneira de fazê-la seguir em frente mais rápido do que fazê-la pensar que tenho alguém novo. Já plantei as sementes. Eu lanço um olhar para Avalon para assimilar sua reação. Seus olhos estão em sua camisa, porém, e eu percebo que ela está encharcada em sua frente, os pequenos pontos duros de seus mamilos em pé em atenção sob o tecido fino de sua camiseta. Eu arranco meus olhos e os nivelo em Kate. “Pelo que vejo, eu disse para você fazer algo e você não fez.”

“Eu estava tentando!” Kate diz, apontando para seu carro. “Estou bloqueada.”

“Isso soa como seu problema, Coleman,” eu digo, ouvindo o som revelador do motor de um Mustang acelerando enquanto as luzes gêmeas dos faróis se inclinam para o lado oposto da casa - pelo caminho que não deixamos ninguém pegar ou estacionar. “Não meu.”

Pego o braço de Avalon e, sem olhar para baixo, conduzo-a em direção ao Mustang. Surpreendentemente, ela não oferece resistência. “Chame um reboque,” sugiro, “mas certifique-se de que não esteja aqui quando voltarmos.” Abro a porta do passageiro e empurro a garota para o banco de trás.

Sem uma palavra, ela sobe. Eu a mantenho aberta e deixo Brax dobrar sua bunda grande atrás dela.

Kate dá um passo em minha direção. “Dean,” ela diz, seu tom apaziguador, “por favor, não faça isso. Nós éramos bons juntos. Eu posso terminar as coisas com Luc - eu nem queria o noivado estúpido...”

“Não se preocupe, Coleman,” eu digo, me abaixando e pegando um boné do assoalho do carro. Eu deslizo e giro para que a aba fique para trás. “Você nunca foi nada de especial. Não era como se eu fosse pedi-la em casamento. Divirta-se com Kincaid.” Eu sorrio e sei que é maldade. “Sério, porém, você pode pensar em engravidar e apressar o casamento antes que seja tarde demais e ele chute você e toda a sua família para o lado.”

Seu rosto relaxa em choque. *Sim, baby,* eu sei. *Eu sei tudo.* Não apenas sobre o noivado, mas também sei o motivo. Porque sem Kincaid, os Colemans estão prestes a ir de uma das famílias mais ricas da América a insignificantes e falidos da noite para o dia. E mesmo que tivéssemos trepado uma ou duas vezes, não consigo encontrar em mim simpatia para me importar. Para mim, uma cadela desleal é apenas um cachorro que precisa ser sacrificado.

# 16

## Avalon

Mordo meus lábios trêmulos, nem mesmo me preocupando em resistir à vontade de olhar para trás e ver o rosto de Kate enquanto Abel pisa no acelerador e derrapa pela calçada vazia, em direção à estrada. Ela está lá, no centro do gramado da grande mansão - com os olhos arregalados e a boca aberta enquanto a fumaça ainda arde no chão ao lado de seu carro. Não sei o que Dean disse a ela antes de entrar no carro, mas o que quer que tenha sido, obviamente deixou uma impressão, porque ela parece estar a dois segundos de um colapso ali mesmo.

Eu me viro e me sento no banco de trás do Mustang. Um carro meio estranho para um desses caras. Embora seja bem conservado, é um veículo mais antigo, com pelo menos vinte anos. Eu debato em comentar, mas decido contra isso. Em vez disso, eu me inclino para frente, colocando minha cabeça entre os dois bancos dianteiros.

“Tudo bem, estamos longe o suficiente,” eu digo. “Você pode me deixar sair agora.”

Abel não olha para mim. “Sente-se,” diz ele.

“Não posso fazer isso, líder,” eu digo. “Eu quero sair. Estou saindo.”

“Não, você não está,” diz Dean, sua voz um grunhido profundo.

“Quer apostar?” Eu giro e olho para ele. Dean se vira e me fixa com o que só pode ser descrito como um olhar de profundo aviso. Eu ignoro isso. “Ou você me deixa sair agora ou eu farei você deixar. Sua escolha, D-man.”

Seu brilho apenas se intensifica, e sim, ok, talvez se eu fosse o tipo de garota que deixa a calcinha cair para qualquer cara que parece um assassino em um

moletom de mil dólares, isso me faria sentar minha bunda feliz de volta. Mas eu não sou. Eu sou mais forte do que isso.

“Você realmente quer me testar?” Eu pergunto.

Ele se inclina para trás, me olhando, e tenho certeza de que ganhei - isto é, até que o lado direito de sua boca se contorce e o que sai de seus lábios é um “Brax,” muito presunçoso.

Antes mesmo de perceber o que está acontecendo, mãos grandes e enormes estão agarrando meus lados e me puxando para trás. Minha coluna bate no assento e um braço duro e musculoso tão grosso quanto uma das minhas coxas vem na minha frente, agarrando o cinto de segurança e me prendendo no lugar. A raiva ferve.

“Grande. Erro. Porra,” eu digo, pouco antes de recuar e socar Brax bem no rosto enquanto ele paira na minha frente, ainda prendendo a ponta do meu cinto de segurança no lugar. E puta merda, seu rosto é feito de pedra. Eu cerro os dentes quando a dor irradia de meus dedos, mas não demonstro. Ele para, piscando como se não pudesse acreditar que acabei de fazer isso - mas, porra, sim, eu fiz. “Deixe-me ir,” eu estalo, lutando contra seu aperto.

Brax balança a cabeça e finalmente olha para mim. Ele nem parece bravo com o soco. “Acalme-se, sua psicopata,” diz ele, dando tapinhas no topo da minha cabeça. “Estamos apenas deixando você.”

“Você o que?” Eu paro de lutar e olho para a parte de trás de sua cabeça. “Oh. Bem, então. Por que você não disse isso?” Percebo o olhar de Abel pelo espelho retrovisor.

“Não posso acreditar que você jogou um molotov no carro dela,” diz ele com uma risadinha.

Eu encolho os ombros e relaxo mais completamente no assento. Agora que sei que estão me levando exatamente para onde quero ir, estou bem. “Foi perigoso,” concorda Brax. “Se você tivesse chegado mais perto do tanque de gasolina e ela não

tivesse sido inteligente o suficiente para agarrar a mangueira, o carro teria pegado fogo."

"Ela mereceu," eu digo, despreocupada.

"Sim?" Brax se inclina para frente e se vira para mim. "Por que?"

"Ela me desrespeitou."

Há uma batida de silêncio no carro e, em seguida, Abel e Brax começaram a rir. Eu sorrio enquanto ouço os dois. O único que permanece em silêncio é Dean. E logo, quando suas risadas diminuem, ele se vira em seu banco para olhar para mim.

"Eu não me importo com o que você fez," diz ele, "mas você precisa esclarecer uma coisa."

"Preciso?" Eu inclino minha cabeça e sorrio. "E o que seria isso, D-man?"

Ele franze a testa para o apelido e só de saber que isso o irrita, só garante que vou usá-lo todas as vezes que o vir a partir de agora. Uma sensação carregada, uma corrente elétrica, desliza pelo espaço entre ele e eu.

"Você precisa reduzir ao mínimo movimentos como esse," diz ele. "Na verdade, você precisa apagar o desejo de cometê-los completamente, a menos que o ordenemos."

Um bufo indelicado deixa meus lábios. "OK, claro." O sarcasmo é tão forte que posso sentir o gosto amargo na língua.

Sua carranca se aprofunda. "Você acha que eu estou brincando com você, porra?" Ele pergunta.

Eu encolho os ombros. "Não importa se você está ou não," eu respondo honestamente. "Se você acha que pode controlar alguém como eu, você tem outra coisa vindo."

Ele arqueia uma sobrancelha. "Mesmo?" Dean se vira, inclinando-se para frente e abre o porta-luvas na frente dele. Eu me inclino para o lado e meus olhos se arregalam quando vejo o cabo familiar de uma arma em meio a um monte de papéis

e outras merdas. Minha frequência cardíaca dispara e eu coloco minha mão na trava do cinto de segurança, meu modo de luta disparado. Outra mão pousa na minha, me parando, e levanto minha cabeça e olho furiosamente enquanto Brax balança a cabeça.

Dean nem mesmo toca na arma. Ele pega um envelope de papel manilha embaixo dele e o solta antes de fechar o compartimento. Leva um momento, mas quando ele se vira e percebe a mão de Brax na minha, lançando um olhar perverso para nós dois, começo a relaxar.

“O que é isso?” Eu pergunto enquanto Dean abre o envelope e começa a remover os papéis. Ele os folheia sem erguer os olhos.

“Você gostaria de saber?” Ele pergunta.

Eu rolo meus olhos. “Não, eu perguntei só por brincadeira,” eu digo maliciosamente.

“Eles são sobre você, pequena senhorita Ava,” ele responde, ignorando meu comentário.

“O que?”

“Avalon Marie Manning. Nasceu em 3 de outubro. Dezoito anos. De Plexton, Geórgia. Pai desconhecido. Mãe Patricia Manning. Presa duas vezes, uma por furto em lojas e outra por posse de drogas.”

Eu rolo meus olhos. “Maconha não é realmente uma droga,” eu digo.

Ele encolhe os ombros distraidamente, folheando outra página. “Não há muitos namorados aqui,” comenta. “Cinco escolas nos últimos quatro anos. Numerosos encaminhamentos.”

“Achei que já tivéssemos resolvido isso.” Eu bocejo. “São apenas quatro escolas.”

“Não de acordo com isso.” Ele bate em seu arquivo, estalando. “Alguém tem sido uma garota muito travessa.”

“Só quando eu quero,” eu respondo, batendo meus cílios enquanto ele lança um rápido olhar para cima antes de retornar aos papéis em sua mão.

Tento não deixar transparecer, mas quanto mais seus olhos percorrem os papéis, mais sinto meus músculos se contraírem. Ele tem uma porra de arquivo sobre mim. Uma planilha inteira sobre meu passado. *Está tudo bem*, digo a mim mesma. *Eu não dou a mínima.* Não é como se eu estivesse tentando esconder alguma coisa.

Não é isso que me incomoda. O que me incomoda é que Dean Carter pensa que sabe tudo sobre mim, e ainda quase não sei nada sobre ele. Isso, vou ter que corrigir.

“O que mais diz o seu pequeno arquivo,” Eu digo, estalando a última sílaba da palavra em minha boca enquanto o faço, “sobre mim?”

Ele olha de volta para mim. “O suficiente,” ele se esquiva.

“Sim?” Eu sorrio. “Aposto que não tem todos os detalhes sangrentos de tudo na minha vida que você acha que tem.”

“Você não acha?” Ele pergunta. Uma pressão subjacente enche o carro e posso sentir os outros dois ficando igualmente tensos. As mãos de Abel agarram o volante com força o suficiente para deixar a pele dos nós dos dedos branca. Os olhos de Brax se fixam no para-brisa. Nenhum deles diz uma palavra.

“Não, eu não.” Eu mantenho seu olhar enquanto me abaixo e solto meu cinto de segurança. Brax estende a mão novamente sem tirar os olhos do para-brisa.

“Deixe-a,” Dean ordena e Brax empurra, finalmente tirando seu olhar da frente para olhar para seu amigo em estado de choque. Mas sua mão cai e eu tiro o cinto de segurança enquanto me inclino para frente, colocando um pé no assoalho entre os assentos e arqueando toda a parte superior do meu corpo através do espaço entre os assentos da frente.

“Que porra é essa?” Abel estala, seus olhos deslizando para o lado.

“Continue dirigindo, porra,” Dean diz enquanto eu inclino meu corpo de modo que estou rastejando pelo espaço e aterrissando no banco da frente com minhas

costas para o para-brisa e minhas coxas de cada lado das pernas de Dean. Ele me olha, e sei que está esperando para ver o que vou fazer.

Pego o envelope e os papéis com ele e jogo-os no banco de trás, deixando-os espalhar-se pelo piso. As mãos de Dean se fecham em punhos, recusando-se a me tocar e isso me faz sorrir. A cabeça de Abel gira repetidamente enquanto ele luta contra sua necessidade de olhar a estrada e ver o que diabos está acontecendo. Posso sentir os olhos de Brax em nós dois. Colocando minha mão contra as costas do banco de Dean, eu agarro enquanto me seguro precariamente perto de seu corpo. Eu me inclino.

“Não importa quantas pessoas você pague, D-man,” eu sussurro. “Você nunca saberá meus segredos a menos que eu queira que você saiba.”

“Todos podem ser comprados,” ele rebate de volta.

Eu ri. Isso pode ser verdade para pessoas normais, mas eu sou tudo menos normal. O carro começa a desacelerar e, na minha visão periférica, reconheço os prédios pelos quais estamos passando. “Você quer me comprar?” Eu pergunto.

“Não preciso comprar putas,” brinca.

Eu inclino minha cabeça para trás e toco meu lábio inferior com o dedo. “Agora, essa não é a palavra certa para usar,” eu digo. “Esse é exatamente o tipo de linguagem que colocou sua namorada em apuros.” Eu sorrio. “Você não gostaria que eu fosse atrás de você do jeito que fui atrás dela, não é?”

Ele mostra os dentes para mim, os músculos do braço tensionando enquanto ele agarra as bordas do assento. Da minha posição, posso sentir o cheiro do almíscar de sua colônia, algo escuro e picante. Ele enche minhas narinas com um perfume amadeirado.

“Você está jogando um jogo perigoso,” diz ele, sua voz um grunhido profundo enquanto o Mustang vira em uma estrada lateral.

“Não, não estou,” digo. “Porque eu não jogo. *Você* joga.”

Uma mão sai do assento e agarra meu lado enquanto o carro passa por uma lombada. Todo o veículo sobe e desce. Automaticamente, meus quadris abaixam e de

repente, eu não estou pairando mais - estou grudada contra ele. E caramba, se eu não sinto exatamente que tipo de arma Dean Carter está carregando.

Ele arqueia uma sobrancelha e um sorriso surge em seus lábios. “Você pode pensar que não joga, querida,” diz ele, inclinando-se para frente até que o calor de sua respiração roça meus lábios. “Mas isso se parece exatamente com o que você está fazendo agora.”

“Dean.” A voz de Abel é um aviso.

O carro desacelera e então para completamente. Os olhos de Dean se centram nos meus enquanto ele ignora seu amigo, mas Abel não terminou. Ele estaciona o carro, estende a mão e agarra meu braço, ganhando minha atenção.

“Esta noite foi um teste,” diz Abel. Eu arqueio uma sobrancelha. Como se eu já não tivesse descoberto isso.

Eu rio levemente e aperto sua mão enquanto alcanço o lado oposto e abro a porta do passageiro do Mustang. Eu não saio ainda, no entanto. Eu me deixo estabelecer um pouco mais firme no pau de Dean, moendo apenas um pouquinho para ver sua reação. Todo o seu rosto se transforma em pedra, seu sorriso desaparecendo em um instante, deixando apenas o olhar cruel em seus olhos. O que me faz querer ser um pouco mais do que imprudente, aquele olhar em seus olhos me faz querer fazer algo absolutamente selvagem.

“Eu sei o que vocês três estavam tentando fazer,” eu os informo, virando meu olhar para englobar os outros dois. “Vocês governam Eastpoint, certo?” Eu não espero que eles respondam. “E eu sou uma garota nova. Eu entro. Eu não sigo as regras. Eu não me curvo ou pergunto 'quão alto' quando vocês dizem 'pula'. Isso é um problema, mas isso é problema *de vocês*, não meu. Não vou me mover quando vocês disserem. Não vou vir quando vocês chamarem. Não sou um de seus pequenos lacaios. Estou aqui porque eu não tenho nenhum outro lugar para ir agora.” Eu encolho os ombros. “E vocês poderiam ameaçar me expulsar - inferno, não tenho dúvidas de que vocês poderiam fazer isso, mas a questão é - não importa o que tenha naquele seu pequeno envelope. Não há nada que vocês possam usar contra mim, nenhum material de

chantagem, para me fazer entrar na linha. Eu quero ficar? Talvez. Mas eu não sigo ninguém além de mim mesma."

"Não precisamos de você causando problemas," diz Abel com raiva. Suas sobrancelhas estão baixas sobre o rosto enquanto ele faz uma carranca para mim e eu sei que é porque ele vê a verdade em meus olhos.

Eu encolho os ombros. "Não estou causando problemas," digo.

"O inferno que você não está," ele atira de volta. "Você nos desafiou publicamente. Não podemos deixar isso passar."

"Vocês são aqueles que exigem obediência sem respeito," eu digo.

"A maioria das pessoas seria inteligente o suficiente para perceber quando são dominadas," Brax disse baixinho na parte de trás. Ele me observa com olhos que não estão zangados nem confusos. Em vez disso, há uma curiosidade em seu olhar. E um pouco de diversão.

Eu sorrio para ele. "Eu não sou a maioria das pessoas," eu digo, passando minha perna sobre as coxas de Dean enquanto desço do veículo. Meu pé pousa na calçada e coloco a mão no topo da porta enquanto me inclino para dentro. "Quanto mais cedo vocês perceberem isso, mais cedo vão me descobrir."

"Não há nada para descobrir," diz Dean, finalmente falando depois do que parece um longo silêncio. Seus olhos cospem fogo e determinação. "Eu já sei tudo sobre você, garotinha."

Eu me inclino mais para baixo, até que meu rosto esteja perto do dele. Eu não digo as palavras alto o suficiente para os outros ouvirem; em vez disso, eu as sussurro bem contra sua bochecha. "Se isso fosse verdade, então você saberia que eu não sou uma garotinha, Dean Carter," eu suspiro. "Eu sou uma maldita arma."

Com um estalo, bato a porta e me afasto, sentindo o corte de seus olhos na minha bunda durante todo o caminho.

# 17

## Dean

“Quem porra ela é...”

Eu interrompi Abel antes que ele pudesse terminar esse maldito pensamento. “Dirija.”

Sua boca se fecha, mas vejo a maneira como ele corta um olhar para mim com o canto do olho. Ele quer dizer algo, mas conhece esse tom. Ele sabe o que isso significa. Eu me estico desconfortavelmente, abaixando-me para ajustar meu pau duro como uma rocha no meu short. Avalon Manning é perigosa pra caralho.

Quando a vi pela primeira vez, pensei que ela poderia ser divertida, mas nunca esperei *isso*. As pessoas já estão falando sobre ela. Um corpo assim. Um sorriso afetado assim. Uma atitude assim. Isso significa apenas uma merda.

Encrenca.

E encrenca não é algo de que preciso agora.

Abel e Braxton não dizem uma palavra pelo resto da viagem. Tento pensar em maneiras de lidar com Avalon. Não podemos deixá-la correndo por aí fazendo o que ela quiser, mas se é verdade que não podemos controlá-la, o que mais podemos fazer? Eu suspiro no interior silencioso do carro. Nós apenas teremos que removê-la. Eastpoint não é mais uma opção para ela. Com ela fora, as coisas voltarão ao normal. Mesmo com esse pensamento, no entanto, ainda não consigo deixar de me arrepender. Poderia ter sido bom, para variar, manter uma garota como ela por perto. No mínimo, ela não é como as outras, ela não é conivente ou chata. Ela coloca tudo para fora. Relutantemente, eu admito. Eu a admiro.

Chegamos ao distrito do armazém, o distrito geralmente reservado para esse tipo de reunião, não necessariamente o tipo de negócios de bastidores que o mundo espera que pessoas como nós façamos, mas é a realidade real dos ricos e poderosos, não a realidade da televisão. Todo mundo é corrupto de alguma forma. Quanto mais rico você é, mais sujo você é.

“Eles disseram do que se tratava?” Abel pergunta ao colocar a capota do carro no chão e Brax imediatamente pula para fora. Sentamos no veículo em marcha lenta enquanto observamos Brax correr até as portas de metal. Ele localiza o sistema de travamento, insere seu código, e o zumbido das travas se desprendendo atinge meus ouvidos.

“Eles não disseram.” Eu fico olhando pelo para-brisa, batendo meus dedos ao longo da minha coxa, sentindo o músculo saltar enquanto minha mente rola de volta para a sensação do corpo de Avalon. Como fogo e mais fogo maldito, ela é uma pistola pronta para disparar, e eu descubro que eu quero saber o que acontece se eu puxar o gatilho. “Eles nunca fazem isso, porra.”

Abel range os dentes e pressiona levemente o acelerador enquanto a porta se abre o suficiente. Brax espera até que entremos completamente antes de fechá-lo. Só então Abel desliga o motor e nós dois saímos. Eu coloco o capuz da minha jaqueta para evitar o frio dentro do armazém e retiro minhas chaves.

Nós três caminhamos até os fundos do armazém, onde já posso ver a luz fraca e iluminada que vem da fileira de janelas incrustadas de sujeira. Eu coloquei minhas chaves de volta. Não há necessidade. Eles já estão aqui.

Ninguém faz um som enquanto subimos os degraus de metal rangentes até a porta cor de ferrugem que marca a entrada do inferno.

“Bem-vindos, meninos.” Eu cerro os dentes, mas não comento sobre o fato de que nenhum de nós é mais um fodido menino e não somos desde a primeira vez que colocamos uma bala na cabeça de alguém. Em vez disso, vou para a mesa redonda no centro da sala. Cada um dos três homens à nossa frente marca o atual chefe das famílias de Eastpoint.

Elric Smalls.

Lionel Frazier.

E o homem no meio, o caralho do Nicholas Carter. Meu pai.

“Que bom que vocês chegaram a tempo,” diz Lionel. Faltam menos de cinco minutos para a meia-noite e geralmente estamos aqui quinze minutos mais cedo, então eu sei pelo tom áspero e cáustico que ele não está feliz com a mudança.

Se eu não tivesse que lidar com uma pirralha magrela com uma boca cheia e uma bunda ainda mais cheia, poderíamos ter mantido nossa programação usual. Mas esses três homens são a razão pela qual a porra de Avalon Manning está agora colocando todo o nosso sistema fora de controle. São eles que localizam e recrutam os alunos do programa. O melhor dos melhores. Para trabalhar para *nós*. Mas se qualquer um desses filhos da puta pensava que poderia domar uma garota selvagem como ela, eles realmente foderam com tudo. Inferno, eu só a conheço há menos de uma semana e já estou duvidando se ela conseguirá ficar por aqui o semestre inteiro. Do jeito que as coisas estão, terei que ser muito cuidadoso ao usar suas ações contra Kate.

Nós nos sentamos e por vários longos momentos, nada além do silêncio nos cumprimenta. Elric observa Braxton. Lionel observa Abel. E meu pai me observa. Voltas e voltas, aqui vamos nós, porra. Esses círculos nunca cessam. Eles estão sempre nos testando, me testando.

“Vocês sabem por que foram chamados aqui?” Elric é o primeiro a falar e, ao fazê-lo, sua atenção se concentra em Braxton. Hesito em olhar. Não quero ver se o olhar de Brax está ficando turvo, como sempre acontece quando ele se depara com seu pai. Uma raiva milenar que geralmente ferve nas profundezas da minha superfície quando penso em Elric Smalls começa a ferver. Nicholas pode ser um pai de merda, mas Elric é o verdadeiro monstro e apenas as pessoas nesta sala sabem a verdade sobre ele. Se ele fosse qualquer outra pessoa na porra do mundo, já teria sido assassinado há muito tempo. Mas dinheiro é uma coisa interessante, algumas

pessoas dizem que o dinheiro não pode comprar tudo, mas certamente pode comprar proteção e é isso que faz por ele.

Eu viro minha bochecha e olho para o homem. “Por que você não nos informa,” eu digo.

Nada além de mais silêncio e, quando já estou farto, meu pai finalmente pega a pasta que sempre carrega, sempre mantém em algum lugar fora da vista e remove um arquivo. “Você puxou informações sobre uma nova aluna na escola,” ele começa.

Minha coluna fica rígida. “Sim,” eu estalo. “Ela está causando problemas, o que tem isso?”

Ele arqueou a sobrancelha com o meu tom. “Você pode lidar com a situação?” A pergunta é um insulto.

“Claro que posso,” é a minha resposta imediata. Ela será removida dentro de alguns dias e no caminho de volta para sua pequena cidade de merda. “Está resolvido. O que isso tem a ver com alguma coisa? “

“Esta aluna foi recrutada especialmente e queremos aproximá-la,” diz Lionel. “Por qualquer meio necessário.”

Meu corpo inteiro congela. “O que isso significa?” Eu esclareço.

“Significa,” continua Lionel, “que esta é um pouco diferente. No momento, ela está terminando seu diploma do ensino médio e, assim que o fizer, estaremos lhe oferecendo uma bolsa completa. Se ela não aceitar, esperamos que vocês encontrem uma maneira de persuadi-la.”

Todos os meus planos para me livrar da garota viraram fumaça. Lionel se inclina para frente e fixa Abel com um olhar significativo. “E quando dizemos 'qualquer meio necessário', queremos dizer isso,” afirma.

As costas de Abel se enrijecem. De todas as pessoas no mundo, honestamente não há mais do que três pessoas que eu realmente gostaria de matar. E todos os três estão nesta sala.

Eu sei o que eles esperam de nós. Eles esperam o pior.

Violência de Braxton.

Assassinato de mim.

Sexo de Abel.

Nascido, criado e treinado para essas funções. Cada homem é uma cabeça da própria Hidra. Corte um deles e outros dois crescerão novamente. Cada um diferente. Cada um mortal. Embora eu queira apontar uma arma para suas cabeças e puxar o gatilho, sei que isso nunca acontecerá.

Eu me inclino para frente, colocando minha mão sobre a mesa entre Abel e Lionel. "*Está resolvido*," repito as palavras com mais força.

Posso sentir o olhar de meu pai em mim. Mesmo quando Lionel vira a cabeça e olha para mim com leve surpresa. "Por você?" Ele pergunta com um zumbido. "Bem, isso *é* inesperado."

"Não totalmente," meu pai consegue dizer enquanto desliza o arquivo para o centro da mesa. Ainda não o pego, no entanto. Pelo que sei, tocá-lo pode ser o fracasso em qualquer teste que seja.

"Por que a garota é importante?" Abel é quem faz a pergunta que nós dois nos perguntamos. Braxton, porém, duvido que ele se importe. Ele tem que estar aqui para a reunião porque ele é um dos herdeiros - mas mulheres não são sua especialidade. O sangue é.

"O porquê não importa," responde Lionel. "Cabe a nós saber e a vocês descobrirem quando chegará a hora certa e não será agora."

"Devemos transar com ela ou protegê-la?" Eu exijo.

Se alguém vai transar com ela, não será Abel. Meu pau ainda se lembra da sensação de sua boceta pressionada contra ele através do tecido de nossas roupas. O que me parece estúpido, porém, é que ela estava ainda mais quente de pé no gramado da nossa casa de festas, encharcada depois de apenas ter jogado uma garrafa em

chamas no Mercedes de Kate Coleman do que qualquer outra mulher que eu já vi na minha vida. Esse pouco de loucura selvagem é o que faz a imagem dela ricochetear em minha mente, mexendo em meu eixo e me fazendo mais do que uma coceira por dentro. Ela é como um desastre de trem quando passa, e eu não posso deixar de olhar e vê-la queimar. Mortal. Fatal. Cheia de tristeza. E, no entanto, tão fodidamente linda ao mesmo tempo.

"Nenhum dos dois," diz meu pai, respondendo à minha pergunta. "Por enquanto, nós a queremos sob observação. Se a única maneira de a manter lá é transando com ela, então tudo bem."

"Ela é valiosa?" Abel pergunta.

Em vez de responder, Nicholas sorri e pega sua pasta do chão. Ele se vira para mim enquanto se levanta. Nós três - Abel, Braxton e eu - todos nos levantamos também, quando Lionel e Elric também. "Foi bom ver você, filho," diz ele, apontando para a pasta sobre a mesa. "Isso é tudo o mais que sua busca perdeu. Você é bem-vindo para ver."

Com isso, os três saem da sala, um por um. Elric é o último. Ele faz uma pausa ao lado de Braxton e olha para ele por um breve momento antes de voltar seu olhar para nós. "Espero ver vocês três nos jogos deste ano," ele diz, e então sai.

A única coisa que pode ser ouvida na sala após sua partida é o ventilador girando acima de nós, enquanto ele balança no tempo com o mecanismo que o mantém funcionando.

"E agora?" Abel pergunta.

Estendo a mão e pego a pasta. "Agora," eu digo, avançando e colocando a mão no ombro de Brax. Ele não reage. "Nós ficamos bêbados."

"Quero dizer, sobre a garota," pressiona Abel.

Na verdade, só há uma resposta para isso. Não podemos mandá-la embora. Não podemos nos livrar dela. Não há mais nada que possamos fazer, exceto o impossível. Eu deslizo minha língua sobre meus dentes, meus dedos segurando a pasta em minha

mão. “Nós a reivindicamos,” digo a ele. “De agora em diante, ela é propriedade dos Sick Boys.”

# 18

## Avalon

No meio da semana seguinte, está claro que a maioria de Eastpoint ouviu falar da festa e do incidente do Coquetel Molotov. Posso sentir os olhares ou pelo menos *alguém* me observando constantemente. O fato de que não consigo descobrir quem está lentamente começando a me deixar louca. Apesar disso, embora o evento em si não tenha me tornado exatamente a Miss Popular, notei uma nítida falta de olhares violentos de meus colegas de classe. Eles não saem mais de seu caminho para me ignorar, mas ninguém parece muito interessado em ficar perto de mim. Principalmente, não Rylie.

"Eu não vou comer com você," ela me informa enquanto faz a mochila para a aula. "Eu preciso manter minha cabeça baixa, e você," ela faz uma pausa e aponta para mim em acusação, "chama atenção demais." Cada frase é dita com uma irritação cortante. Ela diz isso, mas uma parte dela não quer dizer isso. Eu não sei como, considerando que a vida dela provavelmente tem sido tão fodida quanto a minha, mas eu sei que ela é um pouco mais suave do que deveria ser. Está lá na maneira como ela me importuna para manter minha cabeça baixa. Eu nunca vou fazer isso, mas é fofo que ela pense que é o melhor para garotas como nós. É quase... bom sentir que alguém se importa, embora um pouco estranho.

Eu rio levemente enquanto folheio um livro e leio o conteúdo, me preparando para um teste que sei que está chegando. "Estou falando sério," diz ela.

"Claro," eu digo. "Ignore-me o quanto quiser. Não vai me incomodar."

Ela faz uma pausa ao lado da porta, sua bolsa de mensageiro pendurada em um ombro. Seus frios olhos castanhos me encaram. Finalmente, ela apenas joga as mãos para cima e sai tempestuosamente. Espero mais alguns minutos para ter certeza

de que ela não vai voltar para nada antes de jogar o livro no chão e me levantar. Eu me estico na ponta dos pés, bocejando e estalando minhas juntas.

Meu estômago ronca enquanto eu debato o que fazer a seguir e isso solidifica meus planos para a tarde. Mudando rapidamente para um par de jeans e uma camiseta nova, eu pego minhas chaves e carteira de identidade e sigo para a praça de alimentação estudantil.

No meio da praça de alimentação, vejo um rosto familiar que não via desde a festa e paro, mudando de direção, e vou até ele. “Ei,” eu digo, me jogando na frente dele.

O cara levanta a cabeça do celular e sob a aba do boné de beisebol. No segundo que ele vê meu rosto, ele sorri e vira o chapéu. “Bem, olhe o que o gato arrastou.” Ele sorri. “Apenas a garota sobre a qual tenho ouvido tanto.”

Eu rolo meus olhos e aceno minha mão para frente e para trás. “Sim, tanto faz.”

“Aquela façanha que você fez está em toda a escola,” diz ele.

“Sim, bem, eu não poderia ter feito isso sem você,” eu digo. “Obrigado pela mão… ou devo dizer a calcinha?”

Ele ri, jogando a cabeça para trás e bate com a mão na mesa. “Por favor, não precisa me agradecer, foi engraçado pra caralho de assistir. Além disso, eu nunca gostei muito da Kate.”

“Awww.” Eu finjo um beicinho. “Bom demais para o seu pau?”

Ele nem mesmo tenta mentir. “Sim, muito bonita.”

“Pensei que todos os idiotas ricos eram iguais,” comento.

Isso me deixa com um suspiro de descrença. “Com Carter, Frazier e Smalls na panela?” Ele pergunta. “Nem uma maldita chance.”

“Qual é qual?” Eu pergunto.

Ele faz uma pausa como se não tivesse certeza se estou falando sério ou não, mas quando mantenho meu rosto, até ele franze a testa. “Uau,” diz ele. “Você

realmente não dá a mínima para esse lugar, não é? Já está aqui, o quê? Algumas semanas? E você não só irritou os três caras mais ricos e poderosos daqui, mas você nem conhece o suficiente para saber seus sobrenomes?"

Eu encolho os ombros. "Quando é importante, eu sei disso."

Ele balança a cabeça em descrença.

"Além disso," eu continuo, "eu nem sei o *seu* nome, e eu realmente posso te suportar."

"Estou tão satisfeito," diz ele secamente. Uma batida passa e ele sorri. "O nome é Jake, a propósito. Jacob Hayes."

"Avalon," eu digo. "Apenas Avalon."

"Lindo nome," ele comenta.

"É o que é."

"Sim, isso parece algo que você diria." Jake balança a cabeça e se afasta da mesa. "Bem, eu tenho que ir para a aula, mas foi bom ver você. Tome cuidado para não se meter em muitos problemas dizem que a merda que você fez no carro de Kate te tirou do bloqueio. Aproveite isso. Faça alguns amigos, algo me diz que uma garota como você vai precisar deles."

Eu riria daquele comentário "garota como eu" se não soubesse exatamente do que ele estava falando. Também estou de pé. "Espere," eu digo, pegando-o assim que ele coloca o telefone no bolso, "Eu queria te perguntar uma coisa."

Ele inclina a cabeça para trás e me olha com curiosidade. "O que é?"

"Parece que você sabe mais sobre este lugar do que eu." Eu falo com cuidado. "Eu só estava me perguntando se há um lugar onde eu possa ganhar algum dinheiro rápido."

Jake enfia uma mão no bolso e levanta a outra para coçar a parte inferior de sua mandíbula. "Que tipo de dinheiro estamos falando?"

Avanço lentamente até ficarmos frente a frente e, em seguida, levanto a mão e bato o bolso em seu peito, sentindo a carteira que eu sabia que estaria lá. “Eu acho que você sabe de que tipo estou falando.”

Ele luta contra isso. Eu vejo. Ele luta muito, mas quanto mais eu fico lá, sorrindo para ele, mais eu o vejo desmoronar. Ele sorri. “Tudo bem, tudo bem,” diz ele, retirando o telefone mais uma vez. “Me dê seu número. Vou mandar mensagens de texto algumas vezes e locais. É só um pouco divertido. Se você quiser lutar, posso apresentá-la ao agenciador de apostas para que você possa abrir a lista, mas...”

Eu o paro bem aí. “Eu não sou uma lutadora.”

Ele faz uma pausa e arqueia uma sobrancelha enquanto seu dedo desliza pela tela de seu telefone. “Besteira,” diz ele.

Eu encolho os ombros. “Tudo bem, então,” eu digo. “Deixe-me esclarecer. Eu não luto por dinheiro.”

“Huh.” Seus lábios se contraem. “Nunca teria imaginado isso.”

Ele está curioso, mas eu não digo mais nada e como o cara inteligente que ele é, ele não pergunta. Trocamos números de telefone e eu saio do meu caminho enquanto ele desvia do dele.

Pego um sanduíche rápido para sair e começo a andar pelo campus, apenas andando sem rumo - não estou realmente pronta para voltar para o dormitório e não tenho certeza do que mais há para fazer por aqui. Estou no meio da fileira de prédios cheios de salas de aula quando ouço alguém gritando.

“Ei! Ei, garota nova!” Por curiosidade, eu me viro quando uma garota com cabelo curto e despenteado vem correndo pela calçada, uma mochila de grife - puta merda, bolsas de grife são uma coisa? Pendurada sobre seu ombro. “Sim! Você!” Ela aponta e eu me viro novamente, me perguntando quem diabos essa garota está tentando rastrear. Quando percebo que ela não está apontando para ninguém atrás de mim, mas na verdade *para mim*, minhas sobrancelhas sobem na linha do cabelo, e eu

lentamente giro para trás para encará-la quando ela para de forma surpreendentemente abrupta diante de mim.

Ela suspira, uma mão no peito, “Desculpe, só... me dê uns dois segundos. Deus, eu preciso malhar mais.”

“O que você precisa, vadia rica?” Eu pergunto.

Ela congela, mas de forma chocante, em vez de ficar ofendida, ela me dá um sorriso tímido. “Foi o comentário da nova garota, não foi?” Ela pergunta. “Desculpe por isso,” diz ela, endireitando-se. “Eu não sei o seu nome ou eu teria usado isso no lugar.” Uma mão perfeitamente manicurada dispara. “Eu sou Corina Harrison.”

Eu passo minha língua entre os dentes e estreito meus olhos para ela. “Não, obrigado,” eu digo, ignorando a mão estendida. “Não estou interessada.”

A garota faz um barulho entre um suspiro e um grunhido enquanto estende a mão e agarra meu braço quando me viro para ir embora. Mais uma vez, minhas sobrancelhas sobem. “Por favor, espere!” Ela diz.

“Você quer manter essa mão?” Eu a advirto.

Ela faz uma careta, mas permanece presa em mim. “Eu prometo, não estou aqui para fazer nada maldoso.”

*Como se ela pudesse*, eu penso. Ainda assim, suas palavras saem em uma respiração rápida enquanto ela me segue quando tento dar um passo para longe. Além de sacudi-la como um vira-lata sarnento, não há muito que eu possa fazer a menos que queira ficar violenta. Estou debatendo, mas olhando para seus olhos grandes e rosto liso, é meio difícil. Apesar do fato de que essa garota obviamente pertence a Eastpoint - a mochila cara, o quilo de maquiagem perfeita em seu rosto, a manicure e os saltos quinze centímetros em seus pés que provavelmente custam mais do que o aluguel da minha mãe - ela tem essa vibração da garota da porta ao lado sobre ela. Eu sei que a chamei de vadia rica, mas que tipo de garota iria perseguir alguém como eu? Minha curiosidade permanece nas tendências violentas me dizendo para quebrar seus dedos. Se ela me irritar, no entanto, ainda é uma opção.

Eu bufo um suspiro. “O que você quer?” Eu finalmente pergunto.

Seu rosto se ilumina. “Eu queria saber se você sairia comigo.”

O choque ricocheteia em mim. “Hum... estou lisonjeada, mas sinto muito, eu sou - infelizmente - puramente um tipo de vadia idiota. É lamentável, mas eu gosto de pau, não de boceta.”

A confusão ondula sobre suas feições até que ela percebe o que disse. “Ah, não!” Ela grita. “Não! Eu não quis dizer isso. Eu - oh meu Deus - o que eu quis dizer é que estou indo para Urban e ouvi dizer que você meio que tem uma coisa acontecendo com os Sick Boys, então...”

“Pare.” Eu levanto a mão, efetivamente silenciando sua exibição de vômito de palavras. “Onde diabos você ouviu que tenho uma coisa acontecendo com os Sick Boys?” Eu faço uma careta quando aquele apelido idiota sai da minha boca. Sick Boys, uma ova. Mas tudo bem, tanto faz, se é como todo mundo os chama e todos os outros os entendem como, eu vou dizer essa merda. Não significa que seja verdade.

Grandes olhos castanhos, que me lembram os pirralhos do meu antigo bairro quando o caminhão de sorvete chegava, olham para mim. “Deles,” diz ela.

*Vou matar aqueles filhos da puta,* eu acho. Eu tiro meu braço de seu aperto e, assim que ela percebe que não estou prestes a pular, ela me solta. “Bem, desculpe quebrar isso para você,” eu realmente não estou arrependido, “mas sua informação está errada. Eu não sou uma merda para eles e eles não são uma merda para mim.”

Ela morde o lábio. “Então, você não está com eles?” Ela esclarece.

“Eu prefiro cair de um penhasco,” eu digo brilhantemente.

“Oh.” Ela vacila nos saltos, mastigando silenciosamente o lábio inferior. “Bem, quero dizer, você ainda quer vir?”

Eu bufo. “Você está realmente me perguntando isso?”

Seus ombros se movem para cima e para baixo. “Por que não? Você não tem muitos amigos, tem? E você já foi ao Urban antes? É muito divertido.”

Eu nem sei o que é Urban. Minha resposta é cruzar os braços e olhar para ela especulativamente. “É perigoso?” Eu pergunto.

Ela balança a cabeça. “Não, claro que não.”

“Então não, obrigado.” Eu deixo cair meus braços e começo a andar.

O clique de seus sapatos sólidos atinge o pavimento enquanto ela segue atrás de mim. “Tem certeza?” Ela implora. “Tem dança e...”

Eu gemo, mas não digo nada enquanto faço meus passos mais longos, fazendo com que ela fique um pouco para trás enquanto ela luta para me alcançar. Isso é o que acontece quando você usa salto - qualquer um com Converse pode correr mais que você.

“Mas é administrado pela família Carter!”

Eu paro, lentamente voltando-me para encará-la e estremecendo quando ela finalmente alcança e acaba se chocando contra mim. Sua mochila escorrega por um ombro delicado. “Oomph, desculpe,” ela murmura.

“Dean Carter?” Eu pergunto.

Como se sentisse meu interesse recém-descoberto, ela sorri. “Sim. O mesmo. Se ele está fora do treino de futebol e não está dando uma festa, ele e os caras geralmente vão. Você provavelmente pode ir esclarecer as coisas com eles, se quiser.”

Sim, parece uma ótima ideia. “Tudo bem,” eu digo, “mas estou trazendo um amigo.”

Ela praticamente sorri. “Incrível! Vou pegar vocês na frente do seu dormitório na sexta-feira.” Corina salta para longe, levantando a alça da mochila por cima do ombro novamente.

“Como você sabe qual...”

Ela ri, olhando para trás. “Você está no Dormitório Havers,” ela responde antes mesmo de eu terminar minha pergunta. “Todo mundo sabe que os alunos do programa moram lá.”

Com isso, ela se vira e sai empertigada, endireitando as pernas enquanto seus saltos batem no chão. Correr de salto é muito impressionante, até eu tenho que admitir, mas a maioria das garotas não seria capaz, e porque alguém iria querer andar por aí como um cervo desajeitado está além da minha compreensão. Eu fico lá, meditando sobre isso quando suas palavras realmente me atingem. Todos sabem que os alunos do programa vivem no dormitório Havers e todos sabem que sou um aluno do programa. Portanto, todo mundo neste campus sabe onde eu moro.

Foda-se minha vida. Droga, espero que a merda não comece a se mexer, ou então vou ter que ir para o fundo do poço. E se isso acontecer, não importa que ameaça aqueles Sick Boys possam lançar em meu caminho - o fundo do poço Avalon é uma cadela com a qual ninguém quer mexer.

# 19

## Avalon

Dois dias depois, recebo uma mensagem de texto da garota rica que me interceptou. Não vou nem perguntar como ela conseguiu meu número de telefone. Eu tenho minhas suspeitas. Jake vem à mente. Essas pessoas parecem conseguir tudo o que desejam e eu disse a ele que estava procurando um tipo específico de problema. Do jeito que está, Eastpoint não é uma escola tão grande. Além disso, aposto que essas crianças têm dinheiro - o que têm – e podem conseguir qualquer informação que quiserem. Dean certamente fez.

Eu saio da minha cama e chuto a ponta da cama de Rylie enquanto vou para o meu armário. “Levante-se,” eu digo. “Nós estamos saindo.”

Ela arranca os fones de ouvido. “O que?”

Deslizando minha camiseta pela cabeça, pego uma regata e a visto. “Nós vamos sair,” eu repito.

Seus olhos se estreitam. “Onde?” Ela exige imediatamente.

Eu rio e tiro o short do pijama, pegando um jeans skinny com buracos nos joelhos. “Fora,” declaro.

Rylie revira os olhos e conecta os fones de ouvido de volta aos ouvidos. “Não está acontecendo,” diz ela.

Termino de me vestir e arranco meu cabelo comprido do rabo de cavalo. Pendurado nas minhas costas, está quase na minha bunda. Merda, preciso cortá-lo logo. Sem nem mesmo me preocupar em dar a ela uma chance de lutar, eu agarro a perna de Rylie e a puxo para fora da cama até que sua metade inferior bate no chão.

“Que porra é essa?” Ela grita.

“Oh, olhe, você está de pé.” Eu fico impassível enquanto ela rosna e luta para se levantar. Pego meu telefone e verifico a hora. “Bem, é melhor você se apressar, nossa carona estará aqui em menos de vinte minutos.”

“Carona para onde?” Ela deixa escapar. “Por que você não me contou sobre isso se você tinha planejado? E quem diabos está nos pegando?”

“Eu não te disse porque queria ter certeza de que você não iria fugir.” Eu sorrio. Se olhares pudessem matar... Rylie estaria descobrindo uma maneira de se livrar de um corpo agora.

Por um minuto inteiro ela me encara, seus olhos castanhos estreitos e cheios de irritação. Pisco lentamente de volta para ela, esperando e sabendo que vou conseguir o que quero. De jeito nenhum vou entrar no carro de Corina Harrison sozinha. Eu não confio na garota e mesmo que Rylie não goste muito de mim, ela tem sido muito mais honesta do que eu suspeito que Corina foi. Não há absolutamente nenhuma maneira dela não saber meu nome se Dean tiver seus asseclas espalhando merda.

“Onde estamos indo?” Ela exige, finalmente cedendo enquanto ela desliza o resto do caminho para fora de sua cama e vai para seu próprio armário.

Eu penso de volta, tentando lembrar o nome do clube que Corina tinha me falado. “Urban.”

Ela congela e olha para mim. “Urban?” Ela repete a palavra como se deixasse um gosto amargo em sua boca. “Você está me zoando?”

“Não no momento.” Eu passo meus dedos pelo meu cabelo escuro, tentando pentear os nós e protuberâncias o máximo que posso. Minha escova está em algum lugar nesta sala, mas uma rápida pesquisa não a mostra. Ah, bem.

Rylie se vira, encostada no batente da porta do armário enquanto me observa com os olhos semicerrados. Ela cruza os braços sobre o peito. “E onde você encontrou dinheiro para ir para o Urban? As bebidas não são baratas, você sabe.”

“Não falei nada sobre dinheiro,” respondo. Pego a sacola de amostras extras de maquiagem e lápis delineadores de loja de valores antigos e começo a trabalhar. Ela permanece com o lado contra o batente da porta por vários minutos, observando enquanto eu termino minha maquiagem. Não é muito, mas, novamente, estou apenas usando para que eu me misture em vez de ficar de fora. Estou em uma missão de caça de informações esta noite.

“Eu não quero ir para Urban,” ela afirma claramente.

“Eu realmente não me importo com o que você quer,” eu digo. “Você vai ou então...”

Ela mostra os dentes para mim. “Ou então porra o quê?” Ela morde de volta.

Eu sorrio, virando-me lentamente para encará-la. Alcançando para trás, eu prendo meu cabelo em um punho - é grosso e vários fios escorregam enquanto eu puxo para a parte de trás da minha cabeça. “Ou então direi a Dean Carter que você está bloqueada.”

Seus olhos se arregalam e seus braços caem para os lados. “Puta merda!” Ela fica boquiaberta para mim. “É verdade?” Eu não digo nada. É uma aposta, mas tenho a sensação de que esses rumores que têm circulado por Eastpoint têm algo a ver com Dean e eu. Ninguém veio direto ao ponto e disse isso - além de Corina, é claro - mas tenho a sensação de que ele pensa que me reivindicar é sua maneira de marcar minha bunda e fazer com que tudo o que eu faça de alguma forma sancionado pelos Sick Boys. Eu não posso foder com sua autoridade.

Eu encolho os ombros distraidamente e rapidamente aplico uma camada de batom na minha boca antes de colocar a tampa de volta e me dirigir para a porta que leva ao corredor. “Você vem ou o quê?” Eu pergunto por cima do ombro.

“Merda, porra!” Eu sorrio quando suas palavras em pânico chegam aos meus ouvidos. Saindo para o corredor, inclino minhas costas contra a parede enquanto ouço os sons dela lutando para se trocar. Menos de dois minutos depois, a porta do nosso quarto se abre e ela sai, ofegante.

O peito de Rylie sobe e desce sob uma blusa preta de malha que cobre sua barriga. Suas pernas longas e claras brilham sob a iluminação fluorescente do corredor e suas botas de combate a fazem parecer que está indo chutar alguns traseiros em vez de ir a um clube. Seu cabelo roxo desbotado está puxado para trás e trançado nas costas. Eu sorrio quando ela aponta o dedo para mim.

"Você é uma vadia do caralho, você sabe disso," ela rosna. "E eu juro por Deus, se você me puxar para alguma das suas merdas, eu vou te matar enquanto você dorme."

Eu me aproximo dela até que sua respiração atinge meu queixo, e ela olha para cima com um olhar feroz. "Você não tem a porra das bolas, Ry," eu digo com uma risada.

Ela rosna. "Me teste."

Eu poderia. Oh, eu realmente poderia. Mas apesar de como eu gosto de foder com ela, acho que Ry é o mais real possível. Meu telefone toca e, após uma verificação rápida, faço um gesto para que ela vá em frente. "Vamos," digo a ela.

Ela bufa mais uma vez e desta vez, quando fala, seu tom fica sério. "Espero que você saiba o que está fazendo, Avalon," ela diz, "porque se você está realmente fodendo com os Sick Boys, não vai acabar bem. Há muito mais coisas sobre eles que você não sabe."

Eu paro no topo da escada e olho para trás. "E você sabe?" Eu quero saber. Rylie parece estar muito mais ciente das coisas do que eu espero que uma garota que professa não querer nada mais do que manter a cabeça baixa. Não sei se é simplesmente por causa de sua formação - seja lá o que for - ou se é algo mais.

Nossos olhos se encontram e por um segundo há um entendimento ali. Ela *não* sabe alguma coisa. Seja o que for, ela não vai dizer. Seja por medo ou autopreservação, não sei. Eu sei o que é querer se proteger. Uma memória antiga surge no fundo da minha mente, algo frio e sinistro, algo que pensei ter enterrado há muito tempo. Não querendo ir para lá, eu o empurro para baixo e coloco um sorriso.

“Deixa pra lá,” eu digo. “Esqueça.”

Rylie não diz mais nada, pelo menos não até sairmos e, juntas, avistarmos uma Ferrari vermelha estacionada no meio-fio. Corina olha para cima e acena quando nos aproximamos. “Que porra é essa...” As palavras de Rylie não são altas o suficiente para Corina ouvir, mas elas me fazem olhar em sua direção.

Eu levanto minha sobrancelha quando noto como suas mãos ficam apertadas enquanto ela os fecha em punhos contra o tecido fino e malhado das mangas de sua camisa. “Ei!” Corina se inclina e grita pela janela aberta. “Vamos! Estamos atrasadas!”

Tirando minha atenção do rosto de Rylie, me viro para a garota no carro. “Não há limite de tempo,” eu digo enquanto abro a porta.

“Sim, mas eu quero chegar lá logo,” Corina lamenta.

Eu olho para ela. “Você ainda não bebeu, não é?”

Ela balança a cabeça. “Não, mas estou planejando isso. Então, se pudéssemos *ir*... oh, essa é sua amiga?”

“Sim, ela é...”

“Eu vou na parte de trás,” anuncia Rylie quando ela aparece ao meu lado.

“Claro...” Eu mal consigo dizer a palavra antes que ela empurre o banco do passageiro para a frente e suba na pequena parte traseira.

“Bem, pelo menos alguém é inteligente o suficiente para perceber quando mamãe precisa de uma margarita,” diz Corina. “Vamos.” Ela acena para eu entrar e eu rolo meus olhos enquanto rastejo para o interior incrivelmente pequeno do que deve ser um carro de um milhão de dólares. O couro parece ouro do caralho debaixo da minha bunda. Talvez mais de um milhão de dólares.

Corina sorri quando a porta se fecha atrás de mim e liga o motor. “Urban, aqui vamos nós!” Ela grita animadamente.

Meu cinto de segurança se encaixa e, quando ela põe o pé no acelerador, olho para trás. Rylie está olhando para a nuca de Corina de uma forma que só pode ser

descrita como puro medo. Não tenho certeza do porquê, mas definitivamente não é o momento de perguntar. Eu me viro no momento em que o carro desliza no tráfego e acelera, me jogando contra o assento. Esperançosamente, nós realmente chegaremos à porra do clube antes que todos morramos.

# 20

## Avalon

As luzes no clube são fracas, mas o que parece ser tinta está espalhado pelo chão, pelas paredes e até pelo bar. A música rock-pop pesada ecoa até as vigas. Corina puxa Rylie e eu através da multidão, indo direto para o longo balcão onde dois bartenders zumbem para frente e para trás, atendendo pedidos de bebidas e distribuindo contas.

“Três runs e coca,” Corina grita do final do balcão, levantando a mão no ar. O barman mais próximo de nós avista ela - ou melhor, seus seios enormes enquanto eles quase saem de sua blusa - e se apressa para pegar seu pedido.

Eu deixei meus olhos vagarem. O lugar é enorme. Pelo menos três andares de altura, mas apenas o primeiro andar tem um layout completo. Os dois primeiros se parecem com varandas abertas que margeiam o perímetro. Eu mal consigo distinguir as pessoas sentadas nas espreguiçadeiras e nas mesas com vista para o chão, enquanto observam o resto de nós lá embaixo. A maioria dos olhos, porém, está na pista de dança que atua como a peça central de todo o lugar. Mesmo a esta hora da manhã, está lotado de pessoas.

“Aqui está!” Uma bebida é colocada em minha mão em um segundo e quando eu tenho a chance de olhar para cima, Corina já bebeu metade dela.

“Eu não bebo,” afirma Rylie, colocando a dela no balcão. “Mas obrigado de qualquer maneira.” Ela parece estranha e desconfortável. Por um breve momento, lamento forçá-la a vir, mas verdade seja dita, eu não queria ficar aqui sozinha com Corina. Eu a usei para me trazer aqui, mas o fato é - eu não confio nela. E Rylie, apesar de todas as suas afirmações de que não gosta de mim, não parece a pior pessoa para se ter nas minhas costas.

*Não que eu já tenha tido um amigo nas minhas costas antes,* eu acho. *Merda. Talvez tenha sido uma má ideia trazê-la junto.*

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, porém, a cabeça de Rylie se inclina e ela olha além de mim. Todo o seu corpo enrijece. “Ei, hum, você precisa de mim agora?” Ela pergunta.

Eu sigo seu olhar, mas não consigo ver o que ela está olhando. Então, eu volto para ela e arqueio uma sobrancelha. “Na verdade...”

“Legal, vou sair. Mande-me uma mensagem de texto quando sair ou se precisar de alguma coisa e eu entrarei em contato.”

Eu pisco e ela se foi. “Bem, isso não durou muito,” diz Corina com uma risadinha enquanto bebe o resto de sua bebida antes de substituí-la pela abandonada de Rylie. “Então, novamente, não estou surpresa. Ela nunca vem a esse tipo de lugar. Não é realmente o estilo dela.”

Meus olhos pousam em Corina. “O que você quer dizer com isso?”

Ela dá um gole em sua nova bebida e encolhe os ombros. “Oh, nada realmente.” Seu olhar se afasta e tenho a nítida sensação de que ela está mentindo.

Eu coloquei minha própria bebida no balcão com uma carranca. “Não estou aqui para me divertir,” declaro. “Estou aqui apenas para encontrar aqueles idiotas e obter algumas respostas.”

Corina olha para mim e sorri, seus lábios ainda selados ao redor do canudo em seu copo. “Bem, não olhe agora,” diz ela, “mas acho que os encontrei para você.” Ela acena com a cabeça em direção a um lugar nos andares superiores logo atrás de mim e eu me vejo virando e seguindo seu olhar. E ela está certa. Ali estão eles.

Os dois filhos da puta que encontrei pela primeira vez estão sentados um de cada lado de seu rei, rindo como hienas enquanto deixam as meninas subirem neles. É surpreendente ver como eles são amigáveis e como a área ao seu redor está vazia. Não posso dizer que não gosto.

“Não espere acordada,” digo distraidamente enquanto deixo a bebida e Corina para trás, fazendo meu caminho para uma escada escura logo abaixo de onde eles estão. Com sorte, isso me levará direto a eles.

Subo as escadas de dois em dois e, quando chego ao topo, um conhecido idiota de ombros largos cruza meu caminho. Eu sorrio. “Bem, ei,” eu digo, olhando-o de cima a baixo. “Há quanto tempo.”

Os olhos do cara se arregalam quando ele percebe quem eu sou e sinto uma sensação de realização quando ele sutilmente move a parte inferior do corpo um passo para trás. Jogada inteligente. “Deixe-a passar, Eli.” A voz de Dean ecoa de volta para nós. O gigante olha para mim mais uma vez, me examinando da cabeça aos pés como se esperasse que eu estivesse enfeitada com armas, e quando ele vê que obviamente não há nada aqui além de uma pequena eu, ele finalmente dá um passo para o lado.

“Obrigada... *Eli*,” eu digo, dando um tapinha no ombro do cara enquanto eu passo. “Faça-me um favor e mantenha todo mundo fora por um minuto, certo?”

“Ele não segue suas ordens, garotinha,” Dean diz enquanto eu avanço. Meus olhos se chocam com os dele enquanto me movo para a varanda. Embora obviamente haja outras pessoas no segundo andar, quando olho ao redor, vejo que esta seção foi separada para seu uso exclusivo. Vantagens de ser filho do proprietário, suponho. Corina disse que este era o clube de sua família.

“Eu não sou garotinha,” eu digo enquanto dou a volta em uma mesa baixa e paro bem na frente dele.

Aqueles olhos obscuros dele olham para mim através de cílios longos e igualmente escuros. Então ele se levanta, elevando-se sobre mim o suficiente para que eu tenha que inclinar minha cabeça para trás para olhar para ele. “Quer corrigir essa afirmação?” Ele pergunta.

“*Não.*” Minhas mãos se acomodam em meus quadris e eu sorrio, lenta e mal enquanto seus olhos rastreiam seus movimentos. “E você deve ter cuidado - só porque

você é mais alto, não significa exatamente que eu sou pequena. Lembre-se, estou mais perto do inferno e há muita fúria embalada dentro deste corpo apertado."

Escolho minhas palavras com cuidado, especificamente, e quando seus olhos se arregalam um pouco, sei que tomei a decisão certa. Eles disparam para o resto de mim antes de voltarem para o meu rosto. Ele franze a testa. "O que você quer?" Ele exige.

Sem perder o ritmo, dou um pequeno passo para trás e me sento. Bem na superfície da mesa em frente à sala. Escolha inteligente também porque, assim que afundo, vejo a compreensão que passa por sua mente quando estou no nível do olho esquerdo com sua virilha. Minha cabeça se inclina para trás e meu sorriso se alarga.

Olhos escuros me encaram antes que ele levante a cabeça. "Saiam," ele late para as garotas no colo de Abel e Brax. O gemido de desapontamento de Abel chega aos meus ouvidos, mas não ouso desviar os olhos do homem à minha frente. Temos uma conta a acertar e ainda não foi de forma alguma.

Eles devem ter as meninas bem treinadas, porque eu não ouço nem um único pio delas enquanto deslizam de seus possíveis parceiros para a noite e desaparecem escada abaixo. Dean aproveitou esse momento para tirar os olhos dos meus. "Certifique-se de que ninguém mais apareça ou atravesse," ele ordena. Se Eli responde, não ouço. Eu simplesmente espero que ele encontre meu olhar novamente. E quando ele o faz, é como um incêndio violento passando pelo meu sistema.

Às vezes, é difícil ver o que está acontecendo dentro de sua mente controladora, mas agora, eu sei. Ele está chateado.

"Bem, vamos acabar com isso ou o quê?" Abel fala quando mais alguns minutos se passam sem que nenhum de nós fale. "Eu quero transar hoje à noite."

Eu arqueio uma sobrancelha. "Isso é com seu chefe," eu respondo. "O que você me diz, D-man, quer acabar com isso?"

Ele suspira e dá um passo para trás, removendo seu pau coberto pela calça do meu rosto enquanto ele afunda de volta em sua cadeira. "Que porra você quer?"

O que eu quero? Eu quero muitas coisas. Eu quero que as pessoas me deixem em paz, porra. Eu quero ser capaz de rastejar em qualquer cama velha e dormir como a porra de um tronco sem pensar sobre o que eu poderia estar acordando. Eu quero a porra da liberdade. Mas me contento com menos porque não há outra opção.

“A verdade,” declaro claramente.

Ele arqueia uma sobrancelha e, pela primeira vez desde que vim aqui, olho de relance de um lado para o outro para ver as reações dos outros. Assim como Dean, seus rostos são limpos de qualquer coisa útil. Sem emoção. É como se eles tivessem treinado para parecer os idiotas indomáveis que retratam. Eles provavelmente são.

“Que verdade é essa?” Dean pergunta.

Meus olhos encontram os dele por baixo dos meus cílios. “Não aja estúpido agora, Sr. Carter,” eu digo. “Se você é o único sentado no assento do meio,” eu aceno em direção a ele, “então, nós dois sabemos que você não é. Quero saber por que existe um boato de que sou sua propriedade.”

Ele não hesita. “Porque você é.”

Minhas mãos se fecham em punhos e tenho que afastar o desejo de dar um soco em seu rosto cruelmente bonito. Sabe, honestamente não é justo que idiotas como ele tenham a aparência que têm. “Bem, olhe para isso,” eu digo, mantendo minha voz propositalmente leve e despretensiosa. “Nem dois minutos depois de eu dizer que você não é burro, você prova que estou errada. Bom para você.”

Com o canto do olho, vejo um movimento. Virando minha cabeça, vejo Brax se inclinar para frente, colocando os cotovelos nos joelhos enquanto me encara. Ele encontra meu olhar e estende a mão para trás, removendo um maço de cigarros do bolso de trás. Ele o bate contra a palma da mão uma, duas, três vezes antes de rasgar o invólucro de plástico e jogá-lo na ponta da mesa em que estou sentada. Colocando a ponta de um entre lábios carnudos e masculinos, ele o acende.

Uma mão agarra meu queixo e Dean me puxa de volta para encontrar seu olhar. “Você pode não gostar, garotinha,” ele diz, “mas você é a razão pela qual tivemos que fazer isso acontecer assim.”

Eu estreito meus olhos nos dele. “O que diabos isso quer dizer?”

Ele não sorri. Na verdade, ele parece mais que prefere me sufocar do que me explicar. “Você se recusa a entrar na linha,” diz ele. “Você não segue nossas regras. Você quer a verdade, baby? A verdade é que não confiamos em você.”

“Então, por que não me expulsar?” Eu pergunto. Não estou perguntando por que quero, mas estou curiosa. Parece a solução mais fácil para todos os seus problemas. Por que ele não fez?

Ele franze a testa e solta meu queixo. Eu pisco. *Puta merda.* Eu nem tinha percebido que ele me tocou. Normalmente, eu não deixo as pessoas - especialmente os caras - me tocarem. *O que diabos há de errado comigo?*

“Você não precisa saber por que eu faço o que faço,” ele range para fora, sentando-se. “Tudo que você precisa saber é que, desde que não cause mais problemas, vamos deixá-la fora do bloqueio. É melhor para você assim. Você deveria ser grata.”

“Grata...” repito a palavra com bastante ceticismo. A única coisa pela qual fui grata em toda a minha vida foi minha capacidade de adaptação. Jogue-me para os lobos e eu volto levando a matilha. *Isso é exatamente o que é,* eu percebo. *Outro maldito teste.* Bem, cansei de interpretar as coisas do jeito dos Sick Boys. Eles querem brincar de reis, então eu quero ver como eles reagem quando um selvagem entra no meio deles. Eles não têm ideia do que está para acontecer agora.

Eu sorrio. “Eu entendo,” eu digo. “Você sancionou minhas ações, não é?” Eu ri. “Você tinha que fazer isso,” eu percebo. “Porque, desta forma, se eu fizer algo que irrite alguém ou me coloque em problemas, vai parecer que você deu o aval para isso.” Eu me levanto e seus olhos me seguem, mas eu só estou de olho em Dean. Inclinando-me, corro minha mão em seu peito enquanto ele enrijece e me encara, sem falar. Enfio

dois dedos na abertura de sua gola e o arrasto para frente até que meus lábios estejam a apenas alguns centímetros dos dele e posso sentir o cheiro de vodca em seu hálito. “Tudo para que você possa permanecer no *controle*.” Eu rio sombriamente enquanto enfatizo a última palavra.

Se olhares pudessem matar…

Se os corpos pudessem ser feitos de pedra…

Se idiotas que parecem deuses e agem como reis pudessem realmente existir…

“Eu vou te ensinar a tentar me controlar, Dean Carter,” eu sussurro contra sua boca. “E eu não acho que você vai gostar desta lição.”

# 21

## Dean

*Foda-se. Porra. Porra. PORRA! Dane-se ela.*

Eu estou contra a grade da varanda, meus olhos grudados em sua bunda enquanto ela balança aquele corpo contra sua amiga recém-descoberta. Eu odeio isso. Eu a odeio. E ao mesmo tempo... eu gosto. Ela me desvendou pra caralho. Descobriu tudo muito mais rápido do que eu esperava. Ela é mais esperta do que eu pensava, e isso é dizer alguma coisa, já que vi o interior do arquivo que meu pai me deu. Há muito mais em Avalon Manning que provavelmente nem ela sabe. Caso contrário, ela não teria crescido naquele parque de trailers de merda em Plexton.

"E agora?" Abel pergunta.

Um cigarro apagado balança em meus lábios. Um olhar para trás me diz que Brax já saiu da noite. "Nada muda," eu respondo. "Ela ainda está sob vigilância. Eles a querem aqui, então ela fica aqui." Não há dúvidas entre nós de quem *eles* são, mas apenas o lembrete faz meus músculos se contraírem.

Não gosto das pessoas de quem ela está começando a se cercar. Ela ainda não sabe - talvez suspeite - mas a temos em mente desde a festa na Casa Frazier. Eu conheço cada pessoa com quem ela conversou. Eu sei quem a trouxe aqui esta noite. Meus olhos seguem para a mulher em questão. Com laços como os dela, não quero Avalon nem perto da cadela. Dizer isso, no entanto, revelaria muito. E não é como se a garota fosse realmente minha. É tudo apenas boato. Eu também não vejo como isso me faz sentir. Fazer isso traria mais problemas do que preciso.

O que me interessa, no entanto, é a colega de quarto. Eu me pergunto se Gloria planejou isso. Se não foi ela, certamente foi um dos velhos. Não tenho dúvidas de que a garota de cabelo roxo sabe mais do que deixa transparecer. Pobre princesa pobre.

Ela não tem a menor ideia de que está sendo conduzida. Mesmo assim, ela está lutando contra isso. Está lutando contra isso como uma verdadeira rainha faria.

"Ouvi dizer que ela entrou em contato com Hayes," diz Abel, enquanto uma garçonete aparece ao seu lado. Ele pega a bebida que ela oferece e a encosta nos lábios. "Alguma ideia para onde isso está indo? Você acha que devemos parar com isso?"

"Não," eu digo. "Eu quero ver o que ela faz. Se ela só quer ganhar dinheiro rápido, deixe acontecer. Se ela se envolver em alguma das coisas mais difíceis..." Bem, então eu saberia exatamente que tipo de pessoa ela é. Assim como sua mãe. Lixo. "Nós lidaremos com isso se se tornar um problema."

Posso sentir seu olhar no meu rosto enquanto olho para baixo. A maneira como a bunda dela balança naqueles jeans está afetando minha cabeça. Tento desviar o olhar e descubro que não consigo. Sua camisa desliza quando ela levanta os braços. Meus olhos vão imediatamente para a faixa de pele que ela revelou ao redor de seu estômago. Não posso deixar de imaginar o que ela deixaria um homem fazer com aquela sombra de um umbigo. Ela protestaria se eu o lambesse? Ela incentivaria minha cabeça a abaixar? Porra. Eu *não* deveria estar pensando sobre isso. Eu não deveria estar pensando nela.

Ela tomou alguns drinques desde que pisou lá mais cedo. Eu imagino que ela esteja sentindo o zumbido agora. Ela estaria pronta para ser tomada. Minha mente pega esse pensamento e fornece um cenário onde ela está deitada na minha cama, nebulosa com a bebida em seu sistema - coxas grossas abertas. Tudo para tomar.

"Você a está observando terrivelmente difícil para alguém que afirma não gostar dela," comenta Abel. "Tem certeza que não posso ter um gosto dela? Os velhos disseram 'por qualquer meio necessário'." Um rosnado sobe pela minha garganta. Ele ri, batendo no meu ombro com o seu enquanto se vira e dá um passo para longe da grade. "Calma, mano. Estou apenas brincando com você. Ela é toda sua. Você chamou dibs."

“Ela não é minha,” eu estalo. “Ela é uma pessoa de interesse para o negócio. Nada mais.”

“Para eles, talvez,” ele concorda antes de me lançar um olhar. “Mas não para você. Qual é o problema em transar com ela?”

Qual é o problema, de fato... algo me diz que até mesmo dois segundos na cama com Avalon Manning poderiam causar muitos malditos danos. Ela é o tipo de mulher que derruba hierarquias por diversão. E embora ela não saiba, eu conheço seu segredinho sujo. Eu sei o que faz seu sangue bombear. Sei que partes de seus registros foram eliminadas e sei por quê. Nem mesmo sua mãe pode dizer que conhece sua filha tão bem quanto eu. Então, novamente, os viciados não sabem nada além de sua droga de escolha.

Agora que encontrei o de Avalon, me pergunto o que será de nós a seguir.

Estou considerando isso quando arrisco outro olhar para baixo e vejo outro homem se mover atrás dela. Suas mãos pousam nos quadris perfeitos dela e sua cabeça se inclina para baixo até que seus lábios roçam seu pescoço.

Eu vejo vermelho.

# 22

## Avalon

O suor transforma meu cabelo em mechas molhadas que grudam no meu pescoço corado. Ainda assim, não há injeções e bebidas alcoólicas suficientes no mundo que podem entorpecer a dor de fúria em minhas veias. Eu danço ao lado de Corina, meu corpo se movendo facilmente com a batida da música que lateja sob meus pés e no ar ao redor.

“Agora é disso que estou falando,” Corina grita por cima da música.

Eu a ignoro. Alimentada pela raiva e pelo álcool, deixo meus olhos fecharem e simplesmente me movo da maneira que quero. Eu arqueio minhas costas e levanto minhas mãos ao meu cabelo, puxando os fios da minha pele. Quando meus olhos reabrem, eu noto que o olhar de Corina está vidrado acima da minha cabeça. Não preciso me virar para saber para quem ela está olhando. Ela sorri quando olha para mim, seu sorriso fazendo alguns caras à nossa esquerda notarem. Eles se aproximam, fazendo minha espinha enrijecer. Estou bem, desde que mantenham distância. Uma carranca toma conta do meu rosto quando ela se inclina para frente, seus lábios roçando minha orelha quando ela diz algo em uma voz quase um nível acima da música martelando em meus ouvidos. “Ele está assistindo.”

*Bom*, eu pendo. *Deixe-o.* No momento, o que mais quero são os olhos de Dean Carter em mim. Ele pode ter colocado uma reclamação na minha bunda para o resto da escola, mas ele e eu sabemos a verdade. Ele não é meu dono e vai se arrepender de me irritar. Não importa o que eu tenha que fazer para que isso aconteça.

Me sentindo malvada e safada, me perco na dança. Já estive em festas no interior com danças de fogueira dirigidas por caipiras com caminhões monstruosos e rádios tocando música para deixar as pessoas fodidas. Um clube é diferente. A batida

da música imita o mesmo ritmo de uma boa foda hardcore e as pessoas parecem perceber isso.

Meninas se esfregam umas nas outras. Os rapazes observam. Os rapazes com as moças se movem lentamente, independentemente do ritmo da música. Mãos duras encontram meus quadris e eu congelo. Corina não está prestando atenção, sua própria atenção foi desviada para um dos rapazes que estavam lá, enquanto ele a puxa para dançar.

Eu paro de dançar imediatamente. A vontade de arrancar os braços do cara de suas órbitas e espancá-lo com eles aumenta. “Tire suas malditas mãos de mim,” eu estalo.

O Sr. Idiota não faz isso, no entanto. Não, ele não é tão inteligente. Em vez disso, ele se inclina mais perto, pressionando uma ereção óbvia contra a minha bunda enquanto mergulha a cabeça e pressiona a boca no meu pescoço. “Vamos, querida. Não seja assim. Eu estava vendo você dançar. Você é muito ágil,” diz ele. “Diga-me uma coisa, você dança assim para um cara se estiver sozinha também?”

Raiva fria se espalha por mim, mas nem mesmo tenho a oportunidade de reagir. De repente, suas mãos se foram e eu sou empurrada para frente. Minhas palmas atingem o chão enquanto caio, meus joelhos derrapando contra a superfície dura como pedra da pista de dança, onde o som de punhos batendo na carne chega aos meus ouvidos. Eu lentamente fico de pé, voltando-me para ver o que diabos aconteceu.

Dean está lá, seu peito subindo e descendo rapidamente - olhos selvagens e furiosos. Por que ele está furioso? Essa emoção deve ser reservada exclusivamente para mim. Idiota. Meus pensamentos são interrompidos quando ele se inclina, agarrando o cara no chão pela frente de sua camisa rasgada, e o puxa de volta para seus pés enquanto ele dá outro soco.

Hipnotizante.

Estou enraizada no lugar enquanto o vejo lutar. Exceto, não é realmente uma luta porque é muito unilateral. Mas isso me torna uma pervertida se admitir que assistir Dean liberar sua raiva meio que... me excita?

"Você não toca nela, porra, você me entende?" Suas palavras me trazem de volta ao presente.

"Eu sinto muito!"

Meus olhos caem para o cara em suas mãos. Seu rosto está uma bagunça sangrenta e, honestamente, a única coisa que não gosto é o fato de que não fui eu que fiz isso.

"Eu não sabia que ela era sua."

"Bem, agora você sabe, filho da puta," Dean rosna, batendo o punho fechado no rosto do cara uma última vez com tanta força que seus olhos rolam para trás e o cara cai no chão. Ele se vira para mim e olha por cima do meu ombro enquanto fala. "Peça aos seguranças para limpar essa porra de bagunça. Estamos indo embora," ele retruca.

Eu franzo a testa e me afasto quando ele me alcança. "Não me toque, porra."

Os olhos de Dean brilham e em vez de me alcançar novamente, ele simplesmente dá um passo à frente e se abaixa, empurrando seu ombro no meu estômago enquanto ele me levanta e me joga por cima dele. "Ei!" Eu grito. "Ponha-me no chão, porra!"

Em vez de fazer o que eu disse, Dean continua andando, seus movimentos me fazendo pular em seu ombro enquanto tento lutar para escapar. "É isso que você queria, porra?" Ele rosna.

"O que você está falando?" Eu respondo, empurrando contra sua coluna enquanto seu braço se agarra na parte de trás das minhas pernas.

Só sei que deixamos o clube pela maneira como o ar de repente não está tão sufocante e como o volume das pessoas e da música se dissipam quase imediatamente. "Vá buscar o carro," ele grita para alguém que eu não posso ver.

“Estou falando sério,” eu digo de novo, “ponha-me no chão, Dean. Agora mesmo.”

Meu mundo inteiro está virado mais uma vez quando ele finalmente me libera e me coloca de pé. Minhas pernas se dobram quando meus pés atingem o chão, mas é óbvio que não terminamos, porque assim que estou de pé e ele está empurrando minhas costas contra o exterior de tijolos do edifício, seus olhos castanhos furiosos olhando para mim.

“Você tem alguma ideia do que aquela sua façanha acabou de fazer?” Ele pergunta.

Eu olho diretamente para ele. “Eu não fiz nada, porra,” eu respondo friamente. “Mas se você quiser, eu posso voltar agora mesmo e fazer algo muito pior, você merece. Se você acha que, o que não foi minha culpa, a propósito - foi ruim, você não tem ideia do que eu estou planejando fazer com você por esses pequenos rumores.”

“Você me escuta, garotinha.” Seu rosto paira na minha frente. Uma mecha de cabelo cai sobre sua testa enquanto uma sombra dança em sua bochecha sob a luz da rua. “Sua bunda é minha - embora apenas no nome. Você é uma propriedade dos Sick Boys. Nada mais. Mas isso significa que ninguém tem permissão para tocar em você, porra. Então, qualquer que seja a diversão que você planejou, pode esquecer. Durante a sua estadia aqui em Eastpoint, espere uma cama bem fria. Não haverá sexo, nenhuma trepada ou *namorados*,” ele cospe a palavra como se deixasse um gosto horrível em sua boca. “Estou sendo claro?”

“Isso aí,” eu digo, acenando para ele enquanto eu olho em seu rosto. Ele está delirando pra caralho se pensa que vou me curvar a qualquer uma de suas demandas. “Fazer esses pequenos decretos é o que o colocou neste problema.” Eu fico na ponta dos pés até estarmos cara a cara. “Eu não sou um de seus seguidores e certamente não sou uma de suas *posses*.”

O som de um carro parando nos faz congelar, mas quando ele levanta a cabeça e olha para trás, não há preocupação em seu rosto. Na verdade, não há emoção alguma, pelo que posso ver. O braço de Dean envolve minha cintura e, assim como no

clube, ele me pega sem um único problema. Eu poderia ser um saco de roupa suja por todo o esforço que ele faz para me levantar.

Minhas costas atingem o couro e quando eu subo nos cotovelos, ele entra no banco de trás de qualquer carro que seja comigo e me empurra de volta para baixo. “Qual é a porra do seu negócio!” Eu grito enquanto me contorço sob ele.

Ele pragueja e suas mãos voam para meus pulsos. Dedos envolvem meus braços e os prendem acima da minha cabeça e o mundo para quando eu sinto isso. Meus olhos se arregalam e eu olho para baixo.

“Você deve estar brincando, porra,” eu estalo, rosnando para ele. “Você está falando sério agora?”

Ele não reage, mas ainda posso senti-lo ali contra a parte interna da minha coxa. A coisa mais chocante, no entanto, não é que ele esteja duro - é que ele não está me irritando. Eu balancei minha cabeça. Provavelmente é porque já estou chateada.

Eu jogo meus quadris para cima, tentando derrubá-lo, e me contorço contra seu aperto. “Se você não parar de se mexer, porra,” ele range para fora. “Eu vou virar sua bunda e espancá-la.”

“Experimente,” eu desafio. “E eu vou cortar suas bolas.”

Ele não faz nada e eu rio sombriamente. Uma sobrancelha escura singular se ergue sobre um de seus olhos. “Você parece pensar que tem algum tipo de decisão em tudo o que está acontecendo,” diz ele, “mas tenho novidades para você, doçura.” Ele se inclina e eu inalo profundamente ao sentir seus dentes roçando minha orelha. “Tudo o que está acontecendo é por sua causa. Isso tudo é o resultado de suas malditas ações infantis. Se você não parar de agir como uma pirralha, eu realmente vou bater em você. Você pode tentar cortar minhas bolas, mas eu prometo a você que você vai querê-las para outra coisa, então eu sugiro que você deixe minhas partes masculinas em paz.”

“Eu nunca vou te foder.”

Quando ele levanta a cabeça, o sorriso que toma conta de seu rosto é tudo menos gentil. É cruel e ameaçador. Escuro e perverso. Eu realmente disse a Rylie uma vez que esses caras não eram nada além de babacas ricos e mauricinhos? A expressão em seu rosto diz o contrário. É aquele olhar e o sangue ainda cobrindo os nós dos dedos do cara que ele nocauteou apenas por me tocar que me fazem pensar que talvez... talvez eles tenham merecido seu ridículo apelido de Sick Boys.

"Quem disse que eu ia te dar uma escolha?"

Meu sangue gela. "Você acabou de ameaçar me estuprar?"

Os lábios de Dean se abrem e sua língua passa por seus dentes superiores perfeitamente retos e perfeitamente brancos enquanto ele olha para mim. Esse sorriso permanece. O carro para e ele recua quando a porta do carro se abre e ele volta para dentro, agarrando-me pelos braços enquanto me puxa para fora do carro. Minhas costas atingem o gramado da frente do dormitório Havers enquanto ele me joga no chão.

"Eu nunca disse que era um bom homem," afirma ele, olhando para mim. Abel era nosso motorista, eu percebo, enquanto ele abaixa a janela dianteira do SUV - interessante que não era o Mustang desta vez - e fica olhando. "Na verdade," Dean continua, "este é seu aviso oficial. Siga nossas regras, não faça mais barulho, e você não terá que aprender o quão doente eu realmente posso ser, Avalon."

Com isso, ele se vira e volta para o SUV. Abel dá uma olhada para mim, Braxton olhando por cima do ombro do lado do passageiro, e fecha a janela antes de sair.

Eu coloco um braço sobre o rosto enquanto estou deitada na grama molhada e orvalhada. "Covardes," eu cuspo. Os três não passam de covardes. Eles pensam que são invencíveis. Meu braço abaixa e meus olhos se erguem para o céu noturno. As estrelas cintilam muito acima.

Eles podem ser poderosos, mas ninguém é invencível.

Até eu sei disso.

# 23

## Avalon

Estou sendo observada. A sensação espinhosa só serve para me irritar ainda mais do que já estou. Virando minha bochecha, eu encaro o cara que está olhando - um homem de mãos sujas com uma barba grisalha que mais parece a bunda de um poodle do que uma barba de verdade - com um brilho escuro. Ele pisca, olhos azuis opacos parecendo surpresos. Ele não deveria estar. Ele tem me encarado, porra, nas últimas três paradas. Finalmente, ele abaixa a cabeça e desvia o olhar, enfiando as mãos nos bolsos de seu moletom enquanto se move ao longo do assento do ônibus em direção à janela suja o mais longe possível de mim, sem se levantar e mover os assentos. Eu bufo e retiro o mapa que peguei na rodoviária quando cheguei uma hora antes.

Eu tinha saído antes de Rylie acordar esta manhã, mas não é como se ela se importasse. Ela ainda está meio chateada comigo por abandoná-la no Urban. Então, novamente, não era como se eu tivesse escolha. Uma carranca se forma em meu rosto com a lembrança, as feições de Dean Carter vindo à minha mente. Eu imagino estender a mão e dar um soco em seu nariz perfeitamente reto. Eu quero ver ele torto e quebrado. Sangue em seus dentes. Eu me pergunto se ele ainda teria aquele mesmo olhar insensível da última vez que o vi.

Maldito idiota. Aposto que sim.

Estou a cerca de oito quilômetros de Eastpoint, da cidade, não da universidade e quanto mais longe eu fico, mais fácil fica para respirar. Eu nem tinha percebido que estava sufocando sob seu polegar. No começo, tinha sido apenas a festa, mas depois com o que aconteceu no clube, parece que não estou mais autorizada a ter apenas o meu anonimato.

*Se mais uma maldita cadela tentar se aconchegar em mim na aula, vou arrancar seus olhos com um lápis,* juro por dentro. Eu os culpo pelo que estou prestes a fazer. É totalmente culpa deles. Dos Sick Boys.

Se não fosse pela proclamação de Dean, eu não estaria agora lidando com todos no campus tentando metaforicamente entrar em minhas calças. Ah, não. Ninguém tem permissão para me tocar. Tocar em mim significaria irritar o rei do castelo. Mas todos querem ser meus amigos e nem mesmo tentam esconder suas intenções. Eu odeio pessoas, porra.

O ônibus diminui a velocidade até parar e eu verifico o mapa mais uma vez antes de me levantar e começar a me mover para a frente. Os olhos do estranho disparam para cima e quando ele me pega olhando em sua direção, ele se abaixa mais uma vez.

"Ei!" o motorista grita. "Não se mova enquanto o ônibus ainda estiver andando." Mas o ônibus já está quase parado. Eu mostro o dedo para ele, passo o cartão do ônibus que comprei antes e abro as portas antes que ele tenha a chance de me castigar mais. Eu realmente não tenho energia para lidar com a merda dele hoje.

Minhas pernas se movem com propósito enquanto eu caminho até o final da rua e viro à direita, seguindo o caminho que memorizei antes. Lá, no final da segunda estrada, está a trilha de caminhada pela qual vim até aqui. Não estou usando os sapatos certos para caminhadas - inferno, não tenho nenhum. Então, no meio da subida da primeira colina, já posso sentir na sola dos pés. Eu inalo a dor e a deixo subir pelas minhas pernas. É tudo apenas um precursor para o que estou realmente aqui.

O maldito Dean Carter acha que pode me controlar. Ele e seus amigos acham que, por terem todo o dinheiro do mundo, todos ao seu redor cairão de joelhos e farão o que eles quiserem. Mas não sou assim.

Eu não sou a garota que permite que qualquer um a controle.

Eu sou a garota sobre a qual você avisa seus filhos.

Monstros não surgem na porra da noite, Avalon Manning sim.

Chego ao topo da última colina, sentindo a dor nas panturrilhas como uma onda de ansiedade pouco antes do mergulho de um nadador. Apesar da dor, no segundo em que vejo o que vim buscar, todo o resto desaparece.

Um lago gigante com águas verdes do tempo, musgo e algas. Não há como dizer o que está sob suas profundezas. Dou um passo em direção a ela, avistando uma superfície plana de um penhasco do outro lado das paredes gigantes que a cercam. Parece alto. Parece perigoso. Parece *perfeito*.

Quando chego ao penhasco plano, descarrego minha bolsa, deixando-a cair e minhas calças no chão. Eu tiro minha camisa pela cabeça até que estou vestida com nada além de minha calcinha e sutiã. Esfregando a mão no rosto, dou um passo em direção à borda e olho para baixo. Um movimento errado e eu poderia escorregar. Eu posso cair. Inferno, não há como dizer o que está abaixo da superfície. Podem ser pedras. Cobras venenosas. Meu coração começa a disparar e eu tremo quando uma brisa fresca passa pelo meu rosto enquanto puxo meu cabelo para trás e o prendo em um rabo de cavalo.

Cada vez é como a primeira vez. Fecho meus olhos, pensando na primeira vez que percebi que estava tão fodida quanto Patricia e o resto dos viciados que viviam em meu parque de trailers lixo. Todo mundo era viciado. Ela me ensinou muito. Até eu.

Meu vício era apenas diferente.

A coceira. O desejo. A sensação de precisar de uma liberação. Está sempre comigo. Logo abaixo da superfície, querendo sair. E eu empurro para baixo. Eu escondo isso até que eu não possa mais negar.

A pressa.

A adrenalina fluindo pelo meu sistema.

Em Plexton, sempre houve uma infinidade de maneiras de fazer meu sangue bombear. Os perigos estavam em cada esquina. Viciados em drogas e traficantes.

Prostitutas e ladrões. O que acontece com as cidades pequenas é que todos têm algo que querem esconder. E quanto menor a cidade, mais óbvio se torna.

Eu nunca quis tocar na merda que Patricia fodeu. O que eu desejo não é tão fácil de encontrar. Vários fios se soltam do meu rabo de cavalo, mas não chego para trás para prendê-los novamente. Se vou fazer isso, não há mais contenção.

Recuando alguns passos, respiro fundo - sentindo a onda de consciência deslizar por minhas veias. Mordo o lábio enquanto meu sangue dispara. Meu coração bate forte dentro de minha caixa torácica. Acho que há um motivo pelo qual uma gaiola envolve o órgão que me mantém vivo. Se não estivesse lá, duvido que ele ficasse parado. Do jeito que está, ele está tremendo dentro de mim, sabendo exatamente o que estou prestes a fazer.

Um passo. Dois. Três. Quatro. Cinco. Meus pés batem no chão enquanto corro em direção à borda. No segundo em que pulo, meus pés deixando o chão, é quando me atinge. Uma explosão de energia. Adrenalina. Atirando direto na minha corrente sanguínea, a droga mais inebriante de todas.

O vento açoita meu cabelo, arrancando o prendedor que eu tinha amarrado na parte de trás da cabeça e, de repente, a massa de ondas escuras me bate nos olhos. Girando no ar, evito os fios. Quero ver. Olho para baixo enquanto a água sobe correndo para me cumprimentar. E, momentos antes de aterrissar, fecho os olhos e sinto uma paz absoluta que me invade.

Minha cabeça atinge a água primeiro e meu corpo segue. É como se eu estivesse sendo engolida. Cercada. Encapsulada por algo maior do que eu. Eu não luto contra isso. Em vez disso, deixo me consumir enquanto afundo no grotesco lago verde-escuro. Algo agarra meu braço e a dor me corta. Meu coração ainda está acelerado, como um pássaro preso batendo contra o interior de sua gaiola, tentando sair. Ele não consegue. Eu não consigo.

Nunca posso escapar desse desejo distorcido de chegar o mais perto possível da morte e sentir meu corpo lutar contra ela. Prendo a respiração por mais alguns

momentos, permanecendo submersa até que meus pulmões comecem a gritar por ar. Só então eu chuto e nado para cima.

Ao sair da superfície, ofego e aspiro grandes quantidades de oxigênio, sentindo formigamentos por todo o corpo. Como pequenas agulhas sendo espetadas em minha pele. Dou risada, girando em um círculo. Se alguém estivesse aqui neste momento, provavelmente pensaria que eu estava ficando louca. As pessoas acreditam que todas as formas de dependência são ruins, mas estão erradas.

Eu piso na água enquanto minha mente fornece o motivo.

*Está escuro e o calor é insuportável. O suor cresce sob minhas axilas e na minha bunda, assim como em outros lugares que não quero pensar. Eu me viro e empurro meu travesseiro plano para o lado oposto antes de colocar meu rosto contra ele. Em segundos, entretanto, toda a frieza que ele contém é absorvida pela minha pele, e estou sufocando com o calor mais uma vez.*

*Em algum lugar do trailer, ouço uma porta se abrir. Parece o quarto de Patricia. Eu gemo e fecho meus olhos. Só quando uma tábua do assoalho range no corredor do lado de fora do meu quarto é que noto que algo está errado. Patricia costuma fazer barulho quando entra. As paredes são finas e quase sempre posso ouvi-la vomitando do banheiro. Mas esta noite, não há nenhum som de vômito. Não há nada além de silêncio absoluto... e aquele piso rangendo.*

*Sem nem mesmo parar para considerar o que está acontecendo, eu rolo para fora da cama e corro para a única janela do meu quarto. Eu movo a prancha de madeira com a qual a mantenho coberta e cavo meus dedinhos sob a parte inferior da tela, abrindo-a e saindo. No segundo em que meus pés descalços atingem a grama abaixo, ouço a maçaneta da porta do meu quarto balançando. Sempre me senti segura enquanto a fechadura estava no lugar, mas enquanto permaneço abaixo da janela aberta, com as mãos sobre a boca para manter a respiração calma, ouço algo deslizando entre o batente e a própria porta. Segundos depois, a porta do meu quarto se abre.*

*Eu nunca estive segura. Não importa quantas fechaduras estivessem no lugar.*

*Não paro para pensar nisso. Eu apenas corro.*

*Paus e pedras perfuram a parte de baixo do meu pé, mas não sinto dor. Minha mente está correndo. Onde diabos está Patricia? Ela sabe que alguém invadiu nosso trailer? Eu sei onde ela geralmente está a esta hora da noite. Se não era ela em casa, então é esse o lugar que procurarei.*

*Demora uma eternidade para chegar ao lugar em que estou pensando. Finalmente, estou parada do lado de fora de uma das casas de drogas do Parque de Trailer de Plexton. Estou suja e suada, cansada e trêmula. Eu só quero dormir. Meus olhos doem de como estou cansada.*

*Subindo os degraus de madeira frágeis, paro um pouco antes de bater contra a porta de plástico barata com sua janela triangular cerca de trinta centímetros acima da minha cabeça. Eu paro porque ouço a voz dela. De Patricia.*

*"...Melhor coisa até agora," diz ela, suspirando no que parece ser de alívio.*

*"E você vai conseguir mais contanto que meu cara se divirta na sua casa," ouço outra pessoa dizer.*

*Patricia geme e eu recuo ao ver como isso soa sexual. "Ele vai se divertir. Ela é apenas um pouco idiota. Ela não pode revidar. Apenas segure-a e certifique-se de me dar o que prometeu quando partir."*

*Meu braço cai para o lado e dou um passo para trás e outro e outro até estar longe o suficiente para ter certeza de que eles não me ouviram. Está na hora, eu percebo. É isso. Finalmente aconteceu. Ela finalmente quebrou. No fundo, eu sabia que isso aconteceria, mas não percebi até aquele exato momento o quanto esperava estar errada.*

*Patricia sabe. A realização me atinge como uma tonelada de tijolos de merda. Batendo em mim de todos os ângulos. Ela não apenas sabe. Ela o enviou.*

*Eu começo a andar.*

*Não sei quanto ando nem por quanto tempo. Tudo que sei é que, quando paro, meus pés estão ensanguentados e machucados, minha cabeça está dolorida e meu estômago ronca. E só consigo pensar em como tudo está girando.*

*"Ei!" O mundo parece fora do lugar. Eu estou tonta. "Ei, garota!"*

*Girando em círculos. Fora de controle. Eu não tenho controle. Não há nada aqui que esteja me amarrando. Eu poderia apenas... esquecer tudo. Fingir que não me lembro de nada. Que nada disso existe. Onde eu iria parar?*

*Antes que eu possa pensar para responder aos meus próprios pensamentos, um rosto desconhecido aparece diante de mim. Eu salto para trás, gritando quando o sentimento volta para mim, e eu percebo o quão fodidas estão as solas dos meus pés. Eu tropeço e caio com força, caindo de bunda no cascalho áspero e concreto. Quando eu olho para cima, noto que a pessoa que se aproximou de mim é uma menina.*

*Ela está lá, com as mãos nos quadris, seu cabelo loiro branco puxado para trás em um rabo de cavalo apertado na parte de trás da cabeça, e me encara. "Você é estúpida ou o que?" Ela exige.*

*Eu nem tenho energia para ficar com raiva do insulto. Eu apenas fico olhando, sem piscar, para ela. Seus olhos verdes pousam nos meus pés e se arregalam. "Puta merda, criança, seus pés!"*

*"Eu não sou uma criança." Eu ouço as palavras vindo da minha boca, mas parece que vêm de outra pessoa, porque a voz é muito rouca e nada parecida com a minha.*

*Ela se agacha e toca suavemente o topo de um dos meus pés descalços, me fazendo estremecer. "Quantos anos você tem?" Ela pergunta, examinando-os.*

*Não sei por que deixei ou por que respondi sua pergunta, mas não consigo pensar em uma razão para não o fazer. "Quinze," eu digo.*

*Ela olha de volta para mim e sorri. "Tenho dezoito anos," admite ela. "Então eu derroto você. Você é uma criança."*

*Eu franzo a testa, mas não digo nada. Estou muito cansada. Essa garota, por outro lado, não parece muito interessada em me deixar dormir enquanto eu desabo e descanso minha cabeça contra um sapato velho que foi deixado no meio da estrada.*

*"Ei!" ela chama, agarrando meus pulsos e me puxando de volta para uma posição sentada. "Nada disso. Pelo menos me diga seu nome? Eu sou Micki. Onde você mora? Você está perdida?"*

*"Avalon," eu respondo a ela. "E não, eu não estou perdida. Eu sou um sem-teto." Porque aquele lugar lá atrás - o trailer com Patricia - não é um lar. Nunca foi um lar.*

*Micki lentamente olha para o meu corpo, observando minhas roupas e pés descalços. Eu evito seu olhar conhecedor. Ela tem aquele olhar, aquele que me diz que ela pode ver através de mim. Tive alguns professores assim, mas não outra garota da minha idade.*

*"Noite difícil, hein, criança?" Ela pergunta.*

*Eu cerro meus dentes. "Pare de me chamar assim."*

*"Por que?" Ficando de joelhos, Micki coloca um dos meus braços em seu ombro. "É o que você é."*

*"Não, não é." Eu assobio enquanto ela me força a ficar de pé e meus pés sentem a dor de empurrar contra o pavimento mais uma vez.*

*Ela ri. "Vamos, vamos limpar você. Você tem sorte de eu ter visto você - normalmente, eu não corro assim pela manhã."*

*Micki começa a tagarelar e, enquanto a deixo meio carregar, meio me empurrar para onde quer que vamos, deixo minha mente vagar.* Será que um orfanato seria melhor? *Eu acho que sim. Devo contar a um professor sobre Patricia quando voltar? Eles próprios não dariam a mínima, mas podem perder o emprego se não informarem alguém, certo? Então, novamente, eu ouvi sobre algumas das merdas que acontecem em um orfanato. Provavelmente não seria melhor lá. Pelo menos, com Patty, eu saberia o que esperar.*

*“Tem muito em que pensar ou algo assim?” Micki pergunta quando chegamos a uma casa de fazenda de aparência decrépita com uma porta dos fundos que parece cinza e marrom de sujeira e idade. “Você não disse nada há um tempo.”*

*“Pensando,” murmuro enquanto ela empurra a porta e me leva para uma cozinha mais velha com azulejos de vinil e bancadas azuis.*

*“Sobre o que?” Ela pergunta distraidamente enquanto me coloca em uma cadeira e corre para a pia, pegando uma toalha de um gancho ao lado do fogão enquanto caminha.*

*Eu debato dizer a ela a verdade. Eu não conheço essa garota. O que ela poderia fazer? Que se foda, eu faço exatamente isso. Eu digo a ela exatamente o que estou pensando.*

*Conto a ela sobre Patricia e porque estava na estrada. E enquanto eu faço isso, Micki escuta. Seus olhos permanecem surpreendentemente calmos enquanto ela embebe a toalha na água e me ajuda a limpar meus pés da sujeira e do sangue para que ela possa dar uma olhada em meus cortes mais de perto. O sol nasce e a sala se aquece. De vez em quando, paro e respiro fundo, mas ela nunca me apressa. Ela não parece preocupada com alguém descendo e se perguntando o que diabos essa garota com os pés ensanguentados está fazendo na cozinha. Ninguém o faz também.*

*“Então, o que você vai fazer?” Ela pergunta depois que eu termino.*

*É exatamente isso. Não sei. Há um pedaço dentro de mim que sempre esteve lá. Uma criatura impulsiva que diz que eu devo voltar e provar para Patricia e seus amigos de foda que não devo brincar. Que foder comigo é morrer. Essa pequena parte de mim é a razão pela qual vejo flashes do rosto de Patricia em minha mente e uma faca em minha mão. Eu quero matá-la. Eu quero apunhalar suas entranhas e assistir enquanto ela sangra. Eu quero vê-la por dentro e por fora e quero que ela saiba quem está fazendo isso. Isso é o que ela deveria receber por tentar me vender para um estranho. Quero que ela sinta a dor que sinto, a traição.*

*Quando conto isso a Micki também, ela não diz nada. Em vez disso, ela dá um passo para trás e pega um rolo de toalhas de papel no balcão. Ela arranca um e entrega para mim. "O que diabos eu devo fazer com isso?" Eu exijo, minha voz coaxando.*

*Ela me dá um leve sorriso e arranca um novo. Então, sem dizer uma palavra, ela o levanta até minha bochecha e começa a limpar. Lágrimas. Ela está limpando minhas lágrimas... porque estou chorando. Não, não apenas chorando. Estou soluçando. É esse único ato dela que me faz perder o controle. Meu corpo inteiro começa a tremer e meus ombros se fecham para dentro. Os braços de Micki me abraçam e ela me puxa contra ela.*

*Não sei quanto tempo levo para parar de chorar, mas quando paro, me sinto ainda mais cansada do que antes. Meu corpo afunda na cadeira. Micki joga as toalhas de papel encharcadas no lixo e depois se dirige ao que só posso supor ser uma lavanderia com as toalhas ensanguentadas nas mãos.*

*"Eu nunca vou acabar como ela," eu me ouço dizer em voz alta. Se eu cair naquela toca do coelho, não haverá mais volta.*

*"Quer que eu te ensine como evitar?" Micki oferece.*

*Assustada, eu levanto meu olhar para encontrar o dela enquanto ela volta para a sala. "Você?" Eu pergunto em dúvida.*

*Ela sorri e se abaixa, seus dedos enrolando sob a bainha de sua blusa e levantando. Hematomas de todos os tons e todos os níveis de cicatrização marcam sua pele. Ao longo de suas costelas e até o abdômen, e é então que percebo que eles estão em todos os outros lugares também. Eu nem tinha notado, mas há alguns mais leves em suas pernas e braços.*

*"Sim," ela diz. "Eu posso te mostrar como lutar, se quiser."*

*Eu fico boquiaberta com ela.* Por quê? *Eu penso.* Por que diabos ela iria se oferecer para ajudar uma estranha como eu? *Só quando ela solta uma risada aguda é que percebo que disse isso em voz alta.*

*"Porque," ela responde, "eu acredito no carma."*

*“Carma?”*

*“Sim.” Ela acena com a cabeça. “Um tempo atrás, alguém me ajudou. Se não tivessem, provavelmente eu não estaria aqui. E acho que é a minha vez de ajudá-la.”*

*Essa garota é absolutamente louca. Com certeza. Mas enquanto estou sentada em sua cozinha estranha e vazia, com a torneira vazando, as bancadas azuis e o piso de azulejos brancos, não consigo deixar de pensar que talvez ela esteja certa.*

*Para alguém como a Patricia, o carma provavelmente será mais cruel do que eu jamais precisarei ser. Mas, até que a preguiçosa se levante, qual é o problema de resolver o problema com minhas próprias mãos??*

*“Está dentro?” Micki pergunta, estendendo a mão.*

*Eu olho para ela e embora meus músculos estejam doloridos e cansados, eu levanto meu braço em direção ao dela. “Estou dentro,” eu digo.*

No presente, meus olhos se abrem ao ouvir aquela velha voz. Tenho saudade. Micki foi uma porra de luz na minha vida, uma verdadeira amiga, se é que alguma vez houve uma. Ela me levou para lutar em ringues e me ensinou como prever os movimentos dos outros. Ela até participou de algumas das minhas acrobacias de adrenalina mais insanas. Ela reconheceu que eu precisava disso, e ela até aceitou que, enquanto eu permanecesse no controle do perigo, tudo estaria bem. Pensar nela me lembra... que ela não está mais por perto. Afinal, ela era três anos mais velha e, quando o colégio acabou, ela seguiu em frente.

Minha garganta se fecha e eu percebo que estou na água há muito tempo, posso sentir a dor de frio em meus ossos. Está muito frio. Colocando um braço na frente do outro, nado até a margem mais próxima e saio. A gosma preta e verde gruda na minha pele, e enquanto eu subo de volta a encosta do penhasco de calcinha, sei que vou precisar de um banho quando voltar para o dormitório.

Independentemente disso, valeu a pena. Porque enquanto eu subo, tudo que posso ouvir em minha cabeça é um silêncio abençoado.

# 24

## Dean

Há uma parte distorcida em mim que gosta de dor. Gosto da luta. A sensação de sangue na minha pele e ossos quebrados sob minhas mãos. Foi por isso que, quando eu prendi Avalon na traseira do SUV de Brax eu fiquei duro. Não tinha nada a ver com a sensação de sua figura macia sob a minha mais dura. Nada a ver com a maneira como seus seios estavam tensos contra sua blusa enquanto ela lutava contra mim. Eu fecho meus olhos e solto um suspiro quando a memória ameaça fazer exatamente o que fez da primeira vez.

Era a atração da batalha. Esse foi o motivo. É o sangue e não a garota, repito isso em minha mente até que se torne um mantra.

O desejo de lutar e alimentar o demônio dentro de mim é uma parte que sempre tive que bater para voltar à submissão, apenas para soltá-la em breves jorros. Poucas pessoas sabem do que sou realmente capaz, duas das quais estão me observando agora enquanto circulo meu oponente.

Troy Rodriguez é meu treinador e dos meus irmãos há anos. Ex-militar que virou guarda-costas e personal trainer, ele sabe tudo o que há para saber sobre defesa pessoal e manobras de ataque. Ele é mais do que treinado, ele é letal e, neste momento, quero que ele libere toda essa habilidade perigosa em mim. Preciso de algo que me tire da minha cabeça para que eu possa parar de pensar em uma morena malcriada que faz meu pau pulsar.

Eu corro para frente e quando sei que ele está esperando um soco, giro em um pé e dou um chute perfeito, pegando-o desprevenido. O olhar de choque que ecoa em seu rosto uma fração de segundo antes que meu pé acerte sua mandíbula é o suficiente para que, quando ele caia, eu pulo na ponta dos pés, mas não o ataco. Eu

não quero realmente machucar o cara. Quando estou bravo com alguém, quero que ele mereça a dor que eu dou a ele.

Troy tosse e geme enquanto coloca a mão coberta com fita adesiva em sua mandíbula e a move para cima e para baixo como se estivesse se certificando de que ainda funciona. “Você está ficando mais brutal,” comenta. Para um homem que não elogia, é um grande elogio.

Do outro lado da sala, o bufo de Abel chega até meus ouvidos. “Ele deveria estar. Ele teve algumas semanas difíceis.”

Eu me viro e lanço um olhar sombrio para ele. “Sim?” Troy se levanta e me dá uma olhada antes de sair do tatame. “Bem, na próxima semana, quando nos encontrarmos, espero que você esteja em sua melhor forma. Você parece distraído hoje.”

Isso me irrita. “Distraído o suficiente para chutar seu traseiro,” eu estalo.

Troy congela antes de se virar lentamente para mim. “Sim,” ele diz sem inflexão. Seus olhos, como sempre, são frios. “No entanto, quando você me colocou no chão, você deveria ter seguido, mas não o fez,” afirma ele. “Eu já avisei você uma e outra vez.” Ele dá um passo para trás em minha direção. Eu enrijeço. “Você pode estar crescido agora e sequestros e pedidos de resgate menos prováveis, mas em sua linha de trabalho, na linha de trabalho que você está fadado a herdar - sempre haverá aqueles querendo derrubá-lo.” Troy vem até mim, seu peito roçando no meu.

Ele é uns bons vinte anos mais velho do que eu, mas a largura de seus ombros, as linhas de músculos esculpidos em seu peito junto com o punhado de velhas cicatrizes - buracos de bala e feridas de faca - são um aviso suficiente. Ele não é um homem com quem se mexer.

A questão é que nem eu.

“Qualquer um que desejar,” declaro, levantando bem os braços, “pode tentar. Não o fiz por respeito, mas estou com um péssimo humor hoje. Se você quiser outra rodada, eu estou mais do que pronto para demonstrar minhas habilidades.”

Nós nos olhamos por um breve momento, e me pergunto se ele vai aceitar minha oferta. De todos os homens que meu pai contratou ao longo dos anos, Troy é o que tem mais princípios. Ele também é um dos poucos em quem realmente confiaria minha vida. Eu fiz, uma e outra vez. Eu não quero machucá-*lo*. Eu só quero machucar *alguma coisa*.

Então Troy abre um sorriso e me aperta no ombro. “Hoje não, garoto,” ele diz. “Eu tenho coisas para fazer para o seu pai, mas se você ainda estiver se sentindo assim na próxima semana, talvez eu lhe dê uma chance.”

“Oh, cara,” diz Abel. “Eu esperava ver alguma ação real acontecendo, para variar.”

“Seja gentil com o homem,” Troy diz, escapulindo enquanto pega sua bolsa de ginástica e a levanta por cima do ombro. “Parece que ele está tendo problemas com mulheres.”

Eu xingo baixinho e pego minha garrafa de água do chão antes de engolir metade de seu conteúdo em um único gole. Troy ri, me zoando, o velho bastardo. “Se transar vai te deixar mais focado, eu encorajo.”

Abel bufa. “Isso não está exatamente nas cartas. Ele parece ter ficado de repente duro por uma garota em particular. Uma que prefere cortar fora seu pau do que montá-lo.”

O plástico racha quando meu punho se fecha em torno da minha garrafa de água, mas espero até que Troy tenha recuperado o resto de sua merda e diga adeus enquanto sai pela porta antes de me virar e atirá-la em Abel. “Não fale sobre ela,” eu rosno.

Abel se levanta quando a garrafa atinge seu peito, respingando nele o resto da água. Ele cai no chão e ele me encara antes de apontar o dedo para o meu peito. “Eu sabia disso!” Ele estala. “Você quer transar com ela.”

Eu disse isso, não disse? No entanto, em vez de reconhecer, eu me afasto. “Ela é problema meu. Nicholas me deu o arquivo dela...”

“Sim, e não pense que não percebemos que você não compartilhou um único fragmento desse arquivo conosco,” diz Abel.

“Você viu o arquivo.” Eu arrasto meus dedos pelos fios de cabelo suados no topo do meu couro cabeludo.

Algo me atinge na nuca. Minha própria merda de garrafa de água. Eu me viro, mostrando meus dentes, mas Abel está bem ali. Ele fica frente a frente comigo, o rosto vermelho de raiva. Se alguém mais ousasse chegar tão perto quando eu sinto vontade de rasgar o mundo, eu quebraria a porra do pescoço deles. Do jeito que está, tenho que me lembrar que este é Abel. Meu melhor amigo do caralho. Meu irmão. Mesmo que não seja sangue, ele está mais perto de mim do que qualquer parente que já tive.

“Nós vimos o arquivo que tínhamos antes dos velhos nos chamarem para o armazém,” diz ele com os dentes cerrados, olhando para mim. “Não o que eles deram a você. Nós deixamos passar porque sabemos que você está em uma corda bamba, mas desde quando mantemos segredos um do outro?”

Nunca. Essa é a resposta. Esses dois estavam lá para minha primeira morte, assim como eu estive lá para a deles. Nós sabíamos tudo um sobre o outro. Sabíamos com quais garotas transamos e dispensamos, e sabíamos quais delas quase ficaram mais profundas. Eu inalo e prendo minha respiração, deixando a queimadura encher meus pulmões antes de empurrá-la para fora.

“Se houvesse algo naquele arquivo que o preocupasse, que fosse uma ameaça para você - você o teria,” declaro.

“Você não acha que ela é uma ameaça?” Os olhos de Abel se arregalam de incredulidade. “Se isso fosse verdade, então eles não teriam nenhum interesse nela, mas eles têm, e agora, você também.” Ele enfia a mão no meu peito. “Se eu fosse você, apenas transaria com ela e acabaria com isso. Ela é apenas uma garota. Foda-a, faça-a se apaixonar por você, e então você terá controle total e absoluto sobre ela.”

Pego sua mão e a jogo de cima de mim. “Ah, como você? Eu não me prostituo. Se e quando eu transar com ela, não terá nada a ver com os velhos. Eles *não* me

controlam.” As palavras saem antes que eu possa pensar totalmente nelas e, mesmo quando saem de meus lábios, posso ver visualmente o efeito que têm sobre ele.

Uma máscara fria cai sobre sua expressão, mascarando a pequena sugestão de choque danificado que eu mal tive um vislumbre. Ele dá um passo para trás.

*Merda. Porra. Por que diabos eu disse isso?* “Abel...”

Um punho voa em direção ao meu rosto e eu nem tento bloqueá-lo. Os nós dos dedos de Abel batem contra minha bochecha com força suficiente para que eu recue vários passos. A pele do meu lábio inferior se divide e o sangue enche minha boca. Eu olho para cima e tento novamente. “Abel, eu...”

Ele não espera para ouvir minhas desculpas. Abel se vira e sai da sala. Eu caio de volta no tapete e gemo enquanto coloco meu braço sobre meus olhos, bloqueando a luz. Só quando o tapete estremece quando outro pisa nele que me lembro de Braxton.

“Não foi inteligente, cara.” Eu o sinto pairar sobre mim antes de cair para o meu lado.

Eu levanto meu braço, mas em vez de olhar para ele, eu olho para o teto de azulejos de nosso ginásio pessoal. “Eu sei, porra. Eu não quis dizer isso. Eu só estava...” *O que diabos estou fazendo?* “Ele não é um prostituto,” eu termino sem jeito.

Brax ri sombriamente. “Não é?” Ele pergunta. “Não somos todos? Nós nos vendemos às ordens de nossos pais, pelo menos para que possamos ultrapassá-los um dia.”

Não tenho nada a dizer sobre isso. Eu não posso negar. Cerrando os dentes, sinto a queimadura quando o corte em meu lábio se alarga e mais sangue atinge minha língua.

“Não é para sempre,” eu digo. “Fazemos isso para conseguir energia e estamos quase lá. As pessoas já estão vindo até nós. Eles estão envelhecendo. Eles têm mais inimigos do que nós. Eles vão cair e quando isso acontecer... estaremos lá.”

Brax fica quieto por um momento. Eu meio que espero que ele responda, mas quando ele simplesmente se levanta e sai silenciosamente da sala, não posso dizer que estou chocado. Ele nunca o faz. Ele quer acreditar nisso tanto quanto eu, mas é difícil pensar em liberdade quando você está acorrentado por toda a vida. Meu braço se levanta e eu abro os dedos da minha mão direita e a seguro sobre a minha cabeça.

Pequenas cicatrizes pontilham minha pele. Meu dedo anelar está muito perto do dedo do meio, a lembrança persistente de um osso quebrado - um entre dezenas. Todos nós sofremos por esta chance. Abel. Braxton. Eu.

Vou nos ver por cima, mesmo que isso me mate.

# 25

## Avalon

Deitei com o rosto voltado para o sol, curtindo seu calor. Quando cheguei a Eastpoint, o frio persistente do inverno ainda pairava sobre tudo. Mas agora, já se passaram semanas e eu posso sentir a primavera tentando apressar seu traseiro. Em Plexton, o verão parecia se estender por nove meses do ano e as outras estações tinham que se espremer nas três restantes.

Um corpo cai ao meu lado na grama, mas não abro os olhos. Pelo peso do som, eu sei que não é Rylie. O que deixa muito poucas pessoas que seriam descaradas o suficiente para me abordar em público assim.

Eu o ignoro enquanto aproveito o sol. Ao contrário do sul, o calor aqui é muito menos úmido. É mais agradável - suportável. Não me lembra em nada os parques de trailers apertados e as janelas fechadas com tábuas sem circulação de ar. Contanto que ele me deixe em paz, ele pode se aquecer nesta porra de calor junto comigo. Não é como se eu realmente me importasse.

“Você sabe que está causando muito mais problemas do que vale a pena,” diz ele. E agora sei exatamente quem é. Sério, o que há com esses Sick Boys? Eles têm um rastreador na minha bunda ou estão apenas obcecados?

Eu abro minhas pálpebras e olho para Abel. “E esse é o meu problema, como?” Eu pergunto.

As mechas loiras brancas e castanhas escuras deslizam pela parte superior de sua testa enquanto sua cabeça se inclina e os olhos azuis cristalinos encontram os meus. “Não posso dizer que sei como era lá de onde você veio,” ele começa, me fazendo rir.

“Você quer saber?” Eu pergunto, sentando e sacudindo alguns pedaços de grama perdidos. Os paisagistas o cortaram recentemente e há pedaços dele ainda espalhados. “Era barato, era sujo e ninguém perto de mim tinha nada parecido com o que vejo aqui.” Eu gesticulo ao redor. Do outro lado da estrada, posso ver o brilho do sol brilhando na Ferrari nova de alguém. Não tenho vergonha de admitir que precisei chegar perto de alguns carros só para descobrir o que são. Não reconheço metade dos nomes e os que reconheço são apenas porque são bem conhecidos por serem incrivelmente caros. Estou muito mais acostumada a picapes quebradas com mais ferrugem do que tinta e Cadillacs malconservados dos anos 60.

“Se estou causando problemas, não estou fazendo de propósito. Você está apenas vendo problemas onde não há nenhum.” Eu levanto.

Ele não segue imediatamente. Em vez disso, ele escolhe sentar lá, olhando para mim enquanto balança a cabeça. “Você causa problemas onde quer que vá, sem nem mesmo tentar,” diz ele.

Eu suspiro. “Então o que você quer de mim?” O que seria necessário para ele e seus amigos perceberem que não vou exatamente me dobrar para agradá-los?

Abel me encara por um momento, mas em vez de uma resposta, ele simplesmente se levanta do chão e fica parado sobre mim. Sem Braxton ao seu lado, é mais fácil ver o quão alto ele realmente é. Ele sempre parece menor ao lado do amigo; isso me faz esquecer o quão formidável ele é sozinho.

“Venha comigo por algumas horas,” diz ele.

Eu pisco de surpresa. “Eu tenho aula.”

“Pule isso.”

Minha cabeça se inclina para o lado e eu bufo. “Isso não parece algo que um aluno do programa deva fazer,” digo.

Seus lábios se apertam, mas desta vez posso ver que ele está lutando contra um sorriso. “Eu vou cobrir para você,” ele oferece, me chocando mais uma vez.

Ele pode fazer isso? Quanto poder esses três caras têm com a Universidade? Eu me pergunto preguiçosamente. Porque mesmo tão extraterrestre quanto eu, eu sei que isso não é normal. A curiosidade queima dentro de mim e me encontro levantando minha mão na direção da dele quando ele a estende.

“Tudo bem,” eu digo, “mas se eu desaparecer e acabar morta em uma vala em algum lugar, vou voltar para assombrar a porra da sua bunda.”

Ele solta uma gargalhada que parece assustá-lo mais do que a mim. Balançando a cabeça, Abel me puxa atrás dele. Atravessamos a rua em direção ao mesmo estacionamento que eu tinha visto antes. Mais uma vez, me vejo sentada no banco do carona de seu Mustang conversível vermelho. Só que, desta vez, não estou no colo de ninguém. Que pena, pensei antes que pudesse me conter.

“Por que dirigir um carro assim?” Eu pergunto quando ele sai do estacionamento e pisa no acelerador.

“O que você quer dizer?”

Meus dedos se arrastam contra a porta enquanto o vento sopra em meu cabelo. “Quero dizer, com todos vocês tão ricos, você provavelmente pode comprar algo novo. Algo bom. Este é o carro que um estudante normal pode ter. Não aquele que provavelmente é um milionário. É bom o suficiente, mas não velho o suficiente para ser considerado um clássico ou que vale muito.”

Ele fica quieto por vários minutos e eu deixo o som do vento e do tráfego ao nosso redor preencher o espaço sem comentar novamente. Espero para ver se ele responde. Nós dirigimos por mais alguns minutos e minhas sobrancelhas levantam quando ele para o que parece ser um restaurante antigo e estaciona o carro.

Deixando a capota abaixada, ele sai e eu sigo atrás dele. Estamos na metade da escada para a porta da frente quando ele para e se vira para mim, fazendo com que eu pare também. Ele não olha para mim, mas de volta para o Mustang enquanto fala.

“Foi da minha mãe,” diz ele, e posso dizer apenas pela maneira como ele diz que há mais nessa história. Mas eu não pergunto. Não é meu lugar. Se eu perguntasse

agora, quebraria qualquer trégua a que chegamos. Porque ninguém fica assim quando fala sobre seus pais, a menos que eles já tenham partido ou morrido.

Eu apenas aceno em direção às portas do restaurante. “Entendi,” eu digo. “Nós vamos entrar aí?”

Ele me encara, franzindo a testa e acena com a cabeça. “Sim.”

Eu dou a volta nele e começo a andar. “Então vamos,” eu chamo por cima do ombro. “Já que você me trouxe aqui, presumo que esteja pagando e estou com uma fome de merda.”

“Por que isso não me surpreende,” ele comenta secamente enquanto me segue para dentro.

A lanchonete parece ter sido retirada dos anos 50. Azulejos pretos e brancos e bancos de couro vermelho. Uma das garçonetes, uma mulher mais velha com um coque louro e grisalho atrás da cabeça, para, pega alguns menus e nos leva a uma mesa nos fundos, saindo apenas depois de colocarmos nossos pedidos de bebidas.

Meus olhos vão imediatamente para a primeira página do menu. Posso sentir a queimadura de seu olhar em mim enquanto leio as possibilidades. Eu balanço minha cabeça e rio. “Diga,” eu ordeno.

“Dizer o quê?” Ele pergunta.

“O que quer que você me trouxe aqui para dizer.” Eu olho para cima. “Presumo que seja um encontro relacionado com negócios.”

Ele sorri. “Quem disse que isso era um encontro?”

Ele me pegou lá. Eu encolho os ombros. “Se não é um encontro, então o que é?”

Abel não responde e eu vejo enquanto seus dedos agarram o menu, mas seus olhos não caem nele. Quando a garçonete volta para anotar nossos pedidos, ele pede um hambúrguer com batatas fritas sem nunca olhar e eu peço uma cesta com os mesmos.

“O que?” Ele pergunta quando ela sai. “Sem salada?”

“Eu pareço uma comedora de comida de coelho?” Eu rosno de volta, tomando um grande gole do shake de chocolate que ela trouxe. Eu tremo quando o frio passa por mim.

“Não, você não parece,” ele admite e caímos em silêncio, sem falar novamente até que nossa comida chegue.

Estou apenas na metade do meu hambúrguer e ele terminou o seu quando fala. “Quanto você sabe sobre as famílias que fundaram a Universidade Eastpoint?” Ele pergunta.

Dou de ombros enquanto mergulho uma batata frita no ketchup e enfio na boca. Eu mastigo e engulo antes de responder. “Não muito.”

“Quanto é não muito?”

“Exatamente o que eu disse.” Eu mergulho outra batata frita, desta vez no meu shake de chocolate restante. Eu mordo a ponta da minha batata frita com o chocolate e olho nos olhos dele. “Por que você acha que eu fiz qualquer tipo de pesquisa sobre vocês? Que me importo o suficiente para fazer isso?”

“Porque você é inteligente,” ele responde. “E você sabe tão bem quanto eu que quanto mais informações sobre o seu inimigo, melhor.”

Eu rio, colocando o resto da minha batata frita não comida na cesta. “Nós realmente parecemos inimigos agora, Abel?” Eu gesticulo ao redor. “Parece-me que somos apenas dois universitários fora para comer. Não exatamente na garganta um do outro com armas e facas, certo?” Eu digo as palavras, mas a verdade da questão é que elas não são completamente verdadeiras. E ele sabe disso. É por isso que há uma arma no porta-luvas de seu Mustang. E é também por isso que estou mentindo. Claro, eu sei mais do que estou dizendo.

Ele tem razão. Eu não sou idiota. Não tenho visto Corina muito desde aquela noite no Urban, mas eu a encontrei uma ou duas vezes e ela ficou muito feliz em contar o que sabe sobre as famílias Eastpoint. Estou apenas esperando agora para ver o que ele está disposto a me dizer e se ele é exatamente como eu - um mentiroso.

Porque isso é o que sou. Uma mentirosa. Uma ladra. Mas mais do que isso, uma sobrevivente.

Abel empurra sua cesta para o lado e cruza os braços enquanto se inclina para a frente. “São três famílias,” diz ele. “E juntos, temos mais dinheiro do que você pode imaginar.”

Novamente, ele está certo. Não consigo imaginar ter dinheiro suficiente para pagar por um carro normal de uma vez, muito menos os milhões que eu o acusei de ter antes. A ideia de ter dinheiro suficiente em minha conta bancária para nunca mais ter que voltar para Plexton me dá uma sensação estranha por dentro. É semelhante à sensação que tenho quando estou prestes a fazer algo perigoso por causa da adrenalina. Minha nuca começa a suar. Meu peito se aperta. Meu coração galopa contra o interior da minha caixa torácica.

Ele se inclina mais perto. “Dinheiro é poder,” diz ele, olhando para mim. “E você faria bem em lembrar que nós temos tudo isso.”

Eu sorrio com sua ameaça, cruzando meus próprios braços sobre o peito enquanto olho de volta para ele. “Se você tem tanto poder,” eu desafio, “e você acha que eu o atrapalho, então por que você não me expulsou, humm?” É um risco perguntar, mas também é um desafio.

Abel aperta sua mandíbula, seus dentes cerrando e abrindo enquanto eu vejo os pensamentos filtrarem em seu rosto. A garçonete retorna e limpa sua cesta vazia. Fico com o meu e peço outro milkshake - este para viagem, pois tenho a suspeita de que nosso tempo aqui está quase acabando. Começo a comer de novo enquanto espero sua resposta.

Depois de mais alguns momentos, ele responde. “Isso não está nas cartas para você,” diz ele finalmente.

“Oh, não?” Termino o resto do meu hambúrguer. “Por que?”

Ele parece aflito. Como se a própria pergunta ou talvez a resposta, fosse contra o que ele deseja. Isso me deixa ainda mais curiosa. Em vez de dar essa resposta, no

entanto, ele me faz outra pergunta. “É isso que você quer?” Ele pergunta. “Você quer deixar Eastpoint?”

Eu encolho os ombros, cavando uma batata frita agora fria no recipiente de isopor do meu novo milkshake antes de comê-lo. “Na verdade não,” eu digo em torno da minha comida. “Apenas me perguntando, se eu sou um problema tão grande, por que não se livrar de mim. Isso resolveria todos os seus problemas, não é?”

“Talvez,” ele admite, mas a maneira como ele está me olhando realmente não me dá uma pista de seus pensamentos reais. Como Dean, ele tem essa maneira de fechar seus sentimentos. Como uma cortina descendo para encobrir o que ele está pensando. É muito chato, para ser honesta. Estou acostumada a ser capaz de ler as pessoas, você precisa ter essa habilidade se está morando no gueto. É melhor saber quem está atrás de você e quem é seu aliado. Aliado ou inimigo, não havia amigos. Eu me pergunto quais são as diferenças em seu mundo. Imagino que entre os ricos haja tantos inimigos quanto, talvez mais. Afinal, ele pode dizer que dinheiro é poder - mas, de onde venho, o dinheiro é perigoso. O dinheiro gera hostilidade e ciúme. O dinheiro nada mais é do que outra droga.

Os ricos podem pensar que não são viciados, mas são como todos nós. Eles só vestem melhor.

“Você já terminou?” Ele pergunta depois de outro longo silêncio.

Eu olho para a minha cesta quase vazia e meu segundo shake quase terminado e suspiro, empurrando-os para longe. “Sim.”

Levantamos e ele joga uma nota de cem dólares na mesa de fórmica. Aposto que é quatro vezes o custo da nossa refeição real, mas ele não parece dar a mínima para o troco enquanto me aponta para a porta. Eu vou sem comentar.

Meia hora depois, e com muito mais tráfego do que eu esperava a esta hora do dia, o Mustang de Abel para do lado de fora do Dormitório Havers. Eu solto meu cinto de segurança e alcanço a porta, parando apenas quando ouço o clique do mecanismo

de travamento. Eu olho de volta para onde os dedos de Abel ainda estão no botão, mas ele não está olhando para mim.

"Vou fazer um acordo com você," diz ele. "Se você deixar meu irmão em paz, eu farei com que ele recue."

Posso sentir o choque em meu rosto. Eu não poderia ter evitado que minhas sobrancelhas subissem em direção ao meu couro cabeludo se eu tentasse. "Como você está planejando fazer isso?"

Seus ombros se contraem quando ele inspira e solta o ar. "Você me deixa lidar com ele," ele responde antes de se virar para olhar para mim. "Mas se eu fizer isso, você vai honrá-lo?"

Posso sentir algo subindo pela minha espinha. Embora o que seja, não tenho certeza. Eu reprimo a vontade de tremer e escolho minhas palavras com cuidado. "O que você faz não é da minha conta," eu digo. "Eu não me importo em me envolver. A única razão de eu ter feito o que tenho feito é para me proteger. Você me deixa em paz, eu te deixo em paz. É o melhor que eu tenho."

Seus olhos azuis me encaram e quanto mais ele olha, mais eu sinto que ele está olhando *através de* mim ao invés de *para* mim. Abel nunca me dá uma resposta verbal. Em vez disso, seus dedos apertam o botão de desbloqueio e ele desvia os olhos, voltando-se para encarar a estrada. Eu saio do veículo, fechando a porta atrás de mim, e vejo como ele se afasta do meio-fio.

Estou curiosa para ver se ele será capaz de fazer isso. Pelo que tenho visto de Dean Carter, não parece que nada possa detê-lo quando estiver em seu caminho de guerra. Aquele arrepio que eu tinha empurrado momentos antes vem correndo através de mim enquanto a superfície dos meus pensamentos se liberta. *Eu realmente quero ver um Dean Carter normal ou gosto do homem quando ele está coberto de sangue e ameaçando me foder contra a minha vontade?*

Não fico por aqui para encontrar a resposta.

# 26

## Dean

O som do rock pesado sai pela porta aberta da garagem. As pernas de Abel estão abertas sob o capô de um de seus muitos carros. O Mustang fica à sombra, parecendo recém-lavado. Merda. Ele lavou aquela coisa na semana passada. Se ele está fazendo isso de novo e trabalhando nos carros, significa que está de mau humor e não tenho ninguém para culpar a não ser eu mesmo.

Eu chuto um pé, derrubando um dos assentos alinhados sob sua bancada de trabalho para que eu possa sentar nele. Se ele me ouve além dos gemidos de Ronnie Radke, não demonstra. Eu espero, observando-o trabalhar. Seu jeans está rasgado e sujo, tecido de cem dólares agora manchado com uma coleção desta mesma garagem. Sujeira. Óleo de motor. Provavelmente outra merda também.

Meu joelho começa a pular. Eu odeio esperar, porra.

“Ei,” eu finalmente digo quando a música termina e outra, menos angustiada, começa. Os movimentos de Abel ainda estão sob o carro em que está trabalhando, e seus pés plantam-se em cada lado da prancha em que ele está deitado antes de deslizar para fora, olhando para mim.

“O que você quer?” Ele pergunta. Ele não parece bravo, mas também não parece muito interessado em conversar.

“Me desculpar,” eu admito. “Sobre o que eu disse.”

Ele revira os olhos e quando ele se move para deslizar de volta para baixo do carro, eu me levanto, colocando meu pé no chão entre suas pernas. “Você sabe que eu não quis dizer isso,” digo.

Abel me olha. “Sim, eu sei, cara.”

Eu gesticulo ao nosso redor. “Se você sabe, o que há com tudo isso? Você só vem aqui quando está pensando.”

Ele solta um grande suspiro e quando eu tiro meu pé, ele rola completamente para fora do veículo antes de se sentar e pressionar suas costas contra a porta do lado do motorista. “Quero falar com você,” diz ele, mas quando não dá mais detalhes, dou um passo para trás e me sento.

“Tudo bem,” eu respondo. “Fala.”

“É sobre a garota.” Uma onda de luxúria e irritação toma conta de mim. Merda. Mesmo a mera menção dela - nem mesmo seu nome - tem um efeito. Isso me irrita.

Eu cerro meus dentes. “Então, o que tem ela?”

Ele me olha. “Quero deixá-la em paz,” diz ele.

“Que porra?” Meus músculos saltam sob minha pele, o desejo de bater em algo crescendo rápido.

Abel desvia o olhar enquanto pega um pano próximo e começa a limpar suas mãos. “Ela é uma distração e com Kate e Luc ficando juntos, e os velhos fazendo o de sempre...” Ele para por um momento antes de balançar a cabeça. “Temos coisas mais importantes com que nos preocupar do que uma garota do programa. Acho que se deixarmos passar, vai se resolver sozinho e ela não vai tentar mais nada.”

“Ela nos desrespeita a cada passo,” eu estalo. “Ela nos atropela e a nossa porra de autoridade e você acha que devemos simplesmente *deixar isso* pra *lá*?” Estou chocado pra caralho. É o mesmo Abel Frazier que conheci durante toda a minha vida? Aquele que não entende o significado da misericórdia?

“Acho que podemos esquecer isso,” continua ele, ainda sem olhar para mim. “Nós fizemos nosso ponto. Você defendeu sua reivindicação. Se você está preocupado com ela foder alguém de Eastpoint, bem... Eu não acho que você realmente precise. Não há um cara em nosso campus isso vai tocá-la. Não com o seu nome estampado na bunda dela.”

Embora eu saiba que ele quer dizer isso figurativamente, há uma sensação doentia de prazer na ideia de tatuar meu nome na bunda de Avalon Manning. Eu me abaixo e coço as rosas sangrentas que tenho tatuado no meu lado. Já se passou muito tempo desde que dei uma volta na cadeira. Talvez uma consulta com a agulha me ajude a resolver.

"Então, o que você acha?" Abel pergunta, me tirando de meus pensamentos.

Acho que dar a Avalon qualquer tipo de liberdade é pedir a ela para nos foder, mas quando Abel finalmente se levanta, joga o pano na lixeira e olha para mim, acho difícil dizer não a ele. Eu pressiono meus lábios, pensando. Eu quero me concentrar em outra coisa. Algo que não é *ela*.

"O que você ouviu sobre Kate e Luc?" Eu exijo.

Abel me lança um olhar que me diz que sabe exatamente o que estou fazendo, mas responde à minha pergunta de qualquer maneira. "Eu sei que ela foi morar com ele. Não tenho certeza se ele percebeu o motivo de seu noivado repentino ou não, mas..."

"Ele sabe," eu digo, interrompendo-o. Não tem como esse filho da puta não saber. Ainda assim, não tenho ideia do que ele está planejando.

"Você acha?" Abel pergunta enquanto começa a pegar suas ferramentas.

"Eu sei que sim," eu respondo. "Ele é uma cobra. Ele tem que estar planejando algo. Ele não dá a mínima para ela. Ele só está usando Kate porque acha que ela pode me machucar."

"E ela pode?" Abel sorri quando percebe meu olhar de irritação. "Só estou perguntando," diz ele.

"Não," eu respondo. "Ela não pode."

"Mas você usou Avalon para machucá-la," ele aponta.

Eu faço uma careta. Isso não foi bem planejado da minha parte. Fazer isso se transformou em rumores e eu os alimentei, deixando as pessoas pensarem que Avalon

é meu novo brinquedo de merda. A realidade é que não tenho sexo desde antes dela chegar. Talvez Abel esteja certo. Talvez eu precise fodê-la para fora do meu sistema.

"Sobre a garota," eu começo. Abel joga uma chave inglesa na caixa de ferramentas e olha para cima. "Não podemos simplesmente deixá-la vagar livre."

Ele fica quieto por um momento e então acena com a cabeça. "Não, você está certo," ele concorda, "mas não temos que ficar hostilizando ela."

Eu olho para ele. "Existe uma razão pela qual você quer deixá-la fora do gancho?" Afinal, ele queria transar com ela no dia em que a conheceu. Talvez seja algo mais agora? Foda-se sabe que não consigo parar minha reação a ela. Não importa o quanto eu queira.

Abel suspira e se vira, cruzando os braços enquanto se inclina contra a bancada. E então ele me choca. "Você confia em mim?" Ele pergunta.

Minha cabeça vira para o lado e eu fico olhando para ele. "Que tipo de pergunta é essa?"

Olhos azuis frios olham de volta. "Responda."

Flashes de Abel e Brax carregando meu corpo semiconsciente por nossa casa após as reuniões com meu pai. Eles me despejando em chuveiros para lavar o sangue dos traidores que fui forçado a matar. De enfaixar ossos quebrados quando éramos crianças. Eu confio nele?

Eu me levanto e me viro para ele. "Com a porra da minha vida," eu juro.

Ele acena com a cabeça como se a resposta fosse esperada. Deveria ter sido. "Então, acredite em mim quando digo, dispensá-la por enquanto é um bom plano. Se você está preocupado, vou transferir nós três para o resto das aulas dela para ficar de olho nela, mas eu não acho que vamos encontrar nada."

"Você não acha que ela está trabalhando para os velhos?" Eu pergunto. Talvez seja isso, eu me pergunto. É para isso que ela veio aqui? Como teste? Esses filhos da puta...

“Não.” Abel já está balançando a cabeça. “Eu acho que ela nunca os conheceu.”

“Por que eles estariam tão interessados nela, então?” Eu aponto, mas sei a resposta. A resposta está no arquivo. É por causa de quem ela pode ser. Eu amaldiçoo e aceno minha mão. “Não importa,” eu digo. “Você está certo. Ela provavelmente não está trabalhando para eles. Além disso, ela ainda está tecnicamente no colégio. O que uma garota do colégio faria?”

Abel me encara com um olhar exasperado, seus olhos opacos e seus lábios pressionados antes de ele soltar um suspiro. “Você sabe tão bem quanto eu, que qualquer um pode causar danos. Não estou dizendo que a subestime. Só estou dizendo que ela provavelmente não está com eles.”

Eu penso sobre isso. “Tudo bem,” eu digo. “Transfira-nos. Raz e Eli estão de plantão, mas ela requer mais atenção pessoal. Pelo menos até que seja confiável.”

Suas sobrancelhas arquearam. “Você acha que vai ser esse o caso?”

Não sei o que pensar quando se trata dela. Tudo que sei é que meu pau ganha vida própria sempre que ela está na sala. *Ela pensou que eu estava ameaçando estuprá-la?* Ha. Não seria estupro. Isso é uma coisa que eu não faria. Ela poderia dizer não, mas seu corpo diria sim. Eu a faria implorar por mim, mesmo que ela me odiasse.

Quer seja pelo meu dinheiro ou pelo que posso dar a elas no quarto, todas acabam implorando.

Para Abel, eu digo: “Apenas faça. Nós descobriremos.” Então eu me viro e saio da garagem e deixo meus pensamentos tomarem conta de si mesmos. O engraçado é... todos eles giram em torno de uma pirralha de bunda gorda com cabelos escuros e olhos da cor de um mar tempestuoso.

# 27

## Avalon

Estou sendo seguida, e não posso dizer o que é mais irritante - o fato de que está acontecendo ou o fato de que eles nem estão tentando esconder. Se eu soubesse que é isso que Abel quis dizer quando fechamos o acordo três semanas atrás, poderia ter recusado. Eu tenho feito o meu melhor para ignorar isso, mas é difícil fingir completamente que os olhos de Dean não estão me seguindo aonde quer que eu vá. Metade do tempo, não sei dizer se ele quer me foder ou me matar. Sua expressão raramente muda. Eu poderia não me importar com a ideia de transar com ele se ele não agisse como se fosse muito melhor do que eu. Rico ou não, tenho certeza de que ambos sangramos vermelho, e estou mais do que disposta a ver se ele o faz.

Cada vez que vou ao refeitório, vejo um ou todos eles - e se não são eles, é um de seus amigos de futebol. Rylie também percebeu, mas ela apenas balança a cabeça e não comenta. E como não estou disposta a abordá-lo, Corina parece ser a única disposta a me dar algumas respostas.

“Faça uma busca online,” ela sugere enquanto enfia na boca uma folha de molho coberto de alface. “Eu posso prometer que eles estão lá.”

“Já fiz,” eu digo, olhando por cima do ombro.

“E?” Ela espetou um tomate. “O que você achou?”

Eu lanço um olhar para ela. “Você sabe exatamente o que eu encontrei,” eu estalo. Uma tonelada de merda. Uma busca rápida em cada um de seus nomes trouxe uma extensa história. Antigas namoradas de celebridades. Patrimônio líquido na casa dos milhões para cada um deles individualmente, e isso com o fato de que nenhum deles sequer herdou as corporações de suas famílias ainda. Quando isso acontecer, vai disparar ainda mais, tenho certeza. Eu sabia que eles eram ricos, mas isso... é

mais do que apenas rico. Eles são podres de ricos. Pelo menos agora eu sei por que todos em Eastpoint praticamente adoram o chão que pisam.

“Então o que você quer que eu diga?” Ela pergunta.

“Tudo o que o mecanismo de busca não disse,” eu respondo.

Ela encolhe os ombros. “Bem, eles estão no time de futebol. Você já foi a um jogo?”

“Que informação isso me daria?” Eu pergunto com uma carranca. Nunca fui a um jogo de futebol na minha vida e, morando no Sul, era definitivamente difícil de evitar. Não gostar de futebol na América é praticamente um pecado.

A risada de Corina chama a atenção de alguns atletas extras que estão por perto. Eles passam por nós, carregando bandejas para a esteira rolante, olhando para ela enquanto caminham. Ela tira uma mecha de cabelo do ombro nu e me lança um olhar sensual. “Escute, docinho,” diz ela, “se você realmente quer informações sobre eles, faça com eles o que eles estão fazendo com você.” Ela se inclina para frente e eu posso ver os caras com o canto do olho, praticamente salivando enquanto ela quase se solta de sua blusa.

Eu olho fixamente em seu rosto. “E o que é isso?” Eu pergunto inexpressiva.

“Inverta o roteiro,” diz ela. “Siga-*os*.”

Eu zombo, mas não é uma má ideia. Ainda estou pensando nisso quando o atleta um e o atleta dois finalmente decidem fazer seu movimento.

“Ei, Corina.” O atleta número um se move primeiro, exibindo um sorriso de um milhão de watts enquanto passa o braço pelas costas da cadeira de Corina.

Ela ergue os olhos. “Oh, ei, Chad,” diz ela, batendo os cílios.

Eu luto para conter meu olhar. Claro que o nome dele é Chad. Nome clássico de idiota para um cara com aparência de idiota clássico

“Já faz um tempo desde que te vimos,” Jogador número dois diz, vindo do outro lado dela.

Ela ri delicadamente, e eu vejo quando ela se vira em direção a um, seu peito empurrando enquanto o número dois praticamente saliva em seu decote. Alguns caras podem ser acusados de serem jogadores, mas se alguma vez houve uma garota jogadora, ela seria uma. “Tenho estado muito ocupada com a escola ultimamente,” diz ela com um beicinho. “Meus professores são tão maus neste semestre. Nenhum deles está disposto a me dar extensões em meus trabalhos.”

“Awww, isso é péssimo,” Chad diz, mas parece que não dá a mínima para o que ela está dizendo e está mais interessado em outras coisas que sua boca poderia fazer.

Corina lança um olhar na minha direção e sorri. “Vocês conhecem minha amiga, Avalon?”

Chad e Jogador número dois enrijecem ao som do meu nome e quando Corina acena com a mão em minha direção, vejo suas cabeças girarem como se estivessem girando em pontas. “Uh, não, não posso dizer que sim,” Chad diz.

“Oh, bem, deixe-me apresentá-la. Avalon, estes são Chad e Brock. Eles jogam no time de basquete de Eastpoint.”

Eu faço uma carranca para ela.

“Ei,” Jogador número dois - Brock - é o único que consegue levantar a mão e reconhecer minha existência.

Chad, por outro lado, me ignora completamente enquanto se concentra em Corina. “Estamos indo para o distrito do armazém esta noite,” ele diz a ela. “Você está pensando em ir também?”

“O distrito do armazém?” Ela franze a testa e balança a cabeça. “Não. Tenho uma prova amanhã e o professor Habersham é um idiota. Ele nem mesmo está avaliando em uma curva.”

“Bem, se você mudar de ideia...” Ele deixa sua sugestão ir embora enquanto desliza o braço para trás de seus ombros e se endireita.

A curiosidade me obriga a confrontá-lo. “O que está acontecendo no distrito do armazém?” Eu pergunto.

Ele enrijece. “Err... uh... nada realmente.”

Eu fico irritada. “Sério?” Eu lentamente pego minha bandeja e me levanto, parando ao lado dele enquanto dou a volta na mesa. “Então por que Corina estaria interessada em ir?”

“É... eu estava apenas...”

Corina o salva rindo. “Não seja tão puritano,” ela diz, estendendo a mão e batendo levemente no braço dele. Pessoalmente, gostaria de fazer algo muito mais difícil do que dar um tapa nele por sua mentira ousada, mas estou sendo *boa*. Afinal, tenho um acordo a cumprir.

Chad olha para ela antes de olhar para mim. Ele esfrega a nuca, passando os dedos pela parte de baixo quase raspada enquanto a parte mais longa de seu cabelo cai para a frente sobre um dos olhos. “É apenas onde os caras, uh, fazem merda,” ele diz desajeitadamente.

Corina se inclina para frente. “Não posso ir, mas você deveria,” diz ela. “É superdivertido.”

“Que tipo de...”

“Vejo você mais tarde, Corina,” Chad diz, me interrompendo enquanto desliza para longe, batendo no ombro de seu amigo. “Eu tenho que sair, mas me ligue se você tiver algum tempo livre.”

“Tchau!” Seu amigo diz, correndo atrás dele.

Eu cerro meus dentes e olho para ele. *Maricas*, eu penso. Corina apenas ri. “Você não pode culpá-los,” diz ela, pegando sua bandeja também e me seguindo enquanto nos dirigimos para a esteira rolante. “Você é meio infame agora.”

Eu me inclino para trás e estalo meu pescoço. “Sorte minha.” O sarcasmo está pesado na minha voz, o que só a faz rir de novo enquanto pegamos nossa merda e saímos.

“Os Sick Boys quase te odiavam, então reivindicaram você, e agora eles ignoram você...”

Meus olhos cortam seu caminho, mas eu não viro minha cabeça. “Eles definitivamente não estão me ignorando,” comento. Se fosse esse o caso, então eles não estariam constantemente na minha bunda. Na aula, pelo menos, posso fingir que eles não existem. Eles se tornam apenas mais um par de rostos em um mar de alunos. Em todos os outros lugares, porém, é difícil ignorar sua presença autoritária.

Nossos pés atingem a calçada e eu viro para Havers com Corina seguindo. “Sim, bem, ninguém teve tanta atenção ou falta de atenção,” ela responde. “Nem mesmo Kate e ela era praticamente namorada de Dean Carter.”

“Praticamente?” Eu repito. “Eu pensei que eles eram...”

“O que?” Ela interrompe, olhando para mim com diversão. “Oficial?”

Eu aceno uma vez.

Corina balança a cabeça. “Não.” Ela salta sobre uma rachadura na calçada enquanto diz a última parte da palavra. “Kate Coleman vem de uma família rica, mas mesmo ela não era boa o suficiente para ser reconhecida como oficial. Ela ganhou status por ser uma das companheiras de foda mais regulares de Dean, mas isso era tudo. Ela pensou que porque eles foderam o suficiente para que ela pudesse chamar a si mesma de Sick Girl - não que realmente tenha existido uma dessas. Independentemente, como você pode ver agora, ela não é nada para eles. Mesmo que Dean se importasse com ela, ele certamente não se importa agora.”

“Ele tinha muitas amigas de foda, então?” Eu me pego perguntando.

Um vislumbre de algo malicioso entra em seus olhos enquanto Corina se vira, andando para trás com os polegares enfiados em sua mochila de grife. Eu faço uma carranca para isso, esperando que ela faça um comentário, mas felizmente ela deixa ir sem um comentário sarcástico.

“Não muitas,” ela diz em vez disso. Quando chegamos à faixa de pedestres, ela se vira e observa os números do outro lado da rua, contando até que possamos chegar

lá. “Dean é uma pessoa privada. Kate era a mais óbvia de suas parceiras sexuais. Tenho certeza de que houve mais, mas nenhuma que venha à mente.” Ela ri quando a contagem regressiva termina e nos sinaliza para começarmos. “Na verdade, agora que penso nisso, se ele dormiu com alguém no campus, talvez ele as tenha feito assinar um daqueles NDAs.”

“NDAs?” Eu olho para ela quando chegamos ao outro lado.

“Acordos de não divulgação,” ela esclarece e depois dá de ombros. “É muito comum para pessoas como nós.”

'Como nós' significa os ricos e poderosos, eu suponho.

Eu me pego observando Corina enquanto ela se move à minha frente, andando mais rápido, apesar do fato de que ela está usando saltos altos e eu estou usando Converse. Ela se move com facilidade, como se nada a pesasse. Sem escuridão. Nenhum desejo pelos depravados. Passei mais tempo com ela desde aquele dia em que ela me interceptou e se ofereceu para me levar para Urban, mas enquanto a encaro agora, percebo que não sei nada sobre essa garota. Passamos várias refeições juntas - principalmente para eu reunir informações - e tudo foi sobre *eles*. Nenhum dos nossos tópicos de conversa teve algo a ver com ela.

*É estranho,* eu acho. A maioria das pessoas não gosta de falar sobre si mesmas? Principalmente garotas como ela?

“Como você sabe tanto sobre Dean Carter e os Sick Boys?” Eu pergunto quando chegamos à frente de Havers.

Ela para na calçada, girando para me encarar. Seus olhos azuis opacos enrugam nos cantos quando ela olha para mim. “Eu cresci em torno de famílias como os herdeiros de Eastpoint,” ela admite. “Estive cercada por eles minha vida inteira. Eu sei quem eles são, assim como eles sabem quem eu sou.”

Eu arqueio uma sobrancelha. “E quem é você?”

Um sorriso se espalha em seus lábios. “Apenas mais uma vadia rica,” diz ela, dando um passo para fora do meio-fio. “Tenha uma boa noite, Avalon.”

Meus olhos a rastreiam enquanto ela atravessa a rua para o estacionamento de passageiros. Ela nunca olha para trás nem uma vez, e por algum motivo, isso me incomoda. Isso e o que ela disse. Não sei dizer se era para ser tão zombeteiro quanto parecia ou se ela estava tentando ser engraçada.

Com um suspiro, me viro e vou para o dormitório, pegando meu telefone enquanto vou. Independentemente das intenções de Corina, ela me fez alguns favores. Há uma pessoa que deveria ter me ligado e me contado sobre o maldito distrito dos armazéns e, felizmente, Corina parece saber como entrar em contato com todo mundo. Se ele pode dar meu número para garotas como ela, então eu certamente posso conseguir o dele da mesma fonte. Eu disco o número dele.

“Hayes,” uma voz familiar diz alguns momentos depois.

“Olá, Jake,” digo, “é Avalon. Tenho um favor a pedir e sei como você adora me fazer favores, garoto das calcinhas.”

# 28

## Avalon

“Você tem certeza disso?” A voz de Jake está tensa quando saímos de seu carro.

“Sim,” eu digo. “Tenho certeza. Você deveria ter me contado sobre este lugar quando eu perguntei.”

Ele encolhe os ombros, sem remorso. “Eu não teria contado a você agora se você não tivesse ameaçado mandar seus Sick boys atrás de mim.”

“Sim...” Eu sorrio enquanto sigo a multidão que se aglomera do lado de fora de um prédio alto que parece um celeiro de metal. “Sobre isso,” digo, “eles não são exatamente *meus* meninos.”

Ele congela, sua mão se esticando e agarrando meu braço enquanto ele me puxa para cima. “Que porra, cara?” O rosto de Jake está contorcido em choque confuso. “Quer dizer que você não está namorando Carter?”

“Nem mesmo se ele implorar,” eu respondo, beliscando o topo de sua mão entre o polegar e o indicador até que ele estremece e me solta.

“Que diabos, Avalon!” Ele se vira e começa a voltar para o carro. “Eu estou fodidamente fora daqui.”

“Ei!” Eu grito atrás dele. “Eu ainda preciso de uma carona de volta.”

“Oh, não,” ele grita por cima do ombro. “Inferno, não, você está por conta própria.”

Deus, ele está sendo um covarde. Eu rolo meus olhos e corro para alcançá-lo, agarrando seu braço e imediatamente o deixando cair quando ele para e olha para mim. “Você me deve,” declaro.

Ele zomba. “Em que universo eu devo algo a você, Ava?”

Eu arqueio uma sobrancelha e cruzo os braços sobre o peito. Seus olhos vão para o meu decote, mas quando eu limpo minha garganta com um grunhido significativo, eles saltam de volta para o meu rosto. “Você entregou meu número, idiota,” eu estalo. “Para alguma vadia rica.”

“Sim, bem, pelo que ouvi, vocês duas se tornaram amigas rapidamente,” ele responde. “Não consigo ver como isso significa que devo a você.”

Eu balanço minha cabeça. “O fato é que você me entregou. Você também nunca me mandou uma mensagem com os locais que prometeu. Eu tive que descobrir sobre este pequeno distrito com Corina e seus meninos brinquedos.” Ele estreita os olhos para mim, esperando, e eu gemo. “Tudo bem,” eu estalo. “Fique. Me dê uma carona de volta e eu lhe darei os ganhos.”

“E se você perder?”

Enrosco a língua na boca e a deslizo pelos dentes, num sorriso predatório, antes de soltá-la e sorrir. “Eu realmente pareço uma perdedora para você?” Eu pergunto. Jake me olha de novo, obviamente em dúvida. “E você pode querer ter cuidado ao responder,” acrescento. “Não hesitarei em acabar com seu carro, como fiz com o da Kate, e então onde nós dois estaremos?”

“Sem carona?” Ele adivinha em um tom seco.

“Sim.”

Ele respira fundo e enfia as mãos pelos cabelos, puxando os fios, virando-se e espreitando a alguns metros de distância antes de parar e girar de volta. Jake puxa as mãos do cabelo e aponta para mim. “Você é uma maldita sereia,” ele acusa. “Você tem uma bunda gostosa e um rosto lindo, mas leva os homens à morte.”

Eu ignoro o comentário da bunda. “Não seja uma rainha do drama,” eu zombo. “Eu não te seduzi. Agora, você está dentro ou fora?”

Jake vem em minha direção e depois passa por mim enquanto segue as pessoas que se dirigem para o prédio, olhando para mim quando chego ao seu lado. “Você realmente não está fodendo Carter?” Ele esclarece.

“Por que diabos todo mundo pensa que eu estou?” Eu rebato em vez de responder. “Eles o viram com a língua na minha garganta?” Esta pergunta eu respondo. “Não, eles não viram.”

“E você, com a sua no lugar da dele??”

Eu o soco no ombro e o empurro para a porta quando alcançamos a entrada principal. O armazém é grande e perfeito para uma noite de luta ilegal. Ele está situado no meio do nada em lugar nenhum. Jake dirigiu ainda mais longe do que no dia em que eu peguei o ônibus para fora da cidade para mergulhar no penhasco do lago, mas com quantas pessoas estão atualmente lotando o espaço interior, é claro que, apesar da localização, é popular e bem conhecido.

Já existe uma certa eletricidade no ar. Ele paira sobre todos, uma antecipação crescente dos eventos da noite que virão.

“Sabe,” Jake diz distraidamente enquanto encontra o caminho de volta para o meu lado, “você nunca respondeu à minha pergunta.”

“Você nunca respondeu a minha,” eu indico.

Ele enfia as mãos nos bolsos quando encontramos um bom lugar na parte de trás - parece que alguém carregou arquibancadas velhas e as pessoas estão começando a reivindicar seus pontos de observação ao redor do que parece ser uma grande jaula preta com cerca.

“As pessoas podem não ter visto vocês dois chupando a cara um do outro,” ele finalmente diz, olhando ao redor - suponho que para ter certeza de que as pessoas mais próximas estão muito absortas no que estão vendo para escutar nossa conversa. “Mas todos podem sentir a merda entre vocês dois.”

“Não há merda nenhuma,” eu insisto.

Os olhos escuros de Jake disparam para mim. Eu desvio o olhar. “Besteira.” Eu enrijeço. “Qualquer pessoa com olhos pode ver a tensão entre você e Dean Carter. Ele quase declarou que você é dele - algo que ele *nunca* fez antes. E se você é o tipo de garota que eu acho que é, então você precisa ser sincera comigo. Você sabe. Caso contrário, você nunca o teria usado como uma ameaça para me fazer ajudá-la a chegar aqui.”

Eu inalo profundamente e cerro os dentes, odiando que ele esteja certo. “Dean Carter,” eu começo, sentindo o veneno na minha língua, “é um idiota.”

Jake revira os olhos. “Isso não é novidade,” afirma.

“Sim, bem, eu sou nova aqui. Seu nível de idiotice ainda é recente para mim.”

“Isso significa que você não vai me dizer o que está acontecendo?”

“Depende...” Eu deixo a palavra deslizar da minha língua enquanto examino a multidão, em busca de uma massa de pessoas em volta de uma pessoa. É onde vou encontrar o agente de apostas.

“De que?” Ele pressiona.

“Então, se você puder manter sua boca fechada e parar de distribuir toda e qualquer informação que eu lhe der.”

Lá. Do outro lado da sala, uma pequena cabeça balança para cima e para baixo enquanto as pessoas jogam dinheiro para ele. Eu me levanto. “Vou manter isso em segredo,” Jake fala. Eu empurro e olho para baixo com uma carranca.

Eu considero por um momento, debatendo e procurando por qualquer fonte de fraqueza nas informações que possuo. Franzindo os lábios, eu olho de volta para o agente antes de voltar meu foco para Jake. “Não há nada acontecendo entre nós,” eu finalmente digo. “Dean Carter é um inimigo, no que me diz respeito. Ele fez uma reivindicação para provar um ponto. Um que eu não gosto. Até agora, porém, eles me deixaram em paz. Contanto que eles continuem fazendo isso,” eu pulo em um banco comprido e, em seguida, completamente fora das arquibancadas, “eu vou deixá-los

manter seus tronos," eu termino com um sorriso antes de me virar e desaparecer na multidão.

Está quente. Isso é ímpio, mas depois de uma rápida conversa com o agenciador para ver quem está inscrito na lista, não que eu fosse reconhecer qualquer um dos nomes, mas é bom se familiarizar com a competição, volto para Jake. Abrindo caminho pela multidão de lado, evito mãos errantes e empurro aqueles que chegam perto demais.

Um formigamento familiar de excitação me atinge em meu núcleo. Um monstro faminto dando-se a conhecer. Essa é a razão pela qual estou aqui esta noite. Estou tão exuberante que nem me viro e dou um soco na cara de um cara quando ele bate em mim e se vira, praguejando baixinho. Não importa. Vou tirar todo esse ódio de uma forma ou de outra esta noite. Encontro Jake no mesmo lugar que o deixei com o telefone na mão e uma carranca no rosto.

"Para trás," eu digo, agachando-me no banco ao lado dele e o fazendo pular.

Ele desliza o telefone de volta no bolso rapidamente - estreito meus olhos... muito rapidamente. "Onde você foi?" Ele exige.

"Agenciador," eu digo, acenando de volta por onde eu vim.

Sua cabeça se vira e eu coloco a minha no contorno do telefone em seu bolso, mas quando ele enfia as mãos nelas, eu faço uma carranca. Não vou conseguir descobrir o que diabos ele está escondendo. E eu sei que ele está escondendo algo. Ninguém pularia assim se não fosse culpado de algo.

"Você deveria ter me contado," ele diz quando olha para mim. "Eu poderia ter lhe apresentado. Poderia ter lhe dado uma ideia melhor de em quem você deveria apostar."

“Não se preocupe.” Eu balanço minha cabeça. “Eu descobri.”

“Você fez?”

Antes que eu possa responder, as luzes diminuem e a multidão avança em direção à gaiola enquanto alguém entra e um holofote lentamente pousa sobre ele. É o agenciador - Danger, ele se apresentou antes. Ele joga para trás sua juba ruiva e embora seja um filho da puta magro, ele tem tatuagens gravadas nos nós dos dedos enquanto ele empurra o ar e leva um microfone aos lábios.

“Senhoras e senhores,” ele grita, “vocês estão prontos para ver algum derramamento de sangue?” A multidão grita de volta e ele ri, o som profundo e divertido. “Bem, então vocês vieram ao lugar certo. Meu nome é Hanson Reed e eu serei seu anfitrião esta noite.”

Eu sorrio, me levantando enquanto tiro minha camiseta. Os olhos de Jake se arregalam quando eu revelo meu sutiã esportivo. Eu deixo minha calça. Ela está solta o suficiente para o que eu preciso. “Que porra você está fazendo?” Ele exige, seu rosto empalidecendo.

Retiro do bolso a fita que peguei de um dos outros lutadores quando fui falar com o agenciador de apostas. “Pegando sua taxa pela viagem até aqui,” eu digo enquanto começo a enrolar as tiras brancas em volta dos nós dos meus dedos. Eu aprendi da maneira mais difícil que os nós dos dedos sem fita em uma luta podem doer como uma cadela e eu não sou sobre sentir dor, eu estou prestes a entregá-la.

“Eu pensei que você disse que não lutava!”

Eu rio com a acusação em seu tom enquanto termino uma mão e passo para a próxima enquanto Hanson continua a falar com a multidão. Ele é bom em deixá-los excitados. Estou meio prestando atenção, mais focada na tarefa em mãos enquanto outras pessoas notam e começam a olhar. Jake olha em volta como se estivesse com medo de que o bicho-papão esteja prestes a aparecer a qualquer segundo.

“Eu disse que não luto por dinheiro,” respondo. “E eu não luto. O dinheiro é seu. A luta...” Eu me interrompo enquanto termino minha segunda mão e aperto meus

dedos para cima e para baixo para ter certeza de que estão apertados o suficiente, mas não tão apertados que inibam minha capacidade de cerrar os punhos. Essa cadela doente conhecida como vício já está arranhando minhas entranhas, pronta para ser liberada de sua gaiola. Ou melhor... em uma. “A luta,” declaro novamente enquanto levanto minha cabeça e dou um passo para fora da arquibancada, jogando minha camisa desnecessariamente no rosto de Jake, “é tudo para mim.”

“Esta é uma ideia muito ruim,” diz ele. “Você não pode fazer isso.”

“Errado.” Eu paro e volto. “Eu posso fazer o que eu quiser.”

“Você só vai irritá-los,” ele insiste.

Eu rio, uma risada cheia de barriga. “Eu duvido que eles deem a mínima para eu lutar de qualquer maneira.” E mesmo que o fizessem, Abel nunca especificou todas as ações que eu poderia e não poderia realizar - então, novamente, se ele tivesse, eu não teria aceitado o acordo. Eu preciso disso. A pressa em minhas veias. A sensação de suor cobrindo minha nuca enquanto puxo meu cabelo para cima em um rabo de cavalo. Eu o ancoro na parte de trás do meu crânio e balanço de um lado para o outro enquanto pulo na ponta dos pés. Meu desejo por sangue e adrenalina já está passando por mim. *Nada pode impedir isso*, eu acho. É a melhor alta do mundo.

Controlar essa sensação é melhor do que qualquer droga no mundo.

“Ava!” Jake pula da arquibancada e estende a mão para mim quando eu saio. Eu franzo a testa quando sua mão se fecha em volta do meu braço.

“Remova. Sua. Porra. De. Mão.” Já sentindo o pulso da violência, eu cerro as palavras. Eu não quero machucá-lo, mas cada vez que alguém me toca sem minha permissão - como as pessoas parecem adorar fazer em Eastpoint - isso só serve para me irritar e me deixar muito mais pronta para quebrar alguns ossos.

A mão de Jake desaparece em um piscar de olhos, mas ele ainda está de pé sobre mim. “Esta é uma má ideia,” repete ele. “Por favor, não faça isso. Estou implorando. Eles provavelmente estão aqui. Eles verão você.”

Eu olho em volta, mas não vejo nada. “Eu não os vejo,” eu digo com uma sobrancelha arqueada. “Além do mais, por que isso importa? Por que aqueles garotos lindos e ricos estariam aqui?”

“Jesus, porra!” Ele exclama, olhando para mim como se eu tivesse crescido uma segunda cabeça. “Você é realmente tão burra assim?” Minha camisa está pendurada entre nós, ainda presa em seu punho.

“Insultos?” Eu bufo. “Realmente?”

“Sim, realmente.” Ele balança a cabeça como se realmente não pudesse acreditar em mim. Eu viro minha cabeça, percebendo que Hanson está encerrando seu discurso. Ele está se preparando para me apresentar. Eu preciso ir. “Ava,” diz Jake, capturando minha atenção de novo, “eles são os *donos* deste lugar. Eles são donos de quase toda Eastpoint. Você não tem ideia de que tipo de conexões seu tipo de dinheiro tem. Eles podem parecer estudantes universitários normais,” *eles não parecem,* eu admito silenciosamente. Os Sick Boys são tudo menos normais. Eu não digo muito, no entanto, “mas eles são além do poder do caralho. E com o poder vem muito...” Ele morde o lábio, seus dentes um flash de branco enquanto sua cabeça inclina para trás e seus olhos se lançam ao redor antes de voltar para mim. “Um poder como o que eles têm nunca é cem por cento honesto,” ele finaliza.

Ele está sendo vago, mas entendi. Eles são ricos. Eles são corruptos. Eles são poderosos. O único problema com isso é... Eu realmente não dou a mínima. Eu me decidi há muito tempo. Nunca vou deixar ninguém pensar que pode me controlar ou me usar novamente.

Eu dou um passo para trás. “Obrigado pelo aviso,” eu digo, suavizando minha expressão quando o olhar em pânico de Jake alcança o meu. “Mas não se preocupe comigo. Eu posso lidar com os Sick Boys.”

“Você diz isso...” O rosto de Jake se contrai com força, “mas estou pedindo que não o faça.”

“Por que?” Eu desafio, dando mais um passo para trás. Posso ouvir Hanson anunciando meu oponente ao fundo, listando seus elogios para deixar a multidão faminta por mais.

Os olhos de Jake voam para o chão antes de levantar novamente. “Eu não quero ver você se machucar, Ava.” É legal. Honestamente, é incrível. Jake mal me conhece e, ainda assim, mostra mais consideração do que metade das pessoas que conheci em minha vida, mas não acredito totalmente nele. Acho que ele não quer se envolver em meus problemas, o que eu entendo. Ao mesmo tempo, porém, para pessoas como eu, não há como se esconder da escuridão. Tudo que me resta é abraçá-lo.

Dou um sorriso para ele ao ouvir os alto-falantes pronunciarem as palavras de Hanson. “E esta noite, Senhoras e Senhores, temos uma nova competidora. Por favor, deem as boas-vindas a Avalon Manning!”

“Veja um vencedor trabalhar,” digo a Jake antes de me virar e deslizar pela multidão, cortando meu caminho para a área cercada onde Hanson e outra lutadora esperam. Eu entro no ringue, deixando o portão preto fechar atrás de mim.

Estou pronta para algum derramamento de sangue.

# 29

## Dean

*Não. Ela. Porra. Não. Fez. Isso.*

Essas palavras são um eco em minha mente, mas quando entro no armazém, o suor seco cobrindo minha garganta, vejo que ela está exatamente onde aquele filho da puta disse que ela estaria em sua última mensagem. As mechas pingando do meu cabelo ainda molhado caem no meu rosto, meio obscurecendo minha visão, e eu as sacudo para fora do caminho. Algumas das gotas caem em algumas pessoas perto de mim que não notaram minha entrada.

Um deles estremece quando a água fria atinge o lado de seu pescoço e ele se vira, o rosto já se transformando em uma carranca furiosa, mas um olhar para mim e ele se levanta o mais longe de mim que consegue. Cara inteligente. Eu atiro no meio da multidão, circulando a jaula onde a porra de Avalon Manning está.

A massa de pessoas se separa para me permitir passar. É como se eles sentissem o predador em mim; a besta mal contida pronta para despedaçar alguém. A única coisa pela qual sou grato é o fato de que ela não está lutando contra um cara. Se eu tivesse entrado naquela confusão, teria posto fogo em todo este lugar.

*Que porra ela está pensando?* Eu me pergunto enquanto rastreio o homem que me trouxe aqui. Abel e Braxton também estão aqui. Eu sou o único que escolheu não aparecer esta noite. Pelo menos, esse era o plano. Eu rosno quando uma garota já zonza tropeça no meu caminho. Sem pensar, eu a pego e a atiro no cara mais próximo e continuo, nem mesmo parando para ver se ela foi pega.

A raiva me assola.

Fiquei longe dela por três semanas, mas está claro que não importa o que Abel diga, ela não pode cumprir sua parte no trato. Eu me afastei dela. Eu a deixei sozinha

quando tudo que eu quero fazer é atormentá-la. Claro, fiquei de olho nela. Nós três fomos transferidos para todas as suas aulas, mas agora com meus olhos firmemente em sua bunda deliciosa enquanto ela dá um chute circular perfeito em sua oponente, eu percebo que não foi o suficiente.

Olhar e não tocar está me matando. Quer ela perceba ou não, Avalon Manning acaba de cruzar a linha. Ela deu um passo para o meu submundo e agora não há como voltar atrás. Vou enfiar as sementes de romã em sua garganta e garantir que ela nunca vá embora.

Eu sigo mais para dentro do armazém, avistando Jacob Hayes no topo das arquibancadas, seus olhos fixos na luta enquanto ele agarra uma faixa escura de tecido em uma mão e seu celular na outra. Bom. Ele será fácil de detectar e eu também quando Abel e Braxton finalmente desviarem os olhos da bunda de Avalon por tempo suficiente para me encontrar. Não tenho dúvidas de que aqueles dois estão gostando disso muito mais do que deveriam. O telefonema que atendi pouco antes de sair de casa - e logo após a mensagem de Hayes - tinha afirmado isso.

“Hayes.” Eu rosno o nome do homem e mesmo com a excitação estrondosa das pessoas lotando o chão do armazém e as arquibancadas velhas que tínhamos enviado para aqui, ele me ouve. Seus olhos baixam e quando ele me vê, ele engole em seco e acena para mim. As pessoas fogem do meu caminho enquanto eu subo as arquibancadas um degrau de cada vez, virando e usando os bancos como minha escada enquanto corro um caminho mais rápido para o homem no topo. “Por que diabos você não a impediu?” Exijo quando o alcanço.

“Eu tentei, cara,” diz Hayes rapidamente, “mas ela não quis ouvir.”

“Você deveria ter feito ela ouvir,” eu sibilo.

Alguém grita e minha cabeça vira para ver a outra garota dar um soco no rosto de Avalon. Não foi o grito dela, porém, eu percebo quando a garota recua e tudo que vejo é o sorriso de escárnio de Avalon. Como se ela estivesse gostando de ser espancada. *Interessante...*

Ela é uma lutadora forte. Os socos dificilmente parecem perturbá-la. Na verdade, eles não a atrasam de forma alguma. Ela se move com velocidade, cortando o corpo do oponente e chutando suas pernas. Quando a outra garota cai, Avalon pula em cima dela e desfere golpe após golpe. Eu meio que espero que a luta termine mais cedo ou mais tarde, mas então o oponente se levanta e trava as pernas ao redor do corpo de Avalon e de repente as posições são invertidas.

Eu aperto minhas mãos em punhos ao meu lado. Sangue e suor. Ambas estão cobertas por isso. Posso sentir o burburinho da multidão enquanto as pessoas se aproximam da gaiola. No próximo instante, Avalon de alguma forma conseguiu se livrar do aperto da outra garota e as duas voltaram a se levantar. Circulando.

A oponente vira a cabeça e cospe um punhado de sangue. Se eu vir Avalon fazer isso, teremos problemas. Por alguma razão, há uma peça central dentro de mim que não quer vê-la machucada. Pelo menos, não por ninguém além de mim. Eu estreito meu olhar quando vejo uma cabeça familiar de cabelo loiro branco na multidão ao lado de uma cabeça mais escura que é quase trinta centímetros mais alta.

Braxton e Abel.

Eles me localizam um segundo depois e acenam com a cabeça enquanto fazem o seu caminho através da multidão, vindo em minha direção.

“Como ela chegou aqui?” Exijo enquanto espero pela chegada dos meus irmãos.

Jake muda de um lado para o outro. “Eu a trouxe,” ele admite a contragosto.

“É melhor você ter uma boa razão...” Eu começo.

“Achei que vocês dois estivessem juntos,” diz ele, levantando as mãos em sinal de rendição, a camisa e o telefone ainda presos nelas. “É por isso que eu a trouxe. Ela me ameaçou com vocês. Eu juro, eu pensei que isso era algo que você gostaria, mas eu sei melhor agora, cara. Ela esclareceu tudo.”

“Ela fez, não é?”

“Quem fez o quê?” Abel pergunta quando chega até nós, Braxton ainda escalando as pessoas sentadas nas arquibancadas abaixo de nós.

“Avalon disse que vocês dois não eram nada,” esclarece Hayes. “Eu juro, eu não vou dar nada a ela se você não quiser. Eu não quero nenhum problema.”

Minha cabeça se volta para a luta. As costas de Avalon se chocam contra a treliça da jaula. Sua oponente está caindo sobre ela e, honestamente, parece que a outra garota é a melhor lutadora. Ela está em forma. Ela é feroz. Mas há algo sobre Avalon. Uma borda mais escura e volátil.

Eu vejo quando ela estende a mão, entrelaçando os dedos pelos orifícios da gaiola. Ela usa seu agarre para levantar todo o seu corpo e jogar as pernas sobre a cabeça da oponente, evitando efetivamente o próximo ataque da garota. Ela é impressionante. Brutal. Selvagem.

A maneira como ela luta. O sangue que ela limpa do lábio inferior partido. Tudo isso é sexy como o inferno. E me sentir assim por uma garota como ela me perturba mais do que estou disposto a admitir.

“O que ela disse?” Abel pergunta novamente quando ninguém lhe responde.

Braxton finalmente chega ao topo e se eleva sobre o resto de nós enquanto ele se vira e se inclina levemente contra o parapeito de trás, observando os procedimentos. Ele, de todos nós, gosta desse tipo de luta. É a violência. Ele absorve os movimentos, observa com cuidado, com precisão. Ele geralmente sabe quem será o vencedor antes mesmo da luta começar, mas nenhum de nós sabia que Avalon poderia lutar.

“O que você acha?” Eu pergunto a ele em vez de responder à pergunta de Abel.

“Ela está bem,” diz ele depois de um momento.

“Quão bem?” Eu exijo.

Leva um momento para ele responder, mas quando o faz, ele gira a cabeça para que seu olhar encontre o meu. “Bem o suficiente para vencê-la,” diz ele.

Meus olhos se voltam para a luta enquanto ela acaba. Ele tem razão. Sua oponente está diminuindo gradualmente, mas quando Avalon sorri para a outra garota, eu percebo que ela não está nem perto de terminar. Seu peito sobe e desce em

movimentos rápidos, mas seu trabalho braçal é preciso. Cuidadoso. Meus olhos caem para seus seios e eu tenho que cerrar os dentes ao perceber que todos os malditos homens na sala - meus irmãos incluídos - estão vendo-a quase nua. A porra da pequena tira de tecido segurando seus seios no lugar dificilmente é aceitável. Obviamente, está desgastado pelo uso e pelo tempo. É quase um cinza profundo, mas a tonalidade me diz que nem sempre foi. Há quanto tempo ela tem essa coisa? Nem uma fração de segundo depois que esse pensamento ocorre, sua oponente dá um soco no rosto e manchas de sangue se juntam ao tecido.

Sem querer, um rosnado sobe pela minha garganta, mas porra, o jeito que ela sorriu quando o sangue estava escorrendo por seus lábios... deveria ser ilegal. Eu abro minhas pernas e ancoro meus pés no topo das arquibancadas, esperando que minha ereção vá descer logo.

"Dean," Abel chama, me distraindo. Eu cortei meu olhar em sua direção e ele acenou para Jake. "O que você quer fazer?"

*Eu quero reivindicar sua bunda em mais do que apenas no nome*, eu acho. Mas não é isso que Abel está perguntando. Eu viro meu corpo de volta para Jacob Hayes e o encara com um olhar feroz. "Ouça, Hayes," eu começo, deixando o rosnado ininterrupto preencher minha voz enquanto eu falo. "Independentemente do que *ela* diga, somos nós que você fala quando se trata de qualquer coisa a ver com ela. No que diz respeito a você e a todos os outros de Eastpoint, Avalon Manning é *minha*. Entendido?"

Seus olhos se arregalam, mas ele acena com a cabeça rapidamente. "Entendido," ele concorda sem discutir.

"Bom."

Antes que alguém possa dizer qualquer coisa, um rugido da multidão chama nossa atenção, e eu vejo Hanson, nosso agenciador de apostas, voltar para a jaula enquanto uma ofegante Avalon fica de pé sobre sua oponente obviamente inconsciente.

“Parece que você estava certo,” digo a Braxton.

Ele me lança um sorriso. “Eu sempre estou

# 30

## Avalon

Assim que Hanson me apresenta à garota, eu esqueço o nome dela. Não importa no final. Meu sangue está bombeando. Eu tremo enquanto me agacho, esperando que Hanson saia da gaiola e a tranque atrás dele. O suor se acumula na minha nuca e desce pela minha espinha. Está calor no armazém. A quantidade de pessoas que eles amontoaram no prédio aumenta a temperatura.

"Você vai cair," zomba a garota.

Não é provável. Eu não digo nada, no entanto. Não é disso que se trata. Enquanto outros lutadores tentam psicologicamente seus oponentes, eu nunca o faço. Eu não me importo com o que eles pensam de mim. Não me importo com o que as pessoas nesta sala pensam de mim. Tudo que me importa é conseguir o que quero. E o que eu quero é derrubá-la no chão.

A fechadura se encaixa e ela não perde mais tempo com palavras, mas avança para mim. Eu giro para fora do caminho e agarro a parte de trás de sua cabeça enquanto passo, afundando meus dedos em seu rabo de cavalo. Puxando-a de volta, eu dou um soco em seu estômago e, em seguida, em seu rosto, fazendo-a cambalear.

A adrenalina faz meus músculos ficarem mais leves. Me faz sentir como se estivesse flutuando. Isso me faz sentir *poderosa*.

Minha respiração entra e sai do meu peito. Eu poderia derrubá-la agora, mas isso anularia o propósito. As pessoas gritam em meu ouvido, seus peitos pressionados contra a gaiola enquanto gritam para eu derrubá-la. Ela já caiu. Em vez de fazer isso, porém, espero. Felizmente, não leva muito tempo para se recuperar e, quando o faz, fica ainda mais furiosa.

"Sua vadia!" Ela grita e voltamos a circular. Eu sorrio.

Tudo na sala se reduz à gaiola. Só ela e eu. Nós giramos e giramos. Seus pés se movem lentamente, mas seus olhos permanecem em mim. Tenho cuidado - tenho que ter. Lutar assim é ilegal. Ao contrário dos programas de televisão, isso é real. Não é falso. Sem atores. E certamente nenhum médico de prontidão. Um movimento errado e eu poderia matá-la. Uma emoção dispara por mim, resfriada apenas pelo fato de que o mesmo vale para ela. Ela poderia me matar.

Eu sorrio. Não é provável.

“Por que porra você está sorrindo?” Ela sibila, cuspindo sangue.

Eu balanço minha cabeça e da próxima vez que ela se aproxima muito, eu me viro, arqueando minha perna para cima e chutando-a de lado. Ela bloqueia - mas por pouco.

“Leve-a para baixo!” Alguém grita.

“Acerte-a no rosto,” outro comanda. “Foda-se ela!”

A única coisa que não gosto em fazer isso aqui é o fato de reconhecer algumas das pessoas no mar de rostos que nos cercam. Eles são estudantes de Eastpoint. Eu não reconheço a garota na minha frente. Pelo estado dos hematomas ainda desaparecendo em seus braços e coxas e a aparência irregular de suas roupas - ela é exatamente como eu.

A culpa é um eco em meu peito, mas ninguém a está obrigando a fazer isso. Ela escolheu entrar no ringue comigo, e isso é sua própria culpa. A ponta desse pensamento chega a uma parada abrupta quando ela vem em minha direção - toda a pretensão de tentar ficar longe quando ela bate minhas costas na gaiola.

O hálito quente atinge meu ouvido, desliza contra o lado do meu rosto. Uma memória irritante pisca atrás dos meus olhos quando eu os aperto. Eu ouço sua risada e isso só serve para me irritar pra caralho.

Ancorando meus quadris, eu alcanço - deslizando meus dedos pelas alças da gaiola e aumento meu aperto. Ela se afasta para me dar um soco e eu arqueio para

cima, evitando por pouco o golpe quando ela bate na gaiola e eu caio do outro lado dela e de repente, nós trocamos de lugar.

Eu dou um soco no rosto dela. O sangue atinge a fita em meus dedos. Um segundo soco joga sua cabeça para o lado e mais sangue jorra de sua boca, caindo contra meu rosto e parte superior do peito, manchando meu sutiã esportivo. Não há sensação melhor do que o sangue de outra pessoa em sua pele.

Recuando, dou uma cabeçada. Meu crânio ecoa com a agonia que resulta de um movimento estúpido, mas envia ainda mais adrenalina fluindo por mim, anestesiando a dor. E estamos de volta nisso.

Lutamos pelo que parecem apenas alguns segundos. Tudo gira em torno de mim em velocidade supersônica, mas sei que é mais longo do que parece. Ela está diminuindo. Seus golpes ficam mais lentos. Seu corpo é incapaz de suportar a pressão e os inúmeros golpes. Eu não quero parar. Não estou pronta para me livrar desse sentimento. O sentimento de autoridade absoluta.

Eu não me sinto mais humana. Eu me sinto perigosa. Eu me sinto fodidamente armada. E é glorioso.

“Você acabou,” eu digo, meu peito arfando enquanto ela tropeça com o meu último golpe. O sangue atinge minha língua. Desta vez, é meu. Eu lambo meu lábio inferior, sentindo um corte.

“Estou farta...” ela ofega. “Quando eu digo...”

Eu balanço minha cabeça e dou um soco nela novamente, meus nós dos dedos colados batendo em sua mandíbula. Apesar de suas palavras, ela cai. O público perde a cabeça. O rugido de sua excitação enche minha cabeça com nada além de aborrecimento, no entanto. Não me importo nem quero sua aprovação. Eu fico parada por um momento, olhando para a garota enquanto eu alcanço e limpo meu antebraço ao longo do meu couro cabeludo. O suor se acumula na minha pele, fazendo-me sentir encardida e suja.

Eu estou suja. Imunda. Há algo errado comigo. Viciada em adrenalina alta. E quando ela cai, eu também caio.

De volta à realidade.

Eu me viro em direção ao portão de saída quando ele se abre. Uma pilha de dinheiro é colocada na minha mão. Eu olho para eles com uma carranca. Uma parte de mim quer mantê-los - dinheiro como esse me ajudaria muito, mas fiz uma promessa a alguém há muito tempo. E quando faço uma promessa, eu a mantenho.

“Avalon...” A voz de Jake está trêmula, mas me tira dos meus pensamentos.

Eu sorrio enquanto levanto minha cabeça, pronta para entregar o dinheiro quando faço uma pausa e o sorriso desaparece. “Seu filho da puta.” Eu estalo em acusação, meus olhos disparando do grupo de homens que se aproximam por trás dele.

“Sinto muito,” diz Jake. “Eu...”

Eu rosno e soco seu peito com a mão segurando o dinheiro. “Sua porra de taxa.” Eu digo, passando por ele enquanto eu libero o dinheiro e ele mal consegue pegá-lo.

“Não tão rápido, Ava.” A mão de Dean dispara e ele agarra meu braço, impedindo qualquer movimento futuro. “Você não vai embora ainda.”

A onda que eu estava sentindo lentamente rasteja de volta em minhas veias enquanto meu sangue ferve e corre cada vez mais rápido. Praticamente bate sob minha pele. Eu afasto a empolgação e olho para ele com desdém. “Oh, não?” Eu cuspo na cara dele. “E quem vai me impedir?”

Aqueles olhos castanhos chocolate escuros dele brilham com algo sombrio e sinistro, fazendo meus lábios se curvarem, apesar de não dever.

“Avalon,” Jake chama, “sua camisa...” Eu arranco meu braço do aperto de Dean - odiando a maneira como seu toque me faz sentir - e arranco minha camiseta da mão de Jake. Em vez de colocá-la imediatamente, porém, eu a uso para enxugar o pior do suor e do sangue.

“Foi uma luta incrível,” diz Abel, chegando mais perto.

“Foda-se,” eu estalo.

Em vez de se ofender, ele apenas ri e passa o braço em volta dos meus ombros. “Você deveria ter nos dito que poderia lutar assim, poderíamos ganhar algum dinheiro, você e eu,” ele oferece.

Meu corpo enrijece contra ele. “Não, obrigado.”

Jake se aproxima, ganhando um olhar furioso de Dean - bem, bem, bem, parece que sua traição não deixou ninguém feliz. Eu deveria saber melhor. Com a expressão de Dean, minha raiva começa a esfriar. “Aqui,” diz Jake, tentando me devolver o dinheiro, “você ganhou isso. Eu não preciso de uma taxa.”

Eu resmungo enquanto uso minha camisa para limpar minha cintura. “Não quero,” digo, evitando olhar para a pilha.

“Bem, eu não vou aceitar,” ele insiste.

Eu rolo meus olhos. “Então jogue fora,” eu estalo. “Eu te disse, eu não luto por dinheiro, porra. É seu, se você quiser.”

“Eu não quero.”

Com o canto do olho, vejo que minha oponente recuperou a consciência e alguns caras a estão ajudando a sair da gaiola enquanto ela manca no meio da multidão. Uma ideia surge na minha cabeça. Pego o dinheiro de Jake. “Tudo bem,” eu digo.

“O que você está...”

Eu não fico para ouvir sua pergunta enquanto giro e vou direto para a garota. Cada cara que a apoia tem um braço sobre os ombros. Um estreita os olhos para mim quando me aproximo. “Má vencedora?” Ele acusa, seus olhos escurecendo quando eu paro na frente deles.

“Nem um pouco,” eu digo. “Eu me diverti.” A garota levanta a cabeça e eu estremeço. Sim, ela vai sentir essa luta amanhã. Inferno, eu também poderia, mas

ainda há muitos hormônios inundando meu sistema para que eu sinta qualquer coisa agora.

“Então o que você quer?” O outro cara cospe.

“Nada,” eu digo e, em seguida, estendo a mão, puxando o cós elástico do short da garota e enfiando a pilha de dinheiro na lateral.

Sua cabeça levanta e a confusão enche seus olhos. “Que porra você está fazendo?” Ela pergunta, suas palavras abafadas como se ela ainda estivesse tentando se orientar ou ficar acordada, eu não tenho certeza. Seus olhos estão semicerrados, mas não é fácil dizer se isso é natural ou por minha causa, com o quão escuros os dois são.

“Eu não preciso disso,” eu digo, virando-me enquanto termino o resto da minha frase por cima do ombro. “E parece que você poderia usá-lo. Obrigado por uma luta divertida.”

Eu me afasto, mas não vou muito longe quando um braço masculino familiar cai sobre meus ombros. “Vamos lá, lutadora,” Brax diz com um sorriso. “Vamos sair daqui.”

“Eu pensei que era 'um pouco psicopata',” digo.

Ele encolhe os ombros. “Pequena psicopata, pequena lutadora – você é os dois, não é?”

Pode ser. “Ou um pouco selvagem,” sugiro.

Brax joga a cabeça para trás e ri. “Você está certa,” ele concorda. “Isso é o que você é. Um pouco selvagem.”

Ele me guia em direção à saída e vejo que Dean e Abel já estão esperando lá. Jake não está em lugar nenhum. Eu acho que eles o expulsaram. Meu peito dói. Estou brava com ele, mas pelo menos esperava que ele ficasse por perto para me dar uma carona para casa depois que me atacassem. À medida que a adrenalina começa a diminuir, a dor se manifesta. Andar de volta vai ser uma merda, eu já posso dizer.

Tirando o braço de Brax dos meus ombros enquanto paramos do outro lado do estacionamento, eu levanto minha cabeça e encontro o olhar de Dean Carter. É melhor acabar com isso.

“Bem,” declaro, cruzando os braços sobre o peito, minha camisa pendurada em uma das mãos, “vá em frente.” Faço um gesto para ele dizer algo.

Claro, ser previsível não é da natureza de Dean. Em vez de cair no ridículo ou repreender, ele se vira para seus amigos e acena com a cabeça. “Vão em frente sem mim,” diz ele. “Eu vou cuidar disso.”

Abel hesita. “Tem certeza, cara?” Ele pergunta.

Dean não olha para mim. “Sim, tenho certeza.”

Brax passa por mim e se dirige ao familiar Mustang vermelho estacionado ao lado de uma motocicleta preta e cromada. Ele dá um tapinha no ombro de Abel enquanto passa. “Apenas deixe pra lá,” Brax diz com uma risada. “Além disso, eu quero um pouco de sorvete. Estou com fome.”

Abel olha para trás uma vez para Dean e depois para mim antes de se virar para seu amigo. Eu o ouço reclamando enquanto eles entram no carro. “Você está sempre com fome, idiota.”

As luzes traseiras acendem quando o motor liga e Dean e eu assistimos em silêncio enquanto eles dão ré e partem. Então, é só ele e eu. Sozinhos. Pela primeira vez em mais de um mês, e não tenho ideia do que está para acontecer.

# 31

## Dean

Seus olhos me olham com uma cautela que demonstra sua inteligência. Ela conhece um homem perigoso quando o vê. E esta noite, estou me sentindo particularmente cruel. Assistir sua luta fez algo para mim, despertou a besta, por assim dizer.

Depois que Abel e Braxton saem, ficamos em silêncio por vários momentos e meus olhos comem a extensão de carne disponível para eles. Seu abdômen é curvo, ligeiramente arredondado. Suas costelas, no entanto, mal são cobertas por uma camada de gordura. Posso vê-las sob a alça inferior do sutiã. E lá, em um osso do quadril, vejo a borda de tinta escura. Uma tatuagem. Eu quero arrancar suas calças e ver por mim mesmo.

Em vez disso, eu forço meus olhos para longe enquanto me viro para minha moto e pego o capacete. É o único que tenho, mas ela vai usar. “Aqui,” eu estalo, empurrando-o em seus braços. Ela não tem escolha a não ser aceitar.

“Que porra é essa?” Ela exige enquanto eu pressiono a chave na fenda e a giro. O rugido do motor da moto ganha vida.

“É um capacete,” digo, obrigando-me a permanecer paciente. “Coloque-o.”

Quando olho para trás para ter certeza de que ela está fazendo o que eu ordenei, não fico chocado ao ver que ela não fez. Seus olhos saltam do capacete preto de cobertura total em suas mãos para mim antes de se estreitarem. Ela olha para a moto. “Por mais que eu adore uma motocicleta, não acho que você esteja com vontade de me dar uma,” diz ela. “O que só pode significar que você quer que eu o monte... com você. E isso não vai acontecer, D-man.” Avalon dá um passo à frente e me dá um soco

no estômago com meu próprio capacete. “Não, obrigada,” ela diz docemente antes de se virar e ir embora.

*Oh. Porra. Não.* Eu deixei o capacete cair no chão coberto de cascalho do estacionamento do armazém para persegui-la. Quando eu a alcanço, agarro-a e a giro. Minha boca está aberta e as palavras ainda nem escaparam quando seu punho vem voando em meu rosto. Sem pensar, eu me abaixo.

“Que porra?”

“Não me toque, porra,” ela rosna, puxando-se para fora do meu alcance. “Você pode pensar que é o dono do Eastpoint, mas você não é o meu dono. Eu posso ir onde eu quiser, quando eu quiser.”

Um rosnado sobe pelo meu peito, mas para quando meus olhos caem de volta para o peito dela - que está subindo e descendo. Então eu olho para baixo. Foda-se… eu quero ver essa tatuagem. Eu quero saber que tipo de imagem terei de seu corpo. Se é perverso e pecaminoso ou se é o oposto de sua personalidade, suave e feminino.

Eu rio sombriamente, fazendo-a parar quando ela teria dado um passo para trás novamente. Como um cervo pego pelos faróis cegantes. Eu balancei minha cabeça. “Suba na moto, Avalon.”

Ela olha para mim, estreitando os olhos enquanto seu pequeno queixo se projeta para fora. Seus lábios moldam a palavra que eu sei que ela vai dizer. “Não,” ela responde.

Estamos a menos de três metros da moto, então eu viro sua bunda linda e a empurro de volta para ela. Ela luta contra mim a cada passo do caminho, mas é um pouco difícil para alguém do tamanho dela me dominar de verdade. Se fosse por pura determinação, no entanto, ela poderia ter uma chance. Pode ser.

Mas não é isso. É sobre minha força contra a dela. E a minha é muito maior.

Quando eu a coloco na minha moto, eu me inclino, deixando-a sentir o cheiro de menta em meu hálito enquanto coloco uma mão no assento da motocicleta em suas costas e a outra no guidão, prendendo-a. A vibração dentro seus olhos azul-

acinzentados estão iluminados de irritação e isso só serve para me excitar ainda mais. Ela é imprevisível como um incêndio - uma forte rajada de vento a levará para longe demais e ela devorará tudo em seu caminho.

"Suba na moto." Eu repito a ordem, levantando minha voz acima do som do rosnado do motor, observando-a enquanto faço isso. Eu não posso deixar de sorrir enquanto ela empurra as mãos contra meu peito. Há força por trás do movimento, mas entre nós dois - eu não usei a maior parte da minha em uma luta ainda esta noite.

"Vá. Para. O. Inferno. Dean." Ela enuncia cada palavra.

Eu fecho meus olhos e inalo o ar fresco da noite, sentindo o cheiro das flores da meia-noite na brisa. Não sei dizer se é porque a primavera está chegando ou se é o cheiro dela. Eu meio que quero que seja dela, porque então talvez eu pudesse engarrafar e dormir com ele. Um pensamento se forma e não posso deixar de rir novamente. Se eu fizesse isso, isso transformaria meia ereção ocasional da manhã em uma porra de uma ereção enorme em cada fodido dia.

"Deixe-me reformular," eu tento novamente, abrindo meus olhos e encontrando seu olhar furioso. "Você tem duas opções. Você pode subir na minha moto de boa vontade..." Eu paro, observando o movimento de expressão em seu rosto enquanto ela espera por sua segunda opção. Ela não vai gostar. "Ou," eu continuo, "vou rasgar a porra das suas calças pelas pernas, bater em sua bunda e, em seguida, amarrar você - querendo ou não." Eu me inclino para trás, mantendo meus braços ao redor dela enquanto as vibrações da moto balançam de mim para ela. "O que vai ser, baby? Você quer que eu deixe essa bunda vermelha antes de andar na minha moto?"

Ela quer me bater, eu posso dizer. Ela até considera isso. Por mais imprevisível que ela seja, quando estou tão perto - quando posso ver as pequenas manchas de nuvens cinzentas em seus olhos de cor índigo escuro e nuvem de tempestade - é fácil ler o que ela está pensando.

"Se você tentar," ela sussurra entre os dentes bem cerrados, "vou garantir que todos os seus filhos sejam adotados."

Eu ri. É impossível pará-lo. Qualquer outra cadela estaria com muito medo de me desafiar, mesmo uma vez, muito menos continuar empurrando como ela faz. É revigorante. É viciante. Eu congelo com esse pensamento, minha risada morrendo. Uma compreensão sombria me ocorre e me faz olhar para ela sob uma nova luz. Quando ela não se move para cumprir sua ameaça, eu me afasto da moto, agarrando-a e puxando-a comigo até que ela esteja longe o suficiente para que eu possa deslizar ao redor dela e colocar uma perna sobre o assento de couro.

Pego minhas luvas e coloco-as, acenando com a cabeça para o capacete deixado no chão. “Você pode querer colocar isso.” Eu sugiro em um tom entediado, pegando a embreagem.

Avalon olha para o capacete e eu mantenho minha cabeça virada enquanto me preparo para uma longa viagem. Ela luta consigo mesma, seu lábio inferior rolando para trás entre os dentes quando um canino o morde. Metade de seu rosto está sombreado quando ela se vira para ele, mas quando ela se inclina para pegá-lo, aquela bunda perfeitamente arredondada dela está quase em exibição enquanto o tecido gasto de sua calça de ginástica está apertado sobre ela.

Eu fecho meus olhos e sugo uma golfada após a outra de ar, na esperança de controlar meu pau furioso. Segundos depois, quando ouço o clique revelador do capacete sendo colocado e, em seguida, suas mãos tocam meus ombros enquanto ela atira a perna em volta da extremidade traseira da minha moto, eu percebo que não vai abaixar. Não enquanto ela estiver por perto.

A moto estagnou, então giro a chave de volta, removo-a e reinicio a coisa. A motocicleta ganha vida com um rugido.

“Segure firme,” eu falo por cima do ombro.

Há hesitação em seus movimentos - desconfiança - mas suas mãos se movem para a minha cintura e seus seios cobertos de tecido são empurrados contra minhas costas. Ela deve ter colocado a camisa de volta enquanto meus olhos estavam fechados, porque quando eu estendo a mão para trás e pressiono minha mão ao seu

lado, não sinto a pele nua. Uma pena. Eu deslizo minha mão até a bolsa amarrada ao lado da moto e pego alguns óculos para o passeio.

Sem necessidade de recuar, pego o guidão e pressiono o acelerador. Voamos sobre a fina faixa de grama que separa o estacionamento de cascalho da estrada. O vento sopra através de mim e eu não posso deixar de pensar...

Dirigir uma motocicleta estando duro pra caralho é uma merda, mas com os seios de Avalon esmagados contra mim e suas mãos rastejando perto do meu abdômen, eu não me importo muito.

# 32

## Avalon

Arrepios sobem ao longo da pele dos meus braços enquanto aceleramos por uma rodovia deserta. Depois de ficar no armazém superaquecido por quem sabe quanto tempo, o suor secou muito rapidamente. Com minha frente pressionada nas costas de Dean, eu não sinto nada além do calor dele. Mas ao longo da minha espinha, conforme o vento sopra nas costas da minha camisa, o frio do ar passa ao nosso redor e me faz estremecer. Sem pensar, eu me pressiono contra ele ainda mais forte, tentando afastar a sensação.

Ele enrijece, mas não diz nada. *Estou absolutamente louca por confiar nele*. Louca pra caralho. Então, novamente, eu sempre soube disso sobre mim. Algo sobre ele, porém, me faz fazer uma merda louca. Só de olhar para seu rosto estúpido me dá vontade de pular de um penhasco, nem que seja para tentar fugir dos sentimentos ridículos que ele causa dentro de mim.

*Ele vai me matar?* Eu me pergunto conforme as estradas ficam mais longas e mais vazias. Pode ser. Embora ele pareça um atleta totalmente americano com uma tendência de bad boy, algo me diz que Dean tem um lado violento.

Minha insanidade se manifesta no fato de que não consigo realmente me importar. Eu não tenho medo dele.

Eu nunca deveria ter subido na garupa de sua moto. Principalmente depois de sua ameaça. Eu sei melhor do que pensar que ele está me levando de volta para os dormitórios. Não, ele está me levando para outro lugar, longe de Eastpoint.

Na verdade, não sei onde diabos estamos. É um lugar rural. O armazém estava mais longe do ponto leste do que eu desde que cheguei, mas agora estamos em algum lugar nas montanhas e o ar está ainda mais frio aqui. Apesar do vidro protetor

cobrindo meu rosto, eu levanto minha cabeça quando um cheiro desliza pelas rachaduras e fendas e sob minha alça de queixo. Tem algo salgado no ar.

Eu farejo, me perguntando o que é até que eu viro minha cabeça e congelo quando a motocicleta vira uma esquina e de repente estamos passando por uma inclinação profunda que se abre para a porra do oceano. Águas escuras se chocam contra os penhascos abaixo. Tão vasto que parece que vai durar para sempre. Posso ver, naquele momento, por que algumas pessoas pensam que a Terra é plana. É idiota, mas o oceano faz parecer que é tudo uma grande planície que se estende bem longe. Não consigo imaginar que isso acabe.

Mesmo tendo crescido na Geórgia como cresci, ainda estive a horas do oceano. Foi uma porra de um crime, eu percebo. Ou deveria ter sido. Estar tão perto e ao mesmo tempo tão longe de uma visão tão bonita. Patricia nunca teve um carro. Seu trabalho tinha uma curta distância e as poucas noites em que ela trabalhou no poste no *Tiny Dancer,* combinadas com seu cheque de bem-estar, nos ajudaram. Nunca houve necessidade de um. Eu me encontro desejando, no entanto, que pelo menos uma vez tivéssemos ido para o oceano. Eu odeio ter perdido tantos anos sem ver isso. Um desejo começa a surgir em meu peito; o desejo de me jogar da motocicleta de Dean nas águas perversas abaixo e afundar o mais fundo possível, deixando-o me engolir por completo.

A imagem é interrompida quando Dean vira o guidão da moto e um bosque de árvores obscurece minha visão enquanto andamos ainda mais rápido. Minhas mãos afundam no tecido de sua camisa enquanto tento suprimir a necessidade de voltar. Para ver de novo. É meio divertido quando penso nisso; o fato de que eu só estive a algumas horas de distância e, mesmo assim, precisei me mover para o norte para ter a chance de vê-lo.

Dean vira a moto ainda mais para dentro até que estamos entrando em um caminho de duas pistas. A cada poucos metros, a linha de árvores se abre, revelando o quão íngreme o penhasco ao nosso lado está se tornando. Não me importo, não quando ainda consigo vislumbrar o mar e sentir o cheiro do sal frio no ar. A

motocicleta desacelera quando paramos lentamente e Dean nos transforma em uma pequena alcova, pilotando por cerca de meia milha a mais antes de desacelerar até uma parada completa e nos levar para o lado do caminho.

Quando a moto está estacionada, eu me afasto de suas costas e removo o capacete - ignorando o arrepio que finalmente me percorre quando o ar frio me dá um tapa no rosto. Eu deixo cair o capacete no chão e começo a desembaraçar as mechas do meu cabelo, puxando meu rabo de cavalo e trançando-o para trás, como deveria ter feito antes. O motor desliga e eu fico rígida quando Dean desce da moto. Seu olhar é como agulhas contra a minha pele enquanto ele remove os óculos e se inclina contra o assento. Está aquecido. É penetrante. E é irritante pra caralho.

Estamos sozinhos. Apenas Dean Carter e eu. Eletricidade paira no ar, carregada com minha irritação e seu... comportamento enigmático. *O que diabos ele está pensando?* Eu me pergunto enquanto termino de trançar meu cabelo e endireito minha coluna para virar e encontrar seu olhar.

“Bem,” eu começo, gesticulando para que ele continue, “você me trouxe aqui para me matar ou o quê?”

Ele arqueia uma sobrancelha e eu franzo a testa porque não sei se ele está fazendo isso por causa das minhas palavras ou porque está sendo obstinado. Provavelmente ambos. “Se eu quisesse você morta,” diz ele, cruzando os braços sobre o peito enorme, “você estaria. Eu também não precisaria trazê-la aqui para fazer isso.”

Eu espelho sua postura, meus braços se movendo sobre meu próprio peito. Seus olhos caem uma vez como se ele não pudesse evitar antes de levantar de volta para o meu rosto. “Então por que você me trouxe aqui?” Eu exijo.

Em vez de responder, ele apenas sorri para mim e diz: “Há coisas piores que posso fazer com você do que assassinato.”

Meus músculos se contraem, ficando tensos sob minha pele. Eu odeio essa expressão em seu rosto. Isso me faz querer socá-lo novamente. “Você já ameaçou me estuprar uma vez,” eu digo inexpressiva. “Você ainda não fez isso.”

Seus olhos se afastam dos meus e ele vira a cabeça, olhando além das árvores para outra abertura onde as árvores são mais finas - suas raízes ancoradas na lateral do penhasco, com vista para o oceano. “Isso te assusta?” Ele pergunta baixinho.

“Estupro?” Eu esclareço, mas antes que ele responda eu balanço minha cabeça. “Não.”

Ambas as sobrancelhas levantam desta vez enquanto ele olha para mim. “Não?” Eu balanço minha cabeça, mantendo minha expressão calma. Minha perna começa a bater contra o chão de terra macia e seus lábios se espalham em um sorriso. “Pequena mentirosa,” ele acusa baixinho. Eu mordo o interior da minha bochecha para não dizer nada. Não funciona.

“Você não sabe nada sobre mim que não tenha vindo de uma porra de arquivo,” eu estalo. “Então não sente aí e finja que sabe. Você ameaçar me estuprar não me assusta. Você não vai fazer isso.”

Dean está no meu rosto em uma fração de segundo, sua mão na minha garganta e seus olhos a centímetros dos meus enquanto ele se inclina e pressiona contra minha traqueia. “Você está me desafiando, Avalon?”

Ele afrouxa seu aperto por tempo suficiente para eu falar. “Não,” eu digo, “apenas afirmando fatos.”

“*Fatos.*” Ele cospe a palavra. “É assim que você chama?”

Posso sentir o recuo das pontas dos dedos ao lado do meu pescoço. Quente e calejado. Não é como um homem que passou a vida inteira no luxo, embora seja quem ele é... não é? Dou um passo à frente, apesar da mão na minha garganta, e quando ele não se move, eu piso em seu pé. Dean nem mesmo pisca, mas sua mão afrouxa um pouquinho mais, embora ele mantenha seus dedos contra a minha pele como se estivesse tentando me provar que ele pode.

“Apenas continue com o que você vai fazer e então me leve de volta para o dormitório. É tarde, estou cansada e tenho aula amanhã.”

O silêncio se estende entre nós por um momento, e então ele tira a mão. “Você está certa,” ele finalmente admite. Eu estreito meus olhos para ele.

“O que você quer dizer?”

Mesmo quando ele invade meu espaço e meus pulmões se enchem com o cheiro dele - algo escuro e sinistro, como uma especiaria proibida - não posso deixar de observá-lo como alguém faria com um predador. Quando ele fica na minha frente, elevando-se sobre mim como um monstro pronto para comer sua presa, eu só quero desafiá-lo. Porque eu não sou uma presa normal. Eu não apenas rolo e pego. Eu mordo de volta.

Em vez de me ameaçar de novo, como eu esperava, suas mãos deslizaram pelos meus lados até encontrarem meus quadris com muito cuidado. Seus olhos piscam para os meus e bloqueiam bem antes dele me puxar contra seu corpo. Sentimentos quentes passam por mim. Eu não posso me mover, mesmo se eu quiser. A pressão dele e a percepção crescente do perigo fez meu sangue bombear mais rápido.

*O que diabos há de errado comigo?* Eu acho que tudo. Eu quero me afastar dele, mas meu corpo luta contra mim. Ama sua proximidade, o calor que ele espalha como uma maldita fornalha. E a sensação de brutalidade que pode estar vindo para mim a qualquer segundo.

“O-o que estou certa?” Eu empurro as palavras, não querendo deixá-lo pensar que eu não estou deixando ele me tocar por minha própria vontade.

Um canto de seus lábios fica para cima enquanto seus dedos engancham no cós da minha calça e faz uma pausa. “Tudo o que sei sobre você veio de um arquivo,” ele responde. “E isso vai mudar.”

Eu me inclino para trás, olhando para o rosto dele com suspeita. Ele parece um anjo caído com aqueles olhos escuros e cabelo igualmente escuro contra um rosto bronzeado. A barba que cresce na metade inferior de seu rosto projeta sombras nos lugares mais perigosos, de modo que, quando ele olha para mim, tudo o que se destaca é a parte superior do nariz e as maçãs do rosto. Não há luz diferente do feixe do farol

da motocicleta - algo que suponho que ele deixou acesa - e a lua. Isso me faz perceber o quão longe estamos da civilização.

Ele alegou que não, mas se quisesse me matar, poderia facilmente escapar impune. Apenas jogar meu corpo pela borda do penhasco e acabar com isso. Sem bagunça. Sem confusões. Eu afasto esses pensamentos e olho para ele.

“O que você está falando?”

“Eu tomei uma decisão,” diz ele. “Sei tudo sobre a barganha que você e Abel fizeram, mas parece que ficar de olho em você à distância não é suficiente. Você e eu estamos prestes a nos tornar *muito* próximos, Avalon.” Quando Dean enfatiza a palavra 'muito', ele me puxa para ele até que eu posso sentir todo o comprimento rígido de seu pênis em suas calças.

Meu rosto permanece passivo enquanto meu coração começa a disparar em meu peito. Uma das minhas mãos desliza para cima e eu a coloco em seu peito, bem entre seus peitorais e abaixo de seu esterno. “Você acha?” Eu desafio com uma sobrancelha arqueada.

“Eu sei que sim,” ele responde friamente.

“Você está pedindo uma trégua?” Eu pergunto, curiosa.

Ele ri, o som baixo e vibrante. Isso desperta algo perverso dentro de mim; um desejo distorcido por este homem que age como um rei e se parece com o diabo. Ele *é* um demônio, lindo e cruel. Eu duvido que haja uma mulher viva que poderia sobreviver a ele, e eu certamente sei que se eu tentasse, seria deixado como nada mais do que uma casca de um humano depois. Porque Dean Carter é um homem que não pode ser domesticado.

“Não, garotinha,” ele responde. “Chega de tréguas. Chega de pechinchas. Cansei de ser legal.”

Eu bufo e ele se afasta um pouco para olhar para o meu rosto completamente. Uma nuvem de ar é expelida de sua boca quando ele expira, pequena e quase imperceptível - mas com o quão frio está o ar da montanha, não me surpreende vê-lo.

“Você estava sendo legal?” Eu rebato com um sorriso.

“Oh, sim,” diz ele, sua voz tão séria que faz meus lábios se virarem para baixo mais uma vez. “Eu tenho sido muito legal com você, baby.” Ele vira o rosto e fuça contra os fios de cabelo macios e finos de bebê na minha linha do cabelo. Desta vez, não há como reprimir o arrepio que vem de sua proximidade.

*Foda-se*, eu penso. *Estou tão fodida. E não no bom sentido.*

“Mas isso está prestes a acabar,” continua ele, “porque você não é confiável.”

“Eu também não confio em você,” aponto. O cheiro masculino dele invade minhas narinas e tento recuar, mas suas mãos pressionam com mais força contra os meus lados, me ancorando no lugar. Depois de um momento, ele deixa cair os braços e dá um passo para trás, voltando-se para sua moto. Meus joelhos ameaçam desmoronar debaixo de mim, mas eu seguro rápido e firme, me forçando a não parecer afetada. Por dentro, porém, meus nervos estão em alerta vermelho.

Eu me sinto viva. Como os momentos antes de uma luta. Exceto que não espero me defender contra Dean da mesma maneira. Ele é astuto, ardiloso. Cruel. Observo seus movimentos com cuidado enquanto ele caminha até a moto e levanta uma perna sobre o assento antes de se abaixar e recuperar o capacete que eu descuidadamente deixei cair ao lado dele, sem me importar que provavelmente custasse várias centenas de dólares.

“Você nunca me disse o que quis dizer com o que disse.” Eu digo enquanto dou um passo em direção a ele.

Ele levanta o capacete na minha direção enquanto desliza os óculos de volta sobre os olhos. “Acho que você vai descobrir, não é?” O idiota comenta sem remorso.

Eu zombo dele, espreitando para frente e arrancando o capacete de suas mãos. “Este será o seu único aviso, Dean Carter,” declaro.

Ele se inclina para trás e desliza ambas as mãos em seu cabelo, puxando as mechas para trás de seu rosto para que eu possa vê-lo claramente - cada centímetro esculpido e com a barba por fazer dele. “Sim?” Ele sorri.

Eu franzo a testa e me inclino em seu rosto enquanto agarro o capacete. “Você fode comigo e eu vou foder com você dez vezes mais forte,” eu assobio.

Seus lábios se abrem, sua língua saindo para deslizar pelo lábio inferior enquanto ele mostra os dentes. “Estou ansioso por isso, Avalon. Se alguém pode me levar, eu quero ver se é você.”

Ele está brincando comigo. Ele tem que estar. Mas não dou a ele a satisfação de uma resposta. Ele pode dar a última palavra, se quiser. Eu dei a ele um aviso justo. Empurrando minha cabeça para trás no capacete, eu o coloco e subo na parte de trás de sua moto enquanto ela ruge de volta à vida.

“Não se esqueça de segurar,” diz ele. “Temos uma viagem longa de volta.”

Dean não pode ver o olhar furioso enquanto minhas mãos encontram as laterais de seu abdômen. Por puro rancor, afundo minhas unhas nele, sorrindo quando ele grunhe.

Essa pequena vitória dura pouco quando ele se inclina para trás e fala novamente. “Fique com raiva o quanto quiser, baby,” diz ele. “Basta lembrar que eu também dou o melhor que recebo.”

Meu aperto afrouxa, mas por pouco tempo, conforme decolamos e eu volto, querendo ver o oceano uma última vez - a única coisa boa que saiu desta noite. Em vez disso, tudo o que vejo é o brilho vermelho da luz traseira na calçada abaixo de nós, como um olho feio observando cada movimento nosso. Toda a onda de adrenalina escapou de mim em poucas horas, quando geralmente leva dias ou talvez até semanas para a necessidade de voltar a crescer.

Dean não é bom para mim, mas meu único consolo é o fato de que também não sou boa para ele. Se ele tentar me derrubar completamente, ele se encontrará um rei sem trono.

# 33

## Avalon

Dean Carter é a prova de que nem todos os demônios vivem no inferno. Alguns deles caminham entre nós. Ele certamente anda. Com a cabeça erguida e um sorriso eterno no rosto, como se ele não pudesse deixar de rir do resto do mundo. Isso me irrita.

Depois de nossa pequena incursão no armazém e o passeio da meia-noite, estou pronta para apenas tentar e voltar ao cronograma normal no dia seguinte, quando eu entrar na aula. Mas todas as minhas boas intenções viram fumaça quando vejo o objeto de minha irritação e ódio persistente sentado em meu assento.

A garota atrás de mim bate nas minhas costas quando eu paro inesperadamente perto da porta, fazendo-me cerrar os dentes quando ela acidentalmente atinge alguns dos hematomas remanescentes da noite anterior.

“Ugh, cuidado,” ela resmunga.

Eu não penso, apenas me viro e a encara com um olhar feroz. “Porra, preste atenção, vadia,” eu retruco. Hoje não é dia para foder comigo.

Ela zomba, mas vira a cabeça enquanto desliza em torno de mim e se apressa para seu assento. Abel levanta os olhos de seu lugar e acena para mim. Eu o ignoro, subindo dois degraus de cada vez enquanto subo para os assentos agora desocupados que eles estão usando desde que foram transferidos para esta classe. Os que costumavam me vigiar de longe. Posso sentir os olhos de Dean me seguindo.

Eu bato minha bolsa no assento vazio, respiro fundo e solto antes de deslizar para a cadeira e deixar cair minha merda aos meus pés.

*Eles estão apenas tentando provocar uma reação em mim,* digo a mim mesma. *Fique calma.*

Isso, claro, é mais fácil dizer do que fazer quando, dois minutos depois, eu vejo os três empacotando suas coisas e vindo para mim. Eu endureço quando Braxton cai na cadeira no final da minha fileira. Meus dedos se contorcem em direção à minha bolsa, mas não tenho a chance de evitá-los porque, no instante seguinte, Abel pula pela fileira em frente àquela em que estou sentada no momento, coloca as mãos sobre a mesa e levanta ele mesmo para cima e para o outro lado, me bloqueando de sair.

Eu viro os olhos acusadores para Dean, que fica atrás de Brax com seu sorriso estúpido.

“Que porra você pensa que está fazendo?” Eu exijo.

Os olhos de Dean caem para Brax, que se levanta e passa por mim, colocando a mão no meu ombro enquanto vai. Eu encolho os ombros com um bufo irritado antes de retornar minha carranca para o homem que ainda está de pé no final da fileira como se ele fosse o dono do lugar. Quero dizer, ele quer, mas ele tem que ser tão presunçoso sobre isso?

Como na noite anterior, as mãos de Dean descem e me prendem, uma nas costas da minha cadeira e a outra na mesa na minha frente. Ele se inclina para perto, minha visão completamente tomada por seu peito e a corrente pendurada na frente da camiseta larga que ele usa.

“Eu disse a você,” diz ele, sussurrando as palavras para que só eu possa ouvir. Um estremecimento ameaça me ultrapassar. Eu empurro para baixo e levanto meu queixo enquanto ele continua. “Vou ficar de olho em você, Avalon. Considere-me seu novo melhor amigo, porque vamos passar muito tempo juntos.”

Eu recuo. “Com licença?” Ele não pode dizer o que eu acho que ele quis dizer. “Você não está falando sério.”

“Oh, estou falando sério, baby.” Ele lambe os lábios, puxando meus olhos de volta para sua boca masculina. Um lampejo de prata entre seus lábios me assusta. Como diabos eu nunca percebi isso antes?

“Você vai se arrepender disso,” eu digo distraidamente, observando sua boca ainda mais fixamente, tentando ver o piercing novamente.

“Este é um novo tipo de bloqueio,” diz ele em resposta. Seu hálito cheira a hortelã e mentol. Isso me faz querer um cigarro pra caralho, só para dar uma tragada e soprar na cara dele. “É você e eu, Ava.” Seus olhos perfuraram em mim, os diferentes tons de marrom e vermelho em suas profundidades hipnotizantes. “E quando não sou eu, é você e eles.” Ele acena com a cabeça atrás de mim, se referindo a Abel e Brax.

“Por que?” Eu deixo escapar. Não faz sentido. “Por que eu?”

Ele cantarola baixo em sua garganta. Olhos nos observam. Eu não sei se são apenas os outros caras ou se é a classe toda e eu não consigo desviar meu olhar de Dean para descobrir. “Eu não sei,” ele admite, estendendo a mão e levantando uma mecha de cabelo do meu ombro e alisando a ponta do dedo sobre os fios individuais. “Talvez porque você seja especial, baby.” Ele sorri. “E você simplesmente não sabe ainda.”

Eu puxo minha cabeça para trás, puxando meu cabelo com ela. Ele solta a mecha de cabelo com bastante facilidade e, em seguida, desliza para sua cadeira quando o professor entra e a aula começa.

Fico furiosa pela próxima hora e meia que estou presa na sala com eles. O professor repassa o material, sua expressão incomumente atenta nem mesmo se preocupando em esconder sua curiosidade quando vê de relance os Sick Boys e eu bem no meio de todos os três. Meu aborrecimento se intensifica em raiva. Ele está me provocando. Me empurrando. Querendo ver o que vou fazer, como vou reagir.

Dando uma olhada no homem em questão com o canto do olho, eu o observo em silêncio. Sua cabeça está voltada para a frente como se este fosse apenas mais um dia de aula. No entanto, seu corpo está de frente para mim enquanto ele se senta de

lado em seu assento, como se ele estivesse bloqueando sem pensar a rota de saída com sua forma maciça. Eu me pergunto se ele mesmo percebe o que está fazendo.

Quando o período de aula termina e o professor nos dispensa, seus olhos ainda saltando para nós a cada poucos segundos, eu rapidamente pego minha bolsa e tento abrir caminho para fora do lado oposto da fileira. Eu prefiro enfrentar Braxton e Abel do que Dean.

Eles não me impedem, mas o tom de barítono profundo de Dean faz quando ele fala atrás de mim. “Seja boazinha, baby,” ele diz alto o suficiente para que toda a classe ouça.

Se havia alguma dúvida sobre a atenção que ele atraiu para mim, essa declaração é o prego final em meu caixão. Minhas pernas reiniciam e eu saio da sala. Estou tão furiosa ao sair do prédio que nem percebo que tenho uma sombra até que viro uma esquina e o vejo atrás de mim.

“Jesus, porra!” Eu grito, me virando para ele. “Você me assustou pra caralho.”

Braxton balança em seus pés, com as mãos nos bolsos - e nenhuma mochila de qualquer tipo, eu noto. “Desculpe?” Ele sorri para mim.

Minhas sobrancelhas abaixam enquanto eu o encaro por um momento. “Como diabos alguém tão grande como você pode não fazer barulho?” Eu me pego perguntando.

Seus ombros levantam em um encolher de ombros, aquele sorriso permanecendo no lugar. “Por que você está me seguindo?” Exijo depois dessa não resposta.

“Só estou indo para a aula, sua selvagem,” diz ele, aquele apelido me lembrando de sua reação à minha luta. Ele, pelo menos, não tinha agido como um idiota crescido demais.

Virando-me abruptamente, começo na direção oposta da minha próxima aula, gritando por cima do ombro enquanto digo: “Divirta-se! Estou pulando hoje.”

Nem mesmo um minuto se passa e ele está de volta ao meu lado, caminhando junto comigo. Eu paro no meio da calçada, meus punhos abrindo e fechando ao meu lado. “Você não me ouviu?” Eu pergunto. “Eu disse que vou pular.”

“Eu te ouvi.” Ele concorda. “E se você está pulando, então eu também estou.”

“Que porra é essa, Brax?” Eu exijo. “Você é o cachorrinho de Dean agora?”

Braxton levanta uma mão dos bolsos e coça a parte de trás de seu cabelo escuro como tinta; uma onda mole cai sobre uma sobrancelha enquanto ele inclina a cabeça para o lado. “Você ouviu o homem, Ava,” diz ele levemente. “Você está em bloqueio.”

“Então?” Eu gesticulo entre nós. “Este não é seu bloqueio normal. Eu já estive em bloqueio antes. Apenas me coloque nisso novamente e me deixe em paz. Isso não é necessário.”

Brax abaixa a mão. “Se Dean diz que é, é,” é tudo o que ele diz em resposta.

Eu inalo pelo nariz até doer e solto um grito curto e frustrado. Olhando ao redor, eu não paro de andar até estar na frente do prédio para a minha próxima aula. “Isso é ridículo pra caralho,” eu comento enquanto Braxton para ao meu lado.

“Quer meu conselho?” Ele pergunta.

Eu inclino minha cabeça para trás e olho para ele, todos os seus um metro e oitenta. “Tudo bem,” eu bufo, “apenas cuspa.”

“Aceite,” diz ele, fazendo meu lábio se curvar em desdém. Ele ri. “Estou falando sério,” ele continua. “Você não vai fazer ele parar de lutar contra isso. Apenas deixe-o sentir que está no controle e ele vai deixar você ter um pouco de liberdade.”

Minha cabeça rola para trás e meus olhos se voltam do rosto de Brax para o céu. Lentamente, com grande esforço e muita respiração, deixei a tensão escoar do meu corpo. “Ele não pode me controlar, Brax,” eu digo. “Ele pode controlar tudo e todos, mas ninguém me controla.”

“Eu não sei por que você simplesmente não deixa,” ele responde enquanto dá um passo à frente, caminhando os dez passos necessários para chegar à entrada. Ele alcança a maçaneta e segura a porta para mim. “Quem sabe? Você pode gostar.”

“Isso não é apenas duvidoso,” digo, dando um passo em sua direção enquanto atravesso e entro no interior mais frio, “é fodidamente impossível.”

# 34

## Avalon

Assassinato. Estou honestamente considerando isso. Como cometê-lo e como escapar impune.

“Com raiva de alguma coisa, princesa?” Abel zomba enquanto caminha atrás de mim. Eu cerro os dentes e o ignoro, mas ele não parece se importar muito. Ele continua falando. “Eu avisei você,” ele continua. “Mas você não ouviu.”

“Você nunca disse que ele se tornaria tão obsessivo,” retruco, incapaz de me conter.

Abel caminha para frente, suas pernas mais longas facilmente ultrapassando as minhas, embora eu esteja andando o mais rápido que posso sem sair correndo. Ele sorri para mim e isso só me faz querer dar um soco na cara dele. “Ninguém poderia ter previsto *isso*,” ele responde, “mas você realmente só pode culpar a si mesma. Se não fosse assim...”

Eu paro e me viro para ele, fazendo-o parar também ou arriscar bater em mim. “Se eu não fosse, e *então*?” Eu desafio, veneno em meu tom.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. “Nada, deixa para lá,” diz ele, ainda sorrindo. “Apenas finja que nem estou aqui.”

Eu bufo e me viro, subindo os degraus do prédio de escritórios. “No que me diz respeito,” murmuro. “Você não deveria estar.”

Entramos no prédio e subimos pelo elevador. As portas se abrem quando chegamos ao andar da Sra. Bairns e eu saio e passo furioso pela longa fila de retratos elaborados. Por alguma razão, hoje eles parecem que também estão olhando presunçosamente para mim. Como da última vez, a porta de Bairns está entreaberta.

Eu nem bato, eu apenas empurro, fazendo a própria mulher se assustar quando ela deixa cair um maço de papéis. Eles caem, espalhando-se sobre a mesa dela.

"Avalon!" Ela se levanta para me dar as boas-vindas, mas congela no meio do caminho para fora de seu assento quando minha sombra empurra a porta ainda mais e entra. A Sra. B parece se pegar olhando e rapidamente se livra da surpresa. "B-bem-vinda," ela gagueja, jogando a mão em direção às cadeiras em frente à sua mesa. "Você não quer se sentar?"

Eu caio em uma das cadeiras estofadas e cruzo os braços sobre o peito enquanto me inclino para trás e olho por cima da cabeça dela. Ela retoma seu assento, os olhos disparando para Abel. Previsivelmente, ela não pede a ele para ir embora. Afinal, Abel é praticamente filho de seus patrões. Porra de gente rica.

"Obrigada por ter vindo," a Sra. Bairns começa quando ela começa a empilhar novamente os papéis que ela deixou cair e embaralha alguns deles para o lado. "Fiquei preocupada quando você não apareceu para sua última consulta, mas estou feliz que você esteja aqui agora."

Eu não comento, e ela suspira enquanto puxa uma pequena pasta de debaixo da bagunça, mesmo enquanto ela continua a tentar arrumar. "Ok, bem, vamos apenas prosseguir e pular nisso, vamos?" Desta vez, ela é inteligente o suficiente para não esperar uma resposta. A única razão de eu estar aqui hoje é porque seu último e-mail tinha um tom mais desesperador em relação à possibilidade de eu conseguir uma bolsa de estudos. Sinceramente, estou apenas esperando que ela traga isso à tona novamente. Meus olhos cortaram para Abel. Eu me pergunto se ela vai com ele na sala.

"Estou preocupada com algumas aulas perdidas," afirma a Sra. B, olhando do arquivo em sua mão para mim. "Como você está? Se ajustando bem?"

"Tudo está *ótimo*," eu digo sarcasticamente, lançando um olhar furioso para Abel enquanto faço isso. O canto de sua boca sobe, mas além daquele pequeno movimento, é como se ele estivesse fingindo que nem mesmo está aqui. Deus, eu

realmente queria que isso fosse verdade. Estou ficando cansada de sentir que constantemente tenho um cão de guarda comigo o tempo todo.

"Certo." A Sra. B ignora meu tom e continua. "Bem, devo dizer que, apesar das poucas faltas - suas notas são impecáveis. Não estou surpresa. Eu tinha certeza de que você seria capaz de se adaptar bem às expectativas acadêmicas aqui." Ela me lança um sorriso radiante, mas sinto vontade de fazer qualquer coisa, menos sorrir de volta.

"É isso?" Eu pergunto. "Você queria perguntar sobre as faltas e me contar sobre minhas notas?"

O sorriso da Sra. Bairns diminui e, mais uma vez, seus olhos se voltam para o homem sentado à minha direita. Ela limpa a garganta. "Na verdade, não, eu queria saber se você teve a chance de pensar mais sobre aquela proposta que mencionei antes," diz ela, baixando a voz e se inclinando para frente.

Meus lábios se pressionam enquanto viro minha cabeça para o lado, evitando seu olhar enquanto examino a sala. Estantes do chão ao teto repletas de volumes que parecem ter estado lá desde a construção deste edifício. A poeira cobre a frente das prateleiras, me dizendo que elas estão lá apenas para decoração. Que pena.

"Ainda estou pensando," digo depois de um longo momento.

"Sinceramente, acho que seria uma grande oportunidade para você, Avalon," pressiona a Sra. B.

Quando eu olho para ela, noto que a cabeça de Abel está voltada para mim. Oh, ele finge que está olhando para a estante exatamente como eu, mas a cada poucos segundos, seus olhos se voltam para a Sra. B e depois para mim. Na segunda passagem, ele percebe que estou olhando para ele e nossos olhos se encontram. Eu os mantenho assim enquanto respondo às palavras da Sra. Bairns.

"Eu disse que ainda estou pensando," digo. "Eu não tomei uma decisão ainda."

"Mas você promete dar uma consideração cuidadosa?"

Abel arqueia uma sobrancelha para mim. Eu balanço minha cabeça e puxo minha atenção para longe, nivelando-a de volta para ela. “Sim, claro.” Eu me levanto da cadeira. “Terminamos?”

“Hum...” Sra. B se apressa para se levantar de sua cadeira enquanto eu não espero ela responder, ao invés disso, escolho passar por Abel e seguir em direção à porta. “Ok, bem, não se esqueça, eu não vou te ver até depois das férias de primavera, Avalon!”

Eu saio da sala, Abel se levantando e me seguindo enquanto eu alcanço o corredor e passo pelos retratos mais uma vez. Chegando ao elevador, aperto meu dedo contra o botão antes de me virar, pronta para dar a Abel um pedaço da minha mente por ser um idiota tão intrusivo quando o encontro parado na frente de um dos muitos retratos. Não é o olhar de concentração em seu rosto, mas o ódio puro e vil que vejo em seus olhos que me impede.

Sem nem mesmo pensar sobre isso, viro minha cabeça, me perguntando o que diabos poderia provocar tal reação. O retrato que ele está diante é um dos mais recentes. Um homem alto com cabelo louro-claro semelhante ao seu está ali, vestido com um terno que parece moldado ao corpo esguio do homem. Há uma beleza cruel na imagem diante de nós. Uma frieza nos olhos do homem fala de algo mais escuro por baixo do tecido que usa e das pinceladas que o pintam.

“Abel?” O elevador apita assim que eu digo seu nome e ele se afasta da pintura, indo direto para as portas enquanto elas se abrem para revelar um compartimento vazio.

Não tenho a chance de perguntar a ele o que foi isso porque, no segundo em que as portas se fecham, Abel se vira para mim. “De que oportunidade ela estava falando?” Ele exige.

Uma carranca se forma em meus lábios. “Por que você precisa saber?” Seu olhar nunca vacila e eu rosno. “Não é nada. Apenas uma bolsa de estudos para vir para Eastpoint como aluna oficial, em vez de aluna do programa.”

Ele pisca e depois afunda de volta contra a parede de trás com um aceno de cabeça. “Oh, tudo bem,” diz ele.

Eu olho para ele. “É isso?”

Abel espera até que as portas se abram novamente e saímos em direção à saída. “Você vai aceitar,” é tudo o que ele diz.

Meus pés param na beira da escada e ele continua andando, parando apenas quando percebe que não estou com ele. O cabelo de Abel desliza pelo topo de suas orelhas enquanto ele gira de volta para mim com uma sobrancelha arqueada. O sol brilha, mais quente do que nas últimas semanas. Isso penetra em minha pele e me faz sentir como se estivesse queimando tanto por fora quanto por dentro.

“O que te faz pensar que vou aceitar?” Eu pergunto quando finalmente consigo sua atenção.

Ele encolhe os ombros. “Você é uma garota esperta,” ele me diz. “É um bom negócio para uma garota como você.”

Eu desço um passo. “Uma garota como eu?” Repito suas palavras com um aceno de cabeça. “Você pensaria isso, não é?”

“Estou errado?” Ele pergunta.

Se a pobreza fosse tudo o que me tornava, não, ele não estaria. Mas eu era mais do que pobreza. Sangue, suor e mãos cobertas de sujeira me alcançando lampejos na frente do meu campo de visão, interrompendo minha realidade atual. Lembro-me da memória que tive da última vez que fui mergulhar no penhasco. Não foi a última tentativa de minha mãe de me vender... apenas a primeira. Eu engulo uma garganta repentinamente seca.

“A bolsa vem com cordas,” eu digo. “Eu não gosto de seguir as regras de outras pessoas.”

Um sorriso amargo se espalha pelos lábios de Abel, esticando-os incrivelmente apertados. Tão apertado que quase espero que a pele se abra e o sangue escorra por

seus dentes e queixo. É uma expressão bárbara. Uma que não estou acostumada a ver nele.

"Tudo vem com cordas," diz ele, sua voz diferente daquela com a qual estou familiarizado. Mais profunda. Mais escura. A clareza em seus olhos desaparece como se ele estivesse olhando para uma distância muito distante. "Você pode pensar que o dinheiro a liberta de algumas coisas, e talvez sim, mas ele a amarra de outras maneiras." Uma de suas mãos sobe e descansa contra seu peito como se ele estivesse acariciando algo sob sua camisa. Eu desço mais um passo até que estou muito mais perto dele e pego um vislumbre do contorno de algo pendurado em seu pescoço, quase escondido pela gola redonda de sua camiseta.

"O dinheiro pode te dar poder, mas até mesmo o poder vem com cordas amarradas," ele continua naquele tom vazio. "Irrite as pessoas erradas, dê o passo errado, confie nos amigos errados - e de repente todo esse dinheiro e poder podem desaparecer em um piscar de olhos. O dinheiro traz miséria. O poder não traz nada além de derramamento de sangue."

Com aquele último comentário, seus olhos clareiam e ele parece perceber onde está enquanto eu fico lá, olhando para ele com curiosidade, me perguntando de onde isso veio. Eu não digo nada e ele não oferece nenhuma explicação.

Em vez disso, nós dois seguimos em direção ao meu dormitório e, quando chegamos lá, ele me deixou na porta sem dizer mais nada.

# 35

## Avalon

Não recebo tanta atenção... bem, nunca recebo tanta atenção. Nunca. A princípio, acho que é por minha causa, mas, à medida que suas tendências perseguidoras se tornam a norma na semana seguinte ou depois, começo a perceber que elas atraem naturalmente o foco das pessoas. Os olhos os seguem aonde quer que vão. As meninas saem de seu caminho para tentar capturar seus olhos. Caras sempre levantam as mãos em saudação. É como se todo mundo quisesse conhecê-los ou quisesse ser conhecido por eles e eles levassem isso na esportiva, como se isso fosse algo com que cresceram durante toda a vida. Para mim, é apenas mais uma diferença entre nós. Embora eles possam estar acostumados a serem vistos, estou acostumada a ser invisível e não gosto do meu novo status.

"Oi, Avalon!" Eu quase salto para fora da minha pele quando uma garota desconhecida andando pelo corredor em Havers me chama, acenando com a mão.

Olhando por cima do ombro, eu faço uma carranca para ela e empurro meu caminho para o quarto do dormitório onde Rylie, felizmente, não está. Já bebi demais, decido. Eu preciso de outra distração. Uma pausa deste lugar.

Eu olho para o relógio e percebo que só tenho mais algumas horas para fazer isso. Os ônibus em Eastpoint tendem a parar de circular por volta das nove, então, se eu quiser chegar ao lago, tenho que colocar minha bunda em marcha. Jogando fora minha bolsa de material escolar, coloco uma nova muda de roupa e algumas outras coisas antes de colocar o único maiô que tenho - um símbolo dos achados e perdidos de uma de minhas antigas escolas. Muita gente não gosta de reaproveitar maiôs, mas para uma garota como eu vale isso ou nada.

Eu amarro a blusa em volta do meu pescoço que, para ser honesta, é um pouco pequena demais antes de pegar uma camiseta longa que mais parece um vestido do que apenas uma camisa e coloco sobre a minha cabeça. Todo o meu corpo se anima, meus passos parecem mais leves e mais enérgicos enquanto corro para me preparar. É como se pudesse sentir fisicamente a liberação que estamos prestes a obter.

Empurrando meus braços pelas alças da minha mochila, eu aperto com força e saio do quarto, descendo as escadas de dois em dois, segurando no corrimão para que eu não escorregue e caia voando. Quando eu chego ao final, eu praticamente salto dos últimos três enquanto faço um caminho mais curto para a entrada da frente. Quase tropeço em meus próprios pés e caio em uma pilha quando, quando empurro as portas duplas, uma figura alta se vira para mim com expectativa, um telefone pressionado ao lado de sua cabeça.

“Sim, estarei lá. Tenho que ir.”

Eu me endireito e olho para ele. “Você está brincando comigo?” Eu estalo. “Você literalmente fica do lado de fora do meu dormitório o dia todo, esperando por mim?”

Dean arqueia uma sobrancelha e me encara enquanto enfia o telefone de volta no bolso. Por um momento, ele não diz nada, mas em vez disso, permite que seus olhos percorram meu corpo com curiosidade. Ele não respondeu minha pergunta. “Você não pode usar isso,” diz ele. “Volte e se troque, nós vamos para uma festa.”

“Não apenas não, mas fodidamente não,” digo a ele, cruzando os braços sobre o peito. “Eu já tenho planos.”

Ele encolhe os ombros como se minhas palavras fossem um mero inconveniente. “Não importa. Eles apenas mudaram.”

“Não mudaram.” Eu passo por ele.

“Quais são esses seus planos?” Ele pergunta, me seguindo.

“Não é da sua conta,” eu respondo.

Assim como Abel, ele não encontra problemas para acompanhar meu ritmo. “Se você não me disser...” aquele tom de barítono profundo desliza sobre meus sentidos

como pornografia audível e me faz querer esfaquear meus próprios tímpanos apenas para retirar um pouco do poder que ele roubou de mim, “então eu vou apenas supor que você queira ir a esta festa e eu carregarei sua bunda lá como está.”

Eu paro na beira da calçada. “Por que?” Eu exijo.

Seus lábios se curvaram em uma carranca. “Como assim por quê?”

“Por que você quer que eu vá a uma festa idiota?” Eu pergunto.

“Você está em bloqueio e, portanto, aonde eu for, você vai.”

Meus olhos rolam para trás em minha cabeça e eu bufo, dando mais alguns passos para longe. “Basta ir com os caras.”

“Eles já estão indo.” Ele estende a mão e me agarra, interrompendo qualquer movimento adicional. “Acredite em mim, se eu não tivesse que ir, eu não iria.”

Eu debato o que fazer. Eu ainda poderia tentar me soltar e fugir, mas a probabilidade está diminuindo a cada segundo. Alguns caras são mais fortes do que parecem e, no caso de Dean, ele parece e age tão forte quanto realmente é. Os dedos circulando meu braço se contraem enquanto ele espera que eu tome minha decisão.

“Vamos fazer um acordo,” sugiro em vez disso. “Você me leva aonde eu preciso ir, sem fazer perguntas, e eu irei à sua festa idiota com você.”

Seus olhos escuros se estreitam em mim como se pressentissem uma fraqueza ou uma mentira. “Por que?” Ele exige, seu aperto se tornando extremamente forte.

Eu olho para ele. “Eu disse sem perguntas,” eu estalo. “Mas eu prometo ir à sua festa idiota da faculdade, contanto que você cumpra sua parte no trato.”

“Eu não disse sem mais pechinchas,” diz ele, mas seu aperto afrouxa um pouco e ele não parece mais tão desconfiado. Na verdade, ele parece curioso.

Uma parte de mim quer saber o que diabos estou pensando. O lago é um dos únicos lugares secretos que é só meu. Ele sabe onde eu moro. Ele conhece todas as aulas que eu assisto - inferno, se ele não está nelas, então um dos outros está. Ele tem minha agenda reduzida a uma ciência e está constantemente me seguindo e me

guiando onde ele quer que eu esteja. O lago deveria ser *meu*. No entanto, o pensamento de deixá-lo ir, de deixá-lo ver esse lado meu não deixa um gosto ruim na minha boca como eu esperava.

"É isso ou eu luto com você a cada passo do caminho," comento.

Quando seus olhos percorrem meu rosto pela segunda vez, eu o deixo ver a verdade da minha declaração. Ele pode ser controlador, mas eu posso ser teimosa. Seus lábios se torcem e ele pensa por um momento. Finalmente, ele solta o braço do meu completamente, esfregando a mão pelo rosto enquanto geme. "Foda-se," ele murmura. "Tudo bem. Vamos."

E a emoção está de volta.

Não hesito em segui-lo enquanto ele me leva para o lado da rua onde sua motocicleta está estacionada sob a grande copa de uma árvore de bordo vermelho. "Para onde estou indo?" Ele pergunta.

Em vez de dizer a ele, exijo seu telefone e sorrio quando ele faz uma carranca para mim enquanto o desliza de volta para fora do bolso e o entrega. É um modelo mais novo, a tela perfeita e sem rachaduras. Demoro um pouco para descobrir como usá-lo, mas assim que o faço, encontro o aplicativo de mapas e ligo as coordenadas antes de devolvê-lo.

"É para lá que estamos indo," digo.

Dean vira e fixa o telefone na frente de sua moto para que ele possa seguir a pequena seta azul enquanto dirige. Uma perna forte desliza sobre o assento e ele se acomoda, pegando o capacete. Ele me entrega um e eu paro quando ele levanta um segundo e o desliza sobre sua cabeça, colocando a tira de queixo no lugar antes de sair da vaga de estacionamento e ligar o motor. Ele trouxe dois capacetes desta vez...

Não sei por que esse pensamento permanece em minha mente. Se ele quer que eu vá a uma festa idiota e veio me buscar, faz sentido. Ao mesmo tempo, porém... Viro o capacete na mão, percebendo que - ao contrário do que ele usa agora - está intacto e imaculado, como se ele tivesse acabado de comprá-lo.

“Você está vindo?” Sua voz é abafada pelo plástico cobrindo seu rosto e pelo rugido do motor, mas ainda me tira dos meus pensamentos e eu aceno, enfiando a cabeça dentro do capacete fresco e cheiroso e afivelando-o antes de passar a perna por cima da parte de trás de sua bicicleta.

Eu me pressiono contra as costas de Dean e fecho os olhos enquanto ele pressiona o acelerador e, juntos, nós dois disparamos para frente, deslizando perigosamente pela calçada. Sempre que estou perto dele, minha adrenalina parece estar sempre presente. Como se ela sentisse algo mais no homem à minha frente que ainda não vi.

Isso me deixa curiosa e isso é perigoso.

Dean não diz uma palavra enquanto estaciona a motocicleta e me deixa escorregar da parte de trás. Espero que ele desligue o motor, guarde os capacetes e coloque as chaves no bolso para que possamos subir o caminho que leva à saliência aberta com vista para o lago.

Embora seja apenas minha segunda vez aqui, lembro-me bem do caminho. Ele segue atrás de mim, pela primeira vez, me deixando assumir a liderança. Eu posso sentir sua curiosidade, mas ele não faz perguntas, deixando a paz dos sons de insetos gritando e animais correndo em volta da vegetação rasteira. No meio do caminho, eu paro e fico olhando através de um bosque de árvores para a superfície verde musgosa do lago abaixo.

“Sabe,” eu me pego dizendo, “quando eu era criança, não tínhamos lugares como este. Não na minha cidade natal. Tínhamos árvores e algumas montanhas, mas não havia lagos onde eu estava.”

Dean dá um passo mais perto de mim, levantando a cabeça enquanto segue meu olhar.

Eu me viro e começo a escalar novamente, continuando enquanto caminho, mantendo meus olhos no chão na frente dos meus sapatos. “Havia um velho que trabalhava na escola primária,” começo. “Acho que ele era zelador ou algo assim. Ele trabalhava para a escola e para a igreja local, mas no verão ele dirigia até o oceano - ficava a apenas algumas horas de distância - e ficava com seu irmão para dar aulas de mergulho em auto mar.”

“Você o conhecia bem?” A pergunta de Dean me assusta.

Eu mordo meu lábio antes de responder. “Eu não o conhecia,” eu admito. “Eu só sei de tudo isso porque quando eu estava na segunda série, houve um grande anúncio sobre a morte de um funcionário. Eles distribuíram alguns papéis na aula e eu li seu obituário. Algo aconteceu durante uma de suas últimas aulas e ele foi pego debaixo d'água e ele se afogou.”

Chegamos à borda. “O que isso tem a ver com a nossa presença aqui?” A voz de Dean se aprofunda quando eu largo minha bolsa e tiro meus sapatos. O sol se põe abaixo da linha das árvores, mas o céu permanece inundado com tons de vermelhos, amarelos e laranjas. “Ava?”

“Você pode imaginar?” Eu pergunto, olhando para o espaço aberto que a saliência nos apresenta.

“Imaginar o quê?”

Eu tiro minhas roupas até estar vestida com nada além de um maiô de segunda mão usado e mal ajustado. Os olhos de Dean rastreiam meus movimentos enquanto eu dou um passo em direção à borda. Eu meio que espero que ele me alcance, mas ele não parece surpreso.

Afastando-me da água abaixo, eu o enfrento com um sorriso. “Você consegue imaginar a emoção que ele deve ter sentido antes de morrer?”

“Duvido que ele sentisse qualquer tipo de emoção,” Dean responde baixinho, sem inflexão em sua voz. “A maioria das pessoas não fica animada com a perspectiva de morrer.”

Meus olhos encontram o chão mais uma vez quando um sorriso surge em meus lábios. Ele tem razão. *A maioria das pessoas* não ficam. “Acho que não sou a maioria das pessoas,” digo, antes de me virar e dar um passo mais perto da borda.

“Avalon...” Seu tom é um aviso, mas eu não me importo. “O que você está fazendo?”

Eu rio, abrindo meus braços. “É chamado de mergulho do penhasco,” eu digo. Uma pedrinha desliza para fora de meus pés descalços e desce pela lateral da saliência até cair na água, causando uma onda de estremecimento sobre a superfície antes lisa.

“Por que você faz isso?” Ele pergunta.

Eu faço uma pausa. *Por* que *eu faço isso?* Pela emoção, é claro. Pela sensação de estar no controle de mim mesma quando o perigo está tão próximo. Eu gosto disso - traçar aquela linha tênue entre sanidade e insanidade. Um deslize errado pode me custar. Ainda assim, continuo voltando porque gosto da sensação de meu corpo se rebelando contra minha mente e sabendo que tem que fazer o que eu digo de qualquer maneira. O suor que cobre minha pele. O batimento cardíaco acelerado no meu peito. Ele luta de volta com tudo que tem e, no entanto, nada pode pará-lo, exceto eu. *Eu sou* a única no controle. Controle que cedi repetidas vezes - aos funcionários da escola, às porras das Patricias do mundo, os Rogers e até... admito... os Sick Boys.

Eles têm todo o poder. Eles têm toda a autoridade. Onde eu não tenho nenhum.

Mas aqui. Aqui sou eu. Ninguém pode controlar as coisas que faço a mim mesma, exceto eu. Nem mesmo meu próprio corpo pode me impedir.

“É perigoso,” diz Dean, me trazendo de volta ao presente.

“Eu sei.” Eu me ouço falar como se as palavras estivessem descendo por um longo túnel escuro. Meus pés se movem embaixo de mim quando me viro para encará-lo. Suas sobrancelhas estão franzidas e ao contrário de antes, ele agora parece que está a meio segundo de me agarrar.

Os olhos castanhos escuros saltam de onde meus pés estão, com os calcanhares já meio fora da borda, para o meu rosto. “Tem certeza de que sabe o que está fazendo?” Ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça. “Se eu tivesse, onde estaria a diversão nisso?”

“Aval...”

Eu não ouço o resto do que ele está prestes a dizer por que, sem nem um segundo para pensar, eu empurro e salto para trás, me enviando voando pela borda. O vento chicoteia meu cabelo, enviando tudo para a frente, atingindo meu rosto e obscurecendo minha visão. *Eu deveria ter saltado para frente,* penso distraidamente, mas então, em um breve momento - meu cabelo se parte e posso ver o céu derretido acima.

Parece uma cascata de fogo sobre o oceano. E por uma fração de segundo, o desconforto das mechas do meu cabelo comprido que eu tinha esquecido de puxar para trás antes de pular é esquecido. Então eu bato na água e a escuridão me engole.

# 36

## *Dean*

Eu não preciso ler a porra do arquivo dela para saber que Avalon Manning está fodida. Tudo que eu preciso fazer é vê-la como ela está agora.

Pela primeira vez, seus olhos estão claros e sem nuvens de pensamentos ou ações. Ela simplesmente fica lá, balançando para frente e para trás como se estivesse dançando uma música que só ela pode ouvir. Não sei se ela ainda percebe. Digo a mim mesmo para agir com calma, para manter minhas mãos abaixadas e não mostrar a ela o quão fodidamente apavorado ela está me deixando.

Eu sei que ela tem uma tendência para comportamentos imprudentes. Isso *estava* no arquivo. Eu nunca esperei experimentar isso em primeira mão, no entanto. “Tem certeza de que sabe o que está fazendo?” Eu pergunto, controlando meus nervos.

Sua cabeça gira de um lado para o outro, mais daquela ondulação ondulante por seu corpo. Eu pisco, percebendo o quanto eu posso realmente ver. Porra, ela tem curvas. Seu abdômen é quase completamente plano - não seria pelas rugas ao longo de cada lado de seu estômago e pela pequena protuberância logo acima da linha do biquíni. Sua blusa está apertada contra seu corpo, dois pequenos triângulos de tecido que ficam entre meus olhos e aqueles seios.

Quando ela levanta a cabeça, no entanto, e sorri para mim, todos os meus pensamentos sobre seu corpo quente e fumegante desaparecem. “Onde estaria a diversão nisso?” Ela me pergunta.

*Porra, ela vai...* “Aval...” Eu nem mesmo digo o nome dela completamente antes que ela pule.

Eu corro para frente, saltando em direção à borda para olhar, observando enquanto ela cai pelo comprimento de pelo menos metade de um maldito campo de

futebol nas profundezas tenebrosas abaixo. Seu corpo bate e uma onda de água sai voando. Eu cerro os dentes, assobiando minha respiração enquanto espero que ela volte à tona.

"Vamos, vamos, vamos," murmuro. "Suba, droga."

Passam-se trinta segundos. Depois, um minuto. Um minuto e meio.

"Foda-se isso." Eu puxo minha camisa por cima da minha cabeça, tiro minha calça jeans e boxer, e tiro minhas botas em tempo recorde. Meu coração está martelando dentro do meu peito. Juro que se ela se afogar, vou ficar muito chateado. Fechando meus olhos, dou um salto logo atrás dela.

Água gelada fecha sobre minha cabeça. Eu não sei o quanto eu afundo, mas assim que eu gradualmente desacelero, eu deslizo meus braços para cima e nado para o topo, levantando para respirar, só então percebendo que ela finalmente ressurgiu e está rindo.

"Por que você saltou também?" Ela ri, nadando primeiro para um lado e depois para o outro, seu cabelo escuro - que antes estava emaranhado em volta do rosto - está penteado para trás.

"Você não subiu imediatamente," eu digo, observando seu corpo cortar a água como se não fosse nada. "Eu pensei que você..."

Ela gira em um círculo, mergulhando a cabeça para trás na água novamente. "O quê? Podia ter batido a cabeça?"

Eu pensei. E o aperto que sinto no meu peito agora torna sua diversão muito mais irritante.

"O que você ia fazer?" Ela pergunta, olhando para mim através da água. "Me salvar?"

Chutando meus pés, me sinto como um animal rastreando sua presa. "De todas as garotas do mundo," digo enquanto a sigo pela água. "Você age como se não houvesse nada no mundo do qual você precise ser salva."

“Porque não há,” ela responde facilmente. “Qualquer coisa que eu sempre precisei ser salvar, eu sempre fiz sozinha.”

Ela segue meus movimentos com os olhos, recuando lentamente conforme eu avanço. “Como o quê?” Eu pressiono.

Sua cabeça balança e quando estou a apenas um metro de distância, ela se vira e mergulha fundo - ou pelo menos ela tenta. A tentativa de fugir é interrompida quando eu alcanço e envolvo um braço em volta da sua cintura, puxando-a de volta contra o meu peito. A cabeça de Ava surge voltando da água, seu cabelo voando em seu rosto enquanto ela tosse.

“Que diabos!” Ela engasga e estala, cuspindo a água do lago nojento enquanto ela grita comigo. “Por que você está pelado?”

Eu sorrio e me inclino ainda mais perto. “Você não respondeu minha pergunta.” Eu sussurro as palavras em seu ouvido, fazendo-a enrijecer. Sua bunda esfrega contra outra coisa que é um pouco mais rígida do que ela.

Cabelo preto me dá um tapa no rosto quando ela olha para trás. “Você está seriamente duro agora?”

Ignoro a pergunta e, em vez disso, viro-a completamente até que ambos estejamos na água, cara a cara. “Do que você teve que se salvar, Avalon?”

Seus lábios se abrem e eu estou dividido entre querer olhar em seus olhos e observar sua língua enquanto ela desliza entre seus dentes. “Talvez eu precise ser salva de você,” ela rebate.

Eu balanço minha cabeça e sorrio. “Oh, baby, não há nada no mundo que pode te salvar de mim.”

Por vários segundos, estamos travados em uma batalha de vontades, ela e eu. Nossos olhos se centram um no outro, nenhum de nós querendo desviar o olhar. Bolhas surgem das profundezas do lago, me lembrando que estamos flutuando em uma piscina de algas e um número desconhecido de peixes e outras criaturas aquáticas.

Não é assim que eu quero transar com ela. Pelo que sei, nós dois acabaríamos nos afogando. No entanto, embora minha mente concorde, meu corpo pulsa de necessidade. Meu pau está duro como uma rocha, uma vez que pressiona contra seu abdômen.

Eu me inclino para frente, até que ela é tudo que vejo. Quando ela não se move para trás, sua atenção completa se concentra em mim, fazendo-me sentir como a coisa mais importante do mundo agora - eu lentamente toco meu nariz no dela. Eu quero beijar ela. Não. Mais do que isso. Eu quero devorá-la, porra. Consumir tudo dela.

Avalon não é o tipo de garota que um homem simplesmente beija. Ela é o tipo de garota de quem um homem se empanturra até não sobrar nada.

“Você é tão perigosa, sabia disso?” Não quero dizer isso como uma pergunta, mas as palavras saem como uma, no entanto.

Um canto daqueles lábios exuberantes e fodíveis dela se curva para cima. “Se eu sou tão perigosa, então por que você insiste em me perseguir?” Ela brinca.

Meus olhos piscam entre os dela enquanto eu chuto lentamente minhas pernas, nos levando para a costa. Ela também deve perceber o que estou fazendo, porque no momento seguinte suas pernas se levantam e circundam minha cintura. Meu pau *pulsa,* porra.

Eu sugo uma golfada de ar. Aqui embaixo, na água, na floresta, no meio da porra de lugar nenhum - tudo parece úmido e quente.

“Porque,” eu digo honestamente, tentando direcionar minha necessidade de foder de volta, “eu tentei te deixar em paz. Agora, é tarde demais.”

Ela inclina a cabeça para o lado, seu sorriso mergulhando em uma carranca de confusão enquanto suas sobrancelhas baixam sobre aqueles lindos olhos dela. “Por que é tarde demais?”

“Você joga tudo fora do lugar.” Com ela presa ao meu peito agora, agarrada a mim de bom grado, é mais fácil nadar.Com ela amarrada ao meu peito agora,

agarrando-se a mim de boa vontade, é mais fácil nadar. “Você sai sozinha e faz merdas idiotas.”

Ela zomba e quando ela se afasta, eu paro de nadar e pressiono a mão em suas costas, espalhando meus dedos sobre sua coluna, parando o movimento.

“Eu não faço merdas estúpidas,” ela argumenta de qualquer maneira. “Eu só faço merdas que não são sancionadas pelos 'Sick Boys'.” Quando ela diz o nome idiota de Abel, Braxton e eu crescemos, seus braços saem da água ao lado de nossas cabeças e ela curva os dedos em aspas enquanto diz as palavras.

Eu sorrio. “Não escolhemos esse nome, sabe,” digo a ela.

Ela pisca para mim, seus braços caindo, espirrando água na lateral do meu pescoço. “Vocês não escolheram?”

“Claro que não fizemos,” eu respondo. “É idiota. As pessoas nos chamam assim desde o colégio. Primeiro foram os herdeiros de Eastpoint, depois os Sick Boys...” Paro de falar, encontrando seus olhos enquanto meus pés encontram o solo sob a água e paro de nadar, tempo suficiente para ficar em pé. “Isso parece infantil para você?” Eu pergunto, uma mão segurando sua bunda e pressionando-a mais completamente contra a minha ereção.

Avalon não suspira. Ela não fica vermelha. Ela não faz nada que outra garota faria. Não, ela apenas olha para mim, sem piscar, e não diz uma palavra maldita. Então, eu respondo por ela. “Não sou menino desde os dezesseis anos,” digo a ela.

Finalmente, um lampejo de vida em seus olhos. “Por que então?” Ela pergunta. “Por que essa idade?”

Porque essa foi a idade em que matei meu primeiro homem, mas não digo isso a ela. Posso querer foder Avalon Manning, mas não confio nela. Ainda não. Talvez nunca.

“Não importa,” eu digo ao invés, caminhando mais longe até que a água só alcance meus quadris antes de deixá-la andar sozinha. Ela se afasta de mim sem reclamar, se vira e se dirige para a costa e eu a vejo ir, odiando a sensação de frio

deslizando sobre minha pele molhada agora que ela não está mais se agarrando a mim. “Somos homens. Não meninos.”

Eu observo enquanto ela se vira e olha por cima do ombro enquanto ela volta para o início do caminho que leva de volta para a saliência onde minhas roupas e sua bolsa estão. Quando seus olhos caem abaixo do meu abdômen enquanto eu caminho o resto do espaço para fora, leva tudo em mim para não reagir. Seus olhos se arregalam e seus lábios se abrem.

“Puta merda...”

Eu rolo minha língua na minha bochecha, lutando contra um sorriso e falhando. “Gostou do que está vendo?” Eu pergunto. “Ou você espera começar algo?”

Sua boca está aberta como um peixe. Fechando uma vez e reabrindo apenas para fechar novamente. Finalmente, ela balança a cabeça como se estivesse limpando os pensamentos sujos que eu sei que estão nadando em sua mente agora. “Só não esperava que você tivesse...” Ela gesticula para mim. “Isso.”

Eu encolho os ombros, passando uma mão pelo meu rosto e pelo meu cabelo. O cheiro de suor e algo ainda mais odorífero atinge minhas narinas e eu deixo cair o braço mais uma vez. “A menos que você queira dar uma volta, então vamos nos mover. Ainda temos uma festa para ir, e agora eu preciso de um banho.”

Avalon balança a cabeça. “Em seus sonhos,” ela murmura, se virando.

Mal sabe ela, pretendo realizar meus sonhos. Cada um deles, imundos.

# 37

## Avalon

Ele tem um piercing. Como em uma barra sexy pra caralho direto na cabeça de seu pau. Não consigo tirar a imagem da minha cabeça. Ainda estou pensando nisso enquanto pilotamos de volta para Eastpoint, e ele me deixa em Havers com a ordem de tomar banho, trocar de roupa e encontrá-lo lá embaixo em uma hora. Eu não discuto. Afinal, fiz um acordo e agora é a minha vez de honrá-lo.

Então, quando essa hora acaba e ele chega em um Escalade preto, parecendo ter acabado de tomar banho, eu saio do meio-fio e abro a porta do lado do passageiro antes de entrar. Examino o interior do carro. Ele se assemelha a uma nave espacial com suas luzes piscantes e inúmeros botões. O ar aquecido sai das aberturas de ventilação, deslizando pelos meus cabelos ainda úmidos..

Dean olha enquanto o Escalade desliza para a estrada e dá uma segunda olhada. “O que você está vestindo?” Ele pergunta.

Olho de relance para a camiseta esfarrapada e a calça cortada que vesti depois do banho. “Uh, roupas?”

Ele ri, balançando a cabeça. “Eu disse que íamos a uma festa,” diz ele.

Uma carranca se forma em meus lábios. “Sim, e? Existe um código de vestimenta?”

“Não.” Seus lábios se contraem e seus olhos brilhantes mostram sua diversão e, por algum motivo, isso me irrita.

“Então por que diabos você perguntou sobre minhas roupas?” Eu exijo.

Dean vira a cabeça de volta para a estrada. “É interessante, só isso. A maioria das garotas se vestiria bem, especialmente se elas sabem que serão vistas em público comigo.”

Um bufo indelicado me escapa. “Sim, provavelmente porque elas se importam.”

“E você não?” Não tenho certeza se ele quis dizer isso como uma pergunta ou não, mas sai como uma, então eu respondo.

“Não,” eu digo. “Eu não.”

Paramos em um sinal vermelho e uma das mãos de Dean deixa o volante, caindo com força na parte de trás do meu assento enquanto ele se vira e se inclina para mais perto, perto o suficiente para que eu possa sentir o cheiro de menta em seu hálito e o tempero de sua loção pós-barba. “E isso, garotinha,” ele responde, “é por isso que não posso deixá-la em paz.”

O semáforo muda para verde cedo demais e ele se afasta novamente, voltando sua atenção para a estrada e me deixando com a sensação de que acabei de correr um quilômetro a toda velocidade. *O que diabos há de errado comigo?*

Vários minutos depois, o Escalade chega na enorme entrada para o que parece ser uma casa particular. Ao contrário da Casa Frazier com seu charme da velha escola, esta mansão é mais moderna com uma moldura de estilo elegante. O topo parece completamente plano de onde estacionamos ao lado de uma fileira de vários outros carros. Também ao contrário da Casa Frazier, este lugar tem uma espécie de estacionamento - não um real, mas pelo jeito que outras pessoas deixaram seus carros, parece que sim. Sem empilhar carros na parte de trás de uma pista, mas todos estão alinhados ordenadamente em um lado do gramado maciço.

“Onde estamos?” Eu pergunto enquanto Dean me leva até as portas duplas de vidro fosco na frente da casa.

A expressão de Dean está fechada quando ele responde. “Uma festa,” diz ele.

Eu arqueio uma sobrancelha. “Sim, sem brincadeira, Sherlock. Quero dizer, de quem é essa casa?”

“Não importa, não vamos ficar muito tempo.” Ele não se preocupa em bater, apenas alcança a maçaneta, vira e gesticula para eu entrar com a mão na parte inferior das minhas costas. Eu não tenho um segundo para reconhecer a intenção por trás de suas palavras porque estou muito confusa com a sensação de sua palma quente contra a minha espinha, me lembrando da sensação de queimação de seu pau nu pressionando contra mim na água antes.

“Onde estão Abel e Brax?” Eu pergunto. Eu espero até que estejamos totalmente dentro com a porta fechada atrás de nós antes de me afastar dele, com cuidado para não ser óbvia sobre isso.

“Eles estão aqui em algum lugar,” diz Dean, apontando para um conjunto de portas abertas. “Por aqui.”

Eu o sigo pela casa, notando que as pessoas presentes estão menos animadas do que na Casa Frazier. Na verdade, se eu não tivesse visto os efeitos da maconha antes e até mesmo usado uma ou duas vezes, não reconheceria agora que metade dessas pessoas está chapada. Percebo isso um segundo depois, quando vejo vários copos vermelhos ao longo da superfície das mesas de centro e da lareira.

Dean me puxa para uma cozinha que é facilmente maior do que todo o trailer em que morei com Patricia. Estranhamente, não há ninguém por perto, mas tem uma ótima vista pelas portas dos fundos, onde vejo um mar de outras pessoas - que parecem muito mais animadas do que as que estão dentro da casa.

“Fique aqui,” ele ordena. “Vou encontrar alguém e depois volto e podemos ir.”

Estranho para ele insistir em me trazer para uma festa como essa, criticar minhas roupas por isso, e depois apenas me deixar e ir embora. Eu o olho com curiosidade, mas não digo nada. Dean parece perceber minha falta de resposta e no meio do caminho para a porta, ele faz uma pausa e olha para trás.

“Fique,” ele ordena novamente.

Eu lanço um sorriso para ele, levantando minhas mãos em um movimento de rendição. Seus lábios se apertam em uma carranca. “Diga,” ele estala.

“Dizer o quê?” Eu desafio com uma sobrancelha arqueada.

“Diga-me que você vai seguir minhas ordens e vai ficar exatamente onde eu te coloquei.”

Eu rolo meus olhos. “Não sigo as ordens de ninguém além das minhas,” respondo. “Mas se isso te faz sentir melhor, sim, vou esperar aqui até você voltar. Só não demore muito ou posso ficar entediada.”

Os olhos de Dean deslizam sobre mim e então, como se percebendo que é o melhor que ele vai conseguir de mim, ele balança a cabeça uma vez e desaparece.

Soltando um suspiro, eu me viro e pressiono as costas contra o balcão da cozinha desconhecida. Garotas de salto alto e vestidos curtos e brilhantes que parecem exagero para uma festa em casa - isso não é um clube, afinal de contas - tropeçam através das portas dos fundos. Os ruídos que vêm das portas abertas me puxam para frente. A curiosidade se instala em meu peito enquanto olho para fora, examinando a multidão, mas, estranhamente, não reconheço ninguém nesta festa. Não presto atenção na maioria dos meus colegas, mas deveria me lembrar de algumas dessas pessoas, não é?

“Avalon?” Eu me viro ao som do meu nome sendo chamado. Corina está parada na porta da cozinha, um copo vermelho Solo na mão enquanto ela pisca para mim. “O que você está fazendo aqui?”

Eu inclino minha cabeça para ela e encolho os ombros. “Apenas saindo,” eu digo. Não é tecnicamente uma mentira, mas não quero necessariamente dizer a ela que vim com Dean.

Seus olhos vão de um lado para o outro e ela coloca o copo no balcão antes de se aproximar. Corina se aproxima, esgueirando-se até mim com uma mão no meu braço. Ela se inclina ainda mais enquanto seus olhos se arregalam como se ela ainda estivesse atordoada com a minha mera presença aqui. Eu posso sentir minhas próprias sobrancelhas subindo em direção ao meu couro cabeludo. “Você tem

permissão para estar aqui?" Ela sussurra a pergunta, me fazendo recuar com uma carranca.

"Eu posso ir a qualquer lugar que eu quiser," eu estalo.

"Não, eu sei," ela diz rapidamente. "Quero dizer, eles - você sabe - *eles* sabem que você está aqui?"

Tirando meu braço de seu aperto, dou vários passos para trás. "Por que isso importa?" Eu pergunto.

Ela geme. "Oh meu Deus, eles estão aqui, não estão?" Corina morde o lábio inferior e, surpreendentemente, quando ela o solta, seus dentes saem limpos do batom brilhante. Deve ser uma merda cara.

"Por que você está tão preocupada?" Eu pergunto.

Em vez de responder, no entanto, ela apenas balança a cabeça e diz: "Você realmente não deveria estar aqui. Apenas..." Corina olha por cima do ombro como se esperasse que alguém estivesse atrás dela. Eu franzo a testa. "Apenas fique aqui por um momento," ela continua. "Eu volto já."

Ela não me dá um segundo para perguntar o que diabos há de errado com ela antes de praticamente correr para fora da sala. Depois de um momento de puro choque, dou dois passos para chegar ao balcão e levanto seu copo para cheirar o conteúdo. *Ela deve estar bêbada?* Mas tudo o que cheiro é cerveja. E depois de vê-la beber como uma profissional naquela noite no Urban, sei que é preciso muito mais do que alguns copos de cerveja para deixá-la bêbada.

Atrás de mim, a porta de vidro deslizante se abre. Eu coloco o copo na mesa e olho para trás quando um cara entra, balançando seu cabelo molhado enquanto inclina a cabeça para o lado e bate no lado que está voltado para cima, como se ele estivesse tentando tirar água. Quando ele percebe minha presença, ele faz uma pausa e se endireita.

"Bem, olá, linda," diz ele, um sorriso fácil aparecendo em seu rosto.

Eu dou uma olhada para ele e balanço minha cabeça. “Não, obrigado,” eu digo. “Não interessada.”

Seu corpo congela, no meio de um passo, e posso dizer que o choquei. Eu cruzo meus braços e me inclino contra o balcão, desejando que Dean ou Corina se apresse e tragam suas bundas de volta. Estou ficando entediada só de ficar sentada esperando, e nada de bom acontece quando fico entediada.

Em vez de zombar e me chamar de vadia antes de sair como eu esperava, o cara me observa enquanto caminha até a geladeira e pega uma garrafa de água. Ele drena a água de uma vez, os músculos da garganta se movendo enquanto ele engole, e então pressiona um botão na parede, fazendo com que um dos armários inferiores - ou o que parecia ser a porta de um armário - deslize para fora, revelando duas latas de lixo bem arrumadas, lado a lado. Ele joga a garrafa na lata claramente marcada para reciclagem e depois olha para mim.

Já que não há mais nada para eu olhar ou fazer, eu o encaro de volta. Sua mandíbula está definida, uma sombra de restolho passando pela metade inferior de seu rosto. Seu cabelo está penteado para trás, fazendo com que pareça mais escuro do que provavelmente é, mas seus olhos são claros, quase azul-marinho.

“Não te vi por aqui antes,” ele comenta levemente.

“Provavelmente porque eu não estive aqui antes,” eu respondo.

O canto de sua boca sobe e tenho que admitir, ele é atraente. Eu simplesmente não estou interessada. “Qual o seu nome?” Ele pergunta.

“Nunya[5],” eu digo.

“Nunya?” Ele franze a testa enquanto repete.

“Sim, como nos malditos negócios de nunya.”

---

[5] Uma resposta a uma pergunta grosseira em que alguém está pedindo informações pessoais a que não tem direito. Mas como se ela dissesse: Não é da sua conta.

Há uma batida de silêncio e então ele solta uma risada. Balançando a cabeça, estremeço quando gotas de água de seu cabelo atingem meu braço. Com uma carranca, eu limpo a umidade antes de dar um passo para trás. “Você é interessante,” diz ele, o riso ainda em sua voz.

“Sim?” Eu levanto minha mão e olho para minhas unhas, usando isso como uma desculpa para não encontrar seu olhar obviamente muito focado.

“A maioria das garotas não tenta esconder seus nomes de mim; elas querem que eu saiba,” diz ele.

Eu deixo cair meu braço e o nivelo com um olhar. “Eu não estou escondendo nada,” eu estalo.

“Não?” Ele dá um passo à frente e só pelo jeito como anda, percebo que ele é um lutador. Seus músculos se contraem, se contraem e se relaxam como os de alguém que está muito ciente de cada movimento. Eu endureço e levanto meu queixo para encontrar seu olhar.

“Não,” eu repito.

Um braço desce sobre os armários atrás de mim e ele paira sobre mim. O cheiro de cloro invade minhas narinas. Ele tem pelo menos meio metro sobre mim, mas andando perto de Dean e dos outros, eu me acostumei. Eu nem mesmo recuo. “Então me diga o seu nome, linda,” ele insiste.

“Eu não quero.”

“Então que tal eu te contar o meu?” Ele sugere.

“Devo repetir? Não estou interessada.”

“É Luc,” diz ele. “Luc Kincaid.” Ele diz isso e depois se afasta para observar minha expressão, como se esperasse por alguma realização. Demoro um momento para lembrar de onde reconheço o nome. Quando o faço, porém, mantenho meu rosto impassível para não o denunciar. Luc Kincaid, o novo noivo da ex-namorada de Dean.

“Isso é para me impressionar?” Eu pergunto depois de outra batida de silêncio.

“Huh.” Longe de estar ofendido, os olhos de Luc percorreram minha forma, parando em minhas longas pernas e shorts jeans rasgados. Ele sorri. “Normalmente sim.”

“Bem, desculpe decepcionar.”

“Oh, linda,” diz ele, seu olhar voltando para o meu, “Eu não acho que você poderia me decepcionar se tentasse.”

“Isso é só porque ainda não comecei a tentar.”

Luc se inclina para trás e o cheiro de cloro desaparece. “Eu sei quem você é agora,” diz ele.

Eu arqueio uma sobrancelha. “Você sabe?”

“Você é a nova garota, não é?”

Eu pressiono meus lábios. Pelo que me lembro, Luc Kincaid não faz parte do reino dos Sick Boys. “Você não vai para Eastpoint,” eu respondo.

“Não.” Ele balança a cabeça antes de se afastar completamente de mim. “Mas você vai.”

Algo desliza em sua expressão, algo sinistro e sombrio e nada parecido com a aura de surfista original que ele exalava quando entrou pela primeira vez na casa. Antes que eu possa observar mais, no entanto, o som de saltos clicando na superfície de madeira do chão ecoa pela sala e Corina irrompe de volta para a cozinha, com as bochechas coradas. Ela chega a uma parada repentina e abrupta quando me vê... ou, mais precisamente, quando vê com quem estou.

“Luc...” Ela sussurra o nome dele como se dizer isso muito alto pudesse ofendê-lo. “O que você está fazendo aqui?” Ela deixa escapar olhando entre ele e eu.

“É a minha casa, 'Rina,” diz ele preguiçosamente, andando vagarosamente ao meu redor e em sua direção.

“Sim, eu sei, eu só...” Suas palavras morrem quando ele para ao lado dela na entrada da cozinha e se inclina. Eu não ouço o que ele diz, mas seja o que for, ela

concorda enquanto ele levanta a cabeça e olha para mim uma vez com aquele sorriso torto ainda em seu rosto antes de sair da sala.

Corina expele o fôlego rapidamente e cambaleia um pouco. Ela olha para mim e balança a cabeça. “Vamos,” ela diz. “Vamos sair daqui. Vou te levar para casa.”

Eu evito sua mão quando ela me alcança. “Eu vim com Dean,” eu finalmente digo a ela - não adianta esconder isso agora. Não tenho dúvidas de que ele tornou sua presença conhecida em algum lugar. Além disso, se Luc Kincaid, de fato, sabe quem eu sou, ele deve saber que Dean está aqui também.

Corina morde o lábio inferior novamente, roçando-o com os dentes antes de soltar. “Tudo bem,” ela bufa, “então vamos encontrá-lo.”

Eu aceno e a sigo para fora da cozinha. Caminhamos pelo resto da enorme mansão, passando por vários quartos escuros que cheiram a maconha e álcool. Mais do que alguns casais, a maioria nus se contorcendo no chão. Parece que os ricos são como os pobres quando estão embriagados. Absolutamente sem vergonha e sem inibições. Eu não me importo. Isso apenas me lembra que, independentemente do que as pessoas pensem, apenas um fino véu de status social e riqueza nos separa como seres humanos.

“Eles não vão ficar felizes que você conheceu Luc,” diz Corina enquanto cortamos por um corredor de trás, os sons de sexo alto vindo de trás de algumas portas fechadas.

“Por que?” Eu pergunto. Ela alcança uma porta lateral e a abre, revelando um caminho que parece levar aos fundos da casa. Seus saltos afundam na terra quando ela começa a descer comigo em suas costas.

Corina lança um olhar por cima do ombro. “Certamente você já ouviu falar de Luc Kincaid agora? Você esteve em Eastpoint por quase meio semestre.”

“Já ouvi falar dele, sim, mas não sei por que ele é tão importante.”

Sobrancelhas baixas, nariz franzido, ela se vira e para, me fazendo parar ou arriscar bater nela. “Luc Kincaid é o herdeiro de St. Augustine,” diz ela.

“Ok? Isso deveria ser algo especial para mim? Mais pessoas ricas, quem se importa”

“Todo mundo faz,” diz ela com um bufo. “A Universidade de St. Augustine é a principal rival de Eastpoint e o fundador de St. Augustine – são *os Kincaids,”* ela enfatiza o nome novamente antes de continuar, “estão no mesmo *ramo das famílias* Carter, Smalls e Frazier.”

“E isso significa...” Eu balanço minha cabeça. Eu realmente não entendo pessoas ricas.

Ela geme e estende a mão, batendo no meu braço. “Eles são corruptos,” ela sibila. “Eles gerenciam grandes corporações, estamos falando internacionalmente, Avalon. Eles subornam os políticos para aprovar leis e projetos que irão beneficiá-los. Eles recrutam os melhores dos melhores e têm olhos e ouvidos em todos os lugares. Algumas pessoas pensam que eles são diretamente envolvidos com o crime organizado, mas não houve nenhuma prisão de ninguém em qualquer uma das famílias principais. Não há nenhuma evidência e qualquer evidência de que possa haver é encoberta muito rapidamente.” Corina me lança um olhar de pena.

“Honestamente,” ela continua. “Eu não sei o que Dean estava pensando ao trazê-la para a casa de Kincaid, muito menos deixá-la sozinha.”

“Eu posso cuidar de mim mesma,” digo com uma risada, mas não posso negar minha curiosidade. Corrupção, eu esperava. Crime organizado, entretanto? O que mais Dean está escondendo? Minha frequência cardíaca acelera o ritmo. Eu quero saber, eu percebo. Ele é como uma façanha perigosa - como ficar no topo de uma montanha e olhar para baixo. Eu poderia pular e morrer ou poderia me armar com as ferramentas certas para sobreviver. E não há nada mais poderoso do que o conhecimento.

Corina balança a cabeça e se vira. “Vamos, pensei ter ouvido alguém dizer que eles estavam lá fora em algum lugar.”

Perguntas e pensamentos transbordam em minha mente. A antecipação lateja em minhas veias. Talvez não seja uma coisa tão ruim que Dean e os rapazes não consigam me deixar em paz. Talvez a obsessão de Dean seja uma oportunidade. Eu quero saber mais. Eu quero saber tudo sobre ele. Eu quero saber por que... Eu aperto minha mão e olho para baixo, onde a pele sobre os nós dos meus dedos estica com força. Eu quero saber o que há em Dean Carter que me perturba tanto.

"Merda." A maldição sibilada de Corina traz minha cabeça para cima e desta vez, quando ela para, é muito rápido para eu evitar e eu bato em suas costas.

"Foda-se," murmuro, esfregando o nariz. "O que..." Minha cabeça se levanta e todo o meu corpo paralisa com o que vejo diante de mim.

Uma onda de frio tão forte que parece geleiras em minhas artérias chega tão rápido que me deixa com a sensação de ter sido congelado. Kate está usando o vestido de corte mais baixo que eu já vi em toda a minha vida, com o decote tão profundo que desce abaixo de seu umbigo, mostrando a cavidade escura de seu umbigo. A única coisa que impede que a desculpa lamentável de tecido se abra e revele toda a sua frente é o entrecruzamento de correntes douradas entre seus seios e ao redor do pescoço.

Algo escuro desliza em minha garganta. Meus olhos e nariz queimam. O desejo de cometer um ato violento pior do que qualquer coisa que ela já experimentou aumenta como uma onda. Ela enrosca os braços em volta do pescoço de Dean e coloca a frente em seu peito. Não é isso que me incomoda. O que me incomoda é o fato de que ele não está. Porra. Removendo. Ela.

Sem parar para pensar, me viro e começo a andar. Se eu ficar, farei algo como atear fogo *nela* desta vez. Sei que devo parar e pensar sobre porque estou com tanta raiva, devo examinar esses sentimentos, mas não quero. Eu não posso.

Corina me segue e só quando chegamos à frente da casa eu falo. "Eu poderia usar essa carona agora," eu digo.

Felizmente, ela não responde. Ela apenas me leva até seu carro. Quando entro no banco do passageiro e me acomodo nos assentos de couro, fecho os olhos e tento invocar o mesmo entorpecimento que usei muitas vezes antes. Só quero me afogar nele agora. Quero esquecer. Quero machucar alguém..

# 38

## Dean

O suor escorre pela minha espinha enquanto termino meu trabalho no segundo andar e depois volto para o primeiro. Uma dor de cabeça lateja na minha nuca, lenta, mas persistente. Eu adoraria nada mais do que levar Avalon de volta para minha casa ou o inferno apenas colocá-la de volta no meu Escalade, deixá-la nua e fodê-la até quase sua vida. É isso ou mato alguma coisa, porque, honestamente, essas são as únicas duas coisas que podem me acalmar agora.

Eu procuro pela casa primeiro e quando não encontro Brax ou Abel no meio da multidão chapada e enlouquecida por sexo, pego o caminho lateral e me dirijo para os fundos. Assim que ele me vê, Abel levanta a mão e acena em minha direção. Brax se vira e levanta a cabeça. Curiosamente, porém, ainda não vi Kincaid. Estranho, considerando que esta mansão é de seu pai.

“Onde está Avalon?” Abel pergunta quando eu me aproximo.

“Ela está aqui. Lá dentro. Eu não quero ficar muito tempo.” Eu examino a multidão reunida do lado de fora. A fumaça paira no ar. O cheiro de maconha e sexo está na brisa. É sempre assim nas festas de Kincaid. Algo sobre seu desvio apenas transforma as pessoas ao seu redor em ninfomaníacas ferozes e viciados em merda.

“Você veio por causa dos boatos, certo?” Abel pergunta. “Você vai falar com ele?”

Eu bufo. “Eu vou me certificar de que ele fique onde deveria.”

“Então, é verdade?” Brax se inclina para a frente. “Ele está vindo para Eastpoint?”

“Não.” Não pode ser verdade. Eu não vou deixar. Além disso, de todas as pessoas no mundo, meu pai nunca deixaria um Kincaid frequentar a Eastpoint University. A

única coisa com que ele se preocupa mais do que sua maldita vingança contra Kincaid é o dinheiro em seu bolso e o poder em sua posse. É também a única razão pela qual ele não mandou matar o chefe de Kincaid.

"Tem certeza, cara?" O tom de Abel sugere sua dúvida. "Eu ouvi algumas merdas bem perturbadoras. Os Colemans estão fazendo lobby para que ele seja transferido. Eles não gostam que Kate tenha sido forçada por causa do noivado de Luc com ela."

Meu lábio superior se curva para trás. "Os Colemans estão miseráveis, porra," eu rosno. "Eles não têm voz."

"Há mais, no entanto," diz Abel. "Falei com a secretária de Lionel outro dia sobre o baile de caridade no final do ano. Ela quer que todos nós façamos uma aparição..."

"Você ainda está chamando a esposa de seu pai de secretária?" Eu pergunto, levantando uma sobrancelha.

Abel se enrijece e me encara, continuando mesmo enquanto ignora a pergunta. "Ela também mencionou que ele se encontrou com alguém de St. Augustine," ele cospe.

"Kincaid?" A fúria corrói meu pensamento lógico. "Não, não pode ser. Ele prefere morrer do que..."

"Você acha que tem alguma coisa a ver com..." Brax começa.

Eu não o deixo terminar essa declaração. Meus olhos vão para as portas dos fundos. Não consigo ver através das cortinas que cobrem o vidro, mas sei que Avalon está do outro lado. Respirando fundo, volto para os caras. "Mesmo que eles estejam se encontrando, espero que seja apenas para negócios. Isso não está fora do reino das possibilidades," eu digo. "Kincaid seria um idiota de merda se viesse para o Eastpoint. Todo o seu poder está em St. Augustine. Se ele se transferir..."

"Vamos comê-lo vivo, porra," Abel termina com um aceno de cabeça.

"Ainda assim." A cabeça de Brax desce enquanto ele fala, seus olhos mudando de um lado para o outro enquanto ele se encolhe, tentando parecer menor. Eu inclino minha cabeça com o movimento. É tão diferente dele. "Nicholas deveria saber sobre

os Colemans agora, não deveria? E Kincaid também." Ele balança a cabeça. "Há algo mais acontecendo e eu não gosto de não saber o que é."

"Talvez eles estejam realmente apaixonados ou alguma merda assim?" Abel oferece, mas até eu posso dizer pelo seu tom que ele não acredita nisso.

"Duvido," eu digo, "mas isso é algo que provavelmente deveríamos discutir em casa. Não aqui."

"E então? Você só veio procurá-lo e ameaçá-lo?" Abel arqueia uma sobrancelha para mim. "Como você vai fazer isso se não consegue encontrá-lo?"

Eu sorrio então. Um movimento lento enquanto eu rolo minha língua em minha bochecha e olho para cima uma vez para os dois e balanço minha cabeça. "A ameaça foi resolvida," eu digo baixinho. "Não se preocupe com isso."

A cabeça de Brax se ergue e seus olhos se estreitam. "O que você fez?"

"Só deixei uma espécie de lembrete," digo. "Ou um aviso, depende de como você olha para ele."

Seu rosto permanece sério por um momento antes dele irromper em um sorriso que corresponde ao meu. Antes que ele possa dizer qualquer merda fodida eu sei que ele está pensando, no entanto, um pequeno corpo bate em mim e quase me joga no chão.

"Que porra?" Eu olho para baixo, mas todo o meu campo de visão está obscurecido por um rosto cheio de maquiagem e seios achatados sob uma faixa dourada de tecido. "Kate?"

"Você veio," diz ela, aninhando-se no meu peito.

"Sai de cima de mim, porra," eu estalo. "Agora."

Sua cabeça se levanta e é então que vejo o que ela está vestindo. Um vestido que se parece mais com um maiô, exceto que a parte inferior certamente não cobre sua bunda. Eu recuo quando a tequila em seu hálito atinge meu rosto. "Alguém disse

que você estava aqui, mas eu - acreditei - não acreditei neles," diz ela, gaguejando suas palavras.

Eu deixo cair meus braços, não querendo abraçá-la por mais tempo, então faço uma careta quando seus membros semelhantes a cobras enrolam em torno de mim por conta própria. "Kate, eu juro por Deus, se você não porra..." Ela funga e pressiona sua boca no meu pescoço, me cortando. Eu lanço um olhar sobre a minha cabeça para os dois idiotas atualmente assistindo com diversão mal reprimida. "Porra, me ajudem, idiotas," eu solto.

"Oh, não, parece que você tem tudo resolvido, cara," diz Abel, dando um passo para trás. "Quem sou eu para me colocar entre você e a bruxa."

A cabeça de Kate vira e ela o nivela com um brilho vacilante que teria mais poder se ela não balançasse em seus malditos saltos de sete centímetros. "Você é um idiota do caralho, Abel," ela reclama. "Você nunca gostou de mim."

Abel arqueia uma sobrancelha. "Ainda não gosto," ele concorda.

Kate empurra o queixo para cima antes de voltar o rosto para o meu pescoço. Colocando minhas mãos em seus ombros, eu nem hesito em empurrá-la de volta. "Dean?" Olhos arregalados e magoados olham para mim.

"Que porra você quer, Kate?" Eu exijo.

"E-eu só queria ver você," ela choraminga. "Eu s-sinto sua falta. Você não sabe o que é estar em St. Augustine agora. Ninguém me entende como você." Resistindo ao meu aperto, ela luta para se grudar no meu peito mais uma vez.

"Essa é a porra do seu próprio problema, Kate," eu digo com os dentes cerrados. "Você fez sua porra de escolha."

Com isso, eu a pego, dou dois passos e a jogo na piscina. Seu suspiro chocado chega aos meus ouvidos uma fração de segundo antes do som real do respingo que ela faz. Não posso nem ficar para saborear a sensação de despejar sua bunda e provavelmente todas as merdas caras que Kincaid comprou para ela na piscina porque agora eu quero ir embora.

Eu atiro um olhar para os caras que estão parados, rindo pra caralho. “Boa,” Braxton ri. Eu lanço para ele e para Abel meu dedo do meio feliz pra caralho e vou para a casa.

Quando verifico a cozinha e vejo que ela está vazia, algo se agita no fundo da minha mente, mas eu, honestamente, esperava que Avalon fosse bisbilhotar de qualquer maneira. Eu verifico os quartos com pessoas e depois os sem. Eu até volto para o segundo andar, mas não há nenhuma porra de sinal dela. Quanto mais procuro, mais furioso fico.

“O que está errado?” Braxton pergunta quando eu desço as escadas como um furacão.

“Eu não consigo encontrá-la, porra.” Eu deslizo a mão pelo meu cabelo e cerro os dentes, tentando pensar onde diabos ela poderia ter ido.

Uma garota passa por nós duas, uma taça do que parece ser vinho na mão. Sem pensar, estendo a mão e a agarro. “Ei,” eu digo, “você viu uma garota dessa altura,” faço uma pausa e levanto minha mão até a altura apropriada antes de continuar, “cabelos longos e escuros, vestindo uma camiseta e calça jeans?”

Ela pisca para mim por um momento. Brax dá um passo à frente. “Ela não...” ele começa, apenas para ser interrompido.

“Na verdade, sim,” diz a garota, capturando nossa atenção. “Achei um pouco estranho alguém vir aqui desse jeito,” ela zomba, e eu resisto à vontade de dizer a ela que seus seios falsos provavelmente não ficariam tão bons na merda de segunda mão que Avalon usa. “Mas sim, ela saiu há pouco tempo com uma amiga.”

*Ela se foi?* Eu largo o braço da garota e me afasto. *Ela foi embora?* Vagamente, ouço Braxton falando com a garota, mas não ouço o que eles dizem. Tudo que sei é que a porra de Avalon foi embora.

“Ei, cara,” a voz de Braxton volta para mim enquanto ele coloca a mão no meu ombro e me impele para fora da porta da frente. “Eu perguntei um pouco mais. Parece

que Corina estava aqui. Está tudo bem. Ela provavelmente apenas a levou de volta para os dormitórios."

Não importava se ela foi embora com a porra do Papa Francis. O fato é que ela foi embora, porra - depois que eu disse a ela para ficar parada. *Isso,* eu penso. *Isso é o que eu quis dizer com ela saindo e fazendo merdas estúpidas.* Eu afasto Brax e sigo para o meu Escalade.

"Onde você está indo?" Ele chama atrás de mim.

"Havers," eu grito.

# 39

## Avalon

Eu bato a palma da minha palma contra a madeira da porta, chateada por ter esquecido minha chave em primeiro lugar. “Eu estou indo, porra!” Eu ouço Rylie amaldiçoar do outro lado e então a porta se abre.

Eu não espero ela terminar de abrir. Eu a empurro e passo por ela, arrancando minha camiseta e deixando-a cair no chão enquanto me sento na beirada do meu colchão e pego minhas botas.

“Qual é o seu problema?” Ela murmura, fechando a porta atrás dela.

Uma bota vai voando em direção ao armário - por pouco não a acertando enquanto ela volta para o seu lado do quarto - então a outra a segue. Não respondo e, embora possa sentir seu olhar curioso nas minhas costas enquanto ela se acomoda sob as cobertas da cama, ela não pergunta de novo. Pelo que sou grata. Mesmo eu não sei por que estou tão brava.

Eu tiro meu short e pego uma camiseta enorme feita para dormir. Puxando-o sobre minha cabeça, eu rastejo para baixo do edredom, descansando e olhando para o teto. Demora um pouco, mas conforme o silêncio continua, não demora muito até que eu ouço os roncos suaves de Rylie chegando até mim.

Meus músculos estão tensos, recusando-se a relaxar. Eu aperto minhas mãos em punhos e desejo ter a bola antiestresse da minha antiga diretora. Essa maldita coisa daria certo comigo. Minha raiva fervilha abaixo da superfície da minha pele, e eu não consigo parar o carrossel em que meus pensamentos saltaram. Fecho os olhos para fugir da sensação, mas só fica pior. O problema é que, depois de fechar os olhos, é quase impossível abri-los novamente. Então, eu apenas fiquei lá, fervilhando em

minha própria confusão furiosa. Olhos fechados. Corpo tenso e mente uma bagunça desorganizada.

Uma imagem de Kate com seu corpo contra o de Dean surge na minha mente. Eu reprimo um grunhido de irritação e rolo para o meu lado, para longe dos ruídos suaves do sono de Rylie. *Como diabos ela pode dormir com outra pessoa no quarto?* Eu me pergunto distraidamente. Eu me acostumei com ela o suficiente para poder dormir algumas horas aqui e ali, mas já faz um tempo que não tenho uma noite de sono verdadeiramente completa e duvido que esta noite seja essa noite.

Provavelmente porque não consigo parar de pensar nisso. Sobre ele. Sobre ela. *Foda-se ele,* eu acho. Eu empurro sem abrir meus olhos e soco meu travesseiro, esmagando-o sob a minha cabeça antes de bater com a lateral do meu crânio de volta nele.

Dean Carter pode ir para o inferno e eu ficaria feliz em mandá-lo para lá.

Vários minutos se passam, estendendo-se em uma caverna interminável de tempo - e, apesar de minha firme convicção de que eu não dormiria, quanto mais meus olhos ficam fechados, mais meus pensamentos começam a se dispersar. Minha bochecha pressiona o tecido do meu travesseiro e eu me viro nele, inalando o cheiro. Está seco no quarto. Muito quente. Isso me lembra de outra época e lugar onde um calor diferente se instalou sobre mim, e talvez essa seja a razão pela qual, quando eu realmente adormeço, sou empurrada para uma velha memória que eu esperava nunca reviver novamente.

*"Coisinha bonita, NÃO É?" Acordo com o som de vozes na casa e meu primeiro pensamento é: de novo não. Eu não penso. Eu simplesmente saio da cama e sigo para a janela, cavando meus dedos sob a moldura suja. Congelo quando a janela não se move, mas, em vez disso, aperto minhas mãos. É quando percebo que algo está diferente. "As fotos são certamente alguma coisa, mas você sabe que eu quero a coisa real, Patty."*

*“Você pode ficar com isso,” diz ela, sua voz cada vez mais perto da porta do meu quarto.*

Rápido, rápido, rápido, *eu me encorajo, puxando a janela. Novamente, porém, ele não se move. Eu examino as bordas externas e meus olhos se arregalam quando vejo o que está fazendo ela grudar. Pregos longos e grossos estão presos na parte externa da moldura, prendendo-a no lugar. Por mais bêbada e drogada que Patricia esteja... ela descobriu. Ela deve estar realmente desesperada por dinheiro.*

*O suor se acumula na base do meu pescoço e desliza pela minha espinha, acumulando na parte inferior das minhas costas sob a minha blusa.* Não entre em pânico*, digo a mim mesma.* Apenas pense*. Mas pensar se torna difícil quando ouço o som de dois pares de passos se aproximando silenciosamente da porta do meu quarto.*

*“Ela sempre mantém a porta trancada,” ouço Patricia sussurrar.*

Isso mesmo, sua boceta suja*, eu penso.* Apenas para momentos como este.

*O homem com sua zombaria, o barulho interrompido quando ele tosse e o som de catarro sufocando em sua garganta é filtrado pela porta de madeira fina. “Não se preocupe com isso, Patty,” diz o homem depois de limpar a garganta. “Eu acho que posso lidar com uma portinha. Ela grita?”*

Não, eu não grito. Mas eu sou uma lutadora. *Eu corro pelo quarto e fico na porta, debatendo. Não há nada aqui para bloqueá-lo. Nada, exceto o colchão duplo e a estrutura da cama frágil, mas isso é leve - eu deveria saber, já que eu o carreguei para casa depois que alguém o jogou para o lado da estrada. Funciona melhor do que o colchão no chão, já que as baratas rastejam por baixo dele agora, em vez de sobre meus pés enquanto eu durmo.*

*“Ela nunca está em casa quando eu mando as pessoas entrarem,” Patty diz baixinho, respondendo ao homem. “Então, eu não sei. Mas eu sei que ela estará aqui desta vez. Eu fechei a janela dela com pregos. Ela ainda deve estar dormindo, e mesmo se ela não estiver, só há uma saída e você está olhando para ela.”*

*“Então ela é virgem?” Eu fecho meus olhos e inclino minha cabeça contra o batente da porta. A empolgação em seu tom é repulsiva. Não consigo vê-lo, mas ele parece velho. Muito mais velho do que um homem como ele tem o direito de ser. Homens que compram meninas, mesmo adolescentes, deveriam morrer assim que nascem. Não há lugar para sujeira como ele. Então, novamente... talvez eu devesse ser grata porque não há lugar para mim também. Eu enrolo minhas mãos em punhos. Mas eu não me importo se não houver um lugar para mim. Eu vou lutar de qualquer maneira. Ninguém vai tirar de mim o que eu não quero dar.*

*E, infelizmente para ele, não sou virgem. Eu perdi essa merda não muito depois da primeira noite em que peguei um dos amigos de Patty tentando se esgueirar para dentro do meu quarto. Eu sabia que ela faria isso de novo. Eu só não esperava que ela pegasse minha escotilha de escape. Eu não pensei que ela fosse tão inteligente. Mas eu tinha desistido da minha virgindade com um dos meninos da escola - um cara nerd legal que foi rápido demais, mas pelo menos foi minha escolha. Isso é o que importa. Minha escolha. Meu corpo. Meu controle.*

*Meu coração está batendo forte. Meu peito parece que um torno está sendo apertado em torno dele. Minha mente começa a girar em círculos. Não há outra saída, no entanto. Patty está certa. É a porta ou quebro a janela. E se eu quebrar a janela, não haverá conserto. Vou dormir com uma janela quebrada e não sou estúpida o suficiente para acreditar que esses filhos da puta estúpidos não vão tentar entrar da maneira que podem.*

*Não, eu tenho que me manter firme. Eu tenho que lutar de volta. Eu tenho que provar para esses idiotas que se eles pensam que podem vir e me tratar como tratam minha mãe, então eles terão uma grande surpresa. Eu respiro fundo e dou um passo para trás.*

*Meus olhos se fixam na maçaneta e vejo como ela gira, parando apenas momentaneamente quando o mecanismo de travamento é acionado. Aí começa a girar de novo, o homem nem tenta ser delicado. Ele apenas se vira até que eu posso ouvir a frágil fechadura dentro da maçaneta estalar e quebrar e então a porta se abre.*

Começa o jogo, filho da puta.

*No segundo que ele entra no quarto, eu voo para ele. Meus punhos atingiram um estômago flácido e um rosto desgrenhado. O homem grunhe com a surpresa do meu ataque, seus braços virando para levantar meu corpo muito menor. Ele me joga no chão e o almíscar de sua respiração me atinge no rosto uma fração de segundo depois.*

Eu deveria estar apavorada, *penso comigo mesma. E, no entanto, enquanto passo minhas unhas opacas pelo lado de seu rosto e chuto em qualquer lugar que posso alcançar, tudo em que posso realmente me concentrar é na minha raiva. É um vulcão fervendo dentro de mim, transbordando, e no momento em que o homem recua e eu recebo uma abertura, eu a pego sem escrúpulos. Eu o soco direto na garganta e agarro sua cabeça com as duas mãos quando ele está sufocando com sua própria via aérea parcialmente esmagada.*

*Puxando sua cabeça para trás, bato na minha e estremeço quando estrelas dançam na frente dos meus olhos, mas funciona. O homem cai de cima de mim com um grunhido e, para completar, quando me levanto, chuto-o nas bolas. O que sobrou do oxigênio nos pulmões do homem é expelido, e me viro para ver uma Patricia chocada ainda de pé no corredor.*

*Ela se recompõe e me lança um olhar de desprezo. "Você não podia simplesmente deitar e pegar?" Ela rosna. "Depois de tudo que eu faço por você..." Eu não vou deixá-la terminar. Dou dois passos em sua direção e vejo com indiferença desapaixonada meu punho voar em seu rosto. É quase como assistir a um filme porque eu nem sinto quando meus dedos se conectam com sua bochecha e deslizam para dentro de sua órbita. Mas ela cai. Eu passo por cima de sua forma deitada no chão e estou na metade do caminho para a porta da frente quando a ouço murmurar algo atrás de mim. Eu não paro para responder, eu simplesmente saio correndo do trailer com nada além da camiseta regata e shorts de flanela com os quais fui dormir.*

*Estou tremendo - tanto por dentro quanto por fora. Quando eu saio e começar a correr, não sei se o tremor vai parar algum dia. Meu corpo está iluminado de energia,*

*cheio dela. Está tudo consumindo. Isso me faz sentir poderosa. É adrenalina. E por mais que eu goste, sei que é mentira.*

*Não há nada de poderoso em mim, mas talvez se eu agir como se houvesse - talvez depois desta noite - a notícia se espalhe e os filhos da puta desesperados desta cidade estúpida vão entender a mensagem. Mexa com Avalon Manning e você se arrependerá.*

*Eu não sei quanto tempo eu corro, mas o céu está começando a ficar um azul mais claro com tons de vermelho e laranja manchando suas bordas quando eu finalmente paro. Só então penso no que Patricia me disse pouco antes de eu partir.*

*"Você é igualzinha a mim, Ava," ela sussurrou. "Nada além de uma prostituta suja e barata."*

# 40

## Avalon

*Nada além de uma prostituta suja e barata...*

Uma fechadura clica e eu sento ereta quando a porta do quarto se abre e as luzes são acesas, momentaneamente me cegando. Respirando com dificuldade, cubro meus olhos assim que vejo quem está ali - como uma estátua violenta mal reprimida no batente da porta do meu dormitório. Suor escorre de meus olhos... não, suor não. *Porra. Eu estou chorando?* Limpo as evidências e respiro fundo antes de olhar para trás, para o homem que tem sido a ruína da minha existência nos últimos dois meses.

“Que porra é essa?” A voz grogue de Rylie chega até mim enquanto ela coloca sua cabeça roxa para fora dos lençóis. Assim que ela vê quem é nosso visitante noturno, seus olhos se arregalam e se estreitam quando eles balançam em minha direção. “O que você fez?” Ela estala.

Eu a ignoro.

“Saia.” O comando de Dean não deixa espaço para discussão e é perfeitamente claro que ele não está falando comigo.

Com um bufo irritado, Rylie joga os lençóis para trás e pega sua toalha de banho.

“Não, tudo bem. Vou apenas tomar um banho,” ela murmura, olhando entre nós enquanto ela empurra seu caminho em torno dele - tão cansada quanto provavelmente está, ela está muito mais descarada agora do que normalmente age. “Um longo,” ela fala de volta.

Dean entra no quarto e a porta se fecha atrás dele.

“Como diabos você entrou aqui?” Eu pergunto.

Ele arqueia uma sobrancelha antes de entrar no quarto até que ele paira sobre onde eu ainda estou sentada na minha cama. Uma mão pousa no colchão e a outra na cabeceira da cama. Ele se inclina para perto. “Eu vou onde eu quiser, quando eu quiser, garotinha. Você realmente achou que poderia me manter fora?” É uma pergunta retórica, eu sei. Então eu não respondo. Dean balança a cabeça e nivela seu olhar aquecido em mim. “Você e eu temos uma conversa a caminho.”

“Não.” Eu o empurro para trás e tiro minhas pernas de debaixo do edredom barato.

“Não?” A surpresa em seu tom poderia ser engraçada se eu quisesse parar para pensar a respeito. Mas eu não paro e não quero pensar nisso.

“Parece que sua audição não está prejudicada,” eu digo em um tom seco enquanto procuro em minhas gavetas por roupas de ginástica. “Parabéns.”

“Você não me diga não,” ele rosna. “Ninguém me diz não.”

Eu encontro o que estou procurando e sem olhar para trás, tiro minha camisa pela cabeça, pego meu sutiã esportivo e o coloco. “Eu acabei de dizer,” eu respondo. Tirando a camisa, encontro meu short e meias de corrida. Os efeitos da velha memória ainda permanecem em minha mente e eu odeio isso. Sinto-me fraca, uma massa de fogo trêmulo. Raiva, confusão e ódio antigo, todos combinados em um só corpo - o meu.

“Por que diabos você saiu?” Ele exige, sua voz tensa enquanto me observa mudar. Seus olhos percorrem o sutiã esportivo surrado, nem todas as manchas da minha última luta saíram, mesmo depois de eu tê-los lavado no primeiro andar algumas vezes, mas pelo menos agora eles parecem mais manchas de sujeira do que sangue de alguém.

“Saí porque queria,” declaro.

“Eu disse para você ficar. Você disse que ficaria.”

Ele dá um passo mais perto e eu recuo um passo. Empurre e Puxe. É assim que é entre nós. Como se estivéssemos ambos sufocando nas coleiras, com uma ponta na

mão uma da outra. Ele me puxa e eu o puxo. Ele me empurra e eu faço o mesmo. Meus dedos se enrolam na palma da minha mão e cravo as lâminas das minhas unhas na almofada carnuda sob meu polegar. Demais. Ele é demais. Eu me sinto presa por ele, por este quarto, por toda essa maldita universidade.

Meu corpo gira em direção ao dele, e sem considerar minhas palavras, deixo escapar a primeira coisa que vem à minha mente. “Por que diabos você me levou lá?” Eu estalo. “Qual era o ponto?”

Dean se inclina para trás, seu olhar encoberto transformando seus olhos em fendas. Eu sinto que estou sendo observada por uma cobra. A única diferença entre Dean Carter e uma serpente pronta para atacar são suas pupilas. Em todos os outros aspectos importantes, ele é uma criatura perigosa. Uma que eu deixei chegar muito perto, com muita frequência.

“Eu já te disse,” ele começa. “Eu não posso confiar em você...”

“Besteira!” Eu grito, interrompendo-o. “Não brinque com isso. Você não confia em mim. Eu não confio em você. Já conversamos sobre isso. Qual é o verdadeiro motivo de ter me levado à casa de Luc Kincaid?” Seus olhos se abrem de surpresa e eu sorrio um sorriso frio e maldoso. “Oh, o que? Você pensou que eu não sabia? Você estava tentando esconder? O que mais você está tentando esconder? O fato de que você está me usando para algum jogo estúpido e corrupto que está acontecendo?” Essa é a única coisa que faz sentido para mim agora. Não há nenhuma maneira de Dean Carter estar genuinamente interessado em uma garota como eu - eu sou pobre, sou desbocada e as coisas que vi e fiz nos últimos dezoito anos da minha vida são provavelmente mais sombrias do que ele poderia imaginar.

Há sangue em minhas mãos. Raiva em minhas veias. E tanto ódio, não sei se estou sugando ou exalando com cada porra de fôlego que tomo.

“Você é o rei da porra do castelo,” eu continuo, incapaz de me parar enquanto dou dois passos em direção a ele e o empurro de volta contra a porta. “Você manda no poleiro, certo? Você tem tudo o que sempre quis. Apenas um estalar de dedos,” eu paro e faço o movimento de encaixe com minha mão bem na frente de seu rosto

estúpido e bonito apenas para mostrar um ponto, “e é seu, certo?” Eu balanço minha cabeça e abaixo meu braço. “Mas então eu apareço e o quê? De repente, você não consegue tudo o que deseja.” E o que isso me torna para um homem como Dean? Um desafio. Isso é tudo que eu sempre fui e tudo que serei.

A bile que está no meu estômago desde a primeira vez que vi Kate e Dean grudados um no outro sobe pela minha garganta como fogo líquido. Pela pura força da minha vontade, eu o contenho. “Quando você vai entender isso, porra?” Eu olho para ele, cuspindo as palavras com os dentes cerrados enquanto ele olha para mim. Sua mandíbula está dura, os músculos sob sua camisa como pedra. Meu peito bombeia para cima e para baixo com o esforço. “Eu não vou ser controlada por você. *Nunca.”*

Olhos frios e castanhos encontram meu olhar. “Você terminou?” Ele pergunta depois de uma batida.

“Sim,” eu digo. “Eu fodidamente terminei.” Afasto-me dele e da porta, virando-me de costas para ele.

Basta um passo. Um passo e então eu sinto suas mãos duras na minha cintura, seu peito contra minha espinha e sua respiração em meu ouvido enquanto ele sussurra contra o lado do meu rosto. “Bom,” diz ele. “Então é a minha vez.”

Dean me levanta, me gira e, em reação, eu chuto, jogando-o para trás. As luzes se apagam quando suas costas batem no interruptor, mas ele não terminou. Nem mesmo perto. Um rosnado baixo deixa seus lábios enquanto ele apalpa minha cintura, levantando-me em seus braços mais uma vez antes de me jogar de volta no colchão da minha cama, seu corpo caindo com força sobre o meu uma fração de segundo depois. Suas mãos agarram meus pulsos, puxando-os acima da minha cabeça e segurando-os com força. Um hálito quente filtra meu rosto e eu me afasto, resistindo sob seu corpo pesado.

“Saia de cima de mim, porra, Dean!”

“Oh, não. Você teve a sua vez, baby. Eu deixei você gritar e me questionar, mas agora é a minha vez de começar a fazer as perguntas. É a minha vez de obter algumas respostas.” Ele grunhe quando meu joelho bate contra sua coxa, quase o machucando. Ajustando-me rapidamente, amaldiçoo quando todo o seu corpo, todos os seus um metro e noventa e cinco de raiva masculina, afunda em mim, efetivamente me prendendo no lugar.

“Você me deixa absolutamente louco, Avalon,” ele confessa quando minhas lutas são sufocadas. Eu viro minha cabeça e olho para ele.

“O sentimento é mútuo,” eu estalo.

Com o quão perto ele está, posso ver as pinceladas individuais de seus cílios. Eles enquadram seus olhos castanhos perfeitamente, escurecendo as bordas e fazendo-o parecer um monstro perigoso na escuridão do meu dormitório. Foda-se ele por parecer tão bom quando estou tão chateada com ele.

“Eu não disse que não gostava,” ele responde, me deixando calada. Eu não sei o que dizer sobre isso, então eu meramente fico olhando para ele, esperando que ele diga o que quer que ele tão obviamente sinta ser seu direito. Com cuidado, com um olhar focado centrado no meu rosto como se estivesse esperando uma pista que pudesse prever meu próximo movimento, ele transfere ambos os meus pulsos em uma de suas mãos. Dedos percorrem minha bochecha enquanto ele tira algumas mechas perdidas do meu cabelo do meu rosto antes de agarrar meu queixo e levantá-lo.

“Você parece pensar que ainda há uma escolha para nós dois,” ele sussurra na escuridão, sua respiração soprando em meus lábios. Eu engulo com a garganta seca e olho para ele. “Não há.” Sua cabeça desce e pouco antes de sua boca roçar a minha, ele vira sua bochecha um pouco para o lado e desliza seus lábios pelo lado do meu rosto até que seu nariz está enterrado no meu cabelo. “Estamos presos nisso, você e eu,” diz ele. “Não há como escapar. Você continua lutando e, baby, eu tenho que admitir, isso me excita,” ele para e empurra seus quadris nos meus para demonstrar o quanto, e a memória de seu pau endurecido depois que saímos de o lago vem à mente. O comprimento grosso dele, o brilho de prata na ponta. Qualquer saliva que

eu tinha na boca desaparece no instante seguinte e minha boca está mais seca do que um deserto. “Mas é hora de parar,” ele continua. “Chega de lutar comigo. Chega de fugir. Nada de ir embora. Você foi pega, Avalon. Aceite.”

Sua cabeça puxa para trás lentamente, em pequenos incrementos, mas quando isso acontece, cerro os dentes e sibilo minha resposta. “Nunca.” Eu não sou algo que pode ser domesticado. Não sou alguém que pode ser controlado. Eu não vou me permitir ser.

Dean inclina o queixo para o lado, examinando minha expressão como se estivesse tentando desbloquear um quebra-cabeça particularmente difícil. “Você acha que isso vai sumir?” Ele pergunta.

“Eu não sei do que você está falando.”

Ele bufa. O som é tão infantil que me surpreende. Um sorriso estala seus lábios e ele se inclina até que seu nariz esteja contra o meu, seus dedos ainda agarrados ao meu queixo enquanto ele me segura no lugar. Inconscientemente, minhas coxas pressionam juntas. O filho da puta sente - eu sei que ele sente - porque assim que eu faço esse movimento, sua mão deixa meu queixo e se move pelo meu corpo e é então que eu percebo o quão nua estou em comparação com ele.

A palma quente de Dean roça meu estômago e eu posso sentir meus músculos pulsando e saltando ao seu toque. “Deixe-me perguntar uma coisa,” diz ele. “Se eu colocasse minha mão em sua calcinha, você estaria encharcada para mim?”

Eu balanço minha cabeça, em parte tentando afastar os pensamentos e sentimentos que ele desperta em mim e também negá-lo. “Você nunca vai descobrir.” Espero que as palavras saiam fortes, com certeza, e certamente não tão ofegantes quanto saem.

Sem aviso, Dean se levanta de repente e enrola os dedos sob minhas coxas, levantando e espalhando-as sem remorso enquanto ele se move e pressiona seu pau vestido com jeans entre minhas pernas. Eu suspiro e arqueio para cima, me

contorcendo com a sensação. Minhas mãos, agora liberadas, disparam e pressionam contra seu abdômen rígido.

Dean esfrega seu rosto na lateral do meu, até que seu nariz esteja de volta no meu cabelo. *Ele está... sentindo o meu cheiro?* "Oh, Ava," ele sussurra. Eu tremo com a sensação de suas palavras ditas tão baixinho, tão intimamente contra a pele do meu couro cabeludo. "Você me perguntou quando vou entender, porra, mas a questão é... eu entendo. Você não confia em ninguém. Eu sabia disso antes mesmo de ler seu arquivo. Qualquer um pode ver pela maneira como você se comporta."

Minhas pernas estão enganchadas ao redor de suas coxas parecidas com pedras enquanto ele se ajoelha sobre mim na cama. Ele empurra para frente, imitando o que estaria acontecendo entre nós se estivéssemos nus. Um gemido borbulha na minha garganta e eu empurro para baixo, mas toda vez que ele empurra para frente, o contorno de seu zíper roça meu clitóris através da minha calcinha. Faíscas dançam atrás de minhas pálpebras. *Merda, quando eu fechei meus olhos?* Eles se abrem no instante seguinte, e percebo que não foi a única coisa que não percebi. Minhas mãos não estão mais pressionando contra ele, tentando segurá-lo, mas em vez disso, meus dedos estão afundados no tecido de sua camiseta contra suas costas enquanto eu me agarro a ele e ele sussurra as palavras em meu cabelo.

Perigoso. Tão fodidamente perigoso. Ele me faz sentir instável, como se estivesse tentando andar em linha reta durante um terremoto. "O que será necessário para *você* perceber que não estou lhe dando uma escolha, baby?" Uma mão forte mergulha nas mechas na parte de trás da minha cabeça enquanto Dean se inclina para trás, seus olhos iluminados com algo cruel e escuro enquanto ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás, expondo minha garganta. Um arrepio desce pelas minhas costas.

*Merda, isso não é bom.*

"Você me deixa absolutamente louco," ele rosna, inclinando-se, respirando contra a coluna da minha garganta. Ele está tão perto que posso sentir as cócegas de sua barba por fazer na minha pele. Prendo minha respiração, sem vontade de fazer

qualquer coisa que possa me trazer para mais perto de sua boca. Ele me acusou de ser perigosa? Era como o sujo falando do mal lavado. Dean Carter é o perigoso. Se eu me permitisse, poderia deixá-lo escapar sob a superfície da minha guarda; Eu só deixei uma pessoa embaixo.

"Não vamos fazer isso," finalmente consigo engasgar, resistindo com minhas palavras, já que parece que meu corpo não vai fazer isso por mim. "Não podemos."

Ele ri, o som é uma vibração perversa em sua garganta que faz seu peito tremer contra mim. "Não podemos?" A cabeça de Dean vira de um lado para o outro enquanto ele a balança, fazendo sua barba por fazer arranhar precariamente perto do meu pescoço. Isso perturba a porra dos pensamentos lógicos em meu cérebro e me faz pensar em nada além de como seria se ele colocasse toda aquela energia sexy pra caralho e sensação de espinhos mais abaixo - entre as minhas coxas. Inconscientemente, aperto-os novamente e luto contra o desejo de sugerir isso.

*Não sou governada por minha boceta,* digo a mim mesma. *Eu não confio em Dean Carter... mas eu realmente tenho que confiar nele para querer transar com ele?*

"Eu posso fazer qualquer coisa que eu quiser, Avalon," Dean diz, empurrando seus quadris nos meus. Minha espinha se arqueia e cerro os dentes para não gritar como é bom. "Posso pegar a chave do seu quarto e acordá-la no meio da noite deslizando para baixo das cobertas e abrindo suas pernas. Você gostaria disso? Se acordasse gritando com um orgasmo? Posso te dar isso, você sabe."

"Ha." Eu empurro o som para fora e contra seu aperto, eu balanço minha cabeça. "Você não seria capaz de entrar sem me acordar, D-man, mas boa tentativa."

Seus quadris começam a movimentos lentos para frente e para trás enquanto ele esfrega seu pau contra mim. Isso confunde meu cérebro e eu o odeio por isso. Eu odeio suas palavras. Eu odeio a maneira como ele me faz sentir. Eu odeio a ideia de que ele pode ter vindo de Kate direto para mim. Esse lembrete envia uma onda de consciência fria e formigando através de mim.

*Que porra estou fazendo?* Eu mergulho meus dedos sob sua camisa e afundo minhas unhas em sua pele até que eu sinto a espessura de sua carne, até que estou a dois segundos de romper a superfície.

Ele amaldiçoa e sua mão deixa meu cabelo enquanto ele se abaixa para agarrar meus pulsos. “Porra...”

“Se você realmente quer alguém para foder,” ouço-me dizer como se estivesse muito longe, “por que você não vai encontrar Kate?”

Dean recua, confusão e surpresa estragando seu rosto perfeitamente bonito. Eu fico olhando para ele, sem piscar. “O que diabos isso quer dizer?” Ele pergunta.

Arrancando minhas mãos de seu aperto - ele me deixa - eu empurro contra seu peito até que eu possa respirar novamente. “Significa exatamente o que eu disse,” digo. “Se você está querendo que uma vadia esteja à sua disposição, então você está no dormitório errado, D-man. Não estou aqui por um bom tempo. Estou aqui porque não tenho lugar mais para ir.”

“Você está dizendo não, então?” Ele arqueia uma sobrancelha.

“Sim.” Eu desembaraço uma das minhas pernas de sua coxa e enfio meu pé em seu peito, empurrando-o ainda mais para trás. Ele vai sem resistência, mas ainda assim, seus olhos me observam com uma curiosidade cuidadosa que me deixa no limite. “Estou dizendo não e continuarei a dizer não. Toque-me de novo e irei enfiar o seu pau com cabeça de metal tão longe na cavidade corporal que você terá que ver a porra de um proctologista para removê-lo.”

Ele me surpreende quando pergunta: “É por isso que você foi embora?” Eu pisco e ele continua. “Por que você viu Kate e eu? Você pensou que eu iria transar com ela?”

Eu franzo a testa, odiando a sensação de aperto de irritação no meu peito. “Não importaria se você fizesse.”

Um sorriso se espalha em seu rosto. “Você acha que não? E se eu quiser transar com você?”

Eu empurro minha outra perna para longe dele e saio da cama. “Não,” eu estalo, me virando e pegando um par de calças caído no chão. Eu os puxo, não me importando se eles são minhas ou de Rylie. Tudo o que importa é que elas se encaixam e são outra barreira contra o homem pecador em meu quarto que me faz querer sentir o gosto de violência e sangue na minha língua.

“Eu não sou um brinquedo, Dean,” digo, de frente para a porta. “E eu também não sigo as regras de ninguém além das minhas. Você deve se lembrar disso.” Ao som de movimento atrás de mim, eu olho por cima do ombro.

Dean sai da cama e quando ele se aproxima de mim, posso sentir meus músculos se contraindo, ficando tensos e rígidos como se estivesse se preparando para um ataque. Mas tudo o que ele faz é dar a volta e alcançar a maçaneta da porta. Ele vira a maçaneta e uma onda de luz se derrama no interior escuro do meu dormitório, parcialmente me cegando depois de tanto tempo nas sombras. Eu levanto a mão para afastar o brilho inicial.

Ele para na porta, de costas para mim, os ombros ligeiramente para dentro como se estivesse pensando profundamente. Então, com uma voz áspera, quase rouca, ele fala. “Eu não tocaria na porra da Kate Coleman de novo, mesmo se eu estivesse crivado de doença e ela fosse a única cura,” ele cuspiu, parecendo furioso comigo ou com ele mesmo, não tenho certeza. Dean para e vira a cabeça, seus olhos encontrando os meus por cima do ombro. Parece que ele quer dizer mais, mas em vez disso, seus olhos se voltam para o chão da porta aberta do meu armário. “Enquanto você se veste, você deve fazer uma mala também. As férias de primavera começam amanhã.”

Surpresa com a mudança abrupta na conversa, fico boquiaberta com ele. “Por que diabos eu faria uma mala?”

Ele sorri, virando de lado enquanto sai da sala, deixando a porta aberta. “Porque a menos que você tenha esclarecido com sua gerente de dormitório, você não pode ficar em Havers durante as férias.”

Meu queixo cai. Ninguém me disse isso, porra. “Você está mentindo!”

Uma risada latida escapa de sua boca. “Não, eu não estou.”

Eu dou dois passos para frente, enrolando meus dedos ao redor da borda da moldura da porta enquanto eu olho para ele. “Então eu acho que vou ter que esclarecer isso com ela,” eu estalo. Porque não vou voltar para Plexton de jeito nenhum.

As pálpebras de Dean abaixam enquanto ele sorri para mim. “Você pode achar isso um pouco difícil,” diz ele com uma piscadela. “Afinal, eu disse a você que posso conseguir o que quiser, baby.”

No final do corredor, a porta do banheiro se abre e Rylie aparece, com o rosto rosado e bem limpo, carregando sua toalha. Ela para quando vê que Dean ainda está aqui e sua boca se torce em uma carranca irritada. Posso me identificar totalmente com o que ela provavelmente está sentindo agora.

Eu fico na ponta dos pés até estar o mais próximo da altura de Dean que posso chegar. “Bem,” eu digo baixinho, deixando meus olhos desviarem para seus lábios antes de encontrar seu olhar mais uma vez, “você não está me entendendo.”

Dean inclina a cabeça para o lado e eu vejo como aquela barra de prata que eu notei antes pisca atrás de seus dentes. “Veremos, Avalon,” diz ele, antes de dar um passo para trás. “Veremos.”

# 41

## Avalon

Quando o sol nasce no dia seguinte, sou expulsa sem cerimônia do dormitório Havers, como Dean havia previsto. Rylie sai para os degraus da frente ao meu lado e suspira, lançando um olhar na minha direção sem virar a cabeça como se ela não quisesse que eu soubesse.

“Não diga isso,” eu a advirto, deslizando meus óculos de sol baratos sobre meu rosto e olhando para o céu claro. Vai ser muito forte e o calor só faz minha carranca se aprofundar.

“Talvez você devesse ligar...”

“Não há necessidade,” Eu digo, interrompendo-a enquanto reajusto minha mochila. E eu provo que estou certa quando, depois de um minuto, o som baixo e estrondoso do rock tocando nos alto-falantes clássicos dobra a esquina e um Mustang vermelho-cereja para na nossa frente. Dean é um enigma tão grande às vezes, e tão previsível em outras, que me deixa louca, mas pelo menos dessa vez estou certa. Olho de volta para Rylie e arqueio uma sobrancelha. “Quer vir comigo?”

Ela franze o rosto e dá um passo para trás, a luz do sol refletindo em seu cabelo e fazendo-o parecer mais loiro do que lilás. Já faz um tempo que ela deu um toque e ele está voltando à cor original. “Sem chance no inferno,” ela diz com um aceno firme de cabeça. “Você pode ser louca o suficiente para passar uma semana com os Sick Boys, mas vou arriscar para onde estou indo.”

A porta do passageiro se abre e Dean sai, os aviadores centrados na ponte de seu nariz enquanto ele se inclina contra a parte de trás do carro com os braços cruzados sobre o peito enquanto nos observa a vários metros de distância, esperando que eu faça meu movimento e eu vou... em um momento.

“Onde você esta indo?” Eu pergunto, olhando para Rylie.

Seus ombros enrijecem e ela levanta a bolsa ainda mais em seu ombro. “Eu não pergunto sobre o seu tempo com ele,” ela diz, acenando com a cabeça para o homem que está assistindo e esperando por mim. “Você não me pergunta sobre o que eu faço sozinha.”

Eu franzo os lábios, mas ela tem razão. “Tudo bem, bem...” Eu desço os degraus da frente. “Vejo você em uma semana,” eu digo por cima do ombro.

“Se eles não matarem você!” Ela grita de volta.

Eu ri. Como se isso fosse acontecer...

Minhas pernas me levam em direção ao Mustang e Braxton sorri na parte de trás, acenando em minha direção. Abel, por outro lado, mexe no rádio, girando os botões até que o rock se desligue, transformando-se em estática, antes de desistir e apertar o botão de desligar. Paro em frente ao Dean e olho para cima.

“Vamos?” Eu digo.

Um lado de sua boca se curva para cima e ele pega minha bolsa, tirando-a do meu ombro, e então abre o porta-malas para jogá-la entre algumas outras bolsas que eu vislumbro antes que ele a feche novamente. “Vamos,” ele diz, passando o braço por cima do meu ombro e me levando para o lado do passageiro.

“Não tão rápido,” eu digo, parando-o enquanto mergulho debaixo de seu braço. “Acho que tenho isso sozinha, D-man, mas é bom saber que você pode ser um cavalheiro quando quer alguma coisa.”

Eu não dou a ele uma chance de responder, mas enrolo minhas mãos em torno da borda da janela traseira aberta e me levanto e me levanto até cair no banco de trás ao lado de Brax. Eu pego o cinto de segurança e o prendo no lugar enquanto Dean olha para mim com uma sobrancelha arqueada visível sobre seus óculos de sol. “Problemas?” Eu pergunto.

Ele balança a cabeça, alcançando a porta e abrindo-a. Só quando ele entra, batendo a porta atrás de si, é que o ouço murmurar: “Ainda não.”

“Uhuuu!” Brax grita, sacudindo as costas do assento de Abel enquanto ele pula para cima e para baixo em seu assento, rindo e fazendo todo o carro tremer. “Vamos colocar esse bebê na porra da estrada! Estou pronto para ir!”

“Jesus, foda-se, calma!” Abel se encaixa.

“Você é capaz de fazer o carro capotar,” comento secamente.

Brax me lança um sorriso. “Nah, a namorada de Abel pode lidar com muito mais do que minha bunda grande,” diz ele com uma piscadela.

Eu rolo meus olhos, cruzando os braços, mas é difícil não manter o sorriso do meu rosto, não quando ele está tão obviamente animado. “Sim, falando em bundas grandes, por que diabos você está aqui atrás?” Eu pergunto. “Isso é algum tipo de punição? Enfiar a menor pessoa na traseira com o gigante?”

Braxton ri novamente e balança as sobrancelhas. “Você prefere estar aqui com D?”

Isso é um acéfalo. “Pensando bem,” eu digo, “coloque o cinto e vamos lá.”

Dean pega o rádio e o liga novamente, e desta vez, uma música mais antiga do Tupac começa a tocar. Abel coloca o carro em movimento e nós saímos do meio-fio enquanto o sol queima minha testa e o cheiro de gasolina e vento me dá um tapa no rosto.

“Vai ser uma longa jornada,” chama Abel. “Espero que você tenha algo para entretê-la.”

“Você está aqui, não está?” Eu rosno de volta.

Ele não responde, mas noto o canto de sua boca inclinado para cima. É quase tão satisfatório quanto a carranca agora no rosto de Dean no espelho retrovisor lateral. Quase.

Uma casa de praia. É para lá que eles me levam. Ou melhor, é mais uma porra de um complexo do que uma mera "casa." Enquanto Abel desacelera o Mustang e vira em uma pista curta, percebo que dezenas de carros já chegaram. Porsches, Ferraris, Lamborghinis e SUVs escuros se alinham no caminho circular de uma mansão de tijolos cinza com venezianas brancas. Posso sentir o cheiro do oceano salgado no vento. Fechando meus olhos, eu inalo, deixando o cheiro encher meus pulmões.

"Bem-vinda ao Eastpoint Estate," disse Braxton, recostando-se e deslizando os óculos escuros sobre os olhos quando alguém acena para o carro que passa. Devo passar sete dias neste lugar. Presa com Dean, o idiota, os Sick Boys e seus amigos igualmente ricos e chatos. *Talvez eu devesse ter dormido em um banco do campus em vez disso*, penso um pouco tardiamente quando o carro para.

Brax coloca as mãos na lateral do carro e salta para fora. Todo mundo está um pouco mais lento para se mover, incluindo eu. Meu corpo está coçando - aquela sensação que tenho antes de sentir a necessidade de uma boa dose de adrenalina. Eu posso sentir os olhares já começando. Não são apenas os amigos de futebol de Dean, mas suas namoradas também. Dezenas de garotas magras como modelos de cabelos louros e olhos azuis já usando seu primeiro biquíni das férias de primavera.

"A porra da escola inteira vai ficar aqui?" Eu pergunto sarcasticamente enquanto faço uma carranca para uma cadela passando. Não preciso da porra dos olhares de desdém para saber que não sou bem-vinda. Não é como se eu tivesse escolhido estar aqui de qualquer maneira se eu tivesse outra escolha.

Abel dá a volta na traseira do Mustang e abre o porta-malas. "A maioria das pessoas tem suas próprias residências privadas ao longo da praia," diz ele enquanto Dean pega uma mochila e a desliza por cima do ombro antes de estender a mão e levantar a minha. Ele joga para mim, seus olhos obscurecidos por seus aviadores. "Mas para aqueles que moram um pouco mais abaixo, eles geralmente ficam aqui. Não se preocupe, nós temos nossa própria ala. Ninguém vai incomodar você."

Um pensamento me ocorre. “Você disse que esta é a propriedade Eastpoint,” repito, curiosamente. “Então, de quem é?”

Dean e Abel trocam olhares e, desta vez, Dean responde. “Todos nós,” afirma. “É um pouco complicado, mas tecnicamente todas as famílias de Eastpoint têm uma participação na propriedade de todos. As famílias são coproprietárias desta.”

“Complicado como?” Eu pressiono. “Parece muito simples para mim.”

Dean fecha o porta-malas depois que Abel pega o resto das malas. “Simplesmente complicado,” diz ele de uma forma que significa que quer que eu abandone o assunto. Eu faço, mas guardo sua reação para referência futura. Por mais que ele goste de me separar, é justo eu retribuir o favor. Desdobrar as camadas que compõem o homem conhecido como Dean Carter pode me enviar por um caminho escuro e tortuoso. Afinal, eles não são chamados de Sick Boys por seu comportamento santo.

“Vamos,” Dean resmunga enquanto me leva para a entrada da frente. “Vou te mostrar o seu quarto e deixá-la desfazer as malas.”

“Não há muito para desfazer,” eu respondo com um encolher de ombros, mas o sigo mesmo assim.

Abel desaparece quando entramos na casa, mas Dean não diz uma palavra enquanto me guia por uma série de voltas e reviravoltas que fazem minha cabeça girar. Há tantos corredores laterais e tantas portas que juro que o prédio nunca vai acabar. A única maneira de saber que estamos realmente nos movendo é porque quanto mais longe vamos, mais fraco fica o som das pessoas e da música de festa.

Descemos para um nível mais profundo da casa até que a luz do sol diminua e haja menos janelas. “Aqui,” diz Dean, quando chegamos ao andar final e ele para e me aponta para a frente.

Existem quatro portas e ele acena com a cabeça em direção à última à direita. “Este será o seu quarto,” afirma. “Braxton está lá e Abel está lá.” Ele aponta para cada

quarto em potencial antes de me lançar um olhar. “Estou na sua frente e saberei se você tentar escapar, então não tente nada.”

Eu ri. O pensamento é ridículo pra caralho. “Como você vai saber se eu fugir?” Eu desafio. “Você vai ficar meio bêbado a semana toda, não é?” Por toda a emoção que ele mostra com essa pergunta, seu rosto poderia ter sido esculpido em pedra. Eu rolo meus olhos. “E se eu tiver que usar o banheiro?” Eu pergunto, mudando de assunto enquanto me viro e olho para cima e para baixo no corredor. “Não vejo nenhum outro quarto e duvido que consiga encontrar um nesse maldito labirinto que você chama de...”

“Há um no seu quarto,” diz ele, me interrompendo. “Cada um de nós tem um quarto privado, então não há necessidade de ir a lugar nenhum.”

“Oh?” Eu arqueio uma sobrancelha e cruzo os braços sobre o peito. “Você espera que eu apenas fique sentada no meu quarto a semana toda como uma boa menina?”

“Sim, isso seria preferível.”

Uma parte de mim está chocada com sua declaração. Não pelas palavras em si, mas pelo fato de que acho que ele está realmente sendo honesto comigo. No entanto, eu respondo com uma risada de escárnio. “Não vai acontecer,” afirmo, balançando a cabeça.

Ele não fala nada sobre isso, o que, mais uma vez, é um choque. Vou girar a maçaneta da porta que é minha quando percebo algo. Fazendo uma pausa, eu volto para ele. “Existem três famílias de Eastpoint,” eu digo. “Três herdeiros. Por que há quatro quartos aqui?”

O rosto de Dean escurece e ao invés de responder, ele se vira e atravessa o corredor em direção à sua porta. Ele a abre e, em seguida, joga sua bolsa dentro antes de se virar e me encarar. “Mandei entregar algumas coisas para você,” ele me diz. “Acomode-se e eu volto para buscá-la mais tarde.” Ele dá um passo à frente e eu volto para a porta, olhando para a parte inferior de sua mandíbula enquanto ele me encara de forma ameaçadora. “Não. Saia. Até eu voltar,” ele ordena.

Com isso, ele se vira e se afasta, suas pernas o levando para longe de mim o mais rápido que ele consegue andar sem parecer que está fugindo. Eu sorrio para suas costas, mas espero para dizer o que estou pensando até que ele esteja fora do alcance da voz.

“Idiota.”

# 42

## Dean

Eu espreito pela casa me sentindo zangado e perigoso. *Foi uma boa ideia?* Eu me pergunto. Tê-la em quartos tão próximos por uma semana inteira de merda. Do outro lado do corredor. Disponível. Esperando. Pronta para mim.

Ela me quer, isso eu sei que é verdade. O lago. A porra do dormitório dela. O ciúme em seu tom quando mencionou Kate. Oh, eu sei que ela não vai admitir, mas isso não faz com que desapareça. O único problema que estou tendo é esse desejo que sinto por ela.

Avalon é um problema. Os velhos não estão apenas interessados nela, por motivos que ainda não descobri - ela é um curinga. Indomável. E isso só me faz querer controlá-la ainda mais. Cada palavra que eu disse a ela enquanto eu estava lá em sua cama, entre aquelas coxas exuberantes dela, tinha sido verdade. Ela não é o tipo de garota que deixa um homem entrar nela sem confiança. Não é como se eu quisesse a confiança dela. Eu não dou a mínima para isso. Eu só quero que ela pare de foder com a minha cabeça. Cada vez que chego perto dela, meu pau pulsa e eu não quero nada mais do que arrancar suas roupas baratas e espalhá-la na minha cama como uma refeição digna do Rei que eu sou.

*Quanto tempo se passou desde que eu transei?* Talvez seja isso. Talvez tudo que eu precise seja conseguir um pouco de boquete ou alguma boceta fácil e então todo esse desejo irá desaparecer. Talvez não seja realmente ela que eu desejo.

Com meus pensamentos correndo em círculos na minha cabeça, eu subo de volta as escadas para os andares principais e vou em busca de Abel. Eu o encontro - e Brax - na sala de mídia, suas malas jogadas ao acaso para o lado, já em modo de férias de primavera.

Ambos tiraram as camisas, o ar na sala quente com tantos corpos empilhados nele. Pelo menos oito caras estão sentados no sofá gigante em forma de ferradura, com os olhos fixos na TV de tela plana que se estende por mais da metade da parede à sua frente. Metade da tela mostra um jogo de futebol antigo e a outra metade é uma divisão superior e inferior com dois jogadores correndo em uma pista sem fim.

Eu balanço minha cabeça enquanto o carro de cima na tela derrapa e vira, destruindo e fazendo com que metade dos ocupantes do sofá gritem com raiva, e faço meu caminho até onde Abel e Brax estão contra as janelas, assistindo o jogo de sinuca acontecendo.

“Eu preciso que vocês me ajudem a cuidar da garota esta semana,” são as primeiras palavras que saem da minha boca.

A cabeça de Abel levanta em surpresa enquanto Brax meramente ignora meu comentário em favor de pegar o taco de sinuca e se mover para a posição. Eu mudo todo o impacto do meu foco para Abel.

“Por que?” Ele pergunta.

“Eu só preciso ter certeza de que ela não fará nada estúpido enquanto estiver aqui,” digo.

Antes que Abel possa responder, a porta lateral se abre e duas das principais líderes de torcida de Eastpoint entram em biquínis que provavelmente poderiam servir como fio dental. “Oi, Dean,” diz uma delas, acenando para mim ao passar.

Os músculos das minhas costas enrijecem quando ela passa a mão na parte superior da minha coluna. Quase digo a ela para tirar a porra dos dedos de mim antes que eu os quebre. Quase. Em vez disso, mantenho o comentário para mim e dou a ela um breve aceno de reconhecimento antes de voltar para Abel. “Você pode fazer isso por mim?” Eu pergunto, encontrando seu olhar.

Abel franze a testa. “Você a queria aqui, cara,” diz ele com um aceno de cabeça. “Você está sozinho com aquela garota.”

“Precisamos mantê-la por perto. O...”

“Sim, sim, eles querem que a gente fique de olho nela,” diz Abel, me interrompendo. Eu cerro os dentes e resisto ao desejo de estalar com ele. “A questão é,” continua ele. “Nós poderíamos ter feito isso com um detetive particular ou algo assim. Inferno, eu aposto que poderíamos ter deixado ela ficar nos dormitórios e ter um dos gerentes ou até mesmo sua colega de quarto cuidando dela para nós, mas não. *Você a* queria tão perto possível. Perto o suficiente para colocá-la no quarto extra.” Ele levanta as sobrancelhas como se quisesse fazer um ponto. E um ponto bom pra caralho.

O que mais eu deveria fazer? Eu não podia confiar em mais ninguém para vigiá-la; ela apenas escaparia de suas mãos, já que fez várias vezes conosco. Abro a boca para dizer exatamente isso quando uma pequena figura aparece ao meu lado - as costas da líder de torcida. Ela sorri para mim e segura uma garrafa marrom.

“Achei que você pudesse estar com sede,” diz ela em voz baixa. Os lados de seus braços pressionam para dentro, inflando seu peito. É óbvio o que ela está fazendo.

“Dean?” O tom de Abel é mais profundo, um aviso. Eu empurro minha cabeça para cima e olho para seu rosto de pedra. O que diabos ele pensa que eu vou - oh. Meus olhos voltam para a garota. Sim, isso pode funcionar. É exatamente disso que preciso. Como se pudesse ler minha mente, a mão de Abel estala e ele agarra meu braço. “Não faça isso.”

Eu o afasto. “Não se preocupe com isso,” eu digo. “Apenas me faça esse favor e fique de olho nela esta semana.”

Tento me lembrar do nome da líder de torcida - Megan ou Michelle ou algo assim. “Não,” Abel balança a cabeça. “Eu não estou olhando para ela e se você acha que isso não vai irritá-la, você está errado.”

Um rosnado se forma na minha garganta. “Avalon Manning não me controla, porra,” eu rosno. “Seus desejos ou vontades não têm nada a ver comigo. Ela só está aqui para que possamos ficar de olho nela.”

“Então, vocês dois não estão namorando?” Megan-Michelle pergunta, olhando para mim com esperança.

“Vocês dois precisam foder, só isso,” Abel diz, ignorando-a.

“Eu estou bem com isso,” a garota fala, entendendo mal enquanto ela se pressiona contra mim com mais insistência. Pego a cerveja dela e coloco no parapeito da janela.

Abel mostra os dentes para a garota. “Dê. O. fora. Daqui. Porra,” ele ordena. Seus olhos se arregalam e ela grita, olhando de mim para ele antes de se afastar, se virar e sair correndo da sala.

“Isso foi mesmo necessário?” Eu pergunto suavemente. Eu não a queria, mas queria usá-la.

Abel acena com a cabeça em direção à porta lateral e se dirige para ela. Eu assumo sua liderança e sigo. Assim que saímos de casa, longe dos olhos do público de todos os outros que estão festejando lá dentro, ele se vira e me joga de volta contra o prédio. “Eu tentei,” ele rebate, ficando na minha cara. “Eu tentei fazer você ficar longe dela, mas como malditos ímãs, vocês estão atraídos um pelo outro. *Você a* trouxe aqui. *Você a* colocou no *nosso* lado da casa, bem na sua frente. Você realmente vai fingir que não a quer? Todos nós sabemos o que você fez quando foi ao dormitório dela pela última vez...”

“Eu não fodi ela!” Eu grito, empurrando-o de volta.

“Isso é claro pra caralho, idiota, ou você não estaria agindo assim.” Abel zomba de mim, jogando as mãos para cima. “Eu terminei. Eu superei isso. Foda ela, tire-a do seu sistema ou inferno, namore com ela. Eu não me importo neste ponto. É óbvio que você está obcecado por ela, por que diabos você simplesmente não admite?”

“Porque ainda não sabemos quem ela é!” Eu grito. Como diabos ele pode pensar assim? “Ela é uma porra de um enigma.” Eu me viro e saio correndo a meio metro antes de girar para trás e apontar para ele. “Por que diabos eles estão tão interessados nela? Ela sabe?”

“Acho que não,” ele responde, esfriando visivelmente. Ele passa as mãos pelo cabelo, agarrando um pedaço de bom tamanho dele e segurando com força enquanto pensa. “Não, ela não pode saber. Se ela soubesse então...” Então o que? Essa é a questão. Como poderíamos saber? Não estamos perto dela há tempo suficiente. Dois meses, a maior parte deles passados observando-a de longe, não é tempo suficiente.

“E esse é o meu ponto,” declaro. “Você não pode ter certeza. Nenhum de nós pode.”

Ele geme. “Pelo amor de Deus, por que diabos você tem que tornar tudo tão difícil na vida?” Ele pergunta. “Se você a quiser, leve-a. Fim da história. Quem diabos se importa se ela sabe sobre eles? Amarre a bunda dela, bata nela até que ela lhe dê as respostas que você quer e então foda-a na parede. Se ela te trair, vamos fazê-la pagar. Não se preocupe com isso, porra, mas cara, você tem que parar com essa merda. Brax está quase acabando com isso. Ele gosta dela. Inferno, eu gosto dela. Eu respeito a porra fora dela. Saber de onde ela veio, a merda em seu arquivo. Ela não deveria ser tão forte quanto ela age. Se alguém merece um bom tempo do caralho, é aquela garota.”

Tudo o que ele diz é verdade. Ela é muito mais forte do que deveria ser. Há um núcleo de aço que a manteve sã ao longo dos anos com Patricia Manning. O arquivo sobre *aquela* mulher era duas vezes mais espesso e ainda pior do que minha própria mente poderia ter imaginado, e isso... era uma fodida realidade assustadora. Porque eu poderia, sem dúvida, inventar alguns cenários fodidos sozinho. O fato de que ela passou por todas as merdas da infância e não só é corajosa e inteligente, mas também está disposta a enfrentar caras como nós, é mais do que digno de respeito. É totalmente problemático. Não estou acostumado com mulheres fortes. Nenhum de nós está.

Escavadoras de ouro? Sim, claro. Elas são um centavo a dúzia. Princesinhas ricas sem a porra de um cérebro na cabeça? Nós os vemos todos os dias, porra. Mas meninas - mulheres - como Avalon? Eles são uma raridade.

Odeio admitir, mas não a quero para um bom tempo, porra. Se fosse isso, eu a teria fodido há muito tempo. Não, com ela, estou meio apavorado que uma noite não vá resolver. Duvido que seja o suficiente.

Enquanto estou discutindo comigo mesmo, odiando a verdade nas palavras de Abel, ele dá um passo em minha direção e me aperta no ombro com um aceno de cabeça. “Só não faça nada estúpido, cara,” ele me diz. “Goste ou não, estamos nesta casa com ela por uma semana e eu não quero ter que lidar com merda batendo no ventilador se ela ficar chateada com você. Eu sempre vou te apoiar, você tem que saber disso, mas quando se trata dela... as coisas são um pouco diferentes.”

Ele me deixa assim, com aquelas palavras de despedida, enquanto caminha de volta para dentro. E tudo que me resta é um buraco cavernoso no meu peito e confusão no meu cérebro. Foder ou não, essa é a questão. Tenho a sensação de que a resposta logo se revelará, porque nenhum homem, nem mesmo eu, pode resistir à tentação por muito tempo.

# 43

## Avalon

Meu quarto na propriedade Eastpoint é o maior que eu já vi. Facilmente duas vezes o tamanho do meu dormitório, se não maior. Toda a parede posterior é coberta por uma fileira de janelas com vista para o oceano. Dou um passo em direção a ela e paro quando noto as sacolas plásticas pretas na cama king-size que domina metade do quarto.

A curiosidade me faz caminhar em direção a elas, ao invés de ir imediatamente para as janelas, jogando minha mochila no chão e pegando a primeira sacola. Dentro há uma coleção de tecidos. Eu alcanço o fundo e retiro algo sedoso; leva um momento para meu cérebro brincar de recuperar o atraso. Não é seda. É um maiô. Um azul marinho escuro que poderia ser conservador se não fosse pelo fato de que todas as costas estão faltando, feito de tecido apenas o suficiente para cobrir minha bunda e um cordão para manter a frente no lugar. Eu procuro dentro da sacola e encontro mais três iguais - em vários estilos e cores.

Na sacola número dois, encontro vestidos e saídas macias e praianas, e nas bolsas três e quatro, encontro mais roupas - shorts, tops e camisetas. Engraçado, eles combinam perfeitamente com o meu tamanho. *Aquele bastardo sorrateiro,* penso com um aceno de cabeça.

Troco de roupa e seleciono duas peças pretas e cinza com alças cruzadas no peito e nas costas. Depois, passo a próxima hora vagando pelo quarto e abrindo tudo que posso. Ainda fico surpresa ao saber que existem pessoas neste mundo que têm dinheiro suficiente não apenas para uma bela casa, mas também para dezenas. Casas que eles nem usam senão uma semana por ano. O armário está vazio, exceto por alguns cabides, e as gavetas estão cheias de lençóis extras, toalhas e cobertores. O

banheiro tem uma banheira de hidromassagem profunda e um box amplo separado com azulejos de mármore branco em todas as três paredes.

Depois de uma hora e nenhum sinal de Dean voltando, eu decido desistir de bancar a boa menina e vou embora. Afinal, eu nunca prometi que ficaria por aqui e esperaria por ele. Não é minha culpa se ele vem me procurar e eu não estou lá. Eu encontro o meu caminho de volta para os andares principais da mansão seguindo os sons das pessoas, e quando eu volto para o foyer principal, eu percebo que ainda mais pessoas chegaram.

O primeiro dia e as férias de primavera parecem estar em pleno andamento. Garotas de biquíni muito mais picantes do que os meus e caras de shorts correm pela casa, cervejas e copos Solo nas mãos. Não sei de onde veio o álcool, mas parece que quem planejou isso sabia que precisaria dele em abundância. Curiosamente, não localizo um único membro da equipe. Sem cozinheiros. Sem empregadas. Sem mordomos. Apenas um bando de universitários destruindo a casa de férias de algum milionário enquanto eles se embebedam e fodem no corrimão da escada superior.

Eu rolo meus olhos e sigo para a parte de trás da casa. Sair para a luz do sol é uma onda de ar quente e aquela mesma brisa salgada do mar, e se eu ignorar as pessoas se aglomerando ao redor da piscina e os caras ao lado dela jogando beer pong, a cena, por si só, é muito bonita. Sou atraída pela meia parede de pedras que separa a área da piscina do oceano e da praia.

Olhando por cima, vejo que na verdade não é uma meia parede, mas uma extensão de um penhasco e além dela há uma queda total. “Lindo, não é?” Uma sombra cai sobre o meu lado enquanto uma voz desconhecida fala.

Virando minha cabeça, encontro um par de olhos azul-gelo. “Sim, é,” eu concordo.

Ele estende a mão. “Eu sou Jeremy.”

Eu olho para sua mão e depois de volta para seu rosto. “Avalon.”

Quando ele percebe que não vou segurar sua mão, ele a abaixa e sorri timidamente. “Desculpe, não tive a intenção de incomodar,” diz ele. “Achei que seria bom admirar a vista com alguém.”

Inclinando minha cabeça para o cara, eu o examino da cabeça aos pés. Ele não é feio, com um físico em forma e um abdômen clássico, mas está claro que ele não é de Eastpoint. Ninguém mais de Eastpoint teve coragem de se aproximar de mim, e duvido que algum deles arriscaria a ira dos Sick Boys só para ver uma paisagem comigo.

“Ninguém está dizendo que você não pode admirar isso,” declaro, olhando de volta para o mar.

“Ah, mas acho que não estamos admirando a mesma coisa agora, estamos?”

Meus lábios se contraem contra o meu melhor julgamento, e eu lanço a ele um olhar de reprovação. “Essa frase é absolutamente horrível.”

Ele ri, mas se senta contra a parede de qualquer maneira. “Sim, eu sei, mas você abriu um sorriso, não é?”

Eu balanço minha cabeça. “De que escola você é?” Eu pergunto.

Seus olhos se arregalam. “Como você sabe que não sou da sua escola?”

“Eu só sei.” Eu tiro uma pedra do topo da parede e vejo como ela desaparece nas águas agitadas abaixo.

“É justo.” Ele concorda. “Eu vou para Hazelwood U.”

“Isso é na costa oeste, não é?” Eu pergunto curiosamente com uma sobrancelha levantada. “O que você está fazendo tão longe de casa?”

Ele coloca as duas mãos contra a parede e cruza as pernas na altura dos tornozelos. Por um breve momento, acho que é uma escolha terrível. Alguém poderia subir e agarrar suas pernas de uma só vez e derrubá-lo da borda e então seria tarde demais. Puf. Ele teria partido, seu corpo levado pelo oceano. Eu mantenho meus pés firmemente plantados no chão.

Jeremy ri, sem perceber meus pensamentos. “Na verdade, estou aqui com minha meia-irmã,” ele admite. “Ela vai para Eastpoint.”

“Entendo.”

Alguns momentos depois, uma segunda figura mais familiar aparece na borda da multidão e faz seu caminho. “Avalon.” Eu inclino minha cabeça para trás até que meus olhos encontrem os de Jake. Ele lança um olhar para o cara ao meu lado e então franze a testa. “Ei...”

Jeremy descruzou as pernas e se levantou. “Jeremy,” ele se apresenta.

“Jake, uh, posso ter um momento a sós com Avalon?”

“Certo.” Jeremy olha para mim como se quisesse ter certeza de que estou bem com isso. Eu encolho os ombros. Não é como se eu estivesse pedindo a presença de algum deles. Ele acena para mim. “Acho que te vejo mais tarde, linda.”

Os lábios de Jake se abrem em choque, mas eu meramente balanço minha cabeça enquanto Jeremy se afasta e Jake lança um olhar para mim. É melhor acabar logo com essa merda. “O que você quer?” Eu pergunto.

“Vim pedir desculpas,” ele me diz, pressionando os lábios antes de dar um passo mais perto e abaixar a cabeça. “Pela luta. Eu sei que você não queria que eu ligasse para eles, mas eu...”

Levantando a mão para impedir sua desculpa patética de um pedido de desculpas, eu bufo. “Pare,” eu digo. “Eu não preciso de desculpas. Eu as odeio de qualquer maneira. Eu não esperava lealdade nem nada. Está tudo bem.”

“Você tem certeza?” Jake me olha como se não tivesse certeza de minhas palavras, como se elas estivessem escondendo um significado mais profundo.

“Sim.” Eu rolo meus ombros para trás e me alongo enquanto pulo da parede e dou um passo para longe da borda. “Como eu disse, você não me deve nada. Ainda não. Não posso culpar você por cobrir seu traseiro.”

“Ainda me sinto mal por isso,” ele admite.

“Por que?” Eu pergunto. “Não é como se você tivesse causado algum dano.”

“Sim, mas...”

“Esqueça,” eu interrompo. “Sério. Eu entendo.”

Uma batida passa. Primeiro um, depois duas e, na terceira, ele está sorrindo. “Você era realmente algo no ringue,” diz ele. Eu sorrio quando ele sorri para mim.

“Claro que era, aprendi com os melhores.” Eu vou para o lado e quando ele segue, eu não o impeço.

“Onde você aprendeu a lutar assim?” Ele pergunta.

“Estradas secundárias, escolas secundárias e estacionamentos,” respondo. “Praticamente onde quer que houvesse uma luta.” E eu me lembro da primeira garota com quem lutei. Olhos grandes que pareciam poder ver através da porra da minha alma e um círculo ainda maior. Cada habilidade que eu adquiri em lutas futuras foi por causa dela, e o quão ruim ela chutou minha bunda na primeira vez.

Eu volto para a piscina e, em seguida, sigo para a mansão com ar-condicionado com Jake me seguindo. “Eu sei que você disse que não esperava qualquer lealdade ou qualquer coisa, mas eu quero que você saiba que eu gosto de você.” Quando lanço uma carranca para ele, ele corre para se corrigir. “Quero dizer, como amigo. Você é muito legal e eu gosto de andar com você. Talvez se você estiver bem com isso, nós poderíamos pegar alguns drinks e ir para a praia? Eu prometo, eu seria um idiota de merda se eu tentasse dar em cima da garota de Dean.”

Minha mão dispara e meus nós dos dedos dão um soco na parede bem onde ele estava prestes a passar e Jake congela, os olhos saltando do meu braço para o meu rosto. “Eu não sou *nada* de Dean,” eu estalo, soltando meu braço e virando-se para encará-lo. “Se você quer ficar perto de mim, tudo bem, mas não diga merdas como essa de novo. Dean não é meu guardião.”

“Eu sinto muito, cara, eu só pensei que já que você estava aqui - quero dizer, depois da luta, quando ele...”

“Dean é um idiota controlador,” eu digo, interrompendo seu discurso desajeitado. “Ele quer me manter em sua mira para que eu não faça nada estúpido pelos seus padrões. Se vamos ser amigos - tudo bem - então vamos expor os fatos aqui e agora. Você é não é leal a mim.”

Ele pisca como se estivesse chocado e eu levanto uma sobrancelha. Os olhos de Jake encontram o chão e ele enfia as mãos nos bolsos da bermuda. “Não é que eu não *queira* ser leal, sabe...”

“Entendo.” Inferno, de todas as pessoas aqui, acho que sou a única que realmente entende que a lealdade nada mais é do que um pêndulo. Ele balança para um lado e depois para o outro. “Lealdade é sobre sobrevivência e, em Eastpoint, os Sick Boys são os maiores predadores. Você os escolheu e os escolherá novamente. Não estou zangada com isso,” digo a ele. Pelo menos, não mais. “Eu só quero ter certeza de que estamos na mesma página. A única coisa que odeio, porra, são as pessoas tentando chegar perto de mim e mentindo.”

Jake range os dentes e uma mão sai do bolso enquanto ele esfrega o rosto e acena com a cabeça. “Sim, ok, eu entendo. Sem mentiras.”

“E sem fingir,” eu confirmo.

Ele concorda.

“Então estamos bem.”

Eu me viro e vou para a cozinha. Estou tirando duas cervejas da geladeira quando ele finalmente entra no cômodo.

“Sabe,” ele começa, pegando uma das cervejas da minha mão e girando a tampa, “se alguém pudesse desafiá-los pela lealdade de Eastpoint, acho que poderia ser você.”

Eu rio, balançando a cabeça enquanto torço a tampa da minha cerveja também e a jogo em uma lixeira próxima. “Nah. Eu não quero esse tipo de lealdade,” eu digo. “Essas pessoas,” paro e gesticulo para a multidão que estamos assistindo do lado de fora da porta da cozinha, “são leais ao chefão e isso pode mudar a qualquer momento. É falso e eu não faço lealdade falsa.”

A cabeça de Jake balança para cima e para baixo e ele coloca a boca de sua garrafa de cerveja nos lábios, sugando metade da garrafa antes de abaixá-la mais uma vez. “Eu entendo o que você está dizendo,” ele responde, seus olhos centrados nas janelas. “Sim, mas acho que eles são diferentes.”

Não preciso perguntar para saber a quem ele se refere. *Eles.* Os Sick Boys. Dean, Abel e Braxton.

“Eu acho,” ele continua, “mesmo se um ou mais deles perdessem tudo amanhã, eles ainda teriam um ao outro.” Uma onda de ar frio sai de um respiradouro em algum lugar da sala, baixando a temperatura, e luto contra a vontade de tremer enquanto desliza sobre minha pele. “Não sei por que acho isso. Há simplesmente algo sobre eles...”

Enquanto ele para, vejo um dos homens em questão. Braxton levanta uma garota em um biquíni branco e a joga na piscina antes de correr atrás dela. Meus lábios se contraem. Ele parece tão jovem e despreocupado enquanto mergulha como bombas na piscina, formando uma onda enorme que faz com que vários dos ocupantes atuais escorreguem de suas boias na água. Ele surge, rindo, dentes brilhantes, olhos brilhantes e cachos escuros batendo contra sua testa.

Jake está certo. Não consigo imaginar Braxton sem Abel ou Dean em suas costas e vice-versa para os outros. Existe um vínculo invisível entre eles. Estava lá nas advertências de Abel. Na forma como Braxton nunca se aproximou de mim sem eles, a menos que ele fosse solicitado. Eles apoiam um ao outro. Eles se apoiam. O único pensamento que vem à mente é que eles se parecem com uma família. Como irmãos em vez de melhores amigos.

“O sangue da aliança é mais espesso do que a água do útero,” murmuro distraidamente.

Jake olha para mim, suas sobrancelhas levantadas. “O que?”

Eu suspiro, balançando minha cabeça. “Nada,” digo a ele. “É estúpido, apenas um antigo versículo da Bíblia.”

“Não achei você do tipo religiosa.” Posso dizer que o choquei, mas quando você cresce no sul, os fanáticos religiosos dominavam e, embora eu nunca tivesse ido à igreja, certamente duvidava que Patricia o tivesse feito, era difícil sair de um lugar assim sem algumas notas da doutrina.

“Eu não sou.” Eu fico olhando para o sol e o cenário do oceano, franzindo a testa enquanto minha mente me diz para me mover. Abandonar. Para fazer uma piada e distraí-lo da curiosidade. Eu não faço nenhuma dessas coisas, no entanto. Em vez disso, digo a verdade a ele. “É um ditado comum,” digo a ele. “Mas geralmente é citado incorretamente. Você está familiarizado com a frase 'o sangue é mais espesso que a água'?” Eu pergunto.

Ele acena com a cabeça, olhos curiosos me observando.

“A verdadeira citação é 'o sangue da aliança é mais espesso do que a água do ventre',” eu digo.

E isso significa exatamente o oposto do que as pessoas presumem. Isso significa que a família que eles escolhem, os laços que uma pessoa faz na vida são mais fortes do que os de parentes consanguíneos. Porque no final das contas, a família com a qual uma pessoa nasce nem sempre necessariamente o vê como algo mais do que uma posse ou um vale-refeição.

# 44

## Avalon

Dois dias depois das férias de primavera e acho que talvez os Sick Boys não sejam tão ruins. A maioria das pessoas tem muito medo de falar comigo. Eu gostaria de pensar que é porque eles ouviram sobre o que eu fiz com o carro de Kate ou eles ouviram sobre a briga no armazém e reconhecem que eu sou uma vadia durona. Na verdade, porém, tenho quase certeza de que é por causa dos caras. As pessoas morrem de medo de chegar perto de mim porque os Sick Boys me tornaram desejada e intocável.

Como regra geral, não gosto de pessoas - os únicos que consigo suportar são Dean e os caras, Rylie, às vezes Corina e Jake. Basta dizer que não estou desapontada com a falta de simpatizantes e de fazer amizades. Estou perfeitamente satisfeita em beber cerveja e me bronzear à beira-mar.

No segundo dia, Jake me disse que encontrou uma escada que desce para a praia real e nós juntamos nossas merdas e praticamente acampamos na areia o dia inteiro. “Corina está aqui,” ele comenta, virando sua quarta cerveja do dia e drenando-a garganta abaixo.

“Sim?” Eu deveria ter esperado isso. “Eu não a vi.”

Ele encolhe os ombros. “Ela provavelmente está fora com seu novo amigo. Ouvi dizer que ela trouxe um cara com ela. Eles provavelmente estão transando em um dos quartos de hóspedes sem parar.”

Eu bufo com esse comentário. “Com ciúmes?” Eu pergunto.

Ele joga sua garrafa na pilha que coletamos entre nós antes de pegar uma nova do refrigerador e abri-la. “Não realmente. Corina... bem, vamos apenas dizer que ela não é o tipo de garota em que enfiaria meu pau mais de uma vez.”

Isso me incomoda por algum motivo, mas não respondo. Em vez disso, eu descanso e olho para o penhasco maciço enquanto um grupo de caras da festa acima desce a escada que encontramos antes com pranchas de surfe gigantes ao lado. Eles fazem com que carregar as pranchas pesadas pareça fácil, mas tenho certeza de que é tudo menos isso. Eles são grandes, desajeitados e de nível profissional, se o brilho lustroso de suas superfícies for alguma indicação.

Eu olho para cima quando uma sombra cai sobre mim. “Ei, Brax.”

O corpo de Braxton pode estar pairando sobre o meu, mas seus olhos estão focados no meu amigo. “Se divertindo?” Ele pergunta, olhando para Jake.

Estendendo a mão, dou um tapa em seu abdômen. “Deixe-o em paz,” eu estalo. “Eu preciso de alguém para passar tempo, já que vocês me abandonaram na primeira oportunidade e ninguém mais está disposto a me divertir, porra.”

“Dean ainda não veio ver você?” Eu pulo quando a voz de Abel soa bem atrás de mim também.

Sentando-me, eu me estico ao redor do corpo grande da bunda de Brax e fico boquiaberta quando Abel vem caminhando, carregando uma das pranchas de surf. O corpo cortado como a porra de um nadador olímpico, a metade superior de sua roupa de mergulho pendurada revelando os sulcos profundos ao longo das laterais de seu abdômen. Curioso, meus olhos voltaram para Brax. Ao contrário de Abel, ele está usando shorts bastante simples, mas eles não fazem nada para diminuir o corte em V profundo de seu corpo que parece estar apontando diretamente para a frente de suas calças.

*Jesus, foda-se.* Eu me viro de volta, pego minha cerveja e a esvazio de uma vez.

“Não,” eu respondo rapidamente.

Abel vem até o lado e eu tento o máximo que posso para não assistir enquanto ele se inclina sobre o refrigerador para pegar uma cerveja para si mesmo. “Idiota teimoso,” ele murmura.

“O que?”

Ele balança a cabeça, abrindo o topo. “Nada. Não se preocupe com isso. Você está se divertindo?”

Eu aceno e tiro os olhos de seus músculos finos da bunda para olhar de volta para o mar enquanto as ondas vêm quebrando. Dois dos outros que desceram com elas começam com as pranchas já planas na água, seus corpos pressionados para baixo enquanto eles remam nas ondas.

“Para uma prisão, é muito bom,” comento, levantando minha cerveja novamente.

Pouco antes de Brax soltar um bufo, sua mão desce na minha cabeça, esfregando desajeitadamente como alguém faria com uma irmã mais nova. “Como se pudéssemos mantê-la aqui se você não quisesse,” ele responde.

Eu posso sentir o choque de Jake como pequenas alfinetadas ao longo da minha pele enquanto ele assiste a troca. Eu ignoro os dois e continuo falando com Abel. “Então, você surfa?”

Abel me lança um sorriso e enfia sua cerveja na areia para que não caia antes de usar os dois braços para levantar sua prancha resistente e enfiar a ponta no chão. É pelo menos trinta centímetros ou mais alto que seu corpo. “Nah, isso aqui é apenas para decoração,” diz ele sarcasticamente antes de balançar a cabeça. “Sim, eu surfo desde criança. Minha mãe gostava de fazer isso.”

“Hummm.” Eu o observo com interesse. “Você se parece com ela?” Eu pergunto.

Ele faz uma pausa, meio curvado enquanto pega sua cerveja. Há um momento de silêncio e então ele se levanta e se vira. “Não,” ele diz baixinho, “não me pareço em nada com ela.” Então, sem outra palavra, ele esvazia sua cerveja, joga em nossa pilha e pega sua prancha de surfe, saindo.

Eu levanto uma sobrancelha para Brax questionadoramente. “Não é você,” diz ele, balançando a cabeça. “A mãe dele é apenas um assunto delicado.”

“Ele parece se importar muito com ela,” comento. “O Mustang é dela, e agora o surfe...”

“Sim.” Brax acena com a cabeça, mas ele não dá mais detalhes. Não é preciso ser um cientista espacial para descobrir que tropecei em algo que está entre os três. Então, eu apenas me deito na minha toalha e termino minha cerveja.

A noite cai bem rápido quando você não tem nada melhor para fazer do que se deitar sob o sol, assistir os caras gostosos surfando e beber. Horas depois, mudei meu maiô e coloquei um dos vestidos de praia que Dean tinha deixado no meu quarto. É um azul escuro que amarra atrás do meu pescoço e fica pendurado nas minhas coxas, e é provavelmente a coisa mais cara que eu já usei. Estou um pouco irritada porque Dean não está por perto para me ver nele, mas se ele quiser me comprar merda e depois desaparecer na porra do vento como um covarde, acho que vou deixar.

Minhas bochechas estão vermelhas e eu sei com certeza que não estou completamente sóbria enquanto caminho de volta para a praia. Desde esta tarde, alguém construiu três estruturas gigantes de madeira espaçadas ao longo da areia e as incendiou. Parece que todos da mansão vieram aqui para isso - uma festa com fogueira ou seja o que for, porque, ao contrário de antes, a areia está cheia de universitários. A música toca de algum lugar em meio às massas e os casais se soltam e se mexem enquanto dançam com o ritmo.

“Que bom encontrar você aqui.”

Eu quase pulo uma porra de um quilômetro quando uma voz semifamiliar fala no meu ouvido. Girando, eu puxo minha mão para cima e para trás e paro quando vejo um rosto sorridente. “Jeremy.” Eu quase dei um soco nele. Lentamente, abaixo meu braço de volta ao meu lado. “Não se aproxime furtivamente de mim,” eu estalo.

Seus olhos se arregalam e ele dá um passo para trás enquanto seu sorriso diminui um pouco. “Desculpe por isso,” diz ele, abaixando a cabeça.

“Está tudo bem, só... não faça isso de novo.”

“Aqui.” Ele levanta outra garrafa marrom e acena para mim. “Uma desculpa.”

Pego a cerveja, mas não abro. Eu deveria ter ouvido ele subir. Normalmente, eu teria. Quantas bebidas eu tomei? Não estou bêbada de forma alguma, mas sei que também não estou completamente lúcida. Coloquei a cerveja na areia.

“Perdoado,” digo a ele e ele sorri.

“Quer dançar?” Ele pergunta, oferecendo-me sua mão com a palma para cima. Eu olho dele para a multidão enquanto eles deslizam um contra o outro. Não danço desde o clube e, embora pudesse realmente aproveitar o momento de relaxamento, estou hesitante em concordar. Quando ele vê a indecisão em meu rosto, a mão de Jeremy cai. “Não temos que dançar se você não quiser, podemos apenas ficar juntos.”

“Avalon!” Eu vejo isso. Naquela fração de segundo entre quando eu ouço a voz de Jake chamar meu nome e a decepção de Jeremy, há uma ponta de irritação. Ele recua.

“Espere,” eu deixo escapar.

*Dean não está por perto,* ouço minha voz interior dizer. Ele não apareceu desde que me deixou no meu quarto e saiu como se sua bunda estivesse pegando fogo. Todo mundo está agindo como se eu fosse algo especial para ele e mesmo agora, eu sei que Jake está vindo porque ele me vê conversando com Jeremy e de alguma forma, ele pensa que eu não tenho uma palavra a dizer. Dean reivindicou minha bunda. Ninguém em Eastpoint vai chegar perto de mim e sim, estou bem com isso sendo assim. Mas talvez eu não queira que todos pensem que estou sob o domínio de Dean Carter.

Ele pode ter me trazido aqui, mas ele não é dono da minha bunda.

Jeremy olha para cima e encontra meu olhar enquanto eu estendo a mão e pego sua mão. “Sim,” eu digo, tomando a decisão mesmo quando ouço Jake ofegante enquanto tenta chegar até mim no meio da multidão. “Vamos dançar.”

Um sorriso ilumina seu rosto e sem pensar duas vezes, ele agarra minha mão de volta e me leva para a multidão de corpos moendo. A música está mais alta aqui.

Estamos tão perto do fogo que o calor é sufocante. Sob meu vestido, o suor cobre meu corpo e contas começam a se formar, fazendo minha pele brilhar. As mãos de Jeremy encontram meus quadris e juntos balançamos, movendo-nos ao ritmo da música que sai de alto-falantes invisíveis.

"Estou muito feliz por ter encontrado você esta noite," diz ele, inclinando-se e sussurrando as palavras no meu ouvido.

"Oh, sim?" Digo quando, na verdade, quero dizer a ele para calar a boca e me deixar dançar. Eu não me importo com o que ele tem a dizer. Já estamos a dois segundos do meio da área de dança e quero ir embora, mas não vou. Eu fico. Eu o deixei se mover comigo.

Talvez eu faça isso porque sei que não deveria. Todo mundo tem me avisado para não levar as coisas longe demais. Todo mundo está pedindo cautela. Mas estou farta de jogar pelas regras dos outros. Estou cansada de seguir os passos de Dean e ser arrastada por seus desejos e vontades. Só por esta noite, quero fechar meus olhos e fingir que sou apenas mais uma garota - uma garota normal de merda - dançando em uma festa na praia.

"Sim," diz Jeremy, uma de suas mãos alcançando e deslizando para a parte inferior das minhas costas. Uma de suas pernas pressiona para frente, entre as minhas. Eu suspiro e minhas mãos encontram seu peito. *Essa foi uma ideia ruim pra caralho*, eu acho. Ele está estragando tudo. "Quero levar você para casa e mostrar o significado de um bom tempo," diz ele. Meus olhos se abrem assim que sua cabeça desce. *De jeito nenhum.*

Meu pescoço estala para trás e estou a dois segundos de empurrá-lo direto para a fogueira, quando ele não me solta, mas me puxa para ainda mais perto. Eu não preciso, porém, porque Jeremy não é mais meu problema principal, eu percebo quando ele desaparece e eu tropeço, quase caindo de bunda.

Demoro um segundo para reconhecer o que aconteceu, mas o som de punhos batendo na carne chama minha atenção e então eu vejo. "Dean!" Eu estalo, correndo para frente. Eu pego seu braço quando ele vai bater no cara novamente e a cabeça de

Dean vira para o lado. A música para de repente como um disco arranhando um disco e todos nas proximidades param o que estão fazendo para assistir a cena se desenrolar.

"Que porra você estava fazendo?" Dean grita comigo. "Você deixa esse filho da puta tocar em você quando você é minha?"

"Sua?" Repito, liberando seu braço. "Desde quando, porra? Eu não sou sua, merda."

Dean se aproxima de mim e agarra meus cotovelos. "O inferno que você não é!" Sua cabeça levanta e ele encara as pessoas ao nosso redor enquanto eu luto em suas mãos, virando meus braços para que eu me livre de seu abraço. "Todo mundo escuta essa merda!" Ele brada.

*Não,* eu penso. *Ele não iria. Ele não é tão estúpido.*

*Oh, mas ele é,* eu percebo um segundo depois enquanto ele continua falando.

"Para todos aqui, Avalon Manning é propriedade dos Sick Boys!" Ele fala. "Se algum de vocês, filhos da puta, tocá-la, chegar perto dela, ou simplesmente olhar para ela do jeito errado - sua bunda está morta."

A fúria lateja em meu sistema. Raiva de merda absoluta. E tudo isso está centrado no homem diante de mim. "Você não me possui, porra!" Eu grito com ele.

A cabeça de Dean gira e ele estreita os olhos em mim. "Você acha que não, baby?"

"Eu *sei,* idiota!"

Então, ele dá um passo em minha direção e antes que eu possa escapar de seu alcance, ele se inclina, desliza um braço em volta das minhas coxas e me joga para cima e por cima do ombro.

"Dean!" Eu estalo, levantando quando ele se vira, sem esperar que ninguém responda enquanto ele se dirige para as escadas. "Eu juro, Dean, se você não me

colocar no chão agora...” Eu paro quando vejo Jake parado ao lado de Abel e Braxton. Traidor! Embora, novamente, eu não deva estar chocada.

“Cuidem disso,” Dean ordena aos rapazes, acenando com a cabeça para onde Jeremy está, gemendo com a mão cobrindo o nariz ensanguentado. Ele não os deixa dizer outra palavra antes de nós dois passarmos por eles. Dean me ignora e ignora minha luta até que estamos na metade da escada. “Pare com isso,” ele rosna. “Ou você está sujeita a enviar nós dois além do limite.”

Ele tem razão. Minha cabeça levanta e vejo o quão longe ele nos levou. Se ele me deixar assim, não vai acabar bem. Isso e apenas isso, é a única razão pela qual eu finalmente resolvo, esperando até chegarmos ao topo da porra da escada e longe dos penhascos antes de redobrar meus esforços para sair de seus braços. Mas não é até que estejamos dentro e abaixo na ala pessoal dos caras da mansão que ele me libera.

“Que *porra* foi essa?” Eu exijo, socando seu peito no segundo que meus pés atingem o chão.

“Eu te disse,” ele rosna, batendo as mãos na parede atrás de mim. “Eu fodidamente te avisei para não fazer merda estúpida. Então eu vejo você se esfregando em algum cara no meio de uma de nossas malditas festas...”

“Eu *não* estava *me* esfregando nele,” rosno. “Estávamos dançando, e que porra você se importa? Você está desaparecido nos últimos dois dias. Você não pode simplesmente voltar para mim e agir como se não corresse como uma vadia assustada.”

“Sim, eu posso, porra.” Dean estende a mão ao meu redor, gira a maçaneta da porta do meu quarto e, um momento depois, a madeira está batendo na parede enquanto ele me empurra para dentro do quarto e a fecha.

# 45

## Dean

Eu olho para baixo em seus olhos azul-acinzentados furiosos e me pergunto, não pela primeira vez desde que conheci essa garota, se eu perdi minha maldita mente. Ela me faz sentir como se tivesse feito isso. Empurrando-a ainda mais para dentro do quarto, eu a afasto do interruptor de luz, deixando tudo nas sombras.

“O que?” Ela estala enquanto se afasta de mim apenas para me ver de volta ao seu espaço pessoal.

Ela parece bem. Bronzeada. Bochecha rosada. Sexy pra caralho. Tem sido uma porra de pesadelo tentar ficar longe dela desde que chegamos aqui. Agora, eu tenho que me perguntar por que eu me incomodei.

“Eu não faço isso, porra,” digo, olhando em seus olhos.

“Faz o que?” Ela responde, carrancuda para mim.

Minhas mãos encontram seus quadris e a puxo para frente até que ela possa sentir o que faz comigo. Mesmo através de nossas roupas, meu pau lateja com sua proximidade. Mas, claro, ela nem pisca. Não, essa garota não. Seus olhos permanecem nos meus e mesmo que se arregalem um pouco, ela ainda não faz o que eu esperava. Ela permanece completamente impassível além daquele movimento singular.

Não, impassível é a palavra errada. Ela não está impassível. Ela está furiosa por dentro. Nervosa. Furiosa. Como uma deusa da guerra que ainda não foi solta. *Eu desisto,* eu penso. Eu não posso mais fazer isso. Eu não posso ficar longe. Abel estava certo. Não adianta nem tentar. Se ela está trabalhando com meu pai e os outros, então que seja. Vou arriscar. Eu arriscaria a porra de minha vida só para sentir todo o seu fodido calor de fogo no meu pau.

“Você vai ter que usar suas palavras de garotão se quiser que eu entenda o que você quer dizer, D-man,” ela diz, me trazendo de volta à realidade.

Meus dedos apertam em seus lados e eu os arrasto para cima. Eu roço a parte externa de seus seios, onde o vestido decotado que comprei e meus dedos encontram a pele macia e doce. Eu continuo até que minhas mãos cheguem até o topo e envolvam cada lado de seu pescoço. A sensação de seu pulso batendo forte, correndo contra minhas palmas, me excita de uma nova maneira que eu nunca experimentei. “Estou cansada disso,” digo a ela. “Terminei.”

“*Você* terminou?” Ela estreita seu olhar frio em mim. “Essa deveria ser a minha fala. Estou cansada do seu maldito ato quente e frio. Você me traz aqui. Você me abandona. Diz a todos que sou sua - que eu não sou, por falar nisso - e então você...”

“Eu quero que você seja,” interrompi.

Lábios rosados se abrem e eu vejo sua língua deslizar para trás de seus dentes brancos e retos. “Você... quer que eu seja o quê?” Ela repete. Como se não estivesse claro. Como se não fosse óbvio o quanto eu a quero, mesmo quando meu pau está lutando contra meu zíper e pressionado contra seu estômago.

Eu cerro meus dentes e inclino minha cabeça para baixo. “Minha.” Eu sussurro a palavra. Ela está tão perto que posso sentir o cheiro de sal em sua pele. Minha boca enche de água. “Eu quero que você seja minha e quero ouvir você admitir isso de seus próprios lábios.”

O silêncio se estende entre nós. “Por que?” Ela finalmente pergunta. Não é essa a pergunta de um milhão de dólares?

“Porque você é irritante,” eu digo, fechando meus olhos enquanto pressiono minha testa na dela, mantendo-a parada. Ela não tenta mais se afastar de mim. “Porque você luta comigo. Porque você não tem medo de mim.”

Ela bufa, o som zombeteiro e divertido ao mesmo tempo. “Para não estourar sua bolha masculina, D-man,” diz ela, “mas você não é tão assustador.”

Eu abro meus olhos. “Não para você, aparentemente,” eu respondo.

“Mas você me acha irritante,” diz ela.

“Sim,” eu admito. “E às vezes, eu também quero sufocar você.” Enquanto digo as palavras, aperto minha garganta com mais força.

Um brilho escuro de algo que só eu posso nomear entra em seus olhos. “Cuidado,” ela sussurra de volta. “Eu posso estar nisso.”

“Oh, garotinha,” eu digo, sorrindo enquanto olho para ela. “Não há 'poder' sobre isso. Se eu fizer isso, você vai gostar.”

“Oh, sim?” Avalon arqueia uma sobrancelha. “Então por que você não me mostra?”

“Como posso resistir a um convite como esse?” Eu pergunto distraidamente. A resposta é: não posso. Não dou tempo a espertinha para responder. Em vez disso, abaixo minha cabeça e aperto minha boca contra a dela.

Minha língua afasta seus lábios e pela primeira vez na minha vida, eu encontro o verdadeiro paraíso. As pessoas dizem que o inferno está congelado, mas isso não é verdade com ela. Ela é a perfeição e tanta maldade imunda, é uma maravilha que nenhum de nós explodiu em chamas no segundo que nossos lábios se tocaram.

Eu aperto minhas mãos na sua nuca, angulando sua cabeça do jeito que eu gosto enquanto lambo seus lábios. Eu quero consumir essa garota. Devorar tudo o que ela é e trazê-la para mim. Eu deixei minha língua emaranhada com a dela, a deixei sentir o piercing centralizado ali. Oh, o que eu não teria dado para usar um diferente agora. Eu posso apenas imaginar como ela se desfaria para mim se eu tivesse um anel vibratório de língua. Eu poderia pressioná-lo contra seu pequeno clitóris e mantê-lo ali por toda a eternidade e sentir seus sucos cobrindo meu rosto.

Eletricidade corre através de mim enquanto eu deslizo uma palma para cima no comprimento escuro de seu cabelo e aumento meu aperto - puxando-o enquanto puxo sua cabeça para trás. Ela engasga quando sua boca se afasta da minha.

“Dean...” Meu pau lateja ao som do meu nome em seus lábios. Eu pressiono um beijo de boca aberta no ponto pulsante de sua garganta. *Minha.* Eu quero carimbar

meu nome em toda a sua bunda e me certificar de que todo filho da puta que olhar para ela saiba que ela pertence a alguém - não apenas a qualquer pessoa. Eu. Seu maldito *Rei*. Eu a quero - a garota que se recusa a se curvar a ninguém. Eu quero que ela faça isso por mim. E só conheço uma maneira de fazer isso acontecer. Se eu quiser que ela se curve, tenho que me curvar. Algo que nunca fiz antes na minha vida.

Não é uma decisão difícil.

Gemendo em minha boca, quando minhas palmas deixam seu pescoço e descem para a parte de trás de suas coxas, Avalon não luta contra mim. Na verdade, ela pula, suas pernas se abrem, se espalhando enquanto ela agarra minha nuca com os braços e eu a levanto contra meu peito.

Um passo. Sua língua entra na minha boca. Dois passos. Posso sentir o calor de sua boceta através de nossas roupas. Três passos. Eu a pressiono contra a superfície da cama e a deito.

“Dean?” Ela franze a testa para mim quando eu não caio em cima dela como ela esperava.

Por que não, não é assim que vou começar com essa mulher. Quero que Avalon Manning seja mais do que um corpo na minha cama. Eu quero que ela me queira tanto quanto eu a quero. Eu quero que ela pense em mim da maneira que eu penso nela - o tempo todo, porra, em um ciclo que tudo consome.

Eu me abaixo. Quando meus joelhos atingem o chão, suas mãos afundam em meu cabelo. Calafrios perseguem minha espinha enquanto suas unhas arranham meu couro cabeludo. Eu levanto seu vestido e pressiono um beijo na maciez de sua barriga. Meus lábios se esticam e eu sorrio quando a sinto respirar profundamente, sua barriga encolhendo e seu peito subindo sob o tecido escuro que logo estará amassado no chão junto com sua calcinha. Ela sabe exatamente para onde isso vai dar. Minha boca em sua pequena boceta. Minha língua dentro de suas paredes. Eu não posso esperar para vê-la se desfazer, porra.

# 46

## Avalon

*Eu estou fazendo isso? Sério? Com ele?*

A resposta é sim. Eu estou. E, para ser honesta comigo mesma, estamos viajando em um trem-bala direto até este momento, desde que percebi quem ele era. Suas mãos se movem por baixo do meu vestido, empurrando-o para cima enquanto ele beija minha barriga e, em seguida, arrasta ainda mais para baixo até que seu rosto esteja centrado bem sobre minha calcinha, tão perto que posso sentir o calor de sua respiração na minha boceta.

Meus olhos se fecham e quando suas palmas se espalham, minhas coxas se abrem, empurrando-as para cima e para fora até que meus pés estejam plantados na beira do colchão e ele esteja olhando para a virilha da minha calcinha. Um dedo grosso acaricia o centro e eu tenho que morder meu lábio para não gritar. Estou molhada, encharcada pra caralho. Preparada.

“Dean,” digo o nome dele entre os dentes cerrados, “ou faça alguma coisa ou deixe-me levantar e ir buscar alguém que o faça.”

Seu dedo congela, suas mãos se retraem e eu penso, *bem merda, empurrei muito rápido.* Então algo frio toca minha pele. Eu pulo e sua mão pousa de volta na minha coxa, me segurando. “Eu não me moveria se fosse você,” avisa.

Minha cabeça se arqueia e vejo um brilho prateado. Um canivete. Meu coração começa a bater mais rápido, mais forte, ecoando em meus ouvidos. Minha respiração estremece quando meu peito se expande. Os dedos de Dean engancham em um lado da minha calcinha e ele corta antes de fazer o mesmo com o outro lado e então ele pega a barra do meu vestido e olha para cima, aqueles olhos escuros dele encontrando os meus quando ele começa a cortar para cima. A parte de trás da lâmina de metal

pressiona contra a minha pele, fazendo meu batimento cardíaco pular enquanto ele abre um caminho perfeito passando pelo inchaço dos meus seios até que o tecido está aberto, revelando tudo o que meu sutiã não cobre. Isso também, porém, não é páreo para ele e logo estou deitada nua sob Dean Carter.

Seus olhos nunca deixam os meus enquanto ele pressiona a parte de trás do canivete contra sua mandíbula e a fecha com uma mão e a deixa cair perto da minha cabeça. “Você e eu sabemos que não vou deixar você sair deste quarto até que eu tenha você em todas as posições em que imaginei desde que te conheci,” diz ele, mergulhando e lambendo o suor seco de minha garganta.

Eu aperto todo o meu corpo enquanto sinto a bola de sua língua perfurando minha pele. Meus olhos se fecham mais uma vez e eu tenho que resistir a gemer ao sentir seus dedos enquanto eles fazem o seu caminho de volta para o lugar entre as minhas coxas. Um se estende em minha abertura, pressionando para dentro e se curvando em um movimento de venha aqui. Os lábios de Dean se movem da ponta de um seio para o próximo enquanto sua barba raspa minha carne em carne viva.

Eu não consigo recuperar o fôlego. Estou com sobrecarga sensorial. A sensação de seus dedos - primeiro um e depois dois e depois três empurrando em meu núcleo. O som da minha boceta ficando cada vez mais úmida enquanto ele me fode. A intensidade dos meus próprios gemidos quando eu paro de resistir a eles e os deixo sair, encontrando sua satisfação rosnando quando ele morde um mamilo, me enviando diretamente para cima e sobre a borda em um orgasmo rápido e ardente.

Ofegante, eu aperto sua mão enquanto Dean retira seus dedos e os levanta para eu ver. Ele sorri, e eu tenho que admitir, maldade é uma boa aparência para ele. Ele pressiona a mão na minha boca, acariciando meus lábios com a minha própria umidade. Eu nem preciso ouvir. Eu lambo a humidade de seus dedos, olhando diretamente em seus olhos enquanto o faço, desafiando-o a me ajudar. Ele não desaponta. Dean se inclina para frente e lambe o lado oposto de sua própria mão; a única coisa que impede nossas bocas de se fundirem.

Como se uma corrente tivesse sido cortada e ele solto, Dean puxa para trás e puxa a camisa pela cabeça, jogando-a fora. Ele me ajuda a remover os restos do vestido rasgado e o joga também. As mãos de Dean caem para sua cintura e eu mordo meu lábio, observando enquanto ele desabotoa o topo de sua calça jeans e, em seguida, abaixa o zíper. A base de seu pau faz uma aparição, e quando ele tira a calça e a boxer o resto do caminho, saindo delas antes de descer em cima de mim, eu sorrio.

“É bom ver que eu não imaginei aquele piercing,” digo.

Dean arqueou uma sobrancelha e então se abaixou, segurando-se e guiando a cabeça de seu pênis para a minha entrada. Ele esfrega aquele piercing contra meu clitóris, sempre o algoz. Ele faz uma pausa. “Controle de natalidade?” Ele pergunta, os olhos disparando para os meus.

Eu ri. “Dean, eu tomo anticoncepcionais desde os doze anos. Você está bem.” Eu arqueio uma sobrancelha. “A menos que você tenha algo para me dizer.”

“Fui verificado,” ele me assegura, retomando sua tortura. O metal de seu piercing parece mais quente do que eu esperava e imagino exatamente onde estará em breve - na minha boceta, tocando meu ponto G. “Tenho que fazer exames físicos regulares com a equipe.”

“Certo,” eu digo distraidamente, balançando a cabeça. Futebol. Eu esqueci, ele é um jogador. Me ocorre que nunca fui a um jogo, mas acho que futebol não acontece no inverno e na primavera. Meus pensamentos são completamente apagados um momento depois, quando ele abaixa os joelhos e, em seguida, traz a cabeça de seu pênis para a minha abertura e pressiona dentro e, porra, ele é mais grosso do que seus dedos. Muito mais grosso. Deliciosamente.

Eu gemo quando ele começa com estocadas superficiais, trabalhando a primeira metade de seu comprimento dentro. “Foda-se,” ele sibila por entre os dentes. “Você realmente vai me matar, porra.”

Eu choramingo quando ele atinge algo particularmente profundo e minhas unhas afundam na pele de suas costas. Ele geme.

“Deus, esses sons de merda.” Sua respiração atinge meu ouvido - quente e úmido - uma fração de segundo antes dele se inclinar e seus dentes arranharem minha orelha. Ele morde. *Forte*. Eu gemo quando uma injeção de adrenalina flui por mim. “Mais alto,” ele ordena. “Eu quero que eles ouçam você gozar no meu pau.”

*Merda, porra.* Eu não acho que nada poderia soar mais quente do que a confiança em seu tom. Não há dúvida se gozarei ou não em seu pau - apenas a inevitabilidade. Ele vai ser a minha morte. Ele vai me destruir de dentro para fora e estou perfeitamente bem com isso, contanto que seja bom pra caralho. Eu suspiro quando ele se afasta e empurra em mim, seu pau atravessando minha boceta e atingindo um ponto dentro do meu núcleo que quase dói.

Dean se arqueia, fazendo isso de novo e de novo. Movendo-se cada vez mais rápido, entrando em mim com tanta força que a cama se move e a cabeceira bate na parede com cada impulso. Sua mão desce, segurando meu seio e apertando com força. Eu amo isso. A aspereza. A sensação agressiva de ser fodida por ele. Eu já tive caras fazendo isso antes - agarram meu peito enquanto me fodem, mas por algum motivo - vindo dele, é diferente. Talvez porque ele não apenas aperte e solte como eles fizeram. Em vez disso, ele aperta com mais força - forte o suficiente para doer - antes de soltar e, em seguida, passar os dedos sobre a ponta novamente. Seus polegares e indicadores se movem sobre meus mamilos. Suavemente. Uma provocação. Um sussurro antes dele agarrar os picos e as curvas.

“Porra!” Eu grito quando um orgasmo me atinge. Ele atinge meu corpo, quente, inesperado. Mais rápido do que eu jamais imaginei. Isso apaga todo o pensamento racional e me consome completamente, oprime meu cérebro lógico e afoga todo o resto até que estou surfando em uma onda de puro êxtase. É então que eu percebo, Dean Carter é uma porra de droga. Perigoso. Mortal. Viciante.

Eu ofego, ofegando por ar. Chocada com o quão difícil é simplesmente respirar. Mas ele não terminou. Longe disso, na verdade. Ele retira seu pau, deslizando pelas minhas dobras, revestido com os restos do meu orgasmo, e sorri para mim. “Boa menina,” ele sussurra, inclinando-se para mim e pressionando um beijo rápido na

minha boca. Em seguida, ele avança novamente e, por mais sensível que esteja depois do meu último orgasmo, sinto o movimento dez vezes mais forte. Minhas unhas arranham suas costas, arrastando-se para baixo em seus lados, sobre suas costelas, e eu sei, sem vê-las, que deixei minha marca nele.

Dean sibila, arqueando com a dor do meu aperto. Eu sei que deve doer, mas pelo jeito que ele está agindo - se esfregando em mim, me fodendo mais forte do que nunca - está claro que ele não dá a mínima. *Idiota sujo*, eu penso, mesmo enquanto me agarro a seu corpo muito maior, deixando-o me dominar. Leva apenas alguns minutos de suas investidas antes de eu sentir a vibração de outro orgasmo.

*Que porra é essa?* Eu acabei de gozar. Não é possível. “Dean,” eu suspiro.

“Isso mesmo, baby,” ele fala, empurrando mais rápido, batendo contra aquele ponto dentro de mim - batendo no esquecimento. “Diga meu nome.”

Ele está desequilibrado. Poderoso. Com fome. Imparável. Abro a boca para gritar de novo, mas não sai nada. O prazer ricocheteia dentro de mim e meu peito desaba. Meu coração bate contra o limite das minhas costelas. Meus olhos reviram em minha cabeça.

*Vou morrer assim,* acho que pouco antes do pico me dominar. *No auge de um sexo ridiculamente delicioso.*

Mãos agarram meus pulsos e os puxam para longe de sua carne. Meus olhos se abrem. Eu nem tinha percebido quando eles fecharam. Ele empurra meus braços para cima da cama, sob os travesseiros, segurando-os enquanto seus quadris sobem e descem. Estamos conectados, agora, apenas pelo lugar onde ele está batendo seu pau em mim e onde nossas mãos se apertam. Os olhos de Dean encontram os meus - escuros e aquecidos.

“Olhe para mim,” ele comanda. Não há como negar. Eu já sou dele. “Você vai gozar de novo, não é?” Ele pergunta com um sorriso maligno.

Eu não posso responder. Tentar inspirar e expirar ainda é uma tarefa árdua. Abro a boca, mas em vez de falar, gemo quando ele empurra para dentro de mim no

mesmo momento. Ele se esfrega até que eu não consigo sentir nada além da minha pele contra a dele. Eu gemo, jogando minha cabeça para trás nos travesseiros nas minhas costas enquanto ele ri, o som reverberando em seu peito. Eu suspiro, inalando bruscamente quando ele atinge aquele ponto novamente - aquele que está pulsando bem no fundo. E então ele empurra de novo... e de novo. *Porra!*

"Grite," ele sussurra em meu ouvido, seus dedos soltando minhas mãos e descendo para meus seios mais uma vez. Ele circula meus mamilos. Eu sei o que está por vir e não posso esperar por isso. "Grite por mim." Ele aperta, provocando tanta dor e, ainda assim, tanto prazer, não posso deixar de dar a ele o que ele quer. Outro grito rasga através de mim quando gozo, e gozo *forte*. A luz branca me cega. O prazer envolve minha garganta e aperta. Não. Não é prazer. As mãos dele. Abro meus olhos, meio do orgasmo e vejo que ele soltou meus mamilos e mudou-se para o meu pescoço. Ele aperta com as duas mãos, apertando os dois lados - cortando o fluxo de sangue, mas nunca meu oxigênio enquanto seu rosto se contorce.

"Foda-se, sim!" Ele brada. "Me ordenhe, baby. Eu quero que essa boceta pegue tudo que eu tenho para dar." As palavras sujas que saem de seus lábios me estimulam. Ele estava certo. Se ele é o único a fazer isso, eu *faço* como ele diz. Eu arqueio contra seu aperto, contra seu pau enquanto ele empurra em mim implacavelmente.

Eu o sinto se inclinar para trás, puxando seu pau de mim e jorrando o resto de seu esperma contra o lado de fora da minha boceta e sobre a curva do meu estômago. Ele geme quando eu recupero o fôlego - ainda presa na sensação de ter acabado de pular de um maldito penhasco.

E é só quando ele geme e solta minha garganta - quando pontos pretos e brancos aparecem na minha visão, que eu percebo o quão fodida eu realmente estou. Porque sexo assim tem apenas um caminho, direto para a porra do inferno.

# 47

## Avalon

Eu fiz sexo com Dean Carter. E eu gostei. É uma coisa nova para mim gostar de sexo. Sempre foi mais ou menos sobre o lançamento. Não é uma atividade que eu queira passar a noite toda fazendo ou mesmo o dia todo. Mas é isso que acontece. Eu acordo na manhã seguinte com seu rosto já enterrado entre as minhas coxas. As coxas que ele faz vibrar e tremer enquanto ele chupa meu clitóris em sua boca e esfrega a haste de metal em sua língua para cima e para baixo. Ele me faz querer. De novo e de novo. Toda aquela explosão entre nós, o ódio, a frustração, nós descontamos um no outro e é a coisa mais quente que já senti na minha vida.

Sexo com Dean é como ter a maior adrenalina que já tive. Fazemos isso mais vezes do que posso contar. Contra a parede com seu rosto próximo ao meu enquanto ele empurra em mim. No chuveiro, quase dobrada ao meio enquanto ele fode minha boceta com o peito pressionado na minha espinha. Em cima da cama. Na frente das janelas com vista para o oceano. Quando eu acho que não posso mais fazer isso, quando estou muito dolorida que sinto que minha boceta não pode ficar molhada nunca mais, seu braço vai enrolar em volta de mim enquanto estou exausta além da crença, e então de repente seus dedos estão entre minhas pernas e as comportas estão abertas mais uma vez. Ele me empurra de costas, enfia aquele pênis perfurado na minha boceta até que estou gritando mais um orgasmo.

É alucinante e, pior, é confuso.

Eu deitei lá, minha cabeça apoiada em seu bíceps enquanto conto os fios de cabelo individuais em seu braço. Lá fora, o sol está começando a se pôr. Uma matriz de várias cores refletindo na superfície do oceano. Estou em um lindo quarto em um lindo lugar com um homem que passou o último dia e meio provando para mim o

significado de dickmatizada[6], mas tudo em que consigo pensar agora é o quão exausta estou e o quão longe da realidade isso tudo é.

A respiração de Dean sopra contra meu ouvido enquanto ele suspira, seu peito subindo e descendo nas minhas costas. “O que você está pensando?” Ele pergunta como se sentisse a mudança escura dos meus pensamentos. Eu gostaria que ele tivesse ficado em silêncio, mas falar arruinou toda a atmosfera que eu estava gostando.

Eu estendo a mão e puxo o cabelo de um braço em retaliação. “Merda!” Ele retrai o braço e minha cabeça cai contra o colchão, quicando uma, duas e uma terceira vez final enquanto eu rio. “O que diabos foi isso?” Ele pergunta.

“Eu estava curtindo o momento,” declaro. “Você estragou tudo. Isso foi punição.”

As cobertas escorregam enquanto ele passa por cima de mim, pressionando seu peito nu contra o meu, os cabelos arrepiados em seu peitoral esfregando contra meus mamilos, fazendo-os formigar. Eu olho para baixo, sobre as pequenas cicatrizes pálidas que marcam diferentes partes de seu corpo. Algumas delas me surpreendem porque as reconheço. Reconheço um ferimento de faca quando vejo um. Mas eu não pergunto. Podemos ter cedido à química sexual, mas nenhum de nós confia no outro. Ainda não.

“Você nunca respondeu minha pergunta.” Ele pressiona um beijo no meu ombro, uma palma subindo para segurar meu seio.

Eu suspiro enquanto relaxo no colchão. “Eu estava pensando na minha cidade natal,” digo. Embora seus olhos se levantem para examinar meu rosto, ele não responde. Em vez disso, Dean passa os próximos minutos trabalhando seu caminho de volta pelo meu corpo com beijos leves e chupadas fortes até que estou me contorcendo em suas mãos.

---

[6] Quando o pau está tão bom você fica completamente hipnotizado pelo cara que te deu.

Suas mãos largas tocam minhas coxas, espalhando-as amplamente e então ele mergulha entre elas como um homem faminto. Como ele pode fazer isso de novo quando já fez isso tantas vezes, eu não sei. Eu solto um gemido quando sua língua circula meu clitóris. Meus dedos se enredam em seu cabelo, arranhando sua nuca. Eu pressiono, incitando-o a ir mais rápido, para me fazer gozar. Ele obedece e não muito tempo depois, estou ofegando mais uma liberação rápida enquanto ele arqueia sobre mim, o pau duro e a boca molhada com a minha essência.

Eu não me afasto dele quando ele me beija. Em vez disso, abro minha boca para isso. Ele geme contra mim, sugando minha língua e enredando-a com a sua. É sujo e cru, o sexo entre nós. Não exatamente o que eu esperava - mas no bom sentido. Fico feliz em saber que toda sua arrogância e confiança não são imerecidas. Pelo menos não no quarto.

Meus dedos tocam seu lado, acariciando as linhas escuras da tatuagem de rosas espinhosas gravadas em sua pele. Tem mais nas costas. Toda a sua coluna está quase coberta das omoplatas ao topo de sua bunda, mas eu não tive mais do que alguns vislumbres aqui e ali. Nada de concreto para dizer com certeza se é apenas um monte de pedacinhos ou uma obra-prima inteira reunida na tela de sua carne.

Ele geme e puxa sua boca da minha, descansando sua testa entre meus seios enquanto ele desmaia. “Eu vou morrer de sexo,” ele reclama enquanto eu enfio meus dedos por seu cabelo.

Eu ri. É provavelmente o mais infantil que ele já soou na minha frente. Reclamando sobre sexo. “Mas que jeito de morrer,” eu respondo distraidamente.

Ele murmura algo, virando sua bochecha e acariciando um dos meus seios. Esquisito. Acabamos deitados ali por tanto tempo que quase perco a noção do tempo. Mas é longo o suficiente para que o pôr do sol se transforma em noite e a escuridão penetre na sala, deixando nós dois nas sombras. Eu costumava odiar a escuridão. Muitas coisas ruins acontecem na escuridão. Foi Micki que mudou isso para mim. Ela me ensinou que todo mundo esquece que muitas coisas boas acontecem na escuridão também.

A escuridão gera intimidade.

Nas primeiras horas da manhã, há mais rapidinhas do que em qualquer outro momento. Por quê? Porque essas são as primeiras horas do escuro. Quando a vulnerabilidade está no auge. Quando, se a morte não bate à porta, você anseia pela sensação de outro corpo ao lado do seu.

Bem aqui. Agora mesmo. Eu me sinto vulnerável. Não é algo com o qual estou acostumada e, ao contrário do que esperava, não me incomoda. Porque não me sinto sozinha em minha vulnerabilidade. Quer ele admita ou não, Dean me mostrou um lado de si mesmo que duvido que muitos outros consigam ver. O ciúme. A possessividade. O desejo agudo e vontade de controlar outro humano. Eles são todos parte dele, formando quem ele é como pessoa e há uma razão por trás de tudo isso. Assim como sei que há uma razão por trás da minha necessidade de adrenalina. Eu não sou um idiota. Eu sei que não é natural, não é normal. Eu sei que as coisas em que minha mente vem e a necessidade doentia por aquela onda de vida logo antes de fazer algo perigoso não é exatamente um mecanismo de enfrentamento saudável. Eu simplesmente não me importo.

“Conte-me sobre sua mãe.” Meus dedos ainda estão enquanto Dean fala, fazendo aquele pedido com uma voz que parece meio adormecida. A parte inferior de seu corpo está pesada, prendendo o meu na cama, e quando não respondo imediatamente, suas mãos sobem e acariciam meus lados. “Por favor.”

“Dean Carter...” Eu digo, forçando uma risada leve em meu tom, “você está realmente usando boas maneiras pelo menos uma vez?”

“Eu sei como conseguir o que quero,” ele responde.

Minha resposta é um zumbido na minha garganta.

“Avalon.” Ele levanta a cabeça, olhos ricos em solo da cor de um sol escaldante encontrando os meus. “Estou falando sério.”

Meus lábios se abrem e eu retomo a pentear minhas mãos por seu cabelo, precisando de um movimento para me manter sã enquanto me lembro de coisas sobre minha vida e Patricia que eu honestamente prefiro não.

“Minha mãe é uma stripper,” eu admito. “Tem sido desde antes que eu possa me lembrar.” As palavras param à medida que saem raspando da minha garganta. Odeio falar sobre Patricia. Odeio o fato de que apenas o som de seu nome em meus lábios deixa meu corpo tenso e me faz lembrar de coisas que é melhor deixar no escuro. “pelo que sei, ela costumava ser muito bonita,” admito.

A cabeça de Dean levanta, mas eu não olho para baixo. “Ela não é mais?”

Eu balanço minha cabeça. “Na verdade, não, sua pele esta flácida e ela tem essas marcas no rosto. Anos de uso de álcool e drogas acabam cobrando seu preço. Ela não se parece em nada comigo, agora que penso nisso.” Onde eu tenho cabelo escuro, ela é clara. Onde eu tenho pele clara, a dela é bronzeada. Onde eu sou baixa, ela é alta e esguia.

“Hummm.” Sua mão aperta ao meu lado, a aspereza de sua palma contra a minha pele macia faz um arrepio correr pela minha espinha. “Talvez você tenha herdado a aparência do seu pai,” ele sugere.

“Não sei,” eu digo. “Nunca conheci o cara.”

“Então você provavelmente tem sorte,” ele murmura. Antes que eu possa perguntar por que, ele solta um suspiro, arqueia-se e se vira, arrastando meu corpo até que estou jogada em cima dele enquanto sua cabeça repousa contra os travesseiros. Ele grunhe, jogando um braço sobre a cabeça, cobrindo a parte superior do rosto. Eu apoio meu queixo em seu peito, entre seus peitorais. *Como posso ainda desejá-lo?* Eu me pergunto. Eu deveria estar totalmente esgotada e pronta para uma longa soneca, mas apenas olhar para seu rosto, traçar suas tatuagens, me faz querer pular em seus ossos pela milionésima vez consecutiva.

Ele levanta o braço e olha para mim, um sorriso passando por seu rosto. “Um centavo pelos seus pensamentos?” Antes que eu possa dizer mais, no entanto, um barulho alto de batida soa no corredor.

“Ei! Dean! Traga sua bunda aqui!” Abel grita, suas palavras soando arrastadas, e então algo bate na porta do meu quarto. “Ele não está aqui,” diz Abel, parecendo estar falando com outra pessoa. “Onde diabos eles foram?”

Dean geme e eu rolo para fora dele, pulando para fora da cama e pegando um pedaço de tecido estendido no chão, sua camisa eu percebo quando a puxo pela minha cabeça para me cobrir e ela cai até o meio da coxa. “Porra.” Virando-se com a maldição áspera dele, eu paro e rio quando vejo os olhos de Dean comendo a extensão da perna ainda visível sob a bainha. “Você fica tão fodidamente bom nas minhas roupas, baby.”

Reviro os olhos e, como previ, uma fração de segundo depois, a porta do meu quarto se abre. “Ava!” Abel tropeça na sala. “Ah, Merda.” Ele para quando Dean pega um punhado de cobertores e o puxa para cima de seu lixo.

“Deveria ter trancado a porta,” eu digo presunçosamente antes de me virar para Abel enquanto Braxton o segue para dentro do quarto. Ao contrário de Abel, que está tão óbvia e claramente bêbado - Braxton não mostra sua embriaguez até que ele se move para se sentar na beira da cama, erra o colchão completamente e atinge o chão. Eu sufoco uma risada quando Abel se joga no colchão e rola contra um Dean nu sem preâmbulos ou reservas.

“Vou tomar um banho,” anuncio, “e quando sair, espero que todos os caras tenham saído do meu maldito quarto.”

“Vocês estiveram aqui o dia e a noite?” Abel pergunta, sua cabeça levantando e os olhos arregalados quando ele vê o que estou vestindo. “Finalmente!” Ele joga os braços para trás, dando um tapa no rosto de Dean e fazendo seu amigo rosnar e empurrá-lo para o lado da cama.

“Sai de cima de mim, filho da puta,” diz Dean, mas ele não tem um único grama de raiva em seu tom. Quando ele olha para mim, seus olhos se fixam de volta nas

minhas pernas. “E você,” diz ele, “se apresse. Vamos dar outra festa esta noite e você vai.”

Dou dois passos para o lado da cama e me inclino. Sua mão sobe e trava na parte de trás da minha cabeça. “Oh, eu vou, não é?” Eu pergunto em desafio.

“Sim, você vai.” Seus lábios tocam o canto da minha boca e ele rosna quando eu me afasto antes que eu possa cair em outro beijo com ele. Eu sei que se eu fizer isso, então não há como ele não se juntar a mim para tomar um banho e eu me lembro claramente como foi o último.

“Então é melhor você me deixar em paz para me arrumar.” Eu digo, deslizando para longe e indo para o banheiro. Eu deixo a porta fechar atrás de mim e afundar contra ela no segundo que estou fora de sua vista. Eu pensei que Dean não poderia me controlar, mas se eu não tomar cuidado, então aquele maldito pênis perfurado pode muito bem realizar o que ele não pode e eu não tenho certeza de como me sinto sobre isso.

# 48

## Avalon

Sem surpresa, Dean se foi quando eu saí do chuveiro e os caras também. Eu rolo meus ombros para trás, tentando resolver a tensão no meu pescoço. Apesar das horas de sexo sem fim, nossa última conversa me deixou tensa. Eu rapidamente coloco um novo maiô e coloco um short e uma camiseta por cima.

Eu sei que Dean disse algo sobre me querer na festa, mas de repente eu não estou com muito humor para festas. Então, em vez de ir em busca dele, quando chego ao andar principal, me viro para as portas dos fundos e encontro o caminho para fora. As fogueiras foram apagadas e parece que a maior parte da festa está acontecendo agora em um aterro um pouco mais abaixo.

*Bom,* eu penso, enquanto desço a escada de pedra.

Meus pés atingem a areia e um arrepio percorre meu corpo. Sem as fogueiras acesas, a praia fica fria à noite. *Quem saberia?* Não eu, isso é certo, mas agora que estou sentada aqui bem na frente dele, posso ver o apelo. Eu me jogo no chão e suspiro. Apesar de a areia ser pegajosa e irritante na parte de trás das minhas coxas, a aparência infinita das águas escuras me dá vontade de me levantar e caminhar em sua direção... e depois continuar caminhando até estar completamente submersa nela.

"Ei." Eu pulo quando algo frio toca meu ombro. Eu levanto meus olhos e encontro o olhar enigmático de Dean, e percebo que ele está segurando uma garrafa de cerveja aberta. Seus dedos roçam os meus enquanto eu o pego. Eu forço para trás um arrepio e levanto a boca da garrafa aos lábios, tomando um gole longo e lento. Meus músculos ficam tensos enquanto ele fica ao meu lado e na fogueira morrendo

mais um momento antes de afundar na areia, deixando-me saber que ele não está aqui apenas para entregar uma bebida.

“Como você me encontrou tão rápido?” Eu pergunto.

Ele balança a cabeça, mas não responde. Com seu corpo próximo ao meu, perto o suficiente para eu sentir o calor de sua pele, mas não tão perto que estejamos nos tocando, parece um pouco estranho não estar nos tocando depois das últimas vinte e quatro horas. Não sei o que somos, nem se somos alguma coisa.

“Verdade,” diz ele de repente.

Um suspiro escapa dos meus lábios. “Não estou jogando um jogo estúpido,” respondo, levantando a garrafa e tomando um gole.

“Eu não estou pedindo a você para jogar. Apenas me diga uma verdade.”

Eu o analiso com o canto dos olhos. “Uma verdade por uma verdade?” Eu esclareço.

Ele não olha na minha direção, mas mantém o rosto voltado para a água. “Claro, se isso é o que é preciso para entrar nessa sua mente tortuosa.”

Meus lábios se contraem. Idiota. “Tudo bem,” eu digo, “você primeiro.”

“Eu odeio meu pai.”

Eu pisco. Eu não esperava que ele fosse tão franco, especialmente tão rápido. “Eu odeio minha mãe,” eu respondo, tomando outro gole. Depois de um momento de silêncio, quando ele não diz mais nada, sinto a necessidade incomum de elaborar e as palavras começam a sair. “Eu costumava dizer que não. Não gostava da ideia de odiá-la, mas... ela é uma pessoa horrível de merda.”

“Não há necessidade de justificar para mim,” diz ele.

Uma brisa suave que cheira a sal atinge meu rosto quando uma onda atinge a costa a vários metros de distância. Virando, eu encaro seu perfil. Ele se senta de bunda com os dois pés no chão, as pernas dobradas e os ombros rolados para a frente. Meus olhos são imediatamente atraídos para linhas pretas aparecendo por baixo de

sua camisa e sou transportada de volta a um momento em que ele estava enfiando em mim que suas tatuagens eram tudo que eu podia ver. Isso e uma luz branca quando meu orgasmo caiu sobre mim.

Eu quero perguntar qual é o significado de suas tatuagens, se elas têm um significado de qualquer maneira, pelo que eu sei, elas poderiam ser pura decoração, mas algo me diz que não são. Dean Carter não me parece o tipo de homem que faz qualquer coisa para se divertir.

“É a sua vez de novo,” eu aponto, virando minha cerveja em sua direção. Sua bebida continua pendurada em seus dedos, o fundo apoiado na areia.

Depois de um momento de silêncio, sua cabeça se inclina e ele se vira para olhar para mim. “Eu fui primeiro,” diz ele. “Acho que isso me dá uma segunda rodada, em que você dá um salto de fé e me diz algo sobre você que ninguém mais sabe.”

Meus lábios se abrem. “Ninguém sabe que eu odeio minha mãe.”

“Talvez não,” diz ele. “Mas qualquer um pode adivinhar. Dê-me outra coisa. Algo mais significativo.”

“Por que?” Eu pergunto.

“O que?” Ele responde. “Eu estive dentro da sua boceta, mas você não pode me contar um segredo?”

Eu gemo e mostro meus dentes em irritação. “Eu odeio que você seja um louco por controle do caralho,” eu estalo.

Finalmente, há uma rachadura em sua máscara. Seus lábios se contraem e o canto de sua boca se levanta até que ele está sorrindo - realmente sorrindo, dentes e tudo - para mim. “Não, você não odeia,” ele desafia.

“Com licença?”

Ele balança a cabeça e ri. “Acho que isso é o que está mais longe da verdade e não é assim que essa troca funciona. Sem mentiras neste jogo.”

Um braço pende sobre seu joelho e tenho o desejo de derrubá-lo e, em seguida, jogar sua bunda no chão. “O que você sabe sobre mim?” Eu digo, mas minhas palavras não carregam sua amargura usual.

“Muito,” é sua resposta imediata. Ele coloca sua cerveja na areia e levanta a mão até que seus dedos tocam minha bochecha. Eu congelo ao sentir o contato de pele contra pele. O que é ridículo pra caralho. Já senti sua pele na minha antes. Inferno, eu acabei de ter uma longa festa de foda dia e noite com o cara, mas desta vez é diferente. Isso parece algo mais. E não sei como reagir a isso.

“Eu sei que a razão de você ser tão hostil e teimosa é porque você tinha que ser. Deixe-me adivinhar... você cresceu em uma casa com uma porta giratória? Sua mãe namorou um monte de caras? Eles olharam para você como os adultos não deveriam olhar para as crianças?”

Com cada palavra que ele fala, mais fria eu fico. Um arrepio de algo sinistro desliza pela minha espinha. Eu agarro seu pulso e o mantenho longe do meu rosto. “Você aprendeu isso com a porra da sua *pesquisa*?” Eu cuspo. “Que bom para você pensar que pode descobrir tudo sobre alguém apenas pagando as pessoas. Bem, você quer saber o que eu sei sobre você, D-man?”

Ele olha para mim e eu odeio como não posso dizer o que ele está pensando agora. “Sim.” Eu poderia ter perdido a palavra se não estivesse ouvindo. Do jeito que está, o sussurro é tão baixo, tão rapidamente engolido pelo vento e pelo som das ondas quebrando que quase acho que o imaginei. Mas em seus olhos, eu vejo a verdade. Eu sei que não.

“Você é um maníaco por controle porque se sente fora de controle na maior parte do tempo,” acuso. Ele não pisca ou reage, e eu penso em todas as vezes anteriores. O posto de gasolina. A festa da Casa Frazier. A luta do armazém. O lago. *Ele odeia seu pai...*

“O que mais?” Ele pergunta quando eu não continuo.

“Você é um idiota,” declaro.

O canto de sua boca se contorce. “Isso não é segredo.” Não, não é, mas a razão é. Só não descobri esse motivo ainda. Ele se aproxima até que posso sentir mais do que apenas a brisa da praia e água salgada. Meus lábios se abrem. Ele está tão perto e tão irritante. “Avalon...” Meu nome é um sussurro em sua respiração antes que ele se incline para frente e seu lábio inferior toque o meu.

Mas nunca nos beijamos. Não temos chance. “Ei, ei, Dean!” Um profundo barítono grita.

Afastando-se, Dean olha por cima do ombro ao ouvir o som e seus olhos se arregalam. “Marcus.” E como uma criança na manhã de Natal, seu rosto se ilumina e ele sai da areia, esquecendo-se de mim enquanto cumprimenta o novo homem que aparece com Abel e Braxton. Ele é alto, não tão alto quanto Braxton - mas estou começando a acreditar que nunca haverá nenhum que possa se igualar a ele em tamanho - com cabelo loiro arenoso raspado completamente nas laterais, deixando apenas as ondas de fios mais longos no topo como eles caem de lado em deferência ao vento.

“Onde diabos você estava?” Meus olhos rastreiam seus movimentos, observando enquanto eles se abraçam em um abraço viril com algumas palmas nas costas e, em seguida, Dean se inclina para trás, sorrindo para o homem. Uma forma familiar aparece atrás deles.

Eu levanto. “Corina?”

“Ei.” Ela acena e contorna os rapazes, olhando-os como se eles fossem mordê-la. Eu franzo a testa, mas não comento quando ela se aproxima. “Ouvi dizer que você estava aqui.”

“Sim...” Eu cortei um olhar para Dean com o canto do meu olho. “Eu meio que não tive escolha.”

Ela sorri. “Parece que não.”

“Ouvi dizer que você veio com um cara,” eu digo.

Seu sorriso congela, mas depois volta com força total enquanto ela ri. Corina bate suas unhas perfeitamente pintadas contra os lábios e pisca. “Eu não beijo e conto.” Besteira. Eu reviro meus olhos, mas deixo que ela fique com isso. Ela olha para os caras novamente. “Na verdade, eu estava me perguntando se você queria fugir.”

“Você estava?” Uma gargalhada alta me faz olhar para os caras. Dean prendeu a cabeça do cara novo e eles estão brincando, lutando como se não fossem nada mais do que estudantes universitários normais. É meio fofo, mas ainda não consigo deixar de sentir que talvez... eles estão me puxando para aquela imagem deles que não é real. Estudantes universitários normais... Não sei o que são, mas sei que não são. Dean e eu podemos ter trepado, mas não é como se estivéssemos namorando.

Eu desisti. Cedi. Mas ainda não sou dele. Não há mentiras entre nós, minha bunda. Eu me irrito. “Sim,” eu digo, voltando-me para Corina. “Claro, vamos.”

“Você quer que eles saibam?” Ela acena para eles.

“Não.” Eu começo a andar. “Não há necessidade.”

Ela não diz nada sobre isso, apenas dá de ombros, se vira e começa a andar. Em vez de ir na direção dos fogos e da música na praia, porém, Corina volta para as escadas. Deixamos a praia e a brisa do mar para trás e voltamos para a casa, que quando olho ao redor, percebo que está deserta por causa da festa lá embaixo.

“Onde estamos indo?” Eu pergunto enquanto ela segue pelo andar principal para os degraus da frente.

Puxando um chaveiro, ela o balança em um dedo e pisca para mim. “Apenas a casa mais quente do quarteirão,” diz ela. “Minha casa.”

# 49

## Avalon

Claro, a casa de Corina seria como uma mini réplica do Eastpoint Estate. A única diferença é que, em vez de tijolo cinza, a dela tem revestimento azul brilhante. Mas também é construída como um mini-hotel.

“Por que você estava hospedada na casa dos Sick Boys se tem uma casa na praia?” Eu pergunto enquanto subimos os degraus da frente.

Corina para na porta e olha para trás, as mechas loiras e castanhas de seu cabelo caindo sobre seu ombro. “Bem,” diz ela, mordendo o lábio nervosamente, “meu primo vai realmente ficar aqui esta semana.”

“OK?” Eu arqueio uma sobrancelha e olho incisivamente para cima. “Tenho certeza de que este lugar tem quartos suficientes para você e seu primo.”

Ela balança a cabeça. “Ele é... privado,” ela responde. “É difícil de explicar, mas o que ele quer - ele consegue e queria a casa só para ele. Ele disse que podíamos vir hoje à noite e pensei que você gostaria de fugir um pouco.”

*Ugh, ricos idiotas.* “Soa como um idiota se você me perguntar.”

“Heh, sim, eu acho...” Ela se vira e abre a porta, me levando pelo corredor principal e em um espaço de mídia massivo.

A sala está cheia de uma fumaça doce doentia. As únicas luzes acesas são as fracas que pulsam no ritmo da música lenta e rock que sai dos alto-falantes da televisão. Aparentemente, não somos as únicas pessoas que seu primo convidou. Para onde quer que eu olhe, vejo casais. Casais se beijando nos sofás. Garotas e garotos sentados, bebendo e fumando e... Faço uma pausa quando vejo pílulas trocando as

mãos como um cara que não reconheço entrega um saquinho branco para duas garotas em troca de um maço de dinheiro.

Corina ri, distraindo-me da visão, quando um cara dá um passo em sua direção e envolve seus braços em volta de sua cintura. Ele planta um beijo em sua boca tão intenso que parece que ele quer devorá-la. *Tanto para não beijar e contar,* eu acho. Mais como beijar e se declarar publicamente pronta para ir.

Qualquer que seja. Não é como se eu não tivesse fodido meu próprio idiota ruim para mim. Não tenho espaço para julgar.

“Esta é Avalon,” Corina apresenta depois de um momento, puxando para trás e limpando o canto da boca, mas surpreendentemente, apesar de quão quente e pesado o beijo foi, seu batom permanece intacto. Deve ser uma boa merda.

O cara levanta a cabeça e eu pisco, observando as cores diferentes - olhos azuis e castanhos me encaram. “Seth,” diz ele, apresentando-se estendendo a mão. Eu pego, mas em vez de apertar a minha, ele me puxa em sua direção e pressiona um beijo em meus dedos. “E se você precisar de um pouco de amor, não hesite em pedir.”

Meus olhos se voltam para Corina, mas ela não parece nem um pouco ofendida. Em vez disso, ela dá um tapa no braço dele com uma risada. “Pare com isso,” ela pede. “Ela é comprometida.”

“Oh?” Ele me solta. “Meu erro, senhora.”

“Comprometida?” Eu repito, cortando um clarão em sua direção.

Ela me olha. “Todo mundo já ouviu,” ela me diz.

“Ouviu o quê?”

Ela olha para baixo. “Sobre o que Dean fez na praia. É oficial *agora,* certo?”

Não vou nem me preocupar com uma resposta, só pensar em uma me irrita. E daí se Dean perdeu a calma na praia e me carregasse como um homem das cavernas idiota. Isso não prova nada. Corina suspira enquanto Seth acaricia seu pescoço e sussurra algo em seu ouvido.

“Ok, ok,” ela ri, respondendo a tudo o que ele disse antes de se virar para mim. “Eu vou... hum, mostrar a Seth algo bem rápido. Você pode... Seth, pare com isso!” Outra risada feminina escapa de seus lábios.

Eu quero gemer, porra. Não foi para isso que me inscrevi. Eu nunca deveria ter vindo. “Sim, tudo bem, tanto faz,” eu digo. “Apenas me deixe suas chaves, caso eu queira ir.” Ela nem hesita. Eu coloco as chaves dela no bolso do meu short enquanto Seth a leva para fora da sala e não há dúvida em minha mente o que exatamente ela quer *mostrar a* ele.

Não me importo em ser abandonada; o que me incomoda é ser deixada em um lugar estranho com pessoas que não conheço, e mesmo que conhecesse, duvido que gostaria delas. Mas também não sou do tipo pegajosa. Eu vagueio pela casa, me afastando dos gemidos das pessoas fodendo e dos sons dos outros ficando chapados e cacarejando como hienas por nada particularmente engraçado. É como andar por um museu. É meio parecido com um. Pelo menos, pelo que eu sei sobre museus e essas merdas de fotos, filmes e programas de TV online. O fato é que nunca estive em um. Mas imaginei que todos seriam algo assim - com uma atmosfera fria e fotos impessoais que poderiam estar na casa de qualquer outra pessoa.

*Isso realmente foi um erro,* eu acho. Eu deveria ir embora. Eu tomo a decisão de fazer exatamente isso quando me viro e bato em um corpo enorme e quase caio de bunda. A única coisa que me salva é o braço do corpo enorme disparado e me pegando atrás dos ombros. Eu pisco. “Obrigado...” Minhas palavras são cortadas quando reconheço o olhar calculista do homem que está me segurando. Sem hesitar, eu me solto de seu aperto e me endireito. “O que você está fazendo aqui?”

“É bom ver você também, linda,” Luc Kincaid responde, me dando um sorriso.

“Eu gostaria de dizer o mesmo, mas não sou muito boa para mentir.”

Ele sorri. “Ah, não?” Ele se aproxima. “Então me diga a verdade, seu namorado mandou você aqui?”

“Namorado?” Eu faço uma carranca para ele. “Eu não sei de quem diabos você está falando. Eu não tenho namorado.”

Tento passar por ele, mas seu braço, o mesmo que estava ao meu redor - desce, sua palma bate na parede com um estrondo que machuca meus ouvidos. “Eu pensei que você disse que não era muito boa em mentir?”

Minha língua desliza pelos meus dentes inferiores enquanto eu o encaro. “Eu estava indo embora,” eu digo.

“Não, fique, por que não?” O outro braço de Luc sobe, seus dedos roçando meu lado e fazendo minha espinha enrijecer.

“Não me toque, porra,” eu estalo. E idiota que ele é, ele não faz - mas ele chega bem perto. Tão perto que posso sentir o cheiro de álcool em seu hálito e o mar em sua pele.

“Por que você é tão má, linda?” Ele pergunta, as palavras pequenas lufadas de ar que passam pela minha garganta.

“Porque ser uma vadia é tão fácil,” eu respondo.

Ele ri, o som vibrando pelo corredor vazio. “Sabe,” ele começa, “fiz mais pesquisas sobre você desde a última vez em que paramos. Que sorte eu ter encontrado você aqui - na minha casa.”

“Sua casa?” Eu inclino minha cabeça para trás quando ele se inclina. “Você é primo de Corina?”

A única resposta de Luc é um sorriso malicioso. “Quer saber o que descobri sobre você, Avalon Manning?”

Eu respiro pelo nariz, os músculos da minha perna saltando enquanto tento pensar em uma maneira de sair de seu aperto sem tocá-lo ou ele me tocar. A irritação atiça as chamas dentro de mim. “Não, eu não quero.”

Ele me ignora e continua falando como se não tivesse ouvido nada. “Fiz uma pequena viagem há um tempo. Conheci uma mulher interessante.”

“O que diabos isso tem a ver comigo?” Eu exijo, mudando de um pé para o outro. Talvez eu apenas tenha que arriscar. Estou pronta para ir e este idiota está bloqueando meu caminho.

“Eu acho fascinante que uma mulher tão repugnantemente feia quanto aquela tornasse você,” ele responde. Arrepios frios tomam meu corpo. *Não,* eu penso. Ele não poderia. Eu encontro seus olhos, mas não há nenhum indício de mentira aí. Ele poderia ser muito bom em mentir, mas algo me diz que ele está falando sério. “Quase não acreditei que você fosse parente,” continua ele. “Mas eu vi algumas semelhanças.” Eu recuo como se ele tivesse me batido. Sempre me orgulhei disso: não me pareço muito com Patricia. “Seus olhos, por exemplo.” Ele me encara. “Eles têm uma forma semelhante, embora os seus estejam mais perfeitamente alinhados e os dela um pouco largos demais para o meu gosto. Seu queixo também. Todo o resto, porém, acho que é tudo você, linda.”

“Que porra você quer?” Eu estalo. “Isso é algum tipo de ameaça?”

Ele balança a cabeça. “Nem um pouco,” ele diz. “É uma oferta.”

“Uma oferta?”

Luc se inclina de volta para o meu espaço. Minha pele esquenta, mas não é de vergonha. É de raiva. Eu posso sentir isso sob minha pele. Ficando cada vez mais quente. “Ela me pediu para transar com ela, você sabe,” ele sussurra contra a minha pele, “quando eu fui para aquele clube em que ela trabalha. Eu não tocaria naquela boceta drogada, mas você, querida... você, eu poderia fazer tudo. A. Noite. Toda.”

Terminei. Eu acabei. Agarrando cada um de seus pulsos em minhas mãos, eu me inclino em seu rosto e cuspo minha resposta. “Sem chance no inferno,” eu digo, logo antes de bater meu joelho em suas bolas.

O doce som de um gemido engasgado em sua garganta chega aos meus ouvidos e eu sorrio enquanto o empurro para o lado e passo por cima de seu corpo, olhando para cima quando pego Kate boquiaberta para mim no final do corredor, um telefone

celular agarrado em uma mão. Ela franze a testa enquanto eu me aproximo. “Talvez você deva ficar de olho naquele seu noivo,” digo enquanto passo.

“Não há necessidade,” ela responde. “Você vai sair daqui em breve.”

Se ela quis dizer fora desta casa, então ela está cem por cento correta. É provavelmente o mais certo que ela já esteve em sua vida, porque eu nem hesito em deixar Corina sem nem mesmo tentar encontrar sua bunda safada. Estou fodidamente fora daqui.

# 50

## *Dean*

Cerveja gelada. Brisa fresca. Corpos quentes. A vida não pode ficar melhor do que isso, penso por um momento, exceto que poderia. Eu poderia estar de volta na cama com uma maldita pirralha feroz que me deixa louco e sempre aparece com um insulto. Vinte e quatro horas não foram quase tempo suficiente para explorar cada centímetro dela. De seus pezinhos pequenos e delicados, para suas pernas tonificadas, e aquela bunda que eu certamente queria foder em uma parede. De novo.

“Então, onde está essa garota sobre a qual tenho ouvido tanto?” Marcus pergunta, me distraindo dos meus pensamentos menos que PG.

“Tenho certeza de que a vi saindo com Corina mais cedo,” Abel responde, virando sua própria cerveja e esvaziando-a antes de jogar a garrafa vazia em um saco de lixo preto próximo já carregado com eles.

Eu fiz uma carranca, mas Marcus me bateu com um olhar confuso. “Você a deixou sair com a prima de Kincaid?”

Braxton bufa. “Não há como *deixar* aquela garota fazer nada,” diz ele. “Dean está tentando estabelecer as leis com ela desde que ela chegou.”

“Ahhh.” Marcus me lança um olhar astuto, o idiota. “Uma daquelas, não é?”

“Você não tem ideia, cara.” Eu bebo o resto da minha cerveja e jogo no mesmo saco de lixo de antes, antes de me afastar. “Eu vou ver se ela está em casa.”

“E se ela estiver?” Marcus pergunta.

“Eu vou arrastar a bunda dela de volta para que você possa conhecê-la, porra, idiota.” Eu digo por cima do ombro. “Mas esteja avisado, pode demorar um pouco.”

Os três riem enquanto subo a escada. Estou na metade do caminho quando sinto meu telefone vibrar no bolso. *Fodidos*, eu penso. Eles provavelmente querem que eu pegue mais cerveja. Bem, eles apenas terão que esperar até que eu termine com Avalon.

Espero até chegar à cozinha antes de puxar meu celular e verificar, mas não é nenhum dos caras. É a porra da Kate. Quase não abro, mas então vejo o pequeno clipe anexado ao texto e clico nele.

É Avalon. Mas não é isso que me faz tremer de raiva. É o homem que a prendeu contra a parede. Não consigo ver o rosto dela, mas mesmo com o rosto dele em seu pescoço, posso ver exatamente quem *ele* é. Luc, filho da puta Kincaid. E ela está com ele. *Que porra ela está fazendo com ele?*

Meus pensamentos espiralam. *Ela sabe quem ele é? Ela está transando com ele? Ou isso é... algo mais?*

Os rumores sobre a possível transferência de Kincaid vêm à superfície em minha mente, mas agora eles parecem uma ameaça muito maior. Ela poderia ter algo a ver com isso?

*Não, não pode ser,* eu penso, mas a negação é cheia de dúvidas. Não houve nenhuma conexão óbvia entre os dois, mesmo em meio ao arquivo extra que recebemos. *Esse filho da puta poderia estar usando ela? Para qual finalidade? Ele sabe o que ela é para nós?*

Eu olho de volta para o texto e vejo que Kate deixou uma pequena mensagem abaixo da imagem.

**Achei que você deveria saber que sua nova garota não é tudo o que parece.**

Meus braços tremem de raiva e antes que eu possa compreender o que estou fazendo, eu viro e jogo o telefone o mais forte que posso. Ela bate em um espelho pendurado do outro lado da sala e o estalo alto que ecoa soa como uma arma disparando através do vidro. Fragmentos de espelho caem no chão e como se ela

tivesse sido puxada dos meus pensamentos, Avalon entra na sala segurando um molho de chaves que certamente não são dela.

“Que porra é essa?” Ela me encara, olhando do espelho quebrado para a minha expressão enfurecida.

Eu avanço sobre ela. “Onde diabos você estava?” Eu exijo.

“O que?” Ela pisca e ao contrário de qualquer outra pessoa, ela não parece assustada enquanto eu ando pela sala.

“Eu perguntei.” Passo. “Onde.” Passo. “Onde porra.” Eu a empurro de volta, contra a parede, bem ao lado da moldura quebrada do espelho agora destruído. “Você estava?” Meus sapatos esmagam o vidro e eu olho para baixo, grato por ela também estar calçada. Então eu balanço minha cabeça. Não. Eu não deveria dar a mínima se ela fosse cortada porque é isso que está acontecendo comigo agora. Sinto cortes profundos rasgando meus órgãos enquanto olho em seus olhos de nuvem de tempestade.

“Eu estava com uma amiga,” diz ela, desviando o olhar. “Mas eu fiquei entediada e voltei.”

“Corina?” Eu esclareço. Pego as chaves que estão em seu punho. Sei que estou prestes a irritá-la e não dou a mínima, mas não imaginaria que ela não tentaria me golpear com uma ou todas elas. No início, ela se agarra a elas, mas quando pressiono um nervo particularmente sensível em sua mão, ela solta com uma inspiração aguda.

*Isso mesmo, baby. Eu sei muitas coisas que você ainda não sabe.*

Ela levanta a cabeça e me olha. “Sim.”

“Ela estava com você o tempo todo ou você fugiu, Avalon?”

Seus lábios se curvam em uma carranca profunda. “Do que diabos você está falando?”

Ela tenta se afastar de mim, mas eu a agarro e me pressiono totalmente contra seu peito, prendendo-a na parede. “Não se afaste de mim, porra,” eu rosno. “Diga-me,

você estava com sua amiguinha esse tempo todo ou estava com Luc Kincaid, transando com ele?"

Uma batida de silêncio passa entre nós e sua cabeça afunda em seus ombros. Seus olhos se estreitam em pequenas lascas. Por vários momentos, ela não diz nada, e é isso. É quando eu sei, porra. Eu tenho sido enganado por ela. Avalon Manning não é uma princesa indigente. Ela é uma prostituta cavadora de ouro. Exatamente como tudo que o arquivo diz que sua mãe é.

E meu maldito pai, ele e os outros chefes de família. Eles sabiam. Por que eles me dariam o arquivo dela então? Nós deveríamos vigiá-la. Era isso? Só para ter certeza de que ela não estragou tudo? Se fosse esse o caso, então eu fodidamente arruinei esse plano, porque eu estraguei tudo. Eu a deixei entrar em minha pele.

"Vou lhe dar três segundos para me soltar," diz ela em uma voz tão baixa que quase não consigo entender as palavras.

Eu fico olhando para o rosto dela, a suavidade e cremosidade de sua pele. Os cílios escuros que emolduram seus olhos. O pequeno punhado de sardas tão leves que só se revelam realmente quando ela está deitada ao sol. E eu quero estragar tudo. Eu quero destruir esse rosto. Coloco minhas mãos em volta de sua garganta e aperto. Eu posso sentir o calor dentro de mim crescendo, como um vulcão pronto para entrar em erupção.

"Dean." Ela diz meu nome e odeio o jeito como amo isso em sua língua. "Tire suas malditas mãos de mim agora, antes que eu faça você tirar. Eu tive uma noite de merda e eu realmente não quero fazer isso agora."

"Então me diga a verdade," insisto.

Eu quero ouvi-la dizer isso. Eu preciso ouvi-la dizer isso. Eu quero sua confirmação ou sua negação - qualquer um vai me dizer que tipo de pessoa ela realmente é, mas no verdadeiro estilo de Avalon, ela não me dá nada. Quando eu não me movo, ela coloca as duas mãos no meu peito e me empurra de volta antes de se virar.

“Eu não disse que você poderia ir embora!” Pego o braço dela, mas assim que sinto meus dedos travarem em seu bíceps, ela se solta do meu aperto e joga um gancho de direita no meu rosto.

“E eu não disse que você poderia me tocar, idiota!” Ela grita de volta. “Estou farta de ver vocês, idiotas, pensando que podem simplesmente me agarrar e me jogar como uma maldita boneca de pano! Você acha que só porque eu transei com você que eu pertenço a você? Bem, eu não pertenço a você. Então, você pode ir se foder por tudo que me importo.”

O vermelho colore os cantos de minha visão. Mesmo sentado sozinho em suas malditas casas gigantes, com ferimentos por todo o corpo causados pelas sessões noturnas de "treinamento". Mesmo depois de ter matado meu primeiro traidor. Mesmo durante o pior de minha adolescência e infância, nunca me senti tão irritado. E antes que eu possa parar para pensar ou me perguntar por que é assim com ela, já é tarde demais..

Mais cacos de vidro quebram sob meus sapatos enquanto eu a pego e bato com as costas em outra parede, empurrando meu corpo contra ela, deixando uma das minhas pernas entre suas coxas. “Você pertence a mim,” digo a ela no mais frio dos tons. “Eu posso fazer o que eu quiser com você e não há nada que você possa fazer para me impedir. Você não vai fugir. Eu não vou deixar você correr de volta para ele - ele só quer foder prostitutas de qualquer maneira... ou espera, é isso que você quer? Você quer que eu te foda como uma puta? Eu pensei que já te agradava o suficiente, mas se é isso que você quer, baby...” Eu me afasto, deixando-a cair de volta no chão para que eu possa veja a reação dela.

Grande engano do caralho. Avalon atira para longe de mim e quando eu me movo para segui-la, ela se vira e me dá um soco no nariz. “Merda!” Eu tropeço para trás enquanto o sangue escorre pelo meu lábio superior, mas ela ainda não terminou. Oh, não, não minha garota. Ela recua e desfere o que eu poderia ter chamado de um chute frontal completo perfeito se não tivesse sido direcionado diretamente para minhas bolas.

Eu caio no chão, ofegando enquanto a dor ricocheteia em mim. O vidro no chão corta a porra da minha calça jeans e posso sentir as picadas de cada ferimento. Nenhum é maior, porém, do que o pensamento de que estive bem e realmente fodido por ela.

Uma pequena mão feminina passa pelo meu cabelo, puxando minha cabeça para trás enquanto tento recuperar o fôlego e não vomitar. Sua outra mão agarra minha garganta enquanto ela se inclina e sibila em meu ouvido - e mesmo com a agonia em meu corpo e a fúria que estou sentindo, não posso deixar de achá-la magnífica em sua própria animosidade colérica.

“Eu não sou propriedade de ninguém, Dean. Muito menos sua.”

Eu tusso e olho para ela. “Você acha que não?” Eu pergunto. Eu tento balançar minha cabeça, mas é difícil com as unhas dela arranhando meu couro cabeludo, me segurando lá. Pensar, apenas algumas horas atrás, aquelas unhas estavam em lugares diferentes e por razões muito diferentes. “Isso é tudo que sua boceta sempre quis ser, baby,” Eu cuspo. “Propriedade. E acho que é isso que te mata por dentro. Então, independentemente de como eu possa parecer para você agora, Ava. Eu ganho e sempre ganharei. Você fodeu com o homem errado.”

Ela ri. Uma risada honesta para Deus, porra. “Você acha que ganhou? Oh não, Dean.” Ela balança a cabeça. “Você não ganhou. Você abriu a caixa de Pandora e meus demônios estão vindo atrás de você.”

Com isso, ela abaixa minha cabeça e vai embora. Não ouço ou vejo aonde ela vai e não consigo me levantar do chão frio de ladrilhos. Gotas vermelhas continuam pingando do meu rosto e não sei quanto tempo levo para me levantar, mas quando o faço, tenho que usar a parede como apoio.

*Maldita seja ela.*

“Dean!” A voz meio em pânico de Abel chega aos meus ouvidos, e estremeço com o quão afiado soa. Ele vem correndo pela esquina, ofegante, suando, os olhos arregalados e trêmulos.

*Merda. Esta noite não é a porra da noite para isso,* eu acho, mas ele é a porra do meu irmão, então eu me endireito da parede e vou em direção a ele enquanto pego uma toalha de mão e começo a limpar meu rosto.

"O que é isso?"

"Onde diabos está Avalon?" Ele exige, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele empurra a tela de seu telefone na minha cara, que mostra claramente Avalon em nossa garagem, pegando uma chave de um dos ganchos na parede. Eu assisto em estado de choque enquanto ela valsa direto para onde o Mustang de Abel está estacionado, entra e sai. "Ela roubou a porra do meu carro!"

Eu respiro fundo e solto. Braxton dobrou a esquina e parou quando nos viu. Enquanto Abel está muito assustado para notar, eu sei que Brax vê os cortes da minha calça jeans e o sangue manchando minhas roupas, e nem mesmo me surpreende quando ele cruza os braços sobre o peito enorme e espera por mim.

"Puxe o rastreador," eu digo friamente. "Nós vamos atrás dela."

"Malditamente certo, nós vamos," Abel estala. "Que porra ela está pensando?"

Eu sei o que ela está pensando. Ela está pensando que pode fugir de mim. Mas não. Isso não está acontecendo, porra.

# 51

## Avalon

Eu coloco meu pé no acelerador e acelero. O ponteiro oscilante do velocímetro salta para cima e avança lentamente, mas com segurança, chegando à marca de 100 km e além. Os faróis iluminam a estrada escura do interior. Quanto mais eu fico olhando, mais difícil é ver, até que percebo que não é que a estrada é difícil de ver, estou apenas chorando.

Soluçando, na verdade. Soluços fortes e agitados destroem meu corpo enquanto as lágrimas escorrem dos meus olhos. Eles escorregam pelo meu rosto, coisinhas sujas, deixando-me com um gosto salgado na boca que é tingido de um fio metálico. Lágrimas e sangue. Como? Porque mordi o lábio com tanta força que posso sentir onde a pele se rompeu e o sangue escorre da ferida para a minha língua.

"Foda-se ele..." Eu sussurro. Eu levanto meu punho do volante e o abaixo com força. Forte o suficiente para enviar um ricochete de dor pelo meu braço. "Foda-se *eles*," eu corrijo, porque não foi apenas Dean Carter. Foram todos eles. Todos por um e um por todos. Eles o apoiariam, eu não tinha dúvidas. Então foda-se todos eles. "Foda-se eles. *Foda-se eles.* FODA-SE. ELES!" Eu grito até meus pulmões doerem.

Isso dói. Porra, tudo dói. A pior dor imaginável. Como ser destruída e deixada, ofegante, em uma pilha de lixo. Isso é essencialmente o que ele fez. Nunca na minha vida eu deixei alguém me fazer sentir como se eu fosse tão suja e nojenta quanto minha mãe - nem mesmo a própria cadela. Mas ele fez isso. E por que me sinto assim? Porque eu fui e fiquei estúpida. Oh, eu disse a mim mesma que estava sendo inteligente, mas no segundo em que desisti, no exato momento em que abri minhas pernas, no fundo, eu sabia. Eu me levantei e bebi o suco de vadia idiota que ele estava distribuindo.

*Isso era óbvio?* Eu me pergunto. *Eu simplesmente não tinha visto os sinais?* Não achei que fosse possível para uma garota como eu ser dickmatizada, mas não sou estúpida o suficiente para acreditar que isso não tem qualquer relação com a traição que sinto agora. *Deus, eu não consigo* respirar!

O sexo foi incrível. Foi sujo e podre e, por alguma porra de razão, quando eu estava em seus braços, eu não era Avalon Manning, a garota do lado errado dos trilhos. Eu apenas fui eu, sem todas as merdas do passado para arruiná-lo. E ele era apenas um cara, tão irritante quanto podia ser, tão controlador e tão idiota quanto ele, de quem eu gostava.

Gostava, como no tempo passado. Porque, o fato é que não estou apaixonada por ele. Amá-lo seria arruinar tudo o que sou. Porque eu não sou uma garota que ama. Eu sou uma garota que destrói e, oh, Dean não sabe ainda, mas ele cometeu um dos maiores erros de sua vida comigo. A cobra de ira pura e não filtrada se liberta e desliza para cima e ao redor da minha garganta. Isso embaça minha realidade quando eu tiro meu pé do acelerador e simplesmente deixo o passeio roubado acontecer.

Eventualmente, o Mustang para lentamente no meio da estrada. Escuridão na minha frente e escuridão atrás, muito parecida com meu passado e meu provável futuro.

Aqui estou eu... sentada em um carro roubado no meio do nada com sangue e lágrimas no meu rosto. Eu ri. É engraçado pra caralho. Estupidamente engraçado.

Eu rio tão alto, longo e forte que meu estômago começa a doer. Algo parece solto em meu cérebro. Como se o que quer que estivesse me mantendo semi sã estourou e quebrou. A barreira se foi agora e isso. Sente. Porra. Satisfazendo.

Meus olhos deslizam para o lado e eu alcanço o cinto de segurança quando eles pousam no porta-luvas. Eu me solto, movendo-me lentamente como se meus membros tivessem vontade própria. Eu pressiono o botão e ele abre. Meus dedos encontram o cabo da arma que eu tinha visto escondida aqui na primeira vez que andei neste carro. É fácil pegá-la - fácil demais - e, embora a arma pareça pesada em minhas mãos, parece certa também. Eu o levanto e aponto para o para-brisa. Eu

imagino os caras. Um por um. Parados em uma linha em frente aos dois feixes de luz que emanam dos faróis do Mustang.

*O que eu faria se tivesse a chance de matá-lo? Eu poderia fazer isso? Posso puxar o gatilho?*

Agora, eu sinto que seria muito fácil explodir não apenas o dele, mas a porra de cada um de seus cérebros - porque se não fosse pelos outros dois, eu poderia nunca ter conhecido Dean Carter em primeiro lugar. Meu dedo encontra o gatilho em questão e o suaviza, mas não o pressiono. Em vez disso, abaixo a arma e, após um momento, coloco a arma de volta no porta-luvas, fecho-o e prendo o cinto de segurança de volta no lugar.

Não, eu não vou matá-los. Eu tenho coisas melhores planejadas para eles. Coisas mais torturantes. O que vou fazer, porém, é voltar. Não para Eastpoint, mas para o lugar onde tudo começou. Muitas pessoas na minha vida parecem pensar que têm poder sobre mim, e tudo começa aí.

Primeiro o passado. Então o presente. Só então posso finalmente enfrentar a porra do futuro.

Regras para viver. Para olhar para frente, tenho que voltar. Só uma vez. Só desta vez. Eu coloco meu pé de volta no acelerador e desta vez, quando eu piso, eu sei exatamente para onde estou indo.

Esses meninos, aqueles idiotas doentios, deturpados, nojentos e pervertidos, pensam que podem entrar na minha vida e me arrastar para a carnificina do inferno. O que eles ainda não perceberam, é que eu nasci lá e sei exatamente como não apenas sobreviver, mas como crescer.

Quando chego ao trailer de Patricia, todas as luzes estão apagadas e a rua está vazia. Ela não está em casa ou está dormindo, e não estou com vontade de deixá-la dormir. Saio do carro, batendo a porta atrás de mim e clicando no botão do chaveiro para trancá-la. Aposto que Abel está pirando de vez. Afinal, eu havia roubado seu precioso carro. No entanto, não consigo encontrar em mim para dar a mínima. Todas as porras que eu tinha para dar sumiram de repente. *Estou totalmente fora. Tente novamente amanhã, idiotas.*

Subo os degraus de concreto e abro a porta de tela rachada. A porta, é claro, está destrancada. *Vadia idiota,* eu acho, abrindo-a e entrando no interior escuro.

"Ei!" Eu chamo, minha mão deslizando ao longo da parede para o interruptor de luz. Meus dedos o atingem e as lâmpadas amarelas do antigo ventilador de teto ganham vida, lançando o resto da sala em uma luz filtrada nebulosa. Meus pés congelam. Minha respiração deixa meu peito com pressa.

*Que porra é essa?* Não consigo conciliar o que estou vendo na minha frente.

Há sangue por toda parte. Algo molhado esguicha sob minhas sandálias. Eu olho para baixo e percebo que não é apenas o futon e a mesa de café, mas o carpete está encharcado nele. Em alguns lugares na superfície verde do chão, o sangue secou em uma crosta marrom, mas não onde estou. Não, em vez disso, estou em uma piscina disso. O líquido sai de cada fibra do tecido sob meus pés enquanto eu pressiono e tropeço para o lado.

"Patricia?" Grito o nome dela, mas não há resposta. "Mamãe!" Não há ninguém. Nenhuma evidência de qualquer outra coisa errada, exceto por todo o sangue. Se uma parte é nova e outra é velha, isso significa que é dela ou não? Todo o resto parece exatamente como no dia em que saí - mesa de centro de vidro coberta de garrafas de bebida velhas e vazias, um cinzeiro cheio demais e a camada branca de pó de cocaína. A sala inteira cheira a ferrugem e outra coisa. Eu enrugo meu nariz e cubro meu rosto com a palma da mão. Tem o cheiro de que algo não está queimando, mas já foi e só recentemente foi apagado.

“Eu não posso acreditar.” Estou tão focada na cena diante de mim, confusão nadando em minha mente, evaporando toda a raiva que eu estava sentindo, que levo um momento para perceber que as palavras ditas não são minhas, mas de fato as palavras de um intruso. E quando o faço, é tarde demais.

Eu me viro na direção da voz, reconhecendo o som profundo e áspero no momento em que uma agulha pressiona meu braço e o fogo atira em minha pele. Afastando-me do dispositivo, dou um soco, batendo no homem que segurava a seringa. Roger.

“Que porra...” Minhas palavras são cortadas enquanto toda a sala se inclina. Ele sacode o golpe e olha para mim com um sorriso antes de entrar no trailer e fechar a porta, a porta que eu estupidamente deixei aberta, atrás dele.

“Não sabia o que pensar sobre aquele 'Stang chique no pátio, mas fico feliz em saber que é você, pequenina,” diz ele.

Eu tropeço para trás, meu peito doendo. Minhas pernas parecem pesar centenas de quilos. “Que porra é... o que você fez?” Eu murmuro, minhas palavras arrastando.

Ele dá um passo em minha direção, sua grande barriga balançando e ele sorri, seus dentes manchados de amarelo parecendo ainda mais sujos sob esta luz. “Oh, isso?” Ele pergunta. Eu me movo para trás e caio, minha espinha batendo no chão, no meio do caminho entre o carpete da sala e sobre o vinil da cozinha. “Isso não é nada para você se preocupar com sua linda cabeça, pequenina,” ele diz. “É apenas algo para torná-lo um pouco mais agradável. Vim preparado desta vez.”

“Desta vez?” Suas palavras são difíceis de seguir. Minha cabeça dói. A sala gira, borrando enquanto a luz pisca dentro e fora. Então eu percebo, não é a luz piscando - estou piscando, tentando controlar meus sentidos, mas o que quer que estivesse naquela seringa... a seringa! Meus olhos vão para onde ela caiu no chão, mas parece que está há quilômetros. Muito além do meu alcance. Drogas. Ele me injetou drogas. Heroína? Algo mais? O que é isso?

Dedos ásperos agarram minha nuca, puxando meu cabelo enquanto Roger sorri para mim. “Você não podia lutar como fez com meus meninos,” ele diz. Os meninos dele... os caras para quem Patricia tentou me vender. Eles eram seus caras.

Com uma mão na parte de trás da minha cabeça, a mão livre de Roger desce até o zíper de sua calça e o abaixa. Eu me afasto. Puta merda. Não. Isso não. “Droga,” diz ele, “essa sua boca, garota. Sonho com isso há anos.”

Seu zíper está abaixado e o botão desabotoado e seu pau está para fora. Pequeno e magro, é uma desculpa patética para equipamentos. O que quer que ele injetou no meu sistema faz com que cada movimento que eu faça pareça mais lento e fraco. Como se meu corpo pesasse dez vezes seu valor normal. É uma luta recuar, mas consigo. Lançando um olhar carrancudo tão cheio de nojo que posso sentir o gosto da emoção na minha língua, eu olho para ele.

Eu mostro meus dentes para ele. “Você tenta colocar essa coisa na minha boca,” eu assobio. “E eu juro que vou morder isso, Roger.”

Ele raspa as unhas contra meu couro cabeludo, prendendo meu cabelo mais uma vez antes de sacudi-lo na minha cara. “Faça isso,” ele rosna, “e eu vou quebrar todos os seus dentes, vadia, e foder seu rosto.”

Eu rio, minha cabeça afundando em meus ombros. “Experimente,” advirto-o, obrigando-me a enunciar além do latejar em minha cabeça e corpo. Minha garganta parece que está pegando fogo quando as palavras surgem. Calafrios percorrem minha espinha e pisco com força. *Porra, isso não é bom.* Meu estômago esta em cólicas. Eu vou vomitar. Mas já se passaram horas desde que eu comi, então, mesmo se eu fizer isso, tudo que vai surgir é a bile. Eu não tinha parado nem uma vez, exceto para abastecer com o dinheiro que encontrei ao lado da arma no porta-luvas de Abel. A arma. Eu gostaria de ter trazido comigo agora.

Roger olha para mim com o cenho franzido e, de repente, sua mão se foi. “Talvez você precise de outra dose, hein?”

*O que?* Eu penso estupidamente. Ele se vira e me deixa onde estou, caminhando de volta para onde deixou cair a seringa e então - como se eu estivesse assistindo um personagem em um filme - ele retira um pequeno vidro do bolso de trás de sua calça jeans caída. Meus olhos seguem o movimento de suas mãos enquanto ele enfia a agulha no topo e retira mais do líquido turvo.

*Não, não, não, não, não, não. NÃO!* Então me ocorre. Isso está realmente acontecendo. Estou muito bem e verdadeiramente fodida. *O que eu fiz?*

"Não se preocupe com nada, pequenina," Roger murmura ao se aproximar. Eu deslizo para trás, minha mão disparando debaixo de mim e minha cabeça quebrando no chão de ladrilhos. Estrelas dançam na frente da minha visão enquanto a agulha pressiona de volta em meu braço e mais fogo cobre minha garganta enquanto eu solto um grito, exceto que apenas ecoa na minha cabeça. Alto. Muito alto. E então em silêncio. Como se meus tímpanos estivessem rompidos. O som na sala entra e sai assim como a luz quando uma segunda onda de drogas atingindo minhas veias me domina. A náusea se enrosca em meu estômago, um estômago que reviro enquanto tento fugir.

Minha respiração entra e sai do meu peito enquanto me esforço para encontrar algo para me segurar. Meus dedos travam em torno da perna da mesa e eu agarro, usando meu aperto para me puxar em direção a ela. Eu não posso deixar isso acontecer. Mas meu corpo permanece onde está. Eu não estou *fodidamente* em movimento. Meus braços e pernas estão moles, inúteis. E meu aperto? Não está nem apertado. Quase não sinto a madeira sob a palma da mão. Na verdade, quase não sinto nada. Não o frio do piso de vinil contra minha bochecha. Não é o calor de suas mãos quando elas agarram meus quadris e os arrastam para cima. É como se uma onda de água me envolvesse e eu estivesse apenas roçando nas coisas, em vez de tocá-las. Estou flutuando.

Um latido áspero de riso ricocheteia em meus tímpanos, soando mais alto do que qualquer coisa deveria soar quando se está debaixo d'água. Isso me machuca. Isso me irrita. O vermelho escorre em frente à minha visão e percebo que, apesar de

não conseguir senti-lo, arranquei uma unha enquanto arranhava a mesa em um esforço para fugir. O sangue se acumula no leito da unha e escorrega pelo meu dedo, pingando na parte de trás dos nós dos dedos.

Uma risada soa em meus ouvidos quando sou virada de costas. A luz do teto é muito forte para meus olhos. Eu os fecho, tentando pensar, mas é difícil sair da névoa que se agarra aos meus pensamentos. Cerro os dentes quando dedos gordos e robustos encontram a gola da minha camisa e a rasgam até o meio. Meu braço queima por causa do local onde a agulha entrou na minha pele.

Minha pele... parece que está derretendo. Está muito quente. É muito. Tudo é demais. Eu abro minha boca enquanto o fogo corre ao longo de minhas terminações nervosas, me queimando de dentro para fora. O que diabos está acontecendo comigo?

Minha cabeça vira para o lado e eu só percebo em um momento tardio de clareza que fui atingida. Meus olhos se abrem novamente e eu olho para o rosto velho e cheio de marcas de espinha de Roger. “Pare de gritar, vadia,” ele rosna. “Você vai gostar se você apenas... abrir... suas... malditas... pernas.”

*Eu estava gritando?* Eu acho que sim. *Por que não ouvi?* Ele luta, respirando com dificuldade enquanto abre minhas coxas. A bile sobe pela minha garganta. Jesus, foda-se. Ele vai me estuprar.

*Lute,* eu estalo para mim mesma. *Lute, sua vadia burra.* Eu não posso deixar isso acontecer. *Eu não vou!*

“Você é igualzinho à porra da sua mãe,” Roger diz, lambendo os lábios enquanto alcança a cintura da minha calça, puxando-a para baixo. Exorto meus braços a se moverem. Para parar de ser tão inútil, mas é como se cada músculo que já possuía tivesse sido arrancado. Eu não tenho força em meus membros e meu corpo não está ouvindo minha mente enquanto ela grita para que tudo *pare!* “Lá vamos nós, querida.” A voz de Roger faz meu estômago embrulhar como se houvesse leite estragado dentro de mim. Ele lambe os dedos sujos e os empurra para baixo, entre as minhas pernas.

Isso é o que o inferno é. Não é um homenzinho vermelho dançando em meio às chamas. Não é um monstro gelado lutando para se libertar de sua própria prisão pessoal enquanto congela todos ao seu redor. O inferno é humano. É este homem. Esse lugar. Bem aqui. Agora mesmo. E depois de todas as lutas, fúria e lutas duras e frias que passei, finalmente fui vítima.

Eu suspiro, odiando a dor de saber que ele está empurrando seus dedos dentro de mim. Não consigo sentir, mas sei que eles estão aí. Me esticando por dentro para me preparar para ele. Há vômito na minha garganta, me impedindo de dizer uma palavra maldita. O silêncio ecoa em minha mente e ao redor.

*Eu não quero isso. Esta não sou eu. Isso não está acontecendo. Por que isso está acontecendo?*

Minha cabeça vira para o lado enquanto a náusea me oprime e o ácido amarelo é expelido do meu estômago, subindo pela minha garganta, queimando meu esôfago, vazando pelo canto da minha boca. Meu braço cai fracamente. Eu empurro o rosto de Roger, empurrando-o para trás em uma tentativa de lutar. Leva tudo o que tenho, cada grama de vontade, cada fodida grama de raiva em mim, para realizar até isso.

“Oh, não, você não vai.” Meus ouvidos zumbem quando ele faz uma carranca para mim, puxando sua mão para trás e fechando-a em um punho antes de deixá-la voar. Atinge meu queixo e minha cabeça voa para trás. “Tenho esperado anos para fazer isso, sua boceta, e nada vai me impedir de finalmente conseguir o que mereço.”

Pontos dançam na frente da minha visão, tons de preto e branco e vermelho e azul. Eu não posso... minha cabeça pesa cem quilos. É uma luta levantá-la. Meus olhos se conectam com o teto sujo e as manchas de água ao redor da luminária. No limite da minha visão, posso ver a cabeça de Roger balançando. Minhas pernas são empurradas mais largas, largas o suficiente para que eu possa finalmente sentir as dores enquanto a sensação começa a voltar lentamente para meus membros.

Tarde demais, no entanto. É tarde demais.

A cabeça cega de seu pau esfrega contra minhas dobras.

*Mate-o,* eu penso. *Eu vou matá-lo, porra.* Rasgar seus intestinos e amarrá-los. Eu vou vê-lo sofrer, porra. Deus não existe, não neste lugar, mas se existisse, então deveria saber... Ele fez isso. Ele criou esse monstro em cima de mim e vou queimar tudo o que Ele fez.

Eu cerro meus dentes enquanto Roger empurra em mim e geme. “Foda-se, você é tão apertada pra caralho, sua vadia.” Ele dá um tapa na minha cara. “Solte-se!”

Uma risada borbulha da minha garganta. Eu não posso me mover, porra. Não consigo levantar a cabeça, mas o momento é engraçado para mim. Eu rio, rio e rio.

“Que merda você está rindo, vadia!” Outro tapa joga minha cabeça para o lado oposto.

Meu peito vibra com a minha diversão, mesmo quando ele me fode. Ele não tem ideia do que fez. Minha mãe estava certa. Eu me tornei uma prostituta como ela. Espero que ele goste dessa boceta porque vou garantir que ele pague por ela com cada litro de sangue em seu corpo. Não há mais como escapar de mim. Se ele não me matar antes que as drogas terminem de correr pelo meu sistema, então resta apenas um fim para ele. Morte. Pelas minhas mãos.

Algo soa à distância. Lascas de madeira. Quebra de vidro. “Quem diabos é...”

Não há palavras da nova pessoa. Não há nada além de uma tensão tão fria que posso sentir como uma onda sobre minha carne. De repente, o corpo de Roger é arrancado. Sua patética desculpa de pau cai fora de mim e ele se foi.

Minha mente vagueia, sonhos de sangue e estupro e morte ecoando no fundo. De alguma forma, acho que posso até ouvir Roger gritando agora. E é uma trilha sonora adorável para ouvir enquanto eu finalmente desmaio.

# 52

## Dean

O som de um homem adulto soluçando chega aos meus ouvidos e eu faço uma carranca. Não quero nada mais do que me virar e voltar lá fora e arrancar outra unha do homem ou, inferno, talvez desta vez, eu apenas removerei o dedo inteiro. Não fiquei chocado ao saber que Avalon estava indo para casa. O que me deixou chocado foi entrar e ver... aquilo.

Até Abel, por mais zangado que tivesse estado, tão fodido como todos nós estávamos, congelou ao ver Avalon no chão sob algum fodido gordo e sujo com seu pau empurrando entre suas coxas. A bile se instala em meu estômago enquanto eu termino de lavar as evidências de sangue do rosto de Avalon, suas mãos e suas coxas. Ela está desmaiada há horas. Tempo suficiente para que eu contatasse um médico local e os mandasse ver como ela estava. Com conexões como as nossas, temos pessoas em todos os cantos do mundo e Plexton fica a apenas algumas horas de algumas cidades importantes.

Eu toco sua testa, mas não há febre. Os soluços do homem se transformam em gritos agudos de agonia. Não quero pensar no que Braxton está fazendo com ele, tudo que sei é que dói e espero que ele continue.

As primeiras horas não foram nada além de choros enquanto o prendíamos. Não havia como parar isso. Até Abel participou. E não importa o quão alto o homem que agora conhecemos como traficante de drogas local, Roger Murphy, tenha gritado, Avalon não tinha acordado nenhuma vez. Foi só depois que Brax mergulhou as bolas do filho da puta na água com um jumper preso a uma bateria de carro, que finalmente conseguimos mais do que chorar e gritar.

Não, nós recebemos algo que eu não esperava.

Informação.

Olhos azul-acinzentados se abrem e encontram os meus. Eu pulo de pé, inclinando-me sobre ela. “Avalon?” Ela não responde ao som de seu nome. Nem mesmo um lampejo de reconhecimento. Hematomas escuros sublinham seus olhos e um ainda mais escuro estraga o lado de seu rosto. Ela foi esbofeteada, esmurrada, estuprada - porra - e é por minha causa.

Ela correu porque eu estava com muita raiva, muito cego e possessivo. Eu queria fazê-la sofrer, mas não assim. Nunca disso. “Avalon, você pode me ouvir?” Eu tento de novo.

Seus lábios secos e rachados se abrem. “Por que diabos você está aqui?” Ela resmunga.

Deveria ter esperado isso. Eu largo a toalha na bacia da tigela que eu trouxe para a sua cabeceira e pego uma garrafa de água. “Você está com sede?” Eu a levanto e sacudo para ela.

Ela encara por um momento como se não entendesse e então ela concorda. Eu a ajudo a se sentar e toco a abertura de sua boca. Ela o drena em menos de um minuto, sugando cada gota como se estivesse viajando pelo Saara há anos. “Eu vim trazer você de volta,” eu digo baixinho.

Um gemido baixo de dor ecoa pela porta, chamando sua atenção. Avalon se vira e olha por cima do meu ombro. Estou aqui com ela, mas ela deve saber que não estou sozinho. Eu nunca estou sozinho. “Eles estão lá fora,” digo a ela e cerro os dentes enquanto uma violência ardente bate um tambor constante na minha cabeça.

“O Mustang,” ela murmura, a palavra aleatória me fazendo piscar enquanto eu olho para ela. Toco a nuca dela e é como se ela nem percebesse. Ela não se esquiva ou mesmo me lança um olhar enquanto seus olhos permanecem fixos na porta.

“O que tem o Mustang?” Eu pergunto.

“Há uma arma no porta-luvas,” ela diz, finalmente se virando para encontrar o meu olhar. “Eu preciso que você vá buscá-la para mim.”

Eu fico olhando para ela. É isso que a torna diferente, eu percebo. Ela não está se encolhendo, não tem medo do homem que ela sabe que está na outra sala. Ela não está fazendo o que qualquer outra mulher faria. Ela é fria demais para isso, como uma lâmina perfeitamente cortada. Eu posso ver em seus olhos. Ela não liga. Tudo o que ela quer é retribuição.

Há uma necessidade turbulenta em mim de dar isso a ela. Ela merece isso. Ela *deveria* fazer isso. E mesmo se ela não o fizer, eu vou. Porque, quer ela perceba ou não, toda essa situação cheira a uma armação. Embora haja sangue no chão do trailer, obviamente não dela ou de seu estuprador - sua mãe não está em lugar nenhum. Não só isso, mas ainda está me incomodando - a maneira como ela foi embora. Eu estava muito envolvido em minha raiva e no sentimento de traição para ver.

"Não há necessidade," eu digo, estendendo a mão e recuperando a arma dentro do meu coldre de volta. Eu o puxo para fora, tiro a trava de segurança e entrego a ela. "Você tem esta."

O gemido baixo do outro lado da porta se transforma em um grito agudo. Ela apalpa a arma. "O que eles estão fazendo?" Ela pergunta, sabendo exatamente quem eles são. Brax e Abel - provavelmente Brax. Mesmo se eu quisesse, não poderia impedi-lo e não quero fazê-los parar. Estou saboreando esses sons de tortura.

"Você sabe o que eles estão fazendo," declaro. "Eles estão garantindo que sua presa fique exatamente onde deve estar." Eu paro e apalpo a ponta puída do colchão fino como papel em que ela está deitada. Não quero nem pensar nas coisas com que está suja - parece que tem quase vinte anos e cheira a urina e vômito. "Até que você esteja pronta."

"Estou pronta." Ao dizer isso, ela desliza as pernas para fora das cobertas e se levanta. Ela não parece estável e seus olhos estão muito mais frios do que eu já vi antes.

Eu a paro antes que ela alcance a porta. "Avalon," coloco a mão contra o batente da porta e olho para ela, "isso não muda nada entre nós."

Sua cabeça se inclina para trás e ela me encara sem piscar, e diz quatro palavras que provam o quão selvagem minha garota é. “Abra a porta, Dean.”

# 53

## Avalon

Não me sinto eu mesma, e ainda, ao mesmo tempo, me sinto mais como eu mesma do que jamais me senti na minha vida. Existem sussurros em minha mente. Gelo na minha pele. Ódio em minhas veias.

*Eu me sinto muito furiosa.*

Ainda há náusea em meu sistema. Posso sentir a necessidade de vomitar como uma maldita âncora em volta do meu pescoço, me puxando para baixo, para baixo e ainda mais para baixo em um buraco escuro em que me recuso a me deixar afundar. Minha pele está fria e úmida e cada passo à frente parece que estou arrastando correntes atrás de mim. *Há quanto tempo estou desmaiada?* Eu tinha recebido duas doses de tudo o que aquela merda que Roger tinha usado para injetar em mim. O suor cobre minha nuca e o topo da minha testa, mas eu aperto minha mão ao redor do cabo da arma e isso, surpreendentemente, me faz sentir melhor.

Como se ele sentisse os pensamentos em minha cabeça, a mão de Dean caiu na maçaneta e ele a segurou um momento depois que eu disse a ele para abri-la. “Pedi a um médico que examinasse você,” diz ele. “Você ficará um pouco mais letárgica e pode ter alguns problemas de memória, mas...”

Minha memória está perfeitamente bem. Se tento pensar muito, minha cabeça começa a doer, mas, fora isso, me lembro de tudo com clareza. *Oh, como eu gostaria de não lembrar.”*

“Você terá uma recuperação completa,” ele finaliza.

Eu não respondo, e quando ele ainda não abre a porta, percebo que ele está esperando por isso. Então eu aceno, e então ele respira fundo e a porta se abre. Dean dá um passo para o lado, permitindo-me espaço suficiente para ver através da cozinha

suja e suja e da sala de estar do trailer em que passei os primeiros dezoito anos da minha vida. Todo o sangue secou, manchando o chão em tons escuros de merda, marrom. Tem cheiro de ferrugem, suor e vômito. Abel fica para trás com os braços cruzados, mas quando saímos, sua cabeça levanta e seus olhos se arregalam.

"Ava..." Ele olha de mim para Dean. "Ela não precisa estar aqui para isso," ele retruca.

Eu não olho para Dean para ver sua expressão, suas palavras são o suficiente. "É a porra do direito dela," diz ele.

Se eu já não tivesse suspeitado, se já não soubesse, teria sabido naquele momento - eles não são universitários ricos comuns. Corina está certa. Eles são corruptos. Todo mundo está certo em chamá-los de Doentes porque é isso que eles são. Isso é o que está diante de mim - uma doença profunda e sombria de violência com a qual eles estão muito familiarizados. Não há outra explicação para a cena diante de mim agora. Pelo olhar despreocupado em seus olhos quando vejo Roger amarrado a uma das cadeiras cobertas de treliça da mesa da cozinha, a cabeça baixa e ensanguentada. Quebrado. Ele está nu até o fim e há linhas de cortes na parte superior do tórax, nas costas, nas laterais e nos braços, escorrendo sangue. Linhas que certamente não existiam antes. Brax está na frente dele, com as mãos cobertas por luvas pretas. Um pequeno balde de água fica embaixo de Roger e ao lado dele está uma bateria de carro com um cabo de ligação ligado a ela.

"Esta é sua escolha," eu ouço Dean dizer atrás de mim. "Ele vai morrer. Você pode decidir - ou nós o matamos ou você o faz."

Não é uma pergunta, mas há uma resposta e eu já sei disso. Eu olho para Brax enquanto Dean fala. Ele parece o que eu sinto. Frio. Morto. Cheio de desejo de mutilar e destruir. Há uma mancha de sangue em sua bochecha. Quando ele olha para mim, ele sorri, e mesmo para alguém tão fodido quanto eu, para alguém que já sabe o que vai fazer com o homem sentado naquela cadeira o olhar do sorriso de Brax me assusta. Seus olhos não parecem como normalmente são. Há um brilho cruel, doentio e

distorcido neles, e me lembro do primeiro dia em que o conheci. Ele sorri assim não apenas por diversão, mas outra coisa...

Meus olhos vão para baixo, para baixo, para a frente de sua calça e eles se arregalam. “Você está fodidamente duro?” Eu pergunto.

O sorriso de Braxton cai, mas apenas um pouquinho. Em vez de responder, ele dá um passo à frente e chuta o balde sob o corpo de Roger, fazendo o velho e gordo estuprador recuar e começar a chorar. “Nãão,” ele geme. “Nãooo não de-de novo.”

*O que eles fizeram com ele enquanto eu estava fora?* Eu lanço um olhar entre os três. O sorriso de Braxton se desintegrando lentamente. O olhar frio e calculado de Abel. E Dean, com o rosto coberto de nada além de nojo e raiva. Eu decido que realmente não dou a mínima.

Meu dedo queima onde uma das minhas unhas que foi parcialmente arrancada quando o coloco contra a lateral da arma em minhas mãos. Viro a cadeira e fico ao lado de Brax. Não sei por que, eu mesmo não entendo. Mesmo com seu sorriso estranho e ainda mais dureza perturbadora com a tortura que ele obviamente está lidando - e como isso meio que me assusta, eu não sinto medo dele. Apesar de como eles claramente não têm escrúpulos em machucar alguém que não conhecem apenas por causa do que o encontraram fazendo e como é tão evidente que eles já fizeram isso antes, não sinto medo de nenhum deles. Eles são doentes e depravados e certamente não são normais. Mas isso os torna mais seguros à sua maneira. Um refúgio para alguém como eu. Alguém tão confuso.

Roger geme, soluçando, enquanto seu peito treme. Existem marcas enegrecidas em sua pele. Eu queria fazer tudo isso sozinha, mas agora estou apenas cansada. Cansada pra caralho. E irritada.

Meu estômago ronca.

“P-por favor...” Roger gagueja.

“Por favor, o que?” Eu pergunto.

Ele levanta a cabeça até que eu possa ver o medo nublado em seus olhos. “P-por favor, faça parar,” ele diz. “Por favor, não me mate.”

Eu levanto minha arma. O cano pressiona sua testa e grandes lágrimas começam a cair por suas bochechas sujas.

“N-não, não, não, não, não, não. P-por favor! Eu f-farei qualquer coisa!” O cheiro de urina vaza enquanto ele se urina, a água amarela escorrendo pela parte interna das pernas e pingando no balde. Brax me rodeia e alcança os cabos de ligação. “*Não*!” Roger começa a balançar para frente e para trás, longe da minha arma, na minha arma. “De novo não!”

Brax os levanta e me olha como se esperasse meu comando.

Eu só tenho um para dar e é para mim.

Eu pressiono a arma de volta na testa de Roger e, em seguida, puxo o gatilho.

# EPÍLOGO

## *Dean*

“Ela está dormindo?”

Com a pergunta de Abel, eu olho para baixo. Com certeza, seus olhos estão fechados. Eu aliso meu polegar em uma bochecha, observando os círculos roxos escuros sob seus cílios. Os hematomas em sua mandíbula me dão vontade de voltar para aquele buraco de merda e colocar fogo nele novamente.

“Sim,” é tudo o que digo.

Brax está em silêncio no banco do passageiro, mas sei o que ele está pensando. Eu sei o que os dois estão pensando. Abel é quem expressa isso. “Nós vamos contar a ela?”

Eu levanto uma única mecha de cabelo escuro de sua têmpora e aliso para trás, com cuidado para não a acordar. Ela precisa dormir. Inferno, espero que ela não sonhe com nada como sonha. Eu não. Não o mundo. E certamente não o homem que ela acabou de matar. Eu olho para trás através do plástico da capota do Mustang. Eu mal posso ver a extremidade traseira do porta-malas do carro onde está o corpo do filho da puta, embrulhado em plástico e fita adesiva.

Ela nem mesmo piscou quando viu o que tínhamos feito. E quando eu dei a ela a escolha - permanecer inocente pelo menos dessa maneira ou agarrar o bastardo pela garganta e acabar com sua existência miserável - ela pegou a arma e puxou o gatilho.

Dizer que foi sexy seria enfatizar o quão fodidamente perigosa essa mulher é para mim. Quer ela perceba ou não, ela é minha, e quer ela queira ou não, eu também sou dela. Eu soube quando senti todo meu estômago afundar com a imagem que Kate tinha me enviado. Eu sabia quando ela lutou comigo - chutou minhas bolas de merda

em minha cavidade corporal e me agarrou pela garganta. Há quanto tempo isso tinha acontecido? Um dia? Dois? Não importa.

Eu sabia o que ela escolheria antes mesmo de apresentar a opção. Eu sabia que ela poderia lidar com isso. Mas ela poderia lidar com o que descobrimos nas horas antes dela acordar e a escolha de acabar com ele que foi dada?

Com toda a honestidade, não era tanto que ela não pudesse lidar com isso, era mais porque eu não estava pronto para deixá-la.

Meu olhar se levanta e encontra o de Brax no espelho retrovisor. Seus lábios se curvaram para trás na aparência de um sorriso. Não é. É uma exibição de dentes - um desejo animalesco dentro dele que ele reconhece na mulher em meus braços.

Eu balancei minha cabeça. “Não,” eu digo. “Ainda não.”

“Ela vai ficar chateada,” diz Abel.

Eu sei que ela vai ficar. O fato permanece, porém, não temos mais informações do que o que Brax conseguiu espancar e torturar do inútil traficante de drogas de uma pequena cidade. O lembrete me faz cerrar os dentes e conter um rosnado.

Abel puxa o Mustang para um cemitério muito antigo. Está fora do caminho comum, para dizer o mínimo. Longe o suficiente de Plexton para sentir-se confortável. Eu gentilmente cutuco o corpo adormecido de Avalon e então, um por um, nós três saímos do carro e seguimos para a parte de trás do carro. Abro o porta-malas e olho para o pacote de plástico branco. Brax alcança a primeira pá.

“Vá ver se há alguma sepultura nova,” ordeno. “Vou mandar alguém pegar o SUV.” Ele acena com a cabeça, antes de pegar a pá e subir a colina. Abel e eu ficamos em silêncio por vários minutos depois que termino de enviar a mensagem para um dos homens de meu pai, esperando até que Brax esteja fora do alcance da voz. Só então eu me viro para ele e faço a pergunta que preciso fazer desde que partimos. “Até onde ele foi?” Eu pergunto.

Abel cruza os braços e se vira, encostando a parte inferior das costas no para-choque do carro. “Longe o suficiente,” diz ele vagamente.

Eu rosno. “Não me enrole, porra,” eu estalo. “Preciso saber até onde ele foi e o que veremos nas próximas semanas.”

Depois de um momento, ele abaixa a cabeça e solta um suspiro. “Ele vai querer uma luta quando voltarmos,” admite. “Provavelmente sexo também. Não das garotas da escola, no entanto. Vadias. Prostitutas. Nós podemos pagar para não dizer nada.”

“Acha que ele vai matar alguém?” Eu pergunto.

Abel balança a cabeça. “Não, mas ele vai ficar nervoso por um tempo. Ele não foi muito longe, mas ele...”

A figura de Braxton aparece no topo da colina e Abel fecha a boca, seus lábios se fechando. A pá sumiu da mão de Brax. Ele levanta o braço e acena em nossa direção. Ele encontrou uma sepultura. “Tudo bem,” eu digo. “Vamos fazer isso, porra.”

Juntos, Abel e eu pegamos uma ponta do corpo e a puxamos para fora do porta malas. “Porra, vou precisar do meu carro limpo no interior depois disso,” ele retruca enquanto carregamos a carga continuamente colina acima, seguindo Braxton enquanto ele nos leva para um estacionamento no fundo do cemitério.

“Nem tocou o interior do seu porta-malas,” digo. “Pare de reclamar.”

“Mas o cheiro,” ele responde irritado. “Não quero o cheiro de traficante de drogas morto no meu carro - porta-malas ou não.”

“Solte-o aí,” digo assim que vejo o monte de terra semi-fresca aglomerado na frente de uma lápide nova em folha. Assim que a palavra 'gota' sai dos meus lábios, Abel se solta e eu estremeço quando o corpo cai aos meus pés.

“O que?” Ele pergunta quando eu atiro nele um olhar furioso. “Você disse para largar isso.”

Eu o ignoro, colocando minha ponta no chão e indo para o túmulo. Eu piso na sujeira. “Alguns dias atrás, mas deve estar bem,” eu digo. Abel volta para o Mustang para pegar o resto das pás e eu me viro e olho para Brax.

“Não comece,” diz ele calmamente.

“Só estou verificando você.” Coloco a mão no bolso de trás e retiro um maço de cigarros, colocando-o na palma da mão uma, duas, três vezes antes de abri-lo e cavar um cigarro.

“Você não deveria fazer isso aqui,” diz ele enquanto coloco a ponta entre os lábios.

“Não vou fumar ainda,” digo. Embora eu queira. Muito ruim pra caralho. Esta noite foi um show de merda. Ao longe, posso ouvir Abel praguejando baixinho para si mesmo enquanto sobe a colina novamente. O barulho de metal batendo contra metal ecoando atrás dele.

“Você deveria contar a ela,” diz Brax.

Eu olho para ele. “Dizer a ela o quê?”

Ele me encara.

Eu suspiro. “Não vai adiantar nada. Ela não pode fazer nada a respeito. Quero mais detalhes antes de dizermos qualquer coisa.”

“Ela merece saber.”

“Eu nunca disse que ela não merecia.”

“Alguém chamou aquele filho da puta.” A voz de Braxton se aprofunda com sua raiva, uma nota de algo ligeiramente perturbado entrando em seu tom. “Alguém o avisou que ela voltaria. Ele estava esperando por ela naquela casa.”

Enquanto Abel chega ao topo da colina e se dirige em nossa direção, eu lentamente viro e olho para Brax. “Deixe-a dormir esta noite, cara,” eu digo. “Apenas dê isso a ela. Nós descobriremos o resto pela manhã.”

“Nós vamos fazê-los pagar,” ele jura, mantendo os olhos no mesmo nível dos meus.

Tiro o cigarro da boca e coloco no bolso de trás. Se for esmagado, será esmagado - eu só precisava de algo por um momento. “Sim,” digo a ele, “nós vamos.”

Porque ele tem razão; antes de Roger Murphy morrer pelas mãos da Avalon, ele nos contou a verdade. Ele não agiu sozinho. Alguém sabia que ela voltaria. Essa também foi a razão pela qual toda e qualquer raiva persistente contra a Avalon havia se dissipado. Porque alguém havia armado uma cilada para ela. Eu havia me deixado dominar pelo meu ciúme. Eu tinha sido mais do que estúpido - eu tinha sido o gatilho para seu último trauma e não era burro o suficiente para pensar que seria o único ou até mesmo o último. Ah, não. Isso não tinha acabado nem de longe.

Alguém sabia exatamente quais botões apertar para me irritar e eu sabia exatamente o que fazer para mandá-la embora. Tudo isso apenas assegurou que ela seria incriminada, drogada, estuprada e, se as coisas tivessem corrido bem com Roger, assassinada.

Avalon Manning tem alguém no limite que está disposto a fazer o que for preciso para se livrar dela, e vamos descobrir quem. Começando com Luc Kincaid e Kate fodida Coleman.

# AGRADECIMENTOS

Continuo esperando com cada livro que publico, ver um aumento no número de leitores que amam ouvir as histórias na minha cabeça. Infelizmente, a cada livro que publico, não posso deixar de esquecer - embora apenas momentaneamente - que já tenho leitores incríveis que me ouvem e me amam. Então, este é para vocês. Obrigada por ler.

Obrigada a todas as pessoas que sempre apoiaram. Que me ouviu chorar, reclamar e delirar sobre Avalon ser uma vadia do caralho e Dean ser um idiota estúpido. Você sabe que este livro não foi fácil por qualquer definição da palavra, mas você o manteve comigo e, por isso, serei eternamente grata.

Para minhas editoras, Heather e Kristen - sério, sem vocês, eu não quero pensar onde estaria. Provavelmente trancada em um manicômio. As minhas revisoras, Ellen e Jean. Para minha adorável assistente, Allison. A todos os alfas que me ajudaram a trabalhar nas primeiras edições deste manuscrito, especialmente Cassie. Vocês são todos bebês. Aos meus amigos autores. E por último, mas certamente nunca menos importante, para minha família escolhida. Tenho muita sorte de ter seu apoio. Você nunca me fez sentir menos do que bonita e perfeita. Você nunca me fez sentir feia ou indigna e você sempre está lá para mim. Obrigada, sinceramente, do fundo do meu coração.